MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAUDE

ANAIS
DA
BIBLIOTECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO

PUBLICADOS SOB A ADMINISTRAÇÃO
DO
DIRETOR
RODOLFO GARCIA

Litterarum seu librorum negotium concludimus hominis esse vitam.
(Philobiblion, Cap. XVI).

1940
VOLUME LXII

SUMÁRIO

I — Narrativa de viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833-1835). II — Estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra (1772-1872). III — Capítulos de Gabriel Soares de Sousa contra os Padres da Companhia de Jesus, que residem no Brasil.

— Relatório da Diretoria.

IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1942

NARRATIVA DE VIAGEM DE UM NATURALISTA INGLÊS AO RIO DE JANEIRO E MINAS GERAIS

(1833 — 1835).

EXPLICAÇÃO

Vertida para a língua portuguesa, publicam os *Anais da Biblioteca Nacional,* no presente volume, a narrativa de uma viagem ao Rio de Janeiro e a Minas Gerais, de 1833 a 1835, por um naturalista inglês. O manuscrito original dessa narrativa foi há tempos adquirido ao livreiro-antiquário Walter T. Spencer, de Londres, por intermédio do Sr. Erich Eichner, da Livraria Kosmos, desta Capital, juntamente com a correspondência ativa e passiva da escritora Maria Graham, ou Lady Callcott, com a imperatriz D. Maria Leopoldina (1823-1826), e um escorço biográfico do imperador D. Pedro I, da lavra da mesma escritora, tudo isso já publicado no volume LX destes *Anais.*

O catálogo de vendas do livreiro de Londres assim descreve o manuscrito da narrativa :

—" 206 — Brazil. Account of a journey in Brazil in 1833-35, Manuscript extending to 237 pp., fcf. folio, giving a detailed description of Rio de Janeiro, with particulars of vegetable and animal life, and concluding with a long account of the journey to the Gold Mining districts. Written in an unknown hand, but evidently by a Naturalist, and, as for we know, unpublished". —

Quanto à procedência assinala o mesmo catálogo :

"— Formerly the property of the late Sir Henry C. J. Bunbury, Bt. — Sold by order the executors".

A importância desse documento, que vale como um capítulo inédito da História das explorações científicas do Brasil, estava a exigir que fosse levantado seu anonimato antes de qualquer divulgação. As pesquisas, que nesse sentido se im-

punham, alcançaram resultados satisfatórios, graças, sobretudo, aos dados fornecidos pela própria narrativa, como a seguir se verá.

O autor informa que saiu de Falmouth em junho de 1833; que fez uma viagem muito favoravel e rápida, tanto que a 17 do mês seguinte avistava o Cabo-Frio. Não declarou o nome do navio em que veio, nem os dias da partida e da chegada, nem o tempo que durou a travessia. Mas, embarcando em Falmouth, era natural que se servisse do paquete inglês que fazia a carreira daquele porto ao do Rio de Janeiro. E' sabido que a convenção assinada nesta cidade, em 19 de fevereiro de 1810, por Lord Strangford, como ministro da Inglaterra, e pelo Conde de Linhares, como ministro dos estrangeiros e da guerra, estabelecera uma linha de paquetes ingleses entre Falmouth e Rio de Janeiro, mais tarde, em 1851, substituidos por paquetes a vapor entre a Europa e os portos brasileiros de Pernambuco, Baía e Rio de Janeiro. Aqueles paquetes eram mensais e tão regulares quanto lhes permitiam as condições da navegação à vela.

Se o navio em questão passou pelo Cabo-Frio em 17 de julho, com viagem normal, havia de ter entrado no porto do Rio de Janeiro no outro dia. De fato, nas *Notícias Marítimas* do *Jornal do Comércio* de 19, que dão as entradas do dia 18, está a do paquete inglês *Reynald*, procedente de Falmouth, com quarenta dias de viagem. Vê-se daí que não podia ser outro o paquete do mês de julho, o qual havia de ter saido do porto inicial a 9 de junho, para, levando quarenta dias de navegação, aquí aportar a 18 do mês imediato. Uma travessia rápida, há um seculo passado, não era coberta em menor espaço de tempo. Nove anos antes, aquele mesmo barco, ou outro de igual denominação, saindo do mesmo porto em meiado de julho de 1824, com a escritora Maria Graham a seu bordo, entrou na Guanabara a 4 de setembro, com cinquenta dias de viagem, conforme as *Notícias Marítimas* do *Diário do Governo*, de três dias depois.

Pelo visto, dessa outra vez traria o *Reynald* o autor da narrativa, embora seu nome não figurasse na lista dos passageiros, da qual a *Aurora Fluminense*, de 22 de julho, destacou duas personagens notaveis : O Conde de Saint-Priest, ministro plenipotenciário do Rei dos Franceses, e o Visconde da Pedra-Branca, senador do Império.

Se os jornais tivessem publicado tal lista, o caso estaria resolvido sem mais dificuldade, porque seu nome havia de aparecer; para suprir a falta só um recurso se apresentava, que era inquirir sobre os naturalistas ingleses que no tempo assinalado jornadearam no Brasil. Rumadas as pesquisas nessa direção foi facil encontrar abonado por Ignace Urban, *Vitae itineraque collectorum botanicorum*, etc., in Martius, *Flora Brasiliensis*, vol. I, parte 1.ª, pgs. 8/9, o nome de Sir Charles James Fox Bunbury, que viajou no Brasil e no Rio da Prata, de 1833 a 1835; do Brasil conheceu o Rio de Janeiro e Minas Gerais (Gongo-Soco, Capão, Cocais, Ouro Preto, etc.); esteve em Buenos Aires e Montevidéu, de dezembro de 1833 a março de 1834, — particularidades essas que a narrativa confirma em todos os seus termos.

Outro elemento probatório, se preciso fosse, está ainda na narrativa, e vem a ser o parentesco alegado pelo autor com o diplomata inglês Henry Stephen Fox (1791-1846), que foi o primeiro ministro plenipotenciário da Inglaterra acreditado em Buenos Aires em 1830, transferido para o Rio de Janeiro em 1832, e daquí para Washington, onde faleceu em outubro de 1846; era tio do autor, como este declara e está a indicar o apelido Fox, que entronca a ambos na ilustre geração de Lord Holland, Henry Vassal Fox (1773-1840), um dos mais famosos políticos liberais da Inglaterra. Ainda outro elemento de prova decorre da procedência do manuscrito na narrativa, que estava na posse de Sir Henry C. J. Bunbury, até o falecimento deste, quando, por ordem dos executores testamentários, passou ao livreiro já referido.

Sobre a família Bunbury, Sua Excelência Sir Henry J. Lynch, eminente e culto membro da colônia britânica no Rio de Janeiro, dignou-se de prestar a quem escreve estas linhas as seguintes informações :

B U N B U R Y

This family, of Norman origin, was, according to Kimber's Baronetage, originally called St. Pierre, but adopted the name of Bunbury from the manor of Bunbury, part of their lands obtained at the Conquest.

The Baronetage was created 29th June 1681 and Sir Thomas Bunbury was the first Baronet.

Pai do Autor da Narrativa : — Sir Henry Edward Bunbury, 7th Baronet, K. C. B. and Lieut. - General, a distinguished British Officer, who saw much service, and had a gold medal for his conduct at the battle of Maida : he was, from 1809 to 1816, Under-Secretary of State for the War Department, and for some years M. P. for Suffolk, and was a F. A. S.

Sir Henry was born 4th, May 1778 and married first 4th April 1807, Louisa Emilia, daughter of General the Hon. Henry Edward Fox, third son of first Lord Holland, by whom (she died September 1828) he had :

1) — Charles James Fox (Sir) 8th Baronet;
2) — Edward Herbert (Sir) 9th Baronet;
3) — Henry William St. Pierre, born 2nd September 1812; Colonel in the Army, C. B.; married 30th November 1852 Cecilia, daughter of Lieut. - General Sir George Napier, K. C. B., and died 18th September 1875, having had issue:
   1) — Henry Charles John (Sir) 10th Baronet and others.

Autor da Narrativa : — Sir Charles James Fox Bunbury, 8th Baronet, High Sheriff of Suffolk in 1868, born 4th February 1809, married 31st May 1844 Frances Joanna, (who died 21st July 1894), daughter of Leonard Horner, Fellow of the Royal Society and died "sine prole" 18th June 1886, when he was succeeded by his brother :

Sir Edward Herbert Bunbury, 9th Baronet, M. A., barrister-at-law for Bury St. Edmunds 1847-52, born 8th July 1811; died unmarried 5th March 1805 when he was succeeded by his nephew:

O ultimo possuidor do Manuscrito : — Sir Henry Charles John Bunbury, 10th Baronet, late R. N., B. A. Magdalene College, Cambridge, D. L. Suffolk, High Sheriff 1908, born 9th January 1855, married 11th March 1884 Laura Lavinia, 3rd daughter of General Thomas Wood, M. P. of Littleton, Middlesex, and Gwernyfed Park, Brecon, and had issue:

1) —Charles Henry Napier (Sir) 11th Baronet.

Sir Henry Charles John died 18 th December 1930, and was succeeded by his son:

Sir Charles Henry Napier (11th Baronet), of Stanley Hall, Co. Chester, up to 1940 was still holder of the title (see *Whitaker's Almanack,* 1940).

Aos dados biográficos de Sir Charles James Fox Bunbury podem ser acrescentados os que consigna Ignace Urban, *op. et loc. cit.,* isto é, que depois da viagem ao Brasil esteve de 1837 a 1839, em companhia de Sir George Napier, no Cabo da Bôa-Esperança e na África Austral, em excursões botânicas, e em 1853 visitou com idêntico objetivo a Madeira e Tenerife. Suas coleções repartiu-as com a Universidade de Cambridge, a Sociedade Lineniana de Londres, e o Hervário de Martius.

Como se viu, o naturalista aportou ao Rio de Janeiro em 18 de julho de 1833; aquí ficou até 1 de dezembro do mesmo ano, em que, para fugir ao calor da estação, embarcou para o Rio da Prata. Depois de uma viagem penosa e longa de uma quinzena chegou a Montevidéu a 15 de dezembro e a 16 a Buenos Aires. Nessa última cidade assistiu ao carnaval, que em 1834 caiu nos dias 9, 10 e 11 de fevereiro. Seu regresso ao Rio de Janeiro foi no mês seguinte; pouco tempo depois de sua volta, entrava em preparativos para a viagem ao interior, às minas de ouro, e daquí partia a 23 de maio, para a província de Minas Gerais, onde havia de permanecer até 8 de janeiro de 1835.

Naquela província visitou, de passagem, Barbacena, a fazenda do Capão e Ouro Preto; daí passou a Mariana, Catas-Altas, Cocais e Gongo-Soco, onde mais se demorou para observar sua mineração, então no auge da prosperidade; viu a mina de Ouro-Fino, à pouca distancia de Gongo-Soco, na direção de São João do Morro Grande, e foi a Caeté, ou Vila Nova da Rainha, que dalí não dista mais de duas léguas.[*] Dessa vila, de regresso à Capital do Império, passou por Antônio Pereira, Ouro-Preto, Congonhas do Campo, São João de El-Rei e Valença. Com vinte e nove dias de viagem, a 4 de fevereiro estava de novo no Rio de Janeiro, e a 12 tomava passagem no paquete *Pândora,* que ia partir diretamente para a

Inglaterra. — "Não foi sem pezar (escreveu) que olhei pela última vez para o belo cenário da baía do Rio e que, finalmente, me despedí deste interessante país, em que tinha passado mais de ano e meio, com tanto prazer, e guardado em minha mente tantas imagens agradaveis, que dificilmente se desvanecerão.

Fox Bunbury, ao contrário de muitos outros, foi um viajante bem humorado que apontou, mas tambem desculpou, as faltas encontradas nas terras que percorreu, porque com elas devia contar, se se dispunha a viajar em regiões desprovidas dos recursos da civilização européia a que estava acostumado. Suas críticas mais severas aos nossos costumes políticos e sociais, ele próprio as atenua. Tinhamos uma constituição política demasiado adiantada para o país, onde a população era dispersa, as comunicações dificeis e a educação deficiente; em época futura talvez desse resultado, mas, naqueles dias o déspota mais poderoso havia de sentir-se seriamente atrapalhado, se pretendesse impor sua autoridade a todos os seus súditos. A religião católica era reconhecida pela constituição como religião do Estado; entretanto, em abono do governo e do povo, devia declarar que a mais ampla liberdade era concedida a todos os credos.

A falta de boas comunicações entre o litoral e o interior, foi motivo de censuras e de conselhos, — "O aumento do influxo de estrangeiros e a maior procura dos produtos do país, que se seguiria à abertura de comunicações mais faceis com os grandes mercados, traria provavelmente um estímulo muito vantajoso às empresas e às indústrias. Mas, certamente, nada será feito..."

Que esse prognóstico desfavoravel à civilização do Brasil não tinha fundamento, os fatos se encarregaram de demonstrar. As impressões de viajantes estrangeiros sobre paises que visitam e que criticam às vezes com acrimônia, são mesmo assim interessantes: se lhes assiste razão, não há como contrariá-las; mas se dela carecem, ou se a posteridade se incumbiu de destruí-las, é sempre motivo de satisfação para quem sofreu a injustiça o verificar que o mal apontado ou o erro assinalado, ou não existia, ou teve com o passar dos tempos a correção necessária.

Finda a narrativa da viagem, o autor julgou preciso fazer notas a alguns capítulos — notas botânicas, na maioria, mas tambem mineralógicas e por vezes históricas, que serão devida-

mente apreciadas pelos especialistas. Os capítulos I, III e IV dispensaram essas notas; em compensação o capítulo II as teve em duplicado. Nessa parte, quando o naturalista toca em descobrimento de minas, fundação de cidades, etc., é de bom aviso pular adiante, porque em geral não diz coisa de proveito, de certo por mal informado que teria sido sobre a matéria.

A versão da narrativa da língua original para a portuguesa foi feita pela inteligente e estudiosa Senhorinha Helena Garcia de Sousa, com diploma escolar da Universidade de Oxford, e revista por seu ilustre pai, Dr. José Augusto Garcia de Sousa, cultor eminente dos dois idiomas.

Das *foot-notes* algumas são do autor, como se declara nos lugares competentes; a maior parte, porem, pertence ao infra assinado.

Biblioteca Nacional, dezembro de 1940.

RODOLFO GARCIA,
Diretor

CAPÍTULO I

Cabo Frio — Baía do Rio de Janeiro — Cidade — População — Ruidos e incomodos — Subúrbios — Morros — Ilhas — Colônia de Villegaignon.

CABO-FRIO

Parti de Falmouth em junho de 1833, com intenção de visitar o Brasil e, depois de uma viagem muito favoravel e rápida, avistei o Cabo-Frio no dia 17 de julho. O Novo Mundo apresentou-se aos meus olhos sob um aspecto sobremodo magestoso, nesse promontório ingreme e alto que se submerge abruptamente no mar em penhascos nus de granito, mas coroado de florestas, daquele soberbo verde-escuro, característico do Brasil. Não foi sem certo gráu de prazer e excitação que olhei pela primeira vez para uma terra tão estranha e bela e tão rica em todos os prodígios da natureza. Aliás, em todos os homens de mentalidade culta, a aproximação de um continente novo, inteiramente diferente em clima, cenário e produções de tudo quanto eles estão acostumados, tem de despertar sentimentos de interesse e curiosidade. Mas, para um naturalista, a América do Sul é uma terra de especial atração e o momento em que ele primeiro a vê é de grande e agradavel emoção. De Cabo-Frio para oeste, numa distância de cerca de dez milhas, uma faixa estreita de areia e pântanos estende-se entre o mar e as montanhas (partes mais baixas da Serra do Mar), que sobem em cordilheiras sucessivas, cada vez mais altas, à medida que se afastam da praia, todas espessamente cobertas de mato, e de formatos muito pitorescos e variados. No fundo veem-se os picos mais altos da cadeia conhecida pelo nome de Serra dos Orgãos e parecidos com as famosas Aiguilles, nas proximidades do Monte-Branco.

BAÍA DO RIO

Nada pode ser mais belo do que a baía do Rio de Janeiro. A entrada, de menos de uma milha de largura, é como se fosse guardada, à esquerda, por um enorme bloco piramidal de granito, conhecido pelo nome de Pão de Açucar, que sobe diretamente do mar a uma altura de 1270 pés, liso, descoberto e intacto. O ponto oposto, sobre o qual fica o forte de Santa Cruz, é mais baixo, mas, assim mesmo, íngreme e cheio de rochedos. Desta abertura estreita a baía dilata-se num vasto lençol de água, como um lago, ornado de inúmeras ilhas e cercada de suaves colinas enxameadas de casas brancas, conventos e jardins, atrás dos quais novamente sobem montanhas cobertas de florestas de linhas ousadas e admiraveis.

As numerosas embarcações ancoradas a várias distâncias da costa e a quantidade de barcos que deslisam em todas as direções sobre as águas, contribuem muito para dar vida à cena. Toda a animação de um porto próspero e de uma grande capital está aqui combinada com o mais suntuoso e pitoresco cenário natural. À distância, a perspectiva é terminada pela cordilheira nebulosa e azul da Serra dos Orgãos, meio perdida nas nuvens.

CIDADE DO RIO

A cidade do Rio, ou, para dar o seu nome por extenso, São Sebastião do Rio de Janeiro, é, na maior parte, construida sobre terreno plano e baixo; mas estende-se tambem sobre diversas pequenas colinas, que sobem da beira do mar, tanto ao norte quanto ao sul, desse espaço plano. As ruas são bem retas, mas, em geral, estreitas, muito sujas e cheias de abominaveis odores; as calçadas são horrivelmente toscas e parecem como se nunca tivessem sido concertadas.

O canal é no meio da rua e dos lados tem caminhos elevados, formados por grandes lages de granito, as quais, apesar de lamentavelmente irregulares e de estarem precisando de reparo, são, assim mesmo, comodidade, que mal se poderia supor encontrar.

As casas variam muito em altura; vê-se uma casa de dois andares ao lado de uma de quatro e em muitas ruas, especialmente nos arredores da cidade, existe grande número de ca-

sas que conteem apenas um andar térreo, sem janelas de vidraça, mas, em vez destas, venezianas presas em cima e abrindo para fora. Antigamente, dizem-me, isto é, antes da chegada da corte portuguesa, e durante algum tempo depois, o uso de venezianas, em vez de janelas, era geral no Rio e a substituição delas por vidraças, a princípio, encontrou oposição, como sendo uma inovação detestavel (1).

AS IGREJAS

As igrejas são numerosas, mas nenhuma delas é notavel pela beleza e menos ainda por qualquer obra de arte que possua. As maiores são as de São Francisco de Paula e da Candelária, que são toleravelmente bonitas, exteriormente. No interior teem muito explendor, mas pouco ou nenhum gosto; abundância de ouro e prata, poucos quadros ou nenhum, bastante vistosas imagens douradas ou pintadas. A igreja de Nossa Senhora da Glória é notavel pela sua bela situação, numa ponta íngreme de terra, dominando uma agradavel vista da baía. A música na Capela Imperial dizem que é muito boa.

O Palácio Imperial, que fica em frente ao principal ponto de desembarque, é um edifício sob nenhum aspecto notavel, mas o largo na frente (largo do Paço), apresenta-nos uma cena animada e divertida.

A variegada multidão, de diferentes nações e cor, que frequenta este largo; a mistura de marinheiros, guardas, barqueiros, escravos negros, uns levando ou descarregando fardos dos barcos, outros carregando água da fonte; a quantidade de embarcações no porto bem perto, e os barcos continuamente entrando ou saindo, formam em conjunto uma das mais curiosas e alegres cenas imaginaveis. Mas o mau cheiro do cais tira muito do prazer que de outro modo se experimentaria com um tal espetáculo.

---

(1) As rótulas ou gelosias de urupema, que barbarizavam o aspecto das ruas principais do Rio de Janeiro, foram mandadas abolir por edital de 11 de junho de 1809, do intendente geral da polícia Paulo Fernandes Viana, que ordenou sua substituição por grades de ferro ou balaustres de madeira, no prazo de oito dias. — Conf. Luiz Gonçalves dos Santos, *Memórias para servir à História do Reino do Brasil*, vol. I, págs. 135-136, Lisboa, 1825. — Apesar do rigor com que foi cumprida a ordem, ainda em 1820 havia na rua dos Barbônios, quase ao chegar aos Arcos, uma casa de sobrado, que conservava as primitivas rótulas. — *Ibidem*, página 212, nota.

POPULAÇÃO

Antes da chegada da corte portuguesa dizia-se que a população do Rio não excedia de 50.000 habitantes, mas o aumento devido à imigração européia tem sido imenso. Ouvi dizer que é calculada em 150.000 habitantes, mas suponho que isso inclua os subúrbios.

OS NEGROS — RUIDOS

A preponderância de escravos negros, que compõem grande parte da população, produz desagradavel impressão a uma pessoa recentemente chegada da Inglaterra.

Eles são empregados aquí para carregar fardos, puxar carroças e coisas semelhantes, mais comumente do que qualquer animal quadrúpede: os artigos mais pesados, tais como pedra ou madeira, somente, são levados em carro de boi. Os negros carregam todos os fardos na cabeça e enquanto estão assim ocupados vão dando um gemido alto, monótono e compassado, que, quando estão muitos a trabalhar juntos, se ouve bem longe e é até assustador para um estrangeiro. Esta música tristonha combinada com o tagarelar incessante e a vociferação da população, o barulho dos carros sobre o calçamento irregular, o horrivel ranger das rodas dos carros de boi, o latido de inúmeros cães, o toque de sinos e as frequentes descargas de fogos de artifício, tornam o Rio o lugar mais barulhento que conheço. O alarido é mais desconcertante durante o dia do que nas mais movimentadas e populosas partes de Londres. À noite, isto é, depois das dez horas, mais ou menos, as ruas são muito sossegadas. Tenho muitas vezes voltado para casa a pé, tarde da noite, atravessando parte da cidade, após ter jantado com amigos no Catete, sem ouvir outro ruido que não seja o açoitar do mar e sem ver criatura viva alguma, salvo as ratasanas e os cães semi-selvagens, que vagueiam pelas ruas em grande número.

Esta cidade é muito imperfeitamente iluminada à noite (2). Muitas das ruas menores ficam em completa escuridão, e nas outras as luzes são por demais afastadas umas das

---

(2) A iluminação a gás na cidade do Rio de Janeiro teve início a 25 de março de 1854, limitada nessa data a algumas ruas.

outras para servir ao fim a que se destinam. Em noites sem luar, tem-se de confiar nas luzes das casas e das lojas que ficam abertas até tarde. Fiquei, a princípio, surpreendido de ver, tarde da noite, carreiras de lamparinas ardendo na calçada em alguns dos principais largos e ruas; essas lamparinas são postas diante de cestas de frutas e outros artigos vendidos por negras, que ficam sentadas no chão ao lado de suas mercadorias.

INCÔMODOS

Não conheço outra cidade mais desagradavel de se andar a pé do que o Rio. A cada instante encontra-se um bando de negros arrastando uma carroça pesadamente carregada ou um trenó, que, ocupando toda a extensão da calçada, nos obriga a ir para o meio da rua; depois as rodas de uma carruagem ou um carro de boi veem para cima da calçada e nos comprimem contra a parede, ou um cavalo aguardando o seu cavaleiro, à porta de alguma casa, faz com que tenhamos de dar uma volta para evitar as suas patas.

JARDINS PÚBLICOS

Os jardins públicos, situados à beira mar na parte sudeste da cidade, são muito agradaveis, mas não tão frequentados, como se poderia esperar. Apesar de não ser extensivos, são bem divididos e plantados com uma variedade de curiosos arbustos e árvores, entre os quais se destacam diversas espécies de palmeiras, o bambú e a jaqueira. As alamedas são sombreadas por grandes mangueiras e paineiras, e da muralha de pedra talhada tem-se uma bonita vista da parte mais baixa da baía. Imediatamente a oeste da cidade existe um pântano salgado que fica inundado pela maré alta e, em parte, é coberto de arbustos, que ofende a mais de um sentido, pois está transformado em depósito de toda a espécie de lixo e imundices, especialmente animais mortos. Atravessa-se por um bom caminho elevado que se chama *Aterrado*. Depois de passar por esse pântano, o caminho toma a direção de noroeste para o Palácio Imperial de São Cristovão, através de uma planicie grandemente cultivada.

SUBÚRBIOS

Os subúrbios de Catete e Botafogo, que ficam para o sul da cidade, ao pé do Corcovado, são encantadores. São cheios de vilas bonitas, em estilo italiano, habitadas pelas pessoas de destaque do Rio, pelo corpo diplomático e pelos industriais ingleses, a maioria das quais mora aquí, indo à cidade somente para tratar de negócios.

Tenho passado muitas horas agradaveis em casa de meus bondosos e hospitaleiros amigos, Srs. Young, no Catete (3).

MONTANHAS

O Corcovado é a montanha mais alta das proximidades do Rio e tem formato notavelmente pitoresco. Seu cume é elevado, segundo o Capitão Fitz-Roy, 2.340 pés acima do nivel do mar, e dizem que fica a cerca de seis milhas em linha reta do Rio.

O pico principal é quase em precipício e descoberto no lado do Sul, onde dá para a pequena lagoa Rodrigo de Freitas, mas todo o resto da montanha é espessamente coberto de mato. As partes mais baixas do Corcovado, no nordeste, avançam bem até os arredores da cidade e são em parte cultivadas. O Rio é inteiramente abastecido de água desta montanha; um aqueduto muito bem feito e com muitas milhas de comprimento leva a água de uma nascente abaixo do pico principal para o coração da cidade. A algumas milhas para oeste do Corcovado existe uma outra montanha de feitio singular, que é uma coisa muito notavel quando nos aproximamos da costa pelo sul; seu verdadeiro nome é Gávea, mas os marinheiros ingleses, geralmente, chamam-na de "Nariz de Lord Hood". Aliás, quando vista à distância e do sul, seu contorno é um pouco parecido com o de um grande nariz aquilino.

E' às vezes tambem chamada "montanha da vela do joanete grande". A montanha da Tijuca, mais para o interior, é de um contorno muito íngreme e pitoresco e tem um lindo efeito quando vista da planície cultivada, perto da cidade.

---

(3) Os Young eram antigos negociantes ingleses na praça do Rio de Janeiro. William Young residiu por algum tempo no morro do Inglês, nas faldas do Corcovado, o qual a essa circunstância deveu a denominação. Era casado com D. Maria Marques, de quem enviuvou em 30 de dezembro de 1819. — Mello Moraes, *Brasil Historico*, tomo II, pág. 163. Rio de Janeiro, 1867. John Young, adiante referido, seria talvez seu filho. — Conf. *Anais da Biblioteca Nacional*, volume LX, pág. 37, nota 4.

ILHAS

Diversas ilhas ficam fora da entrada da Baía: a mais notavel delas é a Ilha Rasa (Flat Island), sobre a qual existe um farol. Foi nessa ilha que Sir Joseph Banks e Dr. Solander desembarcaram na primeira viagem do Capitão Cook, quando foram impedidos pela mesquinha e intolerante inveja do governo português de desembarcar nas praias da baía (4). E' geralmente chamada "Razor Island" (Ilha da navalha) pelos marinheiros ingleses, nome que vi assim escrito numa carta náutica.

Das ilhas dentro da baía, a maior é a Ilha do Governador, que fica consideravelmente para o norte da cidade e tem oito ou nove milhas de comprimento. Uma pequena ilha que fica em frente à parte sul da cidade, sobre a qual existe um forte, ainda conserva o nome de Villegaignon (ou Vilganhon, como os portugueses escrevem), o chefe da colônia francesa que ali se estabeleceu em 1558 (5). Na *História do Brasil*, de Southey, há uma narração interessante dessa colônia francesa (6), que teria provavelmente conseguido manter-se contra todos os esforços dos portugueses, se Villegaignon não tivesse, pela sua conduta cruel e traiçoeira, acabado com a imigração dos Huguenotes, para quem ele a princípio fingiu ter fundado a colônia; assim mesmo, os franceses com o auxílio dos selvagens naturais do país, continuaram a luta durante nove anos, primeiro na ilha e depois nas terras adjacentes e não foram subjugados senão em 1567. Foi por ocasião da sua expulsão que a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi

---

(4) Captain James Cook — *New, authentic, and complete Collection of Voyages round the World*, etc., pág. 7-8, London, Alex. Hogg, 1781, *in-fol.*

(5) Villegaignon chegou ao Rio de Janeiro a 10 de novembro de 1555: — "Nous arrivasmes le dixième de novembre en la rivière de Guanabara, pour la similitude qu'elle a au lac." — Carta de Nicolas Barré, companheiro de viagem de Villegaignon, in Paul Gaffarel, *Histoire du Brésil Français*, págs. 373-382, Paris, 1878, *in-8*. Em carta a Calvino, de 31 de março de 1557, *ibidem*, págs. 392-397, Villegaignon refere os dois motivos por que preferiu uma ilha ao continente: *primeiro, sua gente não poderia fugir com facilidade; segundo*, como as mulheres índias só iriam ali acompanhadas de seus maridos, os colonos não pecariam com elas. Esse segundo motivo causou, naturalmente, desde logo, enorme descontentamento, a ponto dos trugimãos franceses se retirarem para terra firme e a gente de Villegaignon conspirar contra a vida do chefe. A ilha chamava-se antes de *Serigipe*. — Conf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, tomo I, pág. 375, 4.ª edição.

(6) *History of Brazil*, parte 1.ª, págs. 272-280, London, 1810.

fundada por Men de Sá, então governador do Brasil, mas não veio a ser a capital do país senão muito tempo depois (7).

Os habitantes dessa parte do Brasil, no tempo de Villegaignon eram os Tamoios, um ramo da grande nação, e eram inimigos resolutos dos portugueses. Diz-se que eram canibais; aliás apesar de alguns filósofos na Europa pretenderem duvidar da existência do canibalismo, seu predomínio entre muitas das tribus naturais do Brasil parece estar provado pelos mais satisfatórios testemunhos. Os Tamoios andavam completamente nus; os homens, porem, pelo amor do adorno, comum entre os selvagens, foram facilmente persuadidos a usarem as vistosas roupas que lhes eram oferecidas pelos franceses; nada, porem, fez com que as mulheres usassem qualquer roupa. Isto é um exemplo notavel, embora, penso eu, não ser exemplo entre os selvagens, de ser o sexo feminino mais indiferente ao adorno do que o outro. Alguns restos de várias tribus indígenas ainda ficaram, creio eu, em algumas partes da província do Rio de Janeiro, em sujeição às autoridades brasileiras, mas incompletamente civilizadas.

Tenho visto, ocasionalmente, alguns índios desgarrados na cidade e no cáis, vestidos como os pretos e mulatos andam, em geral, mas distinguiveis dos últimos mencionados (com os quais são parecidos na cor), pelos seus cabelos longos e luzidios.

---

(7) Pela carta patente de 27 de junho de 1763, que nomeou o conde da Cunha vice-rei e capitão-general de mar e terra do Estado do Brasil, com residência na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. — *Publicações do Arquivo Público Nacional*, vol. II, págs. 3-6.

CAPÍTULO II

Vegetação dos arredores do Rio — O morro do Corcovado — Beleza da terra cultivada — O Jardim Botânico — Plantas prediletas de jardim. Frutas — Plantas silvestres notaveis — Palmeiras — A Serra dos Orgãos — Florestas virgens — Obstáculos para o colecionador.

Pode-se facilmente imaginar que não permaneci muito tempo no Rio sem visitar as colinas cobertas de mato dos seus arredores, que são tão convidativas para um naturalista. Meu primeiro passeio foi pelo terraço ao lado do aqueduto que leva a água para a cidade. Passando por diversas ruas sujas e subindo a ladeira (uma das laterais do Corcovado), sobre a qual fica o convento de Santa Teresa, em menos de uma hora, depois de sair do hotel, achava-me no meio de luxuriantes florestas virgens. E então senti que estava realmente nos Trópicos, e deliciei meus olhos com as estranhas e belas formas da vegetação brasileira, que mesmo desde a minha infância tinha desejado ver em seu esplendor natural. Seria dificil descrever os sentimentos de admiração e prazer despertados por esse espetáculo. A cada passo minha atenção era atraida por alguma coisa nova, cada árvore, cada arbusto, cada flor, tinha o encanto da novidade. Em vez da uniformidade costumeira das florestas européias, havia aqui uma variedade aparentemente infinita de árvores, cada uma notavelmente distinguivel de suas vizinhas por alguma peculiaridade de forma ou de cor. As diversas espécies de acácias, que são mais abundantes aqui do que, talvez, em qualquer outro gênero, encantam a vida pela primorosa leveza e delicadeza de sua plumosa folhagem, enquanto as palmeiras atraem a admiração pela graça majestosa de sua forma. Muitas das árvores são cobertas de trepadeiras de folhas luzidias, pelas quais a sua

própria folhagem se torna às vezes completamente oculta; os galhos murchos de outras ficam carregados de parasitas de formatos singulares, e em baixo inumeraveis arbustos, gramas, cipós e plantas rasteiras cobrem o chão numa massa quasi impenetravel de vegetação. Uma grande variedade de fetos, muitos dos quais de uma extraordinária delicadeza e beleza, floresce à sombra da mata, nos rochedos e no próprio aqueduto, onde a face íngreme do granito não ampara outra vegetação; cactos de formas grotescas tomam raizes nas brechas. À medida que se prossegue pelo terraço do aqueduto, as mais lindas vistas se apresentam a cada volta; penetrando mais na mata vê-se em baixo o rico vale cultivado, as praias ondulantes e a vasta extensão da baía como um lago, suas cem ilhas e os belos grupos de montanhas que sobem de todos os lados.

Pode-se facilmente imaginar que se está no país das fadas.

Esse caminho vai dar, enfim, num barranco fresco e sombrio, onde a nascente que fornece o aqueduto vai caindo numa série de cascatas em miniatura sobre o rochedo de granito, debaixo de frondosas árvores e espesso mato. O aspecto e o som da água correndo, em tal clima, são extremamente agradaveis. Esse foi o primeiro lugar onde vi fetos arborescentes, que são uma das mais lindas formas da vegetação tropical. Em aparência geral se assemelham muito às palmeiras, porem com mais fragilidade e delicadeza; suas grandes folhas finamente divididas e caindo graciosamente em todos os lados, como penas de avestruz, coroam o cume de um tronco reto sem divisões e em feitio de coluna, de 12 a 20 pés de altura.

CORCOVADO

A subida do Corcovado não é de maneira alguma dificil; aliás algumas pessoas, às vezes, sobem todo o caminho a cavalo. Partí, a pé, do meu hotel, às oito e meia da manhã e subindo vagarosamente alcancei o cume ao meio-dia. Pouco alem do barranco, no princípio do aqueduto, que já descrevi, um caminho vira para a direita e vai dar, através de uma bonita floresta, no pico mais alto. A relativa frescura produzida pela espessa sombra da mata é muito notavel, mas torna-se menos agradavel por causa da úmida estagnação do ar e o forte cheiro de vegetais em decomposição.

Há qualquer cousa de impressionante no silêncio que domina essas grandes florestas durante o dia; a nota ocasional de algum pássaro no alto de uma árvore, ou talvez o voltejar de uma borboleta desgarrada, voando onde um raio de sol conseguiu penetrar na abertura da folhagem, são os únicos aspectos e sons que indicam a presença da vida animal. As árvores elevam-se a uma altura enorme e algumas adquirem uma grande grossura. Uma das maiores é uma espécie de figueira, com muito grossas estrias que se projetam para fora da parte mais baixa de seu tronco, como se fossem escoras. Um efeito muito singular no panorama é produzido pelas inúmeras trepadeiras, que vão subindo até o alto das árvores, com suas hastes nuas, semelhantes a cordas, enroscando-se em volta dos troncos e entre si, passando de árvore à árvore e entrelaçando-se da mais estranha maneira. Numerosas plantas suculentas das famílias das *Orchis* e das *Bromélias*, algumas dando lindas flores, florescem nos troncos musgósos e nos galhos das árvores maiores, ornando-as com tufos de rica folhagem, que não lhes pertence.

As diferentes gramineas trepadeiras, que sobem à consideravel altura entre as árvores e penduram-se dos galhos em frageis e delicadas guirlandas verdes, teem uma aparência tanto singular, como agradavel.

VISTA DO CORCOVADO

Tendo alcançado o cume da montanha, encontrei-me à beira de um rochedo nu e íngreme descendo para o sul e o sudeste; a vista que gozei era a mais variada e encantadora que se pode imaginar. A altura do Corcovado não é de modo a tornar a paisagem, que dele se descortina, confusa ou indistinta, como é tantas vezes o caso de vistas de cume de montanhas. Tais vistas embora sejam exaltadas pelos "livros-guias" e turistas comuns, teem quase sempre me desapontado; mas a do alto do Corcovado excedeu até a minha expectativa. Montanhas, florestas, rochedos, vales cultivados, a cidade do Rio com o seu porto e as embarcações, a vasta extensão da baía com suas ilhas verdes, e o azul vivo do mar, desenrolavam-se abaixo de mim como um mapa. Uma delicada neblina azul pairava como um véu de gaze sobre a cena, suavizando as formas e as cores dos objetos sem escondê-los. O especial

encanto do cenário dos arredores do Rio consiste na justaposição e no contraste da mais intensa cultura com a grandeza selvagem da montanha e da floresta. A planície para o oeste da cidade aparece como um jardim contínuo. Em outubro e novembro todo o ar fica saturado, por milhas, pelo perfume das flores das inúmeras laranjeiras. O verde-escuro dessas árvores, a folhagem viva, como do loureiro, dos caféeiros, misturados com o verde claro das bananeiras, a suave verdura dos campos e a tonalidade acinzentada da mandioca, produzem o mais encantador efeito. As ruas são ladeadas de cercas de acácia e outros arbustos floridos. Aquí e alí uma altiva palmeira ou uma mangueira sombria levanta-se acima dos laranjais, e casas brancas, alegres, desgarradas entre as plantações, dão ainda mais vida à cena. Os arredores do Rio podem bem ser chamados o paraiso terrestre; mas os habitantes, certamente, não se acham em estado de inocência.

JARDIM BOTÂNICO

O Jardim Botânico fica a cerca de seis milhas do Rio, perto da pequena lagoa Rodrigo de Freitas. E' muito bem traçado e conservado em muito boa ordem, mas, atendendo às facilidades que esse clima oferece para a formação de uma esplêndida coleção desse gênero, não pode, de modo algum, ser considerado rico. A planta do chá é cultivada extensamente e parece dar-se bem. Muitas das alamedas são margeadas por arbustos de canela, que dão em abundância e teem uma aparência muito bonita, sendo as folhas novas de um vermelho vivo e as mais velhas, de um belo verde luzidio: Diversas outras plantas curiosas do Oriente são aquí encontradas, tais como o cravo, a pimenta, o bambú, a fruta-pão e alguns belos espécimes de jaqueiras.

Esta última é uma árvore de singular aspecto: atinge a um grande tamanho, estendendo seus galhos a pouca distância do chão e formando uma massa regular e compacta, como o castanheiro da Índia, com uma muito espessa folhagem verde-escura, e dando uma enorme fruta de forma indefinida, que nasce como excrecências esponjosas do tronco e dos principais galhos. A situação do jardim é linda: em frente fica a lagoa e bem atrás as espessas florestas e os rochedos cinza-escuros do Corcovado. A Lagoa Rodrigo de Freitas é sepa-

rada do mar por uma estreita faixa de areia, sobre a qual o mar muitas vezes sobe na maré alta. A água é sempre, creio eu, salobra. Uma parte da faixa de areia é plantada de abacaxís, que se dão bem com pouco ou nenhum trato; outra é coberta de moitas de mato verde rasteiro, misturado com grupos de cactos rígidos e altos, que teem uma aparência estranha de esqueleto, em contraste com a exuberante beleza de seus vizinhos.

A estrada para o Jardim Botânico é um passeio predileto de todos os visitantes do Rio, especialmente dos guardas-marinha dos navios de guerra ingleses. Raramente fui por aquele caminho sem encontrar alguns destes heróis, galopando, como se a sorte do mundo dependesse de sua velocidade.

O caféeiro é a principal cultura na vizinhança do Rio e aliás na província em geral. Não requer muito trato, nem dá trabalho para cultivar e a sua produção é abundante. Meu amigo Sr. John Young disse-me que um pé de café, plantado em bôa terra, começaria a dar no segundo ano; que, no terceiro, produziria quase trinta libras de grãos e depois sessenta libras por ano e daí para cima durante os três anos seguintes e depois do que declinaria. Há trinta anos passados, disseram-me, quasi não se plantava café no Brasil; agora é um dos principais artigos de exportação. O arbusto é notavelmente belo, especialmente em setembro, quando fica com os seus galhos todos cobertos de tufos de flores alvas como jasmins, que enchem o ar com o seu perfume. E' uma observação muito exata de Humboldt, que enquanto a cultura de trigo, nas zonas temperadas do mundo, pouco concorre para embelezar o aspecto da natureza, o agricultor nos paises tropicais, de outra parte, continua multiplicando algumas das mais belas formas do mundo vegetal. Tenho visto caféeiros crescendo exuberantemente no meio das matas do Corcovado, entre plantas silvestres, tanto que poderia facilmente ser tido como uma planta originariamente nativa, mas sabe-se bem que assim não é. Nesses casos indica o local onde havia plantações, que tendo sido abandonadas depois de poucos anos de cultura (como é costume no Brasil), dentro de breve tempo estava o local coberto de árvores e arbustos silvestres. Do mesmo modo, aquela espécie de laranjeira, chamada laranja da terra, pode às vezes ser encontrada aparentemente silvestre, no mato, mas é muito duvidoso que seja mesmo planta indigena do Brasil.

As plantas ornamentais preferidas nos jardins do Rio são: a rosa-chá, a pervinca cor de rosa, a *Hibiscus Rosa-sinensis, Datura arborea, Salvia-splendius,* e *Croton variegatum.* Este último arbusto, tendo suas folhas lindamente matizadas com verde-escuro e amarelo, é considerado uma espécie de emblema nacional, sendo verde e amarelo as cores do Brasil, e contaram-me que durante a agitação que terminou com a expulsão de D. Pedro, ramalhetes dessa planta eram usados como distintivos pelo partido popular. Uma grande gramínea da África, chamada Capim de Angola, é cultivada extensamente nas ferteis baixadas e às vezes nas partes mais baixas das colinas; e os campos em que é plantada, por causa de sua vigorosa verdura, contribuem muito para aumentar a beleza da paisagem. O método de sua reprodução é por meio de mudas, que sendo postas em terra mole e bem regada, muito depressa criam raizes. O crescimento dessa planta é notavelmente rápido e em estações não muito secas sua produção é muito grande.

As laranjas do Rio são as melhores que já provei. Uma espécie minúscula, chamada tangerina, tem um sabor singularmente delicado. A laranja azeda com pele áspera e escura, chamada laranja da terra, é tida por alguns como sendo natural do Brasil; mas isto é muito duvidoso. Os abacaxís são abundantes e baratos, mas não encontrei nenhum igual aos das nossas estufas inglesas. Uma das melhores frutas do Brasil é o maracujá, que penso ser o mesmo que a Granadilha das Indias Ocidentais. A fruta do cajueiro (ou para falar com precisão científica, o pendúnculo suculento crescido da noz) é do feitio de uma pera, com a pele macia e brilhante, amarela com manchas avermelhadas, como algumas espécies de maçã; seu cheiro tambem é como o da maçã; seu gosto é bem ácido, e não muito agradavel. A Grumixama, uma espécie de Eugênia, dá uma fruta do tamanho e da cor de uma cereja preta comum, mas com alguma coisa do sabor das frutinhas de murta. O jambo, originariamente fruta indiana, é notavel pela sua semelhança, tanto em gosto quanto em cheiro, com pétalas de rosa. Dizem que as mangas do Rio são inferiores às da India; acho-as muito inferiores a um bom pêssego maduro. O gosto é dificil de descrever: — um pouco semelhante ao de um damasco, mas com uma pujança especial e um sabor mais ou menos como de terebentina, o qual, no entanto, não é

em geral bastante forte para ser desagradavel. A goiaba desapontou-me mais do que qualquer outra coisa e é, de fato, penso, uma fruta muito ruim.

Não tenciono, neste ponto, entrar em nenhum detalhe estritamente cientifico, a respeito da botânica brasileira, mas algumas observações gerais sobre as árvores e arbustos mais notaveis podem ser aquí incluidas. A Cecrópia, ou *Trumpet tree* (pau serpente), chamada pelos brasileiros Embauba, é uma das árvores mais comuns nos bosques em volta do Rio, e, como depois verifiquei, em todas as florestas das províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. A esbelteza de seu tronco, que é marcado com anéis como o de algumas palmeiras, o branco de sua casca, suas grandes folhas, não sem semelhança com as do castanheiro da Índia, em formato, e dando em tufos bem nas extremidades dos galhos espalhados, proporcionam-lhe um aspecto extraordinário, tanto que não ha árvore mais facilmente reconhecivel. Suas folhas teem geralmente o dorso branco e às vezes de ambos os lados. Cresce a uma altura consideravel, mas o tronco e os galhos são ocos, e não servem como madeira; aliás não é, ao que eu saiba, de utilidade alguma para o homem e suas flores nada teem de notavel. Dizem que sua folhagem é o alimento predileto da preguiça (*Bradypus*). A maior parte das árvores nestas matas estão sempre verdes e algumas que perdem as folhas na estação seca, apresentam um chocante contraste com as restantes.

CAPÍTULO III

Cobras — Insetos — Rochedos — Clima do Rio.

COBRAS

O terraço do aqueduto continuou a ser o meu passeio predileto durante todo o tempo em que permaneci no Rio, pela riqueza botânica das matas, através das quais passa. Encontrei cobras duas ou três vezes no correr das minhas excursões, mas estes répteis não são tão numerosos aquí, como tinha esperado encontrar, e não há motivo para temê-los, havendo um moderado grau de cuidado. O primeiro que vi foi a linda *Coral Snake* ou Cobra de Coral, que depois frequentemente encontrei na província de Minas. E' uma espécie pequena, marcada com anéis alternados em vermelho-coral, vivo, e preto e branco, sendo os anéis brancos os mais estreitos; sua cabeça, que não é muito mais grossa que o pescoço, é coberta de largas placas angulares e suas escamas não são sulcadas. Os brasileiros, geralmente, acreditam que ela é venenosa, mas essa crença é impugnada pelos naturalistas e o animal certamente não tem nenhum dos sinais caraterísticos de uma cobra venenosa, nem nunca ouvi dizer que alguem tivesse sido mordido por ele (8). Esta espécie parece ter uma assás vasta distribuição geográfica, pois já vi um espécime procedente da Guiana Inglesa.

---

(8) A cobra coral, da família dos Viperídeos (*Micrurus coralinus* e mais 10 espécies brasileiras), é venenosa, embora sejam raros os acidentes, isso porque a cabeça desse ofíbio, mesmo em exemplares desenvolvidos, sendo relativamente pequena, a dentuça não é bastante grande para poder encravar-se nas carnes. — Conf. Rodolfo von Ihering, *Dicionário dos Animais do Brasil*, pág. 266, São Paulo, 1940.

BORBOLETAS

A beleza das borboletas nesta parte do mundo não pode deixar de atrair atenção e admiração. Na estação calmosa são vistas em grande número perto do aqueduto e nas partes úmidas dos jardins, mas não em tão vasta profusão como nas florestas do interior, diminuição explicavel pela constância com que são apanhadas para venda. Há pessoas no Rio que teem muitos dos seus escravos frequentemente ocupados em apanhar borboletas ou insetos curiosos para vender aos visitantes europeus. O maior e mais belo espécime é de um puro azul celeste, com um brilho prateado em cima e marron em baixo; tem uma majestosa aparência quando em vôo e poderia ser tomado por um soberbo pássaro, se não fora o seu modo de voar pesado e indeciso. Tenho visto esse espécime muito no barranco do começo aqueduto. Outra especie muito grande é listada de preto e amarelo; uma menor, mas muito bonita, comum nas matas, tem asas longas e estreitas, de um rico preto-aveludado, com grandes placas de vermelho e amarelo; uma quarta é inteiramente cor de laranja; mas seria interminavel enumerar todas as diferentes espécies, e as lindas borboletas do Rio são bem conhecidas dos entomologistas europeus, sendo as coleções mui frequentemente levadas daquí. Tenho encontrado algumas vezes esses curiosos insetos que parecem pedaços de pau seco; tão perfeita é a semelhança, que, quando estão parados, se torna quasi impossivel distinguí-los. Andam com um passo lento arrastado e trazem as pernas da frente levantadas, como os *louva-deus* do Sul da Europa (9).

FORMIGAS

As formigas cortadoras de folhas são comuns nas colinas ao redor do Rio, como depois verifiquei ser tambem no interior. E' divertido observá-las, em longa fileira, às vezes de cem jardas de extensão, caminhando sobre a terra áspera e plana para o seu buraco, carregando cada uma delas na boca um pedaço de folha verde muito maior do que elas mesmas.

---

(9) As espécies brasileiras pertencem ao gênero Stagmatoptera, da familia dos Mantídeos; são de cor verde e teem os nomes vulgares de *Bendito* e *Põe-mesa*, alem de *Louva-Deus*, tambem usado no Brasil.

Frequentemente uma rajada varre o chão e apanhando as folhas derruba duzias das pequenas carregadoras de uma só vez; nada vence, porem, a sua perseverança, ou as faz largar as folhas. São das espécies maiores de formigas, de uma cor marron-escura, com cabeças muito grandes e formidaveis maxilares em forma de tenazes; não levantam a terra, como muitas outras espécies, mas teem uma habitação subterrânea, cuja entrada é um simples buraco na superfície. A mesma espécie, ou outra de hábitos semelhantes, é encontrada em Demerara e nas Índias Ocidentais.

Da grande variedade de formigas que habitam esta parte do Brasil, a mais importuna é uma espécie muito pequena, vermelha-amarelada, que infesta todas as casas, e causa grandes prejuizos, comendo açucar, frutas e toda sorte de coisas doces. Um outro insecto, parecendo-se com a formiga na forma geral, mas, na realidade (creio eu), uma espécie de *Termes* (formiga branca), constrói grandes ninhos hemisféricos de barro sobre os troncos das árvores, com numerosos caminhos ou galerias cobertas dando no chão. Se alguem faz uma brecha em qualquer destas galerias, que serpejam e se ramificam, fazendo lembrar as linhas que representam os rios num mapa, é interessante ver com que prontidão e esforço as pequeninas creaturas trabalham para concertá-las, e ao mesmo tempo o cuidado que teem de se conservar a coberto, tanto quanto possivel, enquanto executam o seu trabalho. São insetos brancos, maciços, sem asas e com cabeças castanhas. Não achei os mosquitos no Rio tão incômodos como tinha esperado, apesar de que nos bosques, ao cair da noite, aborrecem muito. São maiores que os nossos mosquitos ingleses, todos pretos, com as pernas marcadas de branco, e um brilho azul metálico nas azas.

Os mais repugnantes dos insectos incômodos do Rio são as grandes baratas que infestam todas as casas; teem uma aparência hedionda e um cheiro nauseabundo. Roem couro, papel, livros e às vezes, dizem, os dedos das mãos e dos pés dos doentes. Vi-as correndo, de um lado para outro, no soalho de um salão de baile, nos intervalos das danças.

ROCHAS

Toda a região em volta do Rio, inclusive a Serra do Orgãos, é de granito, às vezes bem caracterizado e às vezes aca-

bando em rocha cristalina de silex e mica. Numerosas pedreiras nas imediações da cidade oferecem boas oportunidades para estudo.

A rocha das pedreiras do Catete é pouco granulada e compõe-se de feldspato branco acinzentado e cor de coral, quartzo acinzentado e mica preta, de tal modo disposto, que lhe dá uma aparência listada ou laminada. Contem uma grande quantidade de pequenas granadas semitransparentes, cor de rosa, não distintamente cristalizadas, e é cruzada em todas as direções por veias (provavelmente contemporâneas) de granito muito granulado, cor de carne, no qual a aparência laminada fica totalmente perdida.

As pedreiras para oeste do Rio, perto da ponte Aterrado e de São Cristovão, teem granito de outro tipo, consistindo de feldspato cor de carne e castanho-claro, em largas lascas cristalinas de um brilho acentuado, quartzo branco e grande quantidade de mica preta. Nessa tem pouca ou nenhuma estrutura lapidada e contem muito menos granates que a outra, mas é atravessada da mesma maneira por numerosas veias, compostas principalmente de feldspato cor de carne e altamente cristalino. Um granito parecido encontra-se no cume do Corcovado; mas em geral, apesar de haver grande superfície de rochedo exposto em diferentes partes das montanhas, está muito bronzeado pelo tempo para ser examinado com proveito.

Muitas vezes a rocha fica escondida por um barro vermelho duro que a encobre. Encontra-se feldspato decomposto em argila de porcelana não longe de Botafogo, na estrada para o Jardim Botânico. O granito do Rio é um excelente e belo material para construção. Dizem que todo o sistema de montanhas da costa (Serra do Mar), é de rochedos graniticos, de Santos até a Baía. Num lugar, perto do princípio do aqueduto, observei um dique de uma espécie diferente de rochedo, penetrando no granito. E' provavelmente uma espécie de diorites, mas é tão excessivamente duro que não consegui arrancar um pedaço, nem descobrir sua origem, por causa do mato. Não pude encontrar nenhum outro mineral entranhado senão granates, no granito ou rocha cristalina de silex e mica do Rio.

CLIMA

Quando pela primeira vez cheguei ao Brasil, era o meio do inverno destas latitudes; não obstante o tempo estava quente e bom como nos mais bonitos dias de verão na Inglaterra, e assim continuou, sem interrupção, durante mais de um mês. Como já mencionei, os dias 27 e 28 de agosto foram chuvosos, em setembro o calor gradualmente foi aumentando; em outubro houve alguns violentos temporais e esperava-se que a estação das chuvas começasse; mas, pelo contrário, durante todo o mês de novembro o calor e a seca foram excessivos. Uma neblina espessa, amarela, seca e fumacenta, às vezes tão cerrada como o nevoeiro (fog) de novembro em Londres, durou três semanas sem interrupção, muitas vezes escondendo até as montanhas mais próximas. O sol, lá no alto, aparecia de uma cor vermelha lúgubre, tão definidamente contornado e tão pouco brilhante como a lua cheia. O calor era sufocante e a noite trazia pouco alívio. Tive muitas recordações do *Marinheiro Antigo* :

"Todos sob um céu quente, de cobre,
Em chama, o sol, ao meio-dia,
Bem acima de nós se achava,
Não maior do que a lua."

Seria impossivel descrever com maior precisão o aspecto do sol e do céu, durante estas três terriveis semanas. A folhagem das árvores e arbustos silvestres nas matas começaram a murchar e escurecer, a água no aqueduto ficou reduzida a um filete delgado e receiava-se que acabasse de todo. Dois dias de chuvas pesadas lá para o fim do mês limparam o ar, mas em breve o calor voltou com toda a sua fúria anterior. No interior a seca durou mais e os seus efeitos foram desastrosos. O milho, do qual os habitantes de Minas dependem quase inteiramente para a sua subsistência, e que é plantado ao princípio da estação chuvosa, falhou completamente, por falta de chuvas; resultando daí uma fome e disseram-me que no ano seguinte centenas de pessoas morreram de verdadeira inanição. Nestas regiões selvagens e pouco povoadas, onde todo agricultor depende dos produtos de suas próprias terras para comer e onde os cereais não são produzidos em quantidade suficiente para que as sobras de um ano sirvam para su-

prir as deficiências do outro, os efeitos de qualquer irregularidade nas estações são pavorosos.

Quando voltei de Buenos Aires para o Rio, em março, a estação chuvosa estava no auge e o aspecto da terra estava muito refrescado e embelezado pelas chuvas que tinham caido nos dois meses anteriores. Daí por diante o tempo continuou, até o fim de abril, geralmente chuvoso, com dias muito bons de vez em quando. A violência da chuva neste clima é surpreendente para um inglês. Torrentes, como só se veem na Inglaterra no auge de um temporal de violencia fora do comum, aqui continuam a cair sem cessar durante muitos dias seguidos. Um dia, em abril, fui apanhado por uma tempestade súbita, quando caminhava para a Praia Vermelha, alem de Botafogo. Em poucos minutos a rua toda estava inundada, e ao voltar tinha água pelos tornozelos e em alguns lugares pelos joelhos, onde uma hora antes o chão estava perfeitamente seco e empoeirado.

Os próprios brasileiros dizem que na' estação calmosa, o Rio é um dos lugares mais quentes do Império, o que é atribuido á sua situação, quase cercado de altas montanhas que, em grande parte, impedem a entrada das brisas do mar. A constante umidade da atmosfera, combinada com o grande calor, é a causa da excessiva exuberância de vegetação que caracteriza esta parte do Brasil; e ao mesmo tempo, essa abundante vegetação contribue poderosamente para conservar a umidade da atmosfera, da qual pode dizer-se que é tanto consequência como causa. Sabe-se que as árvores não conservam apenas a umidade da terra, resguardando-a do sol e impedindo a evaporação; mas contribuem mais diretamente para umedecer a atmosfera pela quantidade de vapor que emitem por transpiração. Já se verificou por experiência que uma planta de três pés e meio de altura, com uma superfície de 5.616 polegadas quadradas transpira 3 1/2 em doze horas, num dia quente, na Inglaterra. Como não deve ser vasta a quantidade de vapor líquido distribuido desta maneira numa floresta tropical!

CAPÍTULO IV

Situação política do Brasil — Ineficiência do governo — Liberdade da Imprensa — Assassinatos — Escravidão — Moeda corrente — Falta de boas estradas.

O governo do Brasil é, na forma, uma monarquia constitucional. Não sei por quem foi redigida a constituição, mas é suficientemente liberal e deve-se admitir que, geralmente falando, é um sistema bem abstrato de governo, estabelecido de acordo com as teorias mais aceitas, com amplas disposições para salvaguardar a liberdade dos súditos e impedir os abusos do poder executivo. Parece, porem, ter sido elaborada para uma sociedade em estado de cultura muito mais adiantada do que aquela que atualmente existe no Brasil. A aplicação de um sistema delicado e aperfeiçoado de ataques e contra-ataques políticos num país, onde a população é tão espalhada, as comunicações tão dificeis, a educação tão deficiente, e onde os homens de mentalidade esclarecida e ativa são tão raramente encontrados em qualquer classe social, é, mais ou menos, como "cortar blocos de pedra com uma navalha". O instrumento é delicado demais para o fim a que vai ser aplicado e para as mãos que vão usá-los...

Em alguma época futura, talvez, a constituição brasileira possa dar bom resultado: atualmente o seu efeito prático é deixar o país mais ou menos sem governo, para qualquer fim util. Uma constituição, por melhor que pareça, escrita no papel, não se executa por si; requer uma certa parcela de ilustração, energia e espírito de patriotismo em alguma classe (pelo menos) do povo para dar bom resultado.

A extensão territorial do Brasil é avaliada, mais ou menos, em vinte e cinco vezes tão grande quanto a das Ilhas Britânicas e uma quarta parte maior que a dos Estados Unidos

da America, enquanto sua população, apesar de imperfeitamente conhecida, nunca foi calculada em mais de cinco milhões. Da província de Mato-Grosso, no extremo oeste, à capital tem-se de fazer uma viagem de seis meses e mesmo na província menos distante de Goiaz, os viajantes são obrigados a levar provisões para sete ou oito dias, estando muitas vezes, durante este espaço de tempo, sem encontrar um ser humano. O déspota mais poderoso dificilmente poderia fazer sentir sua autoridade com eficácia em tal país, e a autoridade do Imperador do Brasil é muito mais estritamente limitada do que a dos soberanos da França ou da Inglaterra. De fato, o governo supremo não exerce, na realidade, muito poder alem da província do Rio de Janeiro e, mesmo ali, é pouco. O poder efetivo, tal como existe, encontra-se, em grande parte, nas mãos dos masgistrados locais (os Juizes de Paz), que estão, num elevado grau, livre de fiscalização, por causa da distância da sede do governo e pelas dificuldades de comunicação.

A religião católica é reconhecida pela constituição brasileira como a religião do Estado; mas, muito em abono do governo e do povo, deve-se dizer que ampla liberdade é concedida a todas as outras. Ao tempo em que estive no Rio, o residente inglês tinha uma bem arranjada capela, onde regularmente se celebrava o Oficio Divino. Nunca vi ou soube de qualquer caso daquela intolerância selvagem que é, ou era, característica dos Portuguêses em seu próprio país.

A liberdade da imprensa é garantida pela constituição e, praticamente, é apenas cerceada pela *liberdade da faca,* a qual (apesar de não ser reconhecida pela constituição), existe, assim mesmo, de maneira muito consideravel. Ao tempo em que os viajantes bávaros Spix e Martius visitaram o Brasil (1817-1820), existiam apenas dois jornais em todo o Império; agora, só no Rio, são publicados doze ou quatorze. Seu número, dizem-me, varia sempre; quase toda a semana algum novo orgão de partido, cheio de ódio, aparece, para morrer de morte natural depois de uma existência de algumas semanas ou meses. A maior parte contem mais injurias pessoais e impropérios do que informação ou discussões instrutivas sobre princípios politicos. Mas, razoavelmente, não se poderia esperar que um povo semi-civilizado soubesse fazer bom uso de um instrumento que, mesmo nos mais civilizados paises da Europa, tem sido considerado por muitos homens eminentes como

gerador de quase tanto mal, como bem. Os melhores jornais brasileiros são o *Correio Oficial* e o *Jornal do Comércio*. Um incidente ocorrido quando estava no Rio e que teve ruidosa repercussão, ilustrará as restrições práticas à liberdade ou libertinagem da imprensa. O redator de um dos jornais inferiores, homem de carater notoriamente mau, tinha publicado uma série de calúnias atrozes contra o regente Lima e sua família, acusando-os de incesto e vários outros crimes. O filho do Regente, oficial da Guarda, indo um dia pela rua, avistou o tal redator; imediatamente apressou-se em ir para casa buscar a sua espada; voltou, então, e encontrando ainda o redator na loja onde anteriormente o tinha avistado, puxou da espada e o derrubou (10).

Isto se deu em plena luz do dia e na presença de grande número de pessoas. Dois ou três dias depois o homem morreu. Lima entregou-se à justiça, mas quando chegou a ocasião do seu julgamento, nenhuma testemunha apareceu para depor contra ele e o Tribunal do Juri, consequentemente, julgou improcedente a acusação.

O redator, mui provavelmente, merecia o que recebeu, mas o procedimento foi violento e selvagem e o resultado não contribue para nos dar uma idéia elevada da eficácia das leis de proteção aos cidadãos. E' facil advinhar o que causou a ausência das testemunhas. Durante a minha estada neste país ouvi falar de diversos casos de assassinatos, cometidos principalmente por escravos, e mais por motivos de vingança, do que com fim de roubo. Contaram-me casos notórios de homens que empregaram os seus escravos para assassinar pessoas contra às quais tinham ódio. Tão imperfeitas são a polícia e a administração da justiça que geralmente esses crimes ficam impunes. Não obstante, assim mesmo, os crimes não são tão frequentes como se poderia esperar; e, a julgar por minha própria experiência, diria que um estrangeiro corre tão pouco perigo aquí como em outros paises mais altamente civilizados. Nunca fui molestado, nem nos meus longos passeios solitários através dos montes, nem voltando à noite para minha casa na cidade. Com relação à condição e tratamento dos escravos no

---

(10) Sobre esse caso, veja Vieira Fazenda, *Antiqualhas e Memórias do Rio de Janeiro*, vol. II, pág. 333. — O redator do *Brasil Aflito* chamava-se Clemente José de Oliveira; o oficial, que o matou, Carlos Miguel de Lima e Silva, filho do Regente do Império, Francisco de Lima e Silva.

Brasil, não posso dar informação alguma muito segura. Ouví narrações muito contraditórias feitas por diferentes pessoas residentes no país e as minhas próprias oportunidades de observação não me permitem chegar a qualquer conclusão satisfatória. Sem duvida ouví falar de alguns casos de crueldades atrozes, mas não tenho meios para julgar se esses casos eram exemplos ou exceções à regra geral.

Uma cousa podemos concluir com segurança: o senhor, tendo poder ilimitado e irresponsavel sobre os seus escravos, é contrário à razão supor que muitas vezes ele não abuse desse poder. Não sei, de fato, se as leis ostensivamente concedem ao senhor o poder de vida e de morte; aliás, creio que não; mas se as leis são tão ineficientes mesmo para a proteção dos cidadãos livres, é claro que não podem oferecer segurança alguma a uma infeliz raça de homens que são privados de todos os direitos sociais e políticos. Uma circunstância que parece indicar que a condição dos escravos se torna, muitas vezes, insuportavel, é o número muito elevado de fugitivos; quase que não se pode pegar um jornal do Rio sem ver anuncios a respeito deles. As florestas do Corcovado são o refúgio mais comum dos negros fugidos que, muitas vezes, dizem, roubam e maltratam as pessoas que encontram pelos caminhos. Há alguns anos antes, eles ali se juntaram em tão grande número que se tornaram o terror da vizinhança, frequentemente descendo e assaltando as casas nos vales; afinal o governo foi obrigado a mandar um destacamento de 200 soldados para capturá-los (11).

A Constituição proibe o uso da tortura, açoite, marcação com ferro em brasa, e todo castigo cruel; mas essa disposição humanitária se aplica apenas aos livres. Um senhor que não quer ele mesmo castigar os seus escravos pode mandá-los para a prisão afim de serem açoitados pelo carrasco. Nenhuma

---

(11) A esses ajuntamentos de escravos fugidos nos sítios altos dos arredores da cidade, principalmente nas faldas do Corcovado, de onde desciam à noite para assaltar as propriedades dos brancos, refere-se Maria Graham, *Anais da Biblioteca Nacional*, LX, págs. 131-134. — Mello Moraes Filho, *Quadros e Crônicas*, página 411, Rio de Janeiro, H. Garnier, s-d., dá notícia de uma portaria do Ministério da Guerra, de 19 de setembro de 1823, ordenando ao general das armas que prestasse ao brigadeiro Miguel Nunes Vidigal, comandante da polícia, o auxílio de tropa de caçadores por ele requerido, para o fim de fazer destruir um *quilombo* nas vizinhanças da cidade, recomendando-se-lhe na diligência o maior segredo. No dia seguinte, mais de 200 negros, entre homens, mulheres e crianças, alguns quase nus, outros vestidos de penas, búsios e missangas, desciam escoltados do morro de Santa Teresa, acompanhando-os, montado em seu cavalo, o famoso Vidigal. — Seria essa a diligência que chegou, 10 anos depois, ao conhecimento do autor.

acusação feita por um escravo contra seu senhor pode ser aceita; nem pode um escravo ser testemunha em tribunal de justiça; assim, pelo menos, era a lei quando estive no Brasil.

A moeda corrente é principalmente papel e cobre; muito poucos metais preciosos estão em circulação. O dinheiro é calculado em *mil réis* ou milhares de *reais*, sendo o *real* uma moeda imaginária. Ao tempo em que estive no Rio, o valor do *mil réis* era de quarenta e quarenta e um dinheiros, mas tem estado continuamente flutuando, e desde então já baixou tanto quanto a trinta. Há poucos anos antes desta data, nada senão cobre circulava no interior do país, sendo as notas do banco do Rio limitadas a esta província, tanto assim que os viajantes que iam para Minas ou outros lugares do interior tinham, com grande inconveniência, de carregar consigo uma grande bolsa de moedas de cobre.

Quando estive em Minas Gerais frequentemente encontrei embaraço e dificuldade em obter troco para as notas do Rio. Os comerciantes queixam-se muito do "desgraçado estado da moeda corrente no Brasil, que ocasiona flutuações no câmbio de 10 a 20 por cento em dois ou três meses até 50 por cento no correr do ano; tanto assim que o lucro, em moeda esterlina, sobre mercadorias vendidas a crédito, nem mesmo advinhar é possivel quanto se virá a receber em dinheiro" (12).

Nenhum melhoramento, quase, é tão necessário ao Brasil como a construção de boas estradas. Até mesmo a grande linha de comunicação entre o Rio e a região das Minas não é accessivel a qualquer espécie de veículo. Consequentemente, todas as mercadorias teem que ser levadas por mulas ou cavalos entre a capital e as cidades daquela importante região, e, naturalmente, entre elas e as povoações situadas mais para o interior. As melhores estradas são ruins; na estação chuvosa são quase intransitaveis, e é comum os viajantes ficarem parados por muitos dias por causa do transbordamento dos rios. A viagem para Ouro-Preto, uma distância de pouco mais de 300 milhas, é raramente feita em menos de quinze dias. O correio entre o Rio e as Minas é levado por homens a pé, que, fazendo caminhos mais curtos através das florestas e por cima das montanhas, conseguem cobrir a distância mais rapidamente do que cavaleiros podem fazer pela estrada.

---

(12) Vide Mac-Culloch [J. R.] — *Dictionary of Commerce [and Commercial Navigation*, London, 1832, *in-8*], art. *Rio* (Nota do autor).

Pode-se facilmente imaginar que essa dificuldade aumenta muito o preço do transporte de todos os objetos volumosos e quase exclue o de objetos de natureza sujeita à deterioração. Se é verdade o que ouví dizer, que o sal custa quase sete vezes mais na região de Minas do que no Rio, isto pode dar alguma idéia do transtorno resultante da falta de boas estradas. Os artigos, cujo valor é elevado em proporção ao volume, tais como ouro e pedras preciosas, podem recompensar o custo do transporte; em consequência são esses os únicos artigos trazidos das remotas províncias de Goiaz e Mato-Grosso. Minas Gerais envia, alem dessas produções de valor, algodão, couro, e uma não muito consideravel quantidade de café. Mas, no caso de artigos muito pesados e volumosos, tais como o ferro (do qual existem inexgotaveis reservas nas montanhas de Minas Gerais), a dificuldade e o custo do transporte seriam demasiados.

A abertura de boas estradas entre as grandes cidades da costa e o interior do país, não só aumentaria a riqueza e o conforto material e comodidade do povo, como concorreria muito para civilizá-lo. Facilitando e tornando mais frequente o intercâmbio entre a gente das grandes cidades e a do interior, contribuiria para espalhar certo grau de conhecimento entre a última, para despertar seu espírito, remover certos preconceitos e aquela letargia mental, que tão facilmente se apodera de homens que vivem afastados de seus semelhantes e livres da necessidade de fazer esforços.

O aumento do influxo de estrangeiros e a maior procura dos produtos do país, que se seguiria à abertura de comunicações mais faceis com os grandes mercados, traria provavelmente um estímulo muito vantajoso às empresas e às indústrias. Mas, certamente, nada será feito...

CAPÍTULO V

Viagem ao Rio da Prata — Pampero — O Rio da Prata — Montevidéu — Buenos-Aires — Monotonia da cidade — A Alameda — Botânica dos arredores de Buenos-Aires — Animais — Solo — Estradas — Carnaval — Soldados — Situação política.

DEZEMBRO 1833 — PAMPERO — AVES

Depois de uma estada de quatro meses no Rio de Janeiro, desejando escapar ao insuportavel calor, embarquei para Buenos-Aires no paquete *Hornet* . (13). Tivemos uma viagem enfadonha e desagradavel de 14 dias, até Montevidéu. No dia 11, quando não estávamos longe da foz do rio, fomos apanhados por um desses temporais furiosos de vento, chamados *Pamperos,* que sopram do sudoeste sobre as vastas planicies (Pampas), vindos dos Andes, e que, devido à circunstância de serem repentinos e violentos, muito perigosos se tornam para as embarcações que se encontram nos canais complicados e estreitos do Rio da Prata. No presente caso, como tínhamos bastante espaço para navegar, não corríamos perigo, mas ficamos em situação muito pouco confortavel durante cerca de 24 horas. Enquanto durou o temporal, um grande número de aves aquáticas voou em volta do navio, especialmente as procelárias (*Mother Carey's chikens*) e os pombos do Cabo. As primeiras são uns pássaros muito bonitos, de forma graciosa e plumagem delicada e luzidia. E' muito divertido vê-las voando de leve sobre a superfície do

---

(13) O paquete *Hornet,* comandante Coghlan, saiu para o Rio da Prata em 1 de dezembro de 1833. — *Movimentos do Porto,* do *Jornal do Comércio* de 2. Transportava malas; a lista dos passageiros não foi publicada.

mar agitado, com as asas abertas e os pés apenas tocando na água, acompanhando as curvas das ondas e voando através do espaço entre umas e outras.

RIO DE LA PLATA OU RIO DA PRATA

Nada indica ao viajante onde fica a entrada do grande *Rio de la Plata*. Sua largura é tão extensa que, de maneira alguma, tem a aparência comum de um rio; as margens não são, ao mesmo tempo, visiveis em lugar algum e a água conserva o aspecto de mar numa grande distância da foz, tornando-se gradualmente mais e mais turva. Na altura de Montevidéu, onde o rio ainda tem milhas de largura, a água é muito lamacenta, mas geralmente salgada, se bem que me dissessem ser sabido que, às vezes, fica completamente doce, em consequência das inundações no interior do país, acompanhadas de um forte vento de oeste. A navegação do *River Plate* (como é chamado pelos ingleses), é dificil e requer muito cuidado por causa da grande quantidade de bancos de areia, sobre os quais muitíssimos navios já se teem perdido, sendo os canais entre eles complicados, estreitos e dificeis de encontrar.

MONTEVIDÉU

Ancoramos em Montevidéu no dia 15 de dezembro, com tempo sombrio, e minha primeira impressão do país foi muito pouco favoravel. A cidade, apesar de não ser toda em terra absolutamente plana, não tem coisa alguma imponente na sua situação; fica numa pequena baía ou enseada semi-circular da costa, e do lado oposto se ergue uma colina solitária, de feitio cónico (da qual, aliás, é derivado o nome do local), coroada por um farol e um forte desguarnecido. A costa para a direita e para a esquerda apresentava-se, a quem recentemente tivesse vindo do Rio de Janeiro, baixa, árida, sem variações e feia; e o tempo sombrio aumentava a monótona uniformidade do colorido, que, em harmonia com a igualmente monótona cor pardo-lamacenta do rio, produzia completamente um lúgubre efeito. Mais favoravelmente, porem, julguei Montevidéu, quando a visitei algum tempo depois, em minha volta. Num

caso, naturalmente, comparei-a com o Rio de Janeiro e no outro com Buenos Aires. E' construida segundo o mesmo plano desta última cidade, as ruas cruzando-se em ângulos retos, com grande regularidade e dividindo-a em quadras uniformes de casas; a construção das casas, o vestuário e a aparência dos habitantes são os mesmos em ambas as cidades. As fortificações de Montevidéu, que foram assaltadas pelos ingleses em 1806 (14), estão agora ficando reduzidas a ruínas. As terras circundantes, apesar de muito pobres, teem mais variedade de superfície do que as em volta de Buenos Aires e se diferenciam pela existência de rochedos que são coisas absolutamente desconhecidas do outro lado do rio. São rochas cristalinas, compostas de feldspato branco, pouco laminado, quartzo pardo-amarelado e grande parte de mica preta. A *Petunia nyctagini-flora* e a *Verbena melindre,* agora tão comuns em nossos jardins, crescem como plantas silvestres nos arredores de Montevidéu. No dia 16, quando estávamos a cerca de 14 milhas de terra, todo o ar em volta do nosso navio ficou cheio de miríades de moscas castanho-amareladas, que pousavam sobre o cordame e sobre as nossas pessoas, agarrando-se a tudo que podiam tocar, ou ignorantes do perigo ou vencidas pelo cansaço de seu vôo de terra até o navio. A margem do rio ao sul é tão plana, exposta e uniforme, que as árvores isoladas que se encontram aquí e alí, servem de importantes pontos de referência aos navegantes.

Buenos Aires, seus habitantes, seus Pampas, os gaúchos e seu modo de abater o gado, teem sido tantas vezes, tão recentemente e tão bem descritos, que seria supérfluo dizer muito a seu respeito. Farei algumas observações sobre a vegetação, que é tão peculiar como tudo mais neste estranho país: quanto ao resto remeto os meus leitores a Sir Francis Head, aos Srs. Robertson e ao Sr. Darwin (15), (16), (17).

---

(14) Sobre esse assalto de Montevidéu por forças da marinha inglesa, veja Francisco Bauzá, *História de la Dominación española en el Uruguay,* vol. II, páginas 387-400. Montevidéu, 1895.

(15) Francis Bond Head — *Rough Notes taken during some rapid Journeys across the Pampas and among the Andes.* — London, 1826, *in-8.* — Sobre esse autor e suas obras, conf. *Anais da Biblioteca Nacional,* vol. LX, pág. 59, nota 27.

(16) J. P. and W. P. Robertson — *Letters on Paraguay: comprising an account of a four years's residence in that Republic under the government of the Dictator Francia.* In two volumes. — London, 1838, *in-4.*

(17) Charles R. Darwin — *A Naturalist's Voyage.* — *Journal of Researches into the Natural History and Geology;* etc., págs. 55-56, — London, 1882 (Cap. III, 15 de julho de 1832.)

observando simplesmente que Buenos Aires é um dos lugares mais monótomos e desagradaveis que conheço. E' bem construida, mas com tal enfadonha regularidade e semelhança, que quando se tem visto uma rua, ainda mesmo meia rua, já se viu a cidade inteira; o resto não é mais do que uma repetição da mesma coisa. O terreno é uma ilimitada planura desprovida de árvores, pantanosa ao longo da margem do rio, coberta de relva no interior: o rio tem 30 milhas de largura, é razo e lamacento, não possuindo nem a beleza própria de um rio, nem a pertencente ao mar. Em resumo, o lugar foi bem descrito por um parente meu (18), como tendo de um lado um mar de lama líquida e do outro um pasto de 1.200 milhas de largura!

O silêncio e vazio das ruas de Buenos Aires são muito impressionantes para quem chega da barulhenta, ativa, animada e populosa cidade do Rio. O lugar mais alegre é a Alameda, ou passeio público, nas margens do rio, que à noite oferece alguns aspectos curiosos e divertidos. E' principalmente frequentado pela melhor sociedade de Buenos Aires e especialmente pelas damas, que atraem a atenção não só pela sua beleza, como tambem pelo seu fino e gracioso trajo e os enormes pentes de tartaruga que lhes ornam as cabeças. Olhando-se da Alameda para o rio veem-se multidões de negras e mulatas lavando roupa, gauchos de aspecto selvagem, galopando com vertiginosa rapidez pelas margens do rio, ou entrando pela água raza, pessoas de ambos os sexos tomando banho, carroças buscando passageiros ou mercadorias dos barcos que, devido à extremamente pequena profundidade da água, teem de ser descarregados a uma certa distância da terra.

CARNE

Uma estada em Buenos Aires é quase suficiente para se ficar enjoado de carne para sempre. As carroças de carne, nas quais é trazida dos matadouros à cidade, são os mais chocantes objetos possiveis. O chão nos arredores da cidade é todo coberto de cascos, chifres, ossos e outros restos do gado abatido, e todo o ar está impregnado do mau cheiro desses detritos. Até as galinhas são alimentadas com carne e teem um gosto desagradavel.

(18) Meu tio Sr. Fox, primeiramente ministro inglês em Buenos Aires, em seguida no Rio de Janeiro, e depois em Washington (Nota do autor).

CÃES

Em consequência disso, nas ruas da cidade e ainda mais nos subúrbios vagueia um incrivel número de cães semi-selvagens, muito barulhentos e incômodos: qualquer pessoa andando a cavalo depressa é certamente acompanhada por um ruidoso bando desses animais, que dificilmente podem ser afugentados; quando um cão começa a latir para um estranho, todos os que estão perto se juntam tambem para fazê-lo, até que o concerto canino é ouvido por metade da cidade. Uma raça feia de cães sem pelo é particularmente abundante neste lugar.

BOTÂNICA

Nada pode ser mais frisante do que o contraste entre a vegetação do Rio de Janeiro e a de Buenos Aires. A última mencionada é tão notavel pela sua pobreza, uniformidade e seu carater erbáceo quanto a primeira pela sua riqueza, variedade e preponderância de árvores e arbustos. Se é por causa de alguma coisa nociva na composição do solo, à uniformidade da superficie ou devido à influência dos violentos ventos, não sei; mas a Flora de Buenos Aires é singularmente pobre e sem atrativos para um país que goza de clima tão bom. Capins, ervas rasteiras sem proeminência alguma, pequenas plantas de raiz bulbosa, as ásperas ervas nocivas cheias de espinhos e outras semelhantes, formam a maior parte da vegetação. Existe, creio eu, somente uma árvore indígena (*Phytolacca diaica*) o Ombú; esta atinge a consideravel tamanho, com um tronco muito grosso em proporção e bonita e abundante folhagem verde-escura; mas é notavel pela moleza de sua madeira, que talvez não mereça o nome de madeira, sendo quase tão esponjosa e úmida como o talo de um repolho. Exceto esta, as únicas plantas que crescem a mais de três ou quatro pés são exóticas e na maior parte européias, tais como o álamo, a figueira, o cipreste e o salgueiro-chorão; mas nenhuma destas é tão extensivamente cultivada como o agave, ou aloes americano. Os campos perto da cidade são cercados com estes aloes e no verão seus altos galhos floridos são vistos de toda parte, erguendo-se em longas fileiras rígidas acima das árvores baixas e das casas espalhadas. Tal é a falta natural de madeira até como combustivel, que os pessegueiros

são cultivados nos arredores da cidade, só para servir de lenha, sendo cortados para este fim de três em três anos. Disse-me o consul inglês aquí que não é pouco frequente alugarem-se porções de terras, somente com a condição de se plantar caroços de pêssego numa certa quantidade de terra e de não se pagar outro aluguel que não seja a lenha daí produzida. Dizem mesmo que antigamente os habitantes costumavam empregar as carcassas dos carneiros como combustivel; mas isto não posso garantir que seja verdade. Algumas das plantas silvestres mais lindas de Buenos Aires são as Verbenas, das quais existe uma consideravel variedade, a maioria agora bem conhecida nos nossos jardins. Uma linda *Sisyrinchium* azul, uma bela *Zephyranthes* cor de rosa e branca, e a *Tigridia herbeti*, com suas flores amarelas trigueiras, adornam as margens do rio. Uma consideravel quantidade de plantas européias cresce aquí, como mato ou aclimatadas, em abundância, tais como o funcho comum e uma espécie de alcachofra. A primeira mencionada cobre absolutamente as ribanceiras do rio por algumas milhas em redor da cidade. Um característico notavel da botânica deste lugar é a excessiva preponderância de umas oito ou dez plantas, que parecem ocupar mais terreno do que todas as outras juntas, e infelizmente a maioria das espécies predominantes são mato grosseiro e feio. E' curioso que a vegetação de Buenos Aires seja tão diferente da do cabo da Boa Esperança e da Nova Gales do Sul, que ficam quase no mesmo paralelo de latitude e cuja temperatura, em média, é pouco diferente. Estes dois paises, apesar de terem muito poucas ou nenhuma espécie em comum, teem, em geral, uma certa analogia nos característicos de suas plantas, verificando-se em ambos a preponderância de plantas com folhas duras e flores vistosas, e algumas das espécies mais numerosas e notaveis encontram-se em ambas as regiões. Mas a vegetação de Buenos Aires, como já tenho observado, é quase inteiramente erbácea e todas as espécies dominantes são diferentes das do Cabo e da Nova Gales do Sul. A mesma falta de árvores e arbustos parece que continua até o Estreito de Magalhães, no lado éste dos Andes; mas a Terra do Fogo e o oeste da Patagônia são em toda parte espessamente cobertas de mato.

As pequenas corujas dos Pampas, que teem sido repetidamente descritas, são os únicos animais dignos de nota que

vi durante a minha estada; são diferentes das outras corujas, não só pelos seus hábitos diurnos e a escolha de local para os seus ninhos, como tambem no seu vôo súbito e rápido, que, apesar de fazer menos barulho, lembra o vôo da perdiz. Os sapos são muito numerosos nos arredores da cidade; as pulgas são abundantes nas casas, e os mosquitos são em tão grande quantidade, como já tenho visto em outros lugares.

As borboletas são raras, em comparação com a sua quantidade no Brasil, mas as moscas castanho-amareladas, às quais fiz alusão no princípio desse capítulo, são encontradas em quantidade surpreendente nas margens do rio e nos fossos.

O solo em volta de Buenos Aires é de argila dura e dizem que nenhum rochedo ou pedra de qualquer espécie jámais foi encontrado, mesmo na maior profundidade que se tem cavado. A pedra usada para o calçamento das ruas (uma espécie de granito) é trazida da pequena ilha de Martim Garcia, no rio. As ruas, mesmo nos arredores mais próximos da cidade, são execravelmente ruins: nas melhores, o leito lembra um campo de barro lavrado; um pouco de chuva é suficiente para torná-las tão escorregadiças e enlameadas que mal se pode andar; e depois de um ou dois dias de chuva se tornam perfeitos tremedais, nos quais tenho visto os bois que puxam as carroças se atolarem até a barriga; tenho visto mesmo as carroças ficarem atoladas e quase enterradas. A maneira pela qual os habitantes consertam essas ruas, quando ficam tão ruins que já não podem ser suportadas, é atirando paus, galhos de aloes e tijolos nos buracos.

Este país sempre me deu a idéia de ser uma região recentemente posta a descoberto pela retirada das águas, e que não teve ainda tempo bastante para endurecer ou produzir senão uma muito escassa vegetação.

As carroças em uso aquí, puxadas por grande número de bois, são parecidas com as do cabo de Boa Esperança. Sucedeu-me estar em Buenos Aires durante os três ultimos dias do carnaval (19), nos quais, neste como em outros países católicos, é permitida toda sorte de folia e disparates. O divertimento predileto consistia em jogar água das varandas e telhados das casas sobre as pessoas que passavam pela rua, e jogar uns nos outros ovos de cera cheios de água perfumada.

---

(19) Em 1834 o Carnaval caiu nos dias 9, 10 e 11 de fevereiro.

Esses divertimentos são praticados com tanto entusiasmo, especialmente pelas damas, que, dizem, numa casa gastarem durante o carnaval de 1834, 20 pesos de Buenos Aires na compra dos artigos acima mencionados. Durante aqueles três dias não se podia sair de casa sem ficar ensopado, mas à noite os mascarados passeiam pela cidade com luzes e música. Um peso papel valia, naquele tempo, cerca de sete *dinheiros* e meio, mas o seu valor desde então tem baixado mais.

Tive ocasião, um dia, de assistir uma parada de tropas na plaza de la Victoriã, e que corpo de soldados esquisitos eram eles! Os couraceiros, fardados de verde-escuro e bem armados com lanças, clavinas e espadas, de pés descalços e com os seus longos e revoltos cabelos negros caindo em desordem sobre seus ombros, tinham uma feroz e pitoresca aparência, mas pareciam e talvez fossem, mais bandidos do que soldados. A infantaria, porem, composta de homens de todos os tons de cor e todas as variedades de uniformes, alguns de jaqueta branca, outros de azul e outros de pardo, uns de chapéu de palha e outros com gorros de pele, não tinham senão as suas espingardas para, pelo menos indicar a pretensão que tinham de ser militares. Fizeram-me pensar no regimento do Falstaff, mas podia-se duvidar se eles possuiam mesmo uma camisa e meia.

A situação política de Buenos Aires era e é muito pior do que a do Brasil, mas não disponho de dados para entrar em pormenores sobre esse assunto. Em nenhum outro país, provavelmente, há revoluções e mudanças violentas de governo, sucedendo-se de uma a outra, tão rapidamente; e quero crer que em nenhum outro, pretendendo ser de qualquer modo um país civilizado, exista menos segurança pessoal. Ao tempo de minha visita, estava relativamente calmo, mas, assim mesmo, fui aconselhado por mais de uma pessoa a não me afastar de casa desarmado. Rosas, o chefè gaucho, que desde então, até certo ponto, se fez ditador e tirano de Buenos Aires, estava então ausente, combatendo contra os índios selvagens dos Pampas. Ouvi falar dele como sendo um homem de inegavel habilidade e de uma firmeza de caráter acima de todos os seus compatriotas; embora rude e sem instrução, era muito popular entre os gauchos, mas antipatizado e temido pelas classes superiores. Esses sentimentos foram bem justificados pela sua subsequente conduta. Durante o bloqueio francês de Buenos Aires e a guerra civil contra o partido de Lavalle, Rosas mos-

trou grande firmeza e determinação, mas, ao mesmo tempo, um espírito feroz e sanguinário; e parece que ele estabeleceu um verdadeiro reino de terror, subjugando a resistência das classes mais ricas e instruidas por meio dos seus gauchos selvagens. Da aparência deste povo selvagem das planícies, de muito a mais pitoresca das coisas a serem vistas em Buenos Aires, é desnecessário falar, pois nada pode exceder em fidelidade ou espírito ao retrato de um gaucho traçado pelos Srs. Robertson nas *Cartas sobre o Paraguai*. Suas maneiras foram descritas talvez um tanto favoravelmente demais por Sir Francis Head e mais recentemente pelo Sr. Darwin. Parecem estar no pior dos estados da sociedade humana.

Buenos Aires fornece uma das mais fortes provas da ineficiência de uma mera forma de constituição para assegurar a um povo os benefícios de um bom governo; pois este país possue uma constituição escrita, regular, da mais liberal espécie, a qual, todavia, na prática, é letra morta. Realmente, lembro-me de ter um comerciante inglês de lá afirmado que as leis de Buenos Aires eram melhores do que as da Inglaterra; porem reconheceu que elas nunca eram postas em vigor. A única lei que alí tem qualquer execução prática, é a lei do mais forte. Nenhuma melhora desse estado de coisas parece provavel, exceto por uma mudança de anarquia para despotismo, pois, infelizmente, a cidade, que é a sede do que de civilizado ou tendência para aperfeiçoamento possa existir entre o povo, é inteiramente dominada pelos selvagens das planícies, que teem o poder de bloqueá-la e reduzí-la à fome, quando quiserem, e que teem, de fato, promovido muitas das revoluções irrompidas nestes últimos anos.

CAPÍTULO VI

Partida do Rio para as minas de ouro — Serra da Estrela — Florestas — Paraiba e Paraibuna — Serra da Mantiqueira — Campos — Barbacena — Serra do Ouro-Branco — Capão — Chegada a Ouro-Preto.

Pouco tempo depois de minha volta de Buenos Aires para o Rio, comecei a preparar-me para a viagem ao interior, às minas de ouro de Minas Gerais. Em primeiro lugar comprei duas mulas de montaria, para mim e meu empregado, e outras duas para carregar a bagagem; por cada uma das duas primeiras dei 200$0 mil réis, equivalentes, ao câmbio que então vigorava, a cerca de £ 33-6-8; e por cada uma das destinadas ao transporte da bagagem, 170$0 mil réis, ou cerca de £ 28-6-8. Esses preços foram elevados, mas valeram a pena, porque os animais eram fortes, bons para o serviço e muito bem amestrados; e, consequentemente, livrei-me das inúmeras contrariedades e incômodos provenientes de mulas mal ensinadas, dos quais a maioria dos viajantes brasileiros teem se queixado. Tive, em seguida, de comprar selas e outros arreios, cangalhas ou selas para fardos, e vários outros artigos necessários, todos os quais são muito caros no Rio. Creio mesmo poder dizer, sem exagero, que me teria sido possivel viajar confortavelmente metade da Europa com o que me custaram os simples preparativos desta viagem no Brasil. No dia 20 de maio, minhas mulas e meu guia seguiram na frente, por mar, para o porto da Estrela, uma pequena aldeia na entrada da baía, onde as *tropas* ou caravanas de mulas são organizadas para viagem às Minas. Embarquei na manhã do dia 23, num dos grandes e pesados barcos usados dentro da baía e lentamente seguimos (pois não havia vento) para o mesmo lugar. Fiquei impressionado com a beleza das pequenas ilhas

cobertas de mato de que a baía é espessamente salpicada, e muitas das quais são habitadas; as cabanas aninhadas debaixo das orlas das florestas, perto do mar, com pequenas plantações de bananeiras ou de cana de açucar, lembraram-me as gravuras que vi das ilhas do mar do Sul. A parte superior da baía tem perfeitamente os caracteristicos do cenário de um lago. Cinco horas eram passadas desde que tínhamos partido da cidade, antes de chegarmos à entrada do Rio da Estrela ou Anhum-mirim, (20) um dos muitos pequenos e preguiçosos rios que desembocam no mar, na parte superior da baía. E' margeado principalmente de matas de mangueiras e outras plantas de pântano, mas, em parte, tambem por altos bosques. A sensação do ar quente e úmido fez-me lembrar, à força, uma estufa. Levamos hora e meia para subir o pequeno rio até o Porto da Estrela, uma extensa e dispersa aldeia, não, porem, de aparência tão pobre como tinha sido levado a esperar. Depois de uma consideravel demora aquí, enquanto carregavam as mulas, consegui, afinal, partir e segui para o norte, através da planície, por uma estrada muito boa; mas anoiteceu antes de alcançarmos a Raiz da Serra da Estrela, como é chamada essa parte da grande cadeia de montanhas da costa. Essa, como a parte mais oriental da cadeia, que eu já tinha visitado antes, é coberta de baixo até quase o cume de gigantesca floresta; a estrada que sobe, apesar de íngreme, é larga, calçada e accessivel para veículos até o cume ou Alto da Serra, que está a cerca de 3.376 pés franceses acima do nivel do mar, mas aquí o calçamento cessa de repente, e a continuação da estrada é estreita, irregular e só transitavel por mulas.

A primeira noite hospedei-me na *venda* de José Dias, cerca de dois terços do caminho para cima do desfiladeiro, onde passei bem, tendo conseguido um frango com arroz para o jantar. Aliás, verifiquei, durante todo o tempo da viagem, que estes eram os alimentos mais faceis de obter; mas, às vezes, até estes estavam incluidos naquilo que o Dr. Johnson (21), teria chamado a grande lista negativa de provisões; em muitas das outras *vendas* encontrei muito menos cortezia do

---

(20) Do tupí *nhũ*, campo, e *mirim*, pequeno, campinho; por corrutela *inhumirim*, topônimo conhecido.

(21) *Tour to the Hebrides* (Nota do autor) — Samuel Johnson — *Remarks on a Journal of a Tour to the Hebrides. In a Letter to James Boswell.* — London, 1786, *in-8*.

que na de José Dias. Divertiu-me, olhando à volta do aposento em que me achava alojado, só em pensar como semelhante quarto de dormir pareceria estranho na Inglaterra, pois as vigas toscas e as telhas do telhado estavam à vista, as paredes e o chão eram de barro descoberto e não havia outro movel senão um banco de madeira, onde estava feita minha cama. Deve-se notar que eu viajava luxuosamente, pois uma das mulas trazia roupa de cama e a outra uma bem abastecida cantina de provisões. Na manhã seguinte, depois da demora do costume, ocasionada pela trabalhosa operação de reunir e carregar as mulas, continuei a minha viagem e dentro em breve alcancei a parte mais alta do desfiladeiro. A estrada, durante toda a subida, é margeada por matas floridas, formando uma espécie de orla na floresta virgem que cobre as montanhas até os seus topes. Aquí e alí um abrupto pico de rochedo cinzento se ergue acima da massa de folhagem.

A vista do alto do desfiladeiro, sobre a planície do Rio com a sua baía, tem uma consideravel fama, mas me desapontou; é uma dessas vistas muito extensas, nas quais determinados objetos se tornam confusos e insignificantes devido à grande distância. O panorama do alto do Corcovado é infinitamente mais belo. Minha viagem, durante o resto do dia e todos os sete dias seguintes, foi através de florestas que formam como se fosse uma faixa entre a costa e o planalto descoberto, que constitue metade do oeste de Minas Gerais. A extensão dessa faixa, na direção em que a atravessei, não pode ser menos de 130 milhas. O terreno é muito áspero e irregular, e o seu nivel geral diminue gradualmente do cume da Serra da Estrela até as margens do rio Paraiba, que, no lugar onde a estrada o atravessa, fica mais ou menos a 540 pés acima do nivel do mar. A grande cadeia de montanhas da costa, pode-se, de fato, dizer que ocupa todo o espaço entre aquele rio e a planície do Rio de Janeiro; mas, na parte do sul, sobe bruscamente e com grande declive da planície, sem montanhas menores de permeio, enquanto que ao norte desce muito mais gradualmente e é dividida em cadeias menores e grupos de montanhas. Essas em geral teem subidas íngremes, mas contornos arrendondados e regulares. Os vales entre elas são fundos e estreitos. Colinas e vales são igualmente cobertos de bosques e das mais dominantes alturas sobre a estrada, até onde a vista pode alcançar não se vislumbra senão cordilheira

após cordilheira, cobertas com o mesmo manto escuro de floresta, pois as casas com suas plantações ficam lá em baixo, tão fundo nos vales, que raramente se pode vê-las, senão quando se está bem perto delas. A região é muito escassamente habitada: durante todos esses oito dias de viagem não vi coisa alguma que se assemelhasse a uma aldeia, e as casas isoladas ficam geralmente a uma distância de duas ou três horas de viagem, uma da outra. Partes do terreno aquí e alí são cultivadas, mas estas parecem apenas pequenos pontos em comparação com a vasta extensão ainda coberta de floresta virgem. Muitas vezes o preparo da terra para ser cultivada é feito tão apressadamente, que troncos de árvores, enegrecidos e meio queimados, ainda se encontram entre as plantações. O milho é a principal cultura; a mandioca é cultivada em alguns dos vales baixos e úmidos; a bananeira e o carrapateiro crescem em volta de todas as casas. O óleo obtido desta última planta é empregado como combustivel nas lamparinas. Junto à maioria das casas ficam *ranchos* ou grandes telheiros, sob os quais os muleteiros e frequentemente outros viajantes se alojam à noite.

A vegetação de toda essa extensão do país é geralmente parecida com a que já descreví falando do Corcovado e da Serra dos Orgãos. Não me cansei jamais de admirar estas soberbas florestas: a altura das árvores e a exuberância das trepadeiras são verdadeiramente maravilhosas, e a infinita variedade de suas formas e o seu conjunto oferecem um perene deleite à vista. Uma massa impenetravel de vegetação enche os vales fundos e a estrada muitas vezes parece estar separada de cada lado por uma parede verde, tão espessamente entrelaçadas e unidas estão as plantas.

Os bambús são excessivamente abundantes, especialmente alem do rio Paraiba, constituindo em muitas partes o maior volume da vegetação, por muitas milhas seguidas; quando novos, antes de soltar os seus galhos laterais, parecem gigantescas varas de pescar; depois formam arcadas verdes de beleza singular. Algumas das palmeiras são tambem notavelmente belas, especialmente o Palmito (*Euterpe oleracea*), que cresce a uma altura de 80 a 100 pés, com uma haste fina e lisa como uma vara e uma graciosa coroa de folhas de um verde brilhante pendentes e plumosas. A parte tenra da haste dessa palmeira é frequentemente comida ensopada ou cozida

e é um dos legumes mais agradaveis. O pinheiro brasileiro (*Araucaria Brasiliana*) encontra-se aqui e ali nas florestas, mas não é muito abundante; é uma árvore alta e grande, de aspecto singular quando está completamente crescida, com galhos muito compridos saindo do tronco, em círculos, quase horizontalmente, mas curvando-se para cima nas extremidades e formando uma cabeça larga e chata de um verde muito escuro. Um feto, chamado *Samambaia*, pelos brasileiros, cresce em toda parte ao lado da estrada e cobre o terreno que foi capinado há dois ou três anos. E' muito parecido com a nossa *Brake*, mas cresce muitas vezes a uma altura de seis a oito pés e até mais. O solo em todas essas florestas é de um barro vermelho duro, coberto de uma camada de terra comum e cobrindo rochedos de granito que raramente sobem alem da superfície. A estrada em alguns lugares é boa, em outros muito íngreme e irregular e, às vezes, tão estreita que duas mulas carregadas passam com dificuldade. E' muito frequentada: todos os dias encontrávamos grandes tropas de mulas vindo do interior geralmente carregadas de fardos de um tecido grosso de algodão, às vezes queijos de Minas ou couro. E' surpreendente, quando se leva em consideração a falta de policiamento e a ineficiência das leis, que os roubos não sejam mais frequentes nessa estrada, que é a grande linha de comunicação entre o Rio e as Províncias do interior e pela qual é trazido todo o ouro das minas. Certamente nunca vi um país que parecesse mais apropriado para as façanhas de bandidos do que este, pois a estrada, subindo e descendo colinas íngremes e atravessando vales estreitos, é dominada em todos os pontos por elevações cobertas de mato, onde dois ou três bons atiradores, escondidos entre árvores e arbustos, poderiam facilmente fazer parar uma caravana inteira sem se exporem a grande perigo. Ouvi dizer que alguns roubos à mão armada e assassinatos teem sido cometidos, mas somente contra solitários e pobres viajantes indefesos. Os salteadores brasileiros parecem ter muito pouca audácia e espírito de iniciativa. Às vèzes encontrávamos mulheres a cavalo. Seu trajo em tais ocasiões, afigura-se um tanto grotesco a um inglês: usam (mesmo no tempo mais quente) longos mantos soltos, botas altas como as dos homens, com grandes esporas e andam sempre escarranchadas.

Reuní todas estas observações gerais para evitar repetições, que de outra forma teriam que ocorrer na descrição de minha viagem. A esta agora volto, observando que, da Serra da Estrela ao limite extremo da região das florestas, a direção geral da estrada é, geralmente falando, para noroeste.

24 DE MAIO

Meu segundo dia de viagem, de cerca de cinco horas, terminou em Manga-Larga, uma pequena casa situada num vale fundo entre as montanhas, onde fui muito cortesmente recebido. No dia seguinte uma caminhada de cerca da mesma distância levou-me a Pampulha, um pequeno grupo de vendas com diversos ranchos; dizem que a distância de Manga-Larga é quatro leguas, mas as distâncias calculadas nesta terra são muito incertas e merecem pouca confiança. Parte da viagem deste dia foi pelas margens do rio Piabanha, que nasce atrás da Serra da Estrela e lança-se no Paraiba: é um belo riacho de montanha, em alguns lugares fundo e calmo, mas geralmente encravado entre rochedos e correndo com grande estrondo e ímpeto sobre um leito pedregoso e sombreado por magníficas árvores e pelos compridos arcos de bambús.

26 DE MAIO

Na manhã seguinte, ao levantar-me, as colinas estavam cobertas de uma espessa neblina fria que não se dissipou senão quase às nove horas. Dormí aquela noite numa *venda* chamada Lucas, perto do rio Paraiba, a qual foi a melhor casa em que me hospedei desde que saí do Rio, sendo caiada tanto por dentro como por fora e tendo teto o quarto em que dormí. O dono, que tinha estado na Inglaterra e falava inglês sofrivelmente bem, foi extraordinariamente cortês e pedia muitas desculpas desnecessárias pelo jantar que me serviu, o qual estava realmente bom.

27 DE MAIO

No dia 27, em menos de meia hora depois de partir, alcancei o Paraiba, que é o rio mais importante da Província do Rio de Janeiro. Nasce na cadeia de montanhas da costa, na fronteira da Província de São Paulo, corre por alguma dis-

tância na direção de oeste, depois dirige-se bruscamente para nordeste e conserva esta direção até que a ele se junta o Paraibuna ou rio Preto; depois do que corre para leste, dividindo a Província do Rio de Janeiro das de Minas Gerais e Espírito Santo. No lugar em que o atravessei (acima da junção com o Paraibuna), que não me pareceu tão largo quanto o Tamisa na ponte de Westminster, procede com uma corrente mansa e tranquila, entre colinas cobertas de mato baixo e tem muitas casas espalhadas pelas suas margens do norte. A altitude deste lugar, que é chamado Registo do Paraiba, está, segundo o mapa de Von Eschwege, a 42 pés acima do nivel do mar. O rio é atravessado por uma ponte volante. Daí ao Paraibuna são quatro leguas e meia de distância, ou sejam 17 ou 18 milhas inglesas; mas levamos seis horas devido ao fato de serem algumas das montanhas excessivamente íngremes. O Paraibuna, que aqui serve de limite às Províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, é um rio muito menor e mais rápido do que o Paraiba, cheio de rochedos e faz lembrar alguns dos rios do País de Gales. E' atravessado por uma ponte de madeira, coberta com arcadas de pedra, uma sólida e respeitavel estrutura. Na margem do sul, perto da ponte, existe um posto militar; em frente, na margem íngreme do norte, duas ou três pequenas casas caiadas de branco e cercadas de plantações de café e bananeiras, formando um agradavel contraste com os bosques escuros.

Aquele posto, segundo o mapa de Von Eschwege, fica a 854 pés acima do nivel do mar.

28 de Maio

No dia 28, partindo com uma espessa neblina, atravessei a ponte, entrei na Província de Minas Gerais e em cerca de quatro horas cheguei ao Registo de Matias Barbosa, que era antigamente um posto policial, para exame de passaportes e da bagagem dos viajantes vindos das Minas. Agora, porem, esse posto foi abandonado, e seguí para um lugar chamado Ribeirão da Viuva, onde me alojei num *rancho;* o quarto que me mostraram dentro da casa era intoleravelmente sujo e tinha mau cheiro. Um *rancho* consiste apenas num telhado de madeira apoiado em postes, sem paredes. Um grupo de muleteiros tinha acampado do outro lado deste lugar e à noite a luz

trêmula do seu fogo, refletindo no teto, produzia um belo efeito; mas fui constantemente perturbado pelo latido de seus cães, e isso, juntamente com o frio, me impediu de dormir bem. Em geral, durante a viagem, achei as noites intensamente frias, se bem que muito claras e resplandecentes. De manhã havia quase sempre uma densa neblina que, às vezes, durava até quase meio-dia; quando ela se dissipava, as gotas deixadas sobre a relva e as plantas, brilhando ao sol, tinham um magnífico aspecto e nada podia ser mais delicioso do que a temperatura do ar.

Ao atravessar o Morro do Medeiros, uma colina muito alta e íngreme, observei uma multidão de pequenas cruzes de madeira fixadas no rochedo. Disseram-me que todos os negros colocam uma dessas cruzes quando pela primeira vez viajam por essa estrada. A região desse lado do Paraibuna é tão escarpada e coberta de mato quanto o outro, mas suas montanhas devem ser consideradas como pertencentes ao sistema da Serra da Mantiqueira, a grande cordilheira divisória que atravessa Minas Gerais, e não à cadeia da costa. Os riachos, que são numerosos, mas pequenos, correm na direção sul, sudeste ou leste, e desaguam ou no Paraibuna ou no rio Pinho, outro tributário do Paraibuna.

Passei a noite de 29 na fazenda de José Vidal; a seguinte numa outra grande fazenda chamada Estiva, onde fui muito cortesmente recebido. A dona desta casa, sem exceção a mulher mais gorda que jamais tinha visto em minha vida, estava sentada numa varanda aberta que se estendia ao longo do primeiro andar da casa, dando ordens, gritando numa tremenda voz aos escravos que trabalhavam em baixo. Esses ocupavam-se em debulhar os *feijões* (*kidney beans*), que são o principal artigo de alimentação dos mineiros. Na viagem desse dia, da fazenda de José Vidal para Estiva, vi mais terra desbravada do que do costume; grandes áreas tinham sido privadas de suas roupagens florestais e estavam cobertas de árvores baixas ou samambaias.

A viagem do dia seguinte, de quatro léguas e meia, ainda através de florestas, levou-me a Lourença, uma *venda* dirigida por um preto velho e gordo; e um dia depois, finalmente, cheguei ao limite desta vasta faixa de floresta. Por alguma distância alem de Lourença, aliás, as florestas continuam espessas e altas, mas, perto do meio-dia começamos a subir uma

montanha muito íngreme, uma parte da cadeia da Mantiqueira, que as mulas galgaram com grande dificuldade, a estrada sendo, não só formidavelmente íngreme, como tambem tão escorregadiça devido à neblina da manhã, que mal podiam se manter de pé.

Depois de alcançar a parte mais alta dessa montanha, percebí uma rápida mudança na aparência da região. A floresta tornou-se menos cerrada à medida que avançávamos e as árvores menores, exceto a *Araucaria,* ou pinheiro brasileiro, que era abundante e de um tamanho enorme, e que, finalmente, substitue quase inteiramente as outras árvores. Nesse trecho da estrada observei um grande número de ninhos de formiga, de tamanho maior do que quaisquer outros que já tinha visto, sendo mais altos do que minha cabeça, estando eu montado na mula; eram, mais ou menos, na forma de uma pilha de feno, e feitos de barro, que se torna quase tão duro como tijolo, devido à ação do sol. Paramos em uma grande fazenda chamada (como melhor conseguí entender o nome) João de Barraca, à beira da terra aberta. A' vegetação nas suas vizinhanças é de natureza completamente diferente de tudo quanto tenho visto até agora.

Durante os seis dias seguintes viajei na direção do norte através do planalto aberto, chamado *Campos* pelos brasileiros. que se extende do oeste da serra da Mantiqueira e serra do Espinhaço ao rio Paraná, ocupando toda a parte sudoeste de Minas Gerais e estendendo-se até as Províncias de São Paulo e Goiaz. Este extenso planalto não é uma planície toda no mesmo nivel, como os Pampas de La Plata, ou como os Llanos da Venezuela (tão belamente descritos por Humboldt), mas tem uma superfície ondulada, com largos vales cavados, dos quais se erguem longas colinas arredondadas com rampas suaves e faceis para uma moderada elevação. São geralmente desprovidas de árvores e um pouco escassamente cobertas de grama fina e pequenos arbustos, os quais raras vezes excedem a altura de tres ou quatro pés. Nas concavidades encontramse frequentes, mas não grandes bosques insulados, que constam de árvores baixas, torcidas e atrofiadas, com pouco mato e poucas ou nenhumas trepadeiras; e às vezes árvores anãs ou até menores do que as dessa espécie se acham espalhadas pelas colinas. Nada pode ser mais diferente da luxuriante e suculenta vegetação das florestas. A aparência geral

e a superficie desta região não são muito diferentes das dos *Downs* na Inglaterra, mas a grama é mais escassa e menos verde e o solo, em vez de ser greda, é um barro vermelho e duro, que contem grande número de pedaços angulares de quartzo e minério de ferro e às vezes finas camadas desta última substância. Devido à violência das chuvas na estação calmosa o barro fica cortado em barrancos e ravinas de extraordinária profundidade e extensão, que muitas vezes obrigam o viajante a dar voltas para evitá-los, pois são em muitos lugares intransitaveis. Os riachos nesta região até Ouro-Branco, ao norte, correm todos na direção de oeste e se ajuntam às águas do Paraná. São razos e facilmente vadeaveis (exceto no tempo das chuvas), com margens baixas e pantanosas; ao passo que os riachos da região das florestas correm geralmente em canais fundos, entre margens rochosas e íngremes, e não são praticaveis senão por meio de pontes. O nivel geral do planalto varia de 2.000 a 3.000 pés acima do nivel do mar e em muitos pontos excede a 3.000. Seu clima é temperado, muito agradavel, e, salvo durante a estação chuvosa, muito menos úmido do que o das florestas. Apesar da uniformidade da aparência geral da terra, verifica-se que a vegetação, quando examinada, é notavelmente variada e rica em espécies diferentes; não tem analogia com a de Buenos Aires, e consiste em grande parte, das mesmas famílias de plantas que aparecem nas florestas, embora, devido à diferença de situação e clima, sejam diferentes no seu modo de crescimento. Muitos dos pequenos arbustos dos campos são belíssimos, especialmente os ligados a Rhexia e Melastoma, das quais existe uma infinita variedade, dando flores roxas, cor de rosa, brancas e amarelas. As murtas são muito numerosas, assim como flores duplas da mesma espécie que as gencianas. Os Lisianthus são singularmente belos. A única árvore grande é a Araucaria, que não é rara nestes campos e em alguns lugares forma grandes alamedas. O ar destas elevadas extensões abertas é fresco e vigorante, e logo a princípio se sente alguma coisa que alegra na vastidão e liberdade da vista depois de uma longa viagem através das florestas; mas a placidez, o peso, as inumeraveis formas e a monotonia do colorido dessas colinas, cedo cansam a vista e a cena é relativamente pouco variada pela aparência de vida animal. Tanto os pássaros como os insectos (com exceção das formigas) são muito menos numerosos do que nas

florestas e as borboletas em particular, pode-se realmente dizer que são escassas.

O chão é todo perfurado pelas tocas dos tatús, mas o animal mesmo é raramente visto durante o dia. Nesta estação não encontrei cobras, se bem que vi muitas quando tornei a atravessar a mesma parte da região na estação calmosa. Os grandes ninhos de formiga já mencionados são muito numerosos em todos os campos e teem aspecto curioso; poderiam ser tomados por cabanas de lama. São muitas vezes do mesmo tamanho, e semelhantes em forma às cabanas dos selvagens do Sul da África. No dia 2 de junho cheguei a Barbacena, o primeiro lugar digno de nota existente na estrada do Rio para as Minas; é uma cidade comprida, espalhada, construida com irregularidade e estendendo-se por quase uma milha sobre a montanha, a uma altura de 3.313 pés de París (Vón Eschwege). Contem diversas boas casas de dois andares, com janelas de vidraça (que são raras no interior do Brasil): assim como uma prisão, um pelourinho de pedra, onde são executados os criminosos, e duas igrejas grandes, mas feias, as quais, como ficam situadas no alto, são vistas de uma grande distância. A rua principal é larga e em parte calçada. Na altitude de Barbacena, a banana ainda medra e a laranjeira dá frutos em abundância, mas não de gosto tão bom como na costa. A viagem no dia seguinte foi apenas de três léguas, para um lugar que meu guia chamou de "Resaque", mas encontro o nome nos mapas escrito "Ressaca" ou "Riçaca"; é apenas um pequeno grupo de cabanas de barro, situado num vale. Enquanto aquí estudava botânica, tive o prazer de ver pela primeira vez um tucano vivo, pousado num galho murcho no alto de uma pequena árvore. A primeira vista de animais que até então só se conhecia através de descrições ou por ver espécimes empalhados, produz uma sensação de interesse e satisfação conhecida somente pelos naturalistas. O dia 4 de junho foi frio e chuvoso e fiz uma viagem muito desagradavel de tres leguas até Grandaí ou Carandaí, uma fazenda bem tratada, pertencente a um capitão da milícia, que me recebeu com a maior cortesia. A aparência desta região descampada neste mau tempo era triste, sombria e melancólica, quase nenhuma criatura viva era vista, e eu muito intensamente sentia o frio, porem depois de se residir num clima tropical durante algum tempo fica-se excessivamente sensivel a qualquer variação de temperatura. Entre

Carandaí e Paraopeba o terreno descampado é interrompido por consideraveis extensões de florestas baixas. A estrada onde ele atravessa os vales pantanosos é excessivamente má. Em Paraopeba, numa grande fazenda, mal construida e de aspecto sombrio, o quarto em que fui alojado podia-se orgulhar de ter o luxo de uma mesa e uma cadeira, ambas aliás de construção suficientemente grosseira, e a cama tinha cortinas, que pareciam ter sido vistosas, há muito tempo, porem não havia outra roupa de cama, senão uma esteira.

6 DE JUNHO

Durante a viagem do dia seguinte vi muitos pica-paus de plumagem lindamente variada, que ficam trepados nas árvores baixas espalhadas aquí e alí e, quando alguem deles se aproxima, dão um grito estridente, e fazem com um vôo ondulante semelhante ao dos nossos picanços verdes. Na tarde do dia 6 cheguei a Queluz, uma grande aldeia um pouco dispersa situada sobre uma colina, com uma igreja feia, caiada de branco e cercada de palmeiras. A maioria das casas é tambem caiada, muitas com dois andares, com pesadas varandas de madeira, e algumas mesmo com janelas de vidraça. Nas terras cultivadas em volta de Queluz, notei bananeiras, café, algodão, milho, carrapateiros, abacaxí, mandioca e laranjeiras; mas as últimas duas em muito pequena quantidade. A região é geralmente pouco habitada, porem mais povoada do que as florestas, e não há plantação senão na imediata proximidade das casas.

7 DE JUNHO

No dia 7, continuando a minha viagem de Queluz para Ouro-Branco, vi as primeiras obras das minas de ouro; tinham sido de fato abandonadas há algum tempo, porem os seus vestígios ainda tinham ficado na forma de profundas trincheiras e grandes montões de pedras. À medida que nos aproximávamos de Ouro-Branco as montanhas tornavam-se mais altas e mais cobertas de mato. A serra de Ouro-Branco, uma comprida montanha retilínea de consideravel altura, com uma face muito íngreme, erguia-se diante de nós, formando um ponto de destaque no panorama: a aldeia do mesmo nome fica situada

perto do pé da montanha, na região descampada, 3.224 pés franceses acima do nivel do mar (mapa de Von Eschwege). Um estreito vale coberto de mato, correndo ao longo do pé da serra, a separa da planície e em muitos pontos o mato vai até bem alto na encosta da montanha, mas é baixo comparado com as florestas da costa.

Uma linda Bignonia (*Bignonia venusta*) que depois verifiquei ser muito comum na região das minas, nasce abundantemente nestas matas, subindo por cima dos arbustos e árvores baixas e ornando-as com suntuosos molhos de flores côr de laranja, muito viva.

8 DE JUNHO

Meu caminho no dia seguinte acompanhou este vale por alguma distância; depois, virando bruscamente para a esquerda, subiu a face íngreme da montanha; e aquí o barro vermelho desapareceu de repente, e o rochedo sólido apresentou-se sem estar coberto de terra ou vegetação. Era o que os naturalistas bávaros Spix e Martius (vide seus *Travels in Brazil* (22), tradução inglesa) denominaram ardósia de quartzo (**quartz-slade**), consistindo de quartzo branco extremamente fino e mica branca de um brilhante lustro, os dois ingredientes quase em partes iguais, mas dispostos alternadamente, dando ao conjunto um aspecto imperfeito de ardósia. Esta espécie de rocha, sob várias modificações, constitue a maior parte das montanhas auríferas de Minas. Enquanto subia a serra do Ouro-Branco, que é excessivamente íngreme desse lado, vi pela primeira vez aquelas curiosas plantas chamadas Vellosias, que parecem pertencer particularmente a essa espécie de rocha; suas hastes ásperas e escamosas, com três a cinco pés de altura, são repetidamente bifurcadas e cada galho é terminado por um tufo de folhas pontudas e retas, muito parecidas com as do *Yucca* ou *Adam's Needle* (Yucca filamentosa). Aliás a aparência geral desta planta é a da mandioca, com uma haste bifurcada. Nunca as vi em florescência. O alto da Serra é largo e plano, coberto de ervas rasteiras e a descida ao norte é insig-

---

(22) *Travels in Brazil in the years* 1817-1820 *undertaken by command of His Magesty the King of Bavaria.* — By Dr. Joh.-Bapt. von Spix and Dr. C. F. Phil. von Martius. — London: printed by Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown, and Green. 1824, two volumes, *in*-8.

nificante. Do alto tive uma vista ampla sobre os campos que tinha atravessado durante a semana passada, mas na direção oposta a vista é muito mais limitada, não se vendo senão imensas colinas verdes, através das quais se estende o nosso caminho para Vila-Rica. De vez em quando grupos de arbustos ou árvores anãs e rochedos cinzentos, aparecendo na superfície, davam variedade aos estensos pastos da montanha, que estão longe de possuir a mesma verdejante beleza dos Alpes, mas são ornados de uma multidão de lindas flores. Por esta região alta seguimos até a grande fazenda do Capão, a três leguas e meia de Ouro-Branco, onde fiquei bem alojado. As colinas em volta dêste lugar são de um talco mole, branco e oleoso que se tritura com os dedos, e depois de chuvas fortes costuma ceder em bloco, formando extensos aluimentos. Os bem conhecidos topásios amarelos são encontrados em tal ocasião e apanhados principalmente ao terminar a estação das chuvas.

Quando voltei por este caminho em janeiro, comprei uma quantidade deles, muito barato, mas nenhum era um bom espécime. E' muito raro encontrar-se cristais de topásio brasileiro, com ambas as extremidades piramidais perfeitas. Junto com eles se encontram minérios de ferro magnético e especular, quartzo transparente e às vezes aquele mineral muito raro — a euclásia (esmeralda do Brasil).

9 DE JUNHO

De Capão à cidade de Ouro-Preto ou Vila-Rica, a capital de Minas, são quatro léguas, passando por montanhas verdes arredondadas, nas encostas das quais o sombrio pinheiro brasileiro cresce espalhado aquí e alí. As margens dos pequenos riachos nos vales são ornadas de samambaias, uma pequena espécie de bambú, lindas Lasiandras roxas e umas flores vermelhas parecidas com as Lobelias (*Siphocampylus,* de Pohl). As casas e terras cultivadas tornaram-se mais numerosas à medida que nos aproximávamos da capital e em muitos lugares a estrada era calçada, mas muito mal conservada. Uma ponte de pedra, a primeira que tinha visto depois de sair do Rio, era sinal notavel de civilização. Depois de quatro horas de viagem, atingindo o alto da colina, vi diante de mim parte da cidade de Ouro-Preto, com suas igrejas e casas brancas, pitorescamente

agrupadas, parte sobre a encosta de uma longa cadeia de montanhas paralela a em que tínhamos viajado durante algum tempo, parte sobre colinas mais baixas. Em pouco tempo entramos na cidade, mas, durante quase uma hora, tivemos de atravessar ruas mal calçadas, subindo e descendo ladeiras íngremes, até chegarmos à hospedaria. Achei a viagem de 18 dias do Rio de Janeiro, muito interessante e suportada com muito menos fadiga e embaraço do que tinha sido levado a esperar. Estava bem abastecido e servido por um criado ativo e experiente, e a estação era a mais favoravel para viajar. Nos meses das chuvas tem de se acarretar com muito mais dificuldades e embaraços. Mesmo nesta época do ano a estrada estava muito ruim em muitas partes; aliás alem do alto da Serra da Estrela, não há, em parte alguma, uma estrada *construida*, propriamente dita, nem nenhum cuidado se toma para conservá-la em boas condições; é apenas uma vereda aberta pelos muleteiros ou conservada pela passagem das mulas através das florestas ou pela região descampada, e mantida aberta pelo tráfico contínuo. As pontes de madeira que são lançadas sobre os riachos na região das florestas estão geralmente em mau estado de conservação e não pouco frequentemente são perigosas. Nos campos, em geral, não existem pontes e os viajantes, na estação das chuvas, muitas vezes ficam retidos pelas inundações. A construção das casas nesta estrada é um pouco uniforme. São feitas de mourões fortes enterrados na terra e ligados por vigas transversais, ou ripas entrelaçadas por pequenas varas; blocos de barro são então colocados nos interstícios do entrelaçado e finalmente, tanto por dentro, como por fora, são as casas rebocadas com barro e algumas vezes caiadas. A coberta é em geral de telhas e, às vezes, raramente de folhas de palmeira. As casas das fazendas costumam ter um andar superior e ao longo deste, na frente, uma varanda aberta (como se vê em casas suiças), para a qual se sobe por uma escada exterior. As *vendas*, ou tavernas, são construçõezinhas miseraveis, simples choupanas ou cabanas, em geral, com um pequeno quarto sujo com chão de barro, para alojar o viajante e sua bagagem; este quarto não contem outro mobiliário que não seja um banco de madeira com uma esteira ou um couro de boi estendido sobre ele, o qual deve servir de cadeira, mesa e cama; às vezes nem mesmo janelas tem, a única luz que nele penetra é pela porta e pelas bandas do telhado.

Por toda a extensão desta estrada, contudo, achei os *vendeiros*, em geral, muito mais corteses do que os daquela pela qual voltei para o Rio; e nunca me faltou comida. Frango com arroz havia em todos os lugares em que parei entre o Rio e Ouro-Preto, mas leite obtinha-se raras vezes, pão ainda mais raramente e vinho bebivel quase nunca. Um viajante no Brasil deve certamente levar consigo uma boa provisão de biscoitos, ou bolachas, vinho ou aguardente e chá. A gente do país alimenta-se principalmente de *farinha* (farinha de milho, não em forma de pão ou bolo, mas comida em pó mesmo), *feijões, carne seca e bananas*.

CAPÍTULO VII

Ouro-Preto — Mariana — Bento Rodrigues — Catas-Altas — Cocais — Gongo-Soco.

A cidade de Ouro-Preto, literalmente *black-gold,* mais conhecida pelo seu antigo nome de Vila-Rica, fica situada, parte na encosta sul da longa montanha chamada Serra de Ouro-Preto e suas ramificações, e parte no vale que separa esta montanha do Itaculumí. E' uma cidade de muito singular e notavel aparência, sem semelhança alguma com qualquer outra que eu conheça. As suas ruas são íngremes, estreitas e tortuosas, calçadas com pequenas pedras redondas que machucam muito os pés; as casas teem pesadas sacadas de madeira na frente das janelas, e muitas vezes galerias engradadas, projetando-se para fora, acompanham toda a extensão da frente e ficam pendentes sobre a rua. No profundo vale estreito e nos barrancos que a ele vão ter, as casas são amontoadas umas sobre as outras, formando uma massa compacta; em outros lugares elevam-se umas acima das outras pelos lados íngremes das colinas, como na Cidade Velha de Edinburgo; ainda em outros pontos são extensamente espalhadas entre jardins com terraços, rampas cobertas de relva e declividades de rochedo; e em cada lado existe um caos de enormes montanhas íngremes, escarpadas e estereis. Todo o cenário é extremamente pitoresco e notavel, mas de aspecto um tanto severo. A população de Vila-Rica dizem ser de 8.200 habitantes. O castelo que serve de residência ao governador da Província, fica situado na parte mais alta da cidade e não longe da casa da câmara, um grande e notavel edifício, de arquitetura simples com uma torre alta; aquí a assembléia provincial realiza as suas sessões. A parte baixa do edifício serve de prisão. A hospedaria em que estive alojado (e que era bem boa), ficava perto da casa da

câmara e todas as tardes eu via os presos, que tinham sido condenados a trabalhar nas obras públicas, voltarem do trabalho, acorrentados dois a dois, escoltados por uma guarda de soldados.

Há diversas fontes em diferentes partes da cidade e algumas bôas pontes de pedra sobre o pequeno, mas veloz rio (o Ribeirão do Carmo), que corre na direção de leste pelo fundo do vale. Esse curso de água tributário do Rio-Doce, segue com suas barrentas águas vermelho-escuras por um canal estreito, muito obstruido por penhascos, recebendo numerosos pequenos regatos tributários que descem rapidamente pelos barrancos fundos da serra de Ouro-Preto. O vale do Carmo interrompe a grande cadeia de montanhas que, com vários nomes, corre na direção norte ou nordeste através da Província de Minas e divide-a em duas partes, um tanto desiguais, a parte leste coberta de florestas e a parte oeste, descampada e geralmente coberta de erva.

A serra do Itaculumí, que domina o vale e a cidade de Ouro-Preto, e atinge a uma altura muito superior a de todas as suas vizinhas, pode ser considerada como o ponto terminal da parte sul da cadeia; a parte norte começa com a serra de Ouro-Preto, que é sucedida, ao norte, pelo bloco muito mais alto e destacado da serra do Caraça. O Itaculumí, segundo uma informação, fica a 5.368 pés de altura acima do nivel do mar, mas por outro cálculo está a tanto quanto 6.080 pés. E' quase sem árvores, muito escarpado e cheio de penhascos na parte superior e fortemente caracterizado por um notavel penhasco, semelhante a um enorme dente, projetando-se para fora do cume um pouco abaixo do ponto mais elevado.

A altura de Vila-Rica, propriamente dita (isto é, a sua parte mais alta), é, segundo o mapa de Von Eschwege, de 3.547 pés (franceses).

As montanhas em volta de Vila-Rica são formadas de várias e diferentes espécies de rochedos, muito interessantes sob o ponto de vista mineralógico. A primeira e mais abundante é a ardósia de quartzo de Spix e Martius, uma modificação do rochedo de quartzo, aproximando-se da mica de ardósia: é composta de quartzo granular alternado com camadas de mica brilhante e varia em cor, dureza e na proporção de suas partes constituintes. Às vezes tem a aparência de uma pedra

de areia micácea com veios finos, outras vezes, ao contrário, transforma-se numa genuina pedra de mica. O Itaculumí, em grande parte, é formado desta rocha. Em várias partes das ramificações laterais da serra de Ouro-Preto existem camadas de ardósia de talco, muito mole e luzidia, como as de Capão; pequenos, mas perfeitamente regulares cristais octaedrais de óxido magnético de ferro estão encravados em grande abundância nessa serra. O mineral chamado Rhaetizite, uma variedade de Ryanite ou Disthene, tambem se encontra nela. Uma consideravel parte da serra é formada pelo que já tem sido chamado de *iron-mica-slate* (*Jacutinga*, dos brasileiros), uma rocha quase exclusiva, creio eu, desta parte do Brasil (23) e consistindo de óxido de ferro em forma de lâminas ou granular, misturado, em várias proporções, com quartzo granular. Em seguida à ardósia de quartzo, é essa rocha que constitue principalmente as montanhas auríferas de Minas. Sobre todas estas rochas encontra-se um conglomerado de pedra ferruginosa escura com um pouco de quartzo cimentado por uma argila vermelho-escuro-ferruginosa, que em muitos casos se torna extremamente dura. Essa formação tambem se encontra muito extensamente em Minas Gerais e como as outras que enumerei (exceto a ardósia de talco) produz grande quantidade de ouro. Aliás, Vila-Rica deve, tanto o seu nome, como a sua importância, à surpreendente abundância deste precioso metal que, durante o século passado, foi encontrado em suas montanhas e no leito do seu rio. As operações, entretanto, foram conduzidas pela maneira inhabil e desmazelada habitual do Brasil, e por muitos anos passados a riqueza mineral desta região tem parecido estar esgotada, se bem que, talvez, com perícia e espirito de empreendimento, se pudesse descobrir que tais aparências são falsas. No Ribeirão do Carmo vê-se muitas vezes negros, com ancinhos e alguidares, lavando a areia em busca de ouro, e ao longo de todo o lado da serra de Ouro-Preto existem inúmeras pequenas cavernas cavadas nas rochas, de onde antigamente o precioso metal era extraído; mas nenhuma delas foi levada a uma profundidade de muitos pés.

A natureza do cenário em volta de Ouro-Preto não é, de maneira alguma, tropical, mas é tal que, quando eu não pres-

(23) Rocha friavel argilosa, que serve de jazida ao ouro; deve o nome à semelhança de coloração com a ave assim chamada, da família dos Cracídeos (*Cumana jacutinga*, Spix).

tava particularmente atenção aos detalhes da vegetação, poderia facilmente imaginar que me achava em Carnarvonshire. Muitas espécies tropicais ainda existem, especialmente nos barrancos, tais como os fetos, uma espécie pequena de bambú, a bignônia e lindos espécimes de *Lasiandra* e *Siphocampylus*. Mas, a maior parte das plantas são mais do gênero Alpino, apesar de muito diferentes das espécies das montanhas européias; muitas vezes nos fazem lembrar delas pela sua aparência geral. Os rochedos e muros ao longo da estrada de Mariana são cobertos de uma linda tapeçaria de fetos e musgos.

No dia 14 subí o Itaculumí, mas, como fui sem guia, errei o caminho entre os rochedos e não alcancei o pico mais alto. Até uma certa altura há uma vareda facil alargando-se entre apraziveis pastagens verdes e rochedos pitorescos e às vezes através de bosques em miniatura, os quais apresentam uma variedade de plantas interessantes. A parte superior da montanha é de um aspecto estranho: enormes blocos de rocha nua se levantam como castelos antigos e entre eles rampas escarpadas, mas suaves e cobertas de grama. Apesar de serem em escala muito maior, lembraram-me muito daqueles rochedos notaveis de Linton ao norte de Devonshire. O silêncio profundo dessas elevadas regiões, o cenário silvestre e admiravel e a pureza e frescura do ar produzem a mesma agradavel sensação que se goza nos Alpes suiços. A grande massa do Itaculumí, como já mencionei, é de ardósia de quartzo; perto da base está coberto de uma mistura ferruginosa e alguns dos pequenos riachos que correm por esta parte da montanha são de água excessivamente férrea. As curiosas *Vellosias*, que eu tinha visto antes na serra de Ouro-Branco, crescem em abundância nos rochedos de quartzo perto do cume do Itaculumí.

Depois de passar cinco dias em Ouro-Preto de lá saí, no dia 15 de junho e seguí para Mariana, distante duas léguas. A estrada que é boa e muito frequentada, segue na primeira légua pela encosta da serra de Ouro-Preto, às vezes entre casas de campo e jardins, às vezes entre pitorescas massas de rochedos. Em Passagem, mais ou menos no meio do caminho entre as duas cidades, a estrada desce para o vale e atravessa o Carmo por uma boa ponte de pedra. Mariana, uma cidade episcopal, é consideravelmente menor que Ouro-Preto (pelo menos ocupa muito menor espaço, apesar de dizer-se que sua população é apenas de 1.200 habitantes menos do que a de Ouro-Preto):

mas tem uma aparência muito mais alegre e agradavel e o cenário em torno tem um aspecto aberto e risonho, em vez da severa, mas pitoresca austeridade que caracteriza a outra. Está situada a mais de mil pés abaixo de Ouro-Preto, mas ainda no vale do Carmo (aqui largo e aberto), que corre por muitos canais estreitos em um leito largo e areiento e é atravessado por uma ponte de madeira. Mariana contem uma grande quantidade de igrejas, algumas das quais não são feias e tem padres em abundância. E' a capital eclesiástica de Minas Gerais, ao passo que Ouro-Preto é a capital para fins militares e políticos. No dia seguinte, continuei a viagem para a aldeia de Bento Rodrigues, a princípio caminhando pelo vale pantanoso de um pequeno riacho que corre para o Carmo entre montanhas cobertas de mato de moderada altura; mas, dentro em pouco, a estrada, virando para a direita, sobe uma dessas colinas e continua durante muitas milhas sobre terreno elevado. No vale e nas partes mais baixas das montanhas os rochedos são compostos de ardósia de ferro e mica, que onde quer que uma face nova apareça exposta brilha o sol como aço polido. Nas alturas o rochedo de quartzo aparece em grandes extensões. Muitas partes da região entre Mariana e Bento Rodrigues são cobertas de espessas florestas que, no entanto, não teem o exuberante desenvolvimento das matas da Serra do Mar, e conteem uma maior proporção de árvores decíduas, porem se assemelham mais com estes do que os pequenos bosques dos *campos*. Outras partes são desprovidas de árvores e cobertas do grande feto (samambaias) que já mencionei antes, ou de uma gramínea viscosa, *Capim melado*. Estas duas plantas (para empregar a expressão de Humboldt) são eminentemente *sociais*, espalhando-se por grandes trechos de terreno e dizem que só dão onde antigamente existiam florestas. Com efeito, não é sem probabilidade que toda essa região a leste da serra do Caraça tenha sido outrora coberta de matas. Aquela maravilhosa cadeia de montanhas era um objeto muito notavel visto da região alta onde viajávamos, subindo muito acima de todas as montanhas vizinhas com a sua crista íngreme e dentada. Quase todos os riachos dessa parte do país trazem para baixo ouro e em todos os seus vales veem-se montes de pequenas pedras, restos das operaçõs dos lavandeiros de ouro. Este é o meio mais empregado no Brasil para a procura do precioso metal, exigindo muito menos despesa e trabalho do que qualquer

outro, mas é muito destrutivo e prejudicial ao país. Frequentemente quase todo o solo da superfície, ao longo do fundo de um vale que, se fosse cultivado, poderia produzir ricas colheitas, é inundado com essas operações, e nada fica senão montes de pedras soltas. As águas dos riachos auríferos são invariavelmente carregadas de ferro-ocre, a tal ponto que ficam grossas e opacas e quase da cor de ruibarbo.

O termo *Arraial*, que propriamente dito significa um acampamento, é aplicado às aldeias desta parte do Brasil, que, ao tempo das primeiras explorações, eram, sem dúvida, realmente, acampamentos. O arraial de Bento Rodrigues, um miseravel agrupamento de choupanas, é situado em terreno baixo e um tanto pantanoso, cercado de colinas lindamente matizadas de bosques, pastagens e rochedos, acima dos quais se eleva a serra do Caraça com seus ásperos penhascos cinzentos. Imediatamente depois desta aldeia a estrada sobe uma colina íngreme, escabrosa, com pitorescos rochedos de ardósia de quartzo, que de repente se eleva no meio de espessas matas.

A ardósia de quartzo é uma rocha que muito se presta a produzir efeitos pitorescos; pois devido à sua dureza desigual e estrutura laminada, se transforma pela ação do tempo numa grande variedade de formas angulosas e irregulares, e sua côr cinzenta ou esbranquiçada contrasta bem com o verde da folhagem. *Inficionado*, uma aldeia de aparência muito mais respeitavel do que Bento Rodrigues e do qual dista pouco mais de uma légua, é situada ao pé da bela serra do Caraça. Seu nome, que significa manchado ou infectado, dizem ter sido dado por causa da impureza do ouro obtido nas suas proximidades. Entre Inficionado e Catas-Altas existe um grande outeiro de minério de ferro, ingreme dos lados, mas estendendo-se no alto numa planície coberta de lindos bosques. A subida de Inficionado para este planalto e a descida do outro lado para a aldeia de Água-Quente são muito ingremes e irregulares. De Água-Quente para a aldeia maior de Catas-Altas o terreno é mais descoberto.

Toda essa região das minas de ouro é muito povoada, em comparação com a região mais para o sul. Encontram-se, de duas em duas ou tres em tres léguas, aldeias com algumas centenas de habitantes; mas nenhuma delas é bonita, nem tem aparência de muita prosperidade. Em todos os casos, provavel-

mente, devem a sua origem à descoberta de minas de ouro, que, enriquecendo os primeiros aventureiros, atrairam outros para os mesmos pontos e produziram uma relativa concentração de população num distrito que entretinha tão brilhantes promessas. Mas a prosperidade que provenha de minas de ouro, neste país, é notoriamente incerta e de curta duração, apesar de ser suficientemente deslumbrante para tirar todos os habitantes de ocupação mais segura. Nas partes mais meridionais de Minas e na Província do Rio de Janeiro, onde pouco ou nenhum ouro existe e nenhuma coisa se apresenta para fazer com que os habitantes se concentrem em determinados pontos, a população é escassamente espalhada em fazendas isoladas. As aldeias nesta parte do Brasil teem uma forte semelhança geral umas com as outras. Os objetos característicos, que mais chamam a atenção do viajante que as percorre, são uma grande e brilhante igreja, caiada de branco, que muitas vezes se torna visivel a uma grande distância; pequenas casas de barro, mal construidas e de pobre aparência; negras e mulatas feias, muito insuficientemente vestidas, lavando roupa no riacho; e uma abundância de desocupados que ficam olhando espantados para o estrangeiro que passa.

18 de junho

Quando, na manhã seguinte, já estava de partida de Catas-Altas, percebi que uma das minhas mulas havia sido mordida na pá por algum bicho e que tinha perdido muito sangue: disse-me o guia, e não duvido que seja verdade, que o animal tinha sido mordido por um dos grandes morcegos comuns neste país. Dizem que esses animais causam muitos estragos, chupando o sangue dos cavalos, das mulas e do gado. No presente caso, entretanto, não houve grande prejuizo. Seguí no mesmo dia, passando por Santa Bárbara, para Cocais, deixando para atrás a serra do Caraça, paralelamente a qual eu tinha viajado nos dois dias precedentes. De Catas-Altas para Santa Bárbara o terreno é muito descoberto e sem interesse, por toda parte coberto de *capim melado*, que estando agora em flor, dá em toda a sua extensão uma uniforme tonalidade avermelhada.

A maneira pela qual este capim cobre a terra por muitas léguas seguidas, excluindo outras plantas, é notavel.

Acima de Santa Bárbara existem consideraveis florestas e da parte mais alta da última colina, antes de chegar-se a Cocais, a vista é muito agradavel, estendendo-se sobre uma região montanhosa, matizada de florestas e pastagens, cercada por todos os lados de pitorescas montanhas, enquanto que na frente, abaixo de mim, estava o Arraial de Cocais, com suas casas brancas espalhadas entre bosques e plantações. Esta foi uma das mais belas aldeias que vi em Minas, apesar de ser inferior a uma aldeia holandesa do cabo da Boa Esperança. No dia 19 visitei a mina de ouro perto de Cocais, que pertence a uma companhia inglesa e é explorada à maneira inglesa. E' situada ao lado de uma montanha coberta de mato, a cerca de três léguas da aldeia. Fui recebido com delicadeza pelo superintendente, a quem eu tinha anteriormente encontrado no Rio, porem que não parecia estar muito invejavelmente aquí instalado; estava alojado numa espécie de tenda de folhas de palmeira e lona, na qual, disse-me que diversas vezes já tinha sido *posto fora da cama*, pela chuva, e se alimentava de farinha de milho, feijão e um pouco de carne dura. Guiado por ele, entrei na mina, equipado para esse fim, com uma jaqueta e calças de flanela, um chapéu forte de copa baixa e uma vela de sebo na mão. Caminhamos por uma passagem baixa, estreita e escura, às vezes subindo, outras descendo e muitas outras quase completamente curvados, ou andando de gatinhas, algumas vezes escorregando em descidas bruscas e apoiando-nos nos paus dos lados, até que chegamos a uma espécie de buraco, onde alguns pretos estavam trabalhando à luz de pequenas velas. O excessivo calor, a escuridão do lugar, o aspecto e o cheiro dos trabalhadores pretos nus, podia sugerir a idéia das regiões infernais; mas o **facilis descensus** não se aplicava aqui. Meu guia disse-me que levaríamos três horas para percorrer toda a mina, mas que era tudo a mesma coisa. Por minha parte já tinha visto o bastante, e de bom grado voltei à luz do dia, pensando comigo mesmo que se tivesse sabido que afinal de contas havia tão pouco para se ver, não me teria dado ao trabalho de descer. Toda esta mina é de ferro, mica e ardósia ou *jacutinga*, na qual existem muitas veias finas de quartzo, e pareceu-me que a maior quantidade de ouro era encontrada nessas veias. A *jacutinga* é mole e esmigalha-se facilmente, e as paredes e o teto teem que ser sustentados por pedaços de madeira, a qual é usada numa enorme quantidade.

20 DE JUNHO

Fiquei detido em Cocais todo o dia seguinte, em consequência de minhas mulas se terem desgarrado no mato; um contratempo nada fora do comum em viagens no Brasil. No dia 21 reencetei minha viagem, mas em vez de ir para o norte, virei para o oeste, ou mais, para o sudoeste, e prossegui por São João do Morro Grande para Gongo-Soco, e, a cerca de uma légua alem daí, na estrada de Caeté. Ao passarmos pela aldeia de São João encontrámos umas senhoras viajando numa *liteira* coberta, pendurada entre duas mulas, como a *lettiga* de Sicília. Essa condução não é fora do comum no interior do Brasil. De Morro Grande a Gongo-Soco, a estrada acompanha o curso de um rio pequeno, mas veloz, na margem esquerda do qual as colinas são íngremes e bem cobertas de matas, enquanto que as do outro lado são arredondadas e sem árvores. O nivel geral do vale sobe para o oeste, as colinas ao norte tornam-se dignas do nome de montanhas, e imediatamente depois de passarmos por Gongo-Soco, subimos uma montanha íngreme de minério de ferro que fecha o vale nessa ponta.

A aldeia de Gongo-Soco, que tem se desenvolvido desde que a mina de ouro passou para as mãos de uma companhia inglesa, é habitada principalmente por mineiros ingleses e tem sinais evidentes da ordem e atividade britânicas, que acentuadamente a distinguem das outras aldeias deste país. Atravessando a escarpada montanha, já mencionada, que é coberta de belas florestas espessas, descemos para a casa do Sr. Luiz Soares, um capitão da Milícia (24) que me recebeu com a mais

---

(24) O capitão Luiz Soares de Gouvêa era morador na Vila-Nova da Rainha, termo de Caeté. Era casado com D. Bárbara, filha do capitão José Caetano Rodrigues Horta e de D. Bárbara Eufrosina Rolim de Moura. Desse matrimônio houve Luiz Soares 13 filhos, entre os quais o Dr. Luiz Soares de Gouvêa Horta, provavelmente o "rapaz inteligente e agradavel, que tinha passado algum tempo na Europa e falava bem o francês", referido no texto. — Conf. Silva Leme, *Genealogia Paulistana*, vol. IV, págs. 370-371, São Paulo, 1904. Esse Gouvêa Horta foi deputado geral na 8.ª legislatura pela Província de Minas Gerais (1850-1852), tendo tido substitutos de junho de 1850 e agosto de 1851 e de maio de 1852 até o fim da sessão desse ano; *idem* na 9.ª legislatura (1853-1856), substituido na sessão de 1853, a partir de 9 de agosto. — Conf. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, ano I, fasc. I (janeiro a março de 1896), págs. 37-38 da reedição.

Luiz Soares de Gouvêa, por decreto de 22 de janeiro de 1820, obteve o hábito da Ordem de Cristo, pela renúncia feita por seu sogro do que lhe fora concedido por decreto de 19 de outubro de 1818. — Secção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, C-73, 31. Por ocasião das lutas da Independência Luiz Soares ofereceu-se para sustentar à sua custa, de fardamento, soldo e etapa, quatro soldados de arti-

extrema cortesia. Aquí, pela primeira vez desde que tinha deixado o Rio, dormí num aposento asseiado e bem mobiliado. Passei dois dias (22 e 23) em casà desse senhor e conversei muito com um dos seus filhos, um rapaz inteligente e agradavel, que tinha passado algum tempo na Europa e falava bem o francês. Ele me acompanhou numa excursão ao mato, levando consigo a sua espingarda, mas não caçou coisa alguma e as minhas pesquisas botânicas quase igualmente não tiveram bom êxito. Havia muito poucas plantas em flor, e a única novidade que encontrei foi um grande arbusto com folhas felpudas e flores arroxeadas (uma espécie de Abutilon), cujas flores em botão, segundo me informaram, são cosidas e se comem; chamase a esta planta *Benção de Deus*. Meu companheiro disse-me que se encontram veados nestas matas, mas que macacos são raros e cobras ainda mais. Por minha parte não vi uma cobra durante toda a minha viagem do Rio. Mostrou-me ele duas minas de ouro, uma abandonada, a outra apenas começada; ambas na rocha de quartzo, que é muito finamente laminado. Durante os dois dias em que fiquei aquí, não vi nenhuma das senhoras da família, que, como penso ser costume no Brasil, moram numa parte separada da casa. Os aposentos em que estive hospedado e onde jantava com o dono da casa e seus filhos, davam para um pátio quadrado, cercado nos outros três lados pela cocheira e outras dependências.

O jantar era servido mais ou menos às duas horas e consistia de legumes, principalmente feijão, pontas tenras de palmito, com um vinho bem bom e uma espécie de biscoito, em vez de pão.

O capitão Soares deu-me interessantes informações a respeito do grande rio São Francisco, o qual, disse-me ele, anualmente inunda a região numa extensão de 20 léguas: as terras inundadas são extremamente férteis depois da retirada das águas, mas estas deixam uma tão imensa quantidade de peixes que o mau cheiro destes, quando apodrecem, frequentemente

---

lharia, o que foi aceito por portaria da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, de 23 de julho de 1824; por esse serviço pleiteou e obteve o hábito de cavaleiro da Ordem do Cruzeiro. — *Ibidem*. C-382, 11.

Segundo Eschwege, *Pluto Brasiliensis*, mapa XIII, Berlin, 1833, o capitão Luiz Soares de Gouvêa possuia uma lavra aurífera no Rio-Preto, onde trabalhavam 30 escravos.

Os Gouvêa e Horta constituem importantes famílias de Minas Gerais e adjacências.

ocasiona moléstias. As poças e pântanos perto do rio são frequentadas por enormes cobras, sucuriú (evidentemente uma espécie de Boa), que atingem um comprimento do 40 ou 50 pés (25) e matam os bois enrolando-se em volta deles. Mais tarde vi um par de botinas feitas da pele desta espécie de cobra.

No dia 24, atravessando a montanha, voltei a Gongo-Soco, onde fui com extrema bondade recebido pelo coronel Skerrett, nesse tempo superintendente da empresa (26). Como durante muito tempo, residi em Gongo-Soco e reuni grande quantidade de observações sobre sua história natural, dedicar-lhe-ei um capítulo.

---

(25) *Sucuriú* ou *sucurijú*, é a *Eunectes murinus*, da família dos Boideos. E' uma das maiores serpentes do mundo; mas o comprimento que lhe dá o autor é exagerado: de 29 pés é o espécime guardado no Museu Britânico, reputado um dos maiores que se conhecem.

(26) O coronel Skerrett foi o segundo superintendente da Companhia inglesa de Gongo-Soco, ou *Imperial Brazilian Mining Association*, substituindo em 1830 ao capitão Lyon. Skerrett, por judiciosa disciplina militar, manteve a mina em ordem rigorosa, em "apple-pie order"; introduziu alí o bom sistema de fazer os negros seus próprios feitores ou fiscais. Depois de proveitosa administração o coronel teve de deixar o cargo, porque a Companhia, por economia de palitos, não concordou em aumentar-lhe o ordenado de duas para três mil libras esterlinas, como ele pleiteava e merecia. Com a recusa, a empresa perdeu um valioso servidor: o declínio e queda do estabelecimento começou imediatamente. — Conf. Richard F. Burton — *Viagem aos Planaltos do Brasil*, tomo I, págs. 342-343, na excelente tradução de Américo Jacobina Lacombe, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1841.

CAPÍTULO VIII

Gongo-Soco — Minas de ouro — Rochedos — Vegetação — Animais — Estação chuvosa — Caeté.

SITUAÇÃO DE GONGO-SOCO

A aldeia de Gongo-Soco, que se tem tornado notavel nestes últimos anos por causa de sua rica mina de ouro (27), está situada entre 40 a 60 milhas ao norte de Ouro-Preto e sete ou oito milhas a leste (ou um tanto para o sudeste) de Caeté, num vale estreito sobre a margem de um pequeno riacho que, correndo para leste, se junta ao rio de Santa Bárbara, um tributário do Rio-Doce. Está erroneamente declarado numa obra recente que Gongo-Soco se acha situada nas margens do rio das Velhas, tributário do São Francisco: de fato o rio das Velhas não fica distante, mas se encontra do outro lado das montanhas que formam o vale de Gongo-Soco, a oeste; e todos os seus tributários correm para oeste, enquanto que o riacho de Gongo-Soco corre na direção oposta.

As montanhas do lado norte do vale e na extremidade deste são muito íngremes, não sendo, contudo, rochosas, mas cobertas de bosques de grande exuberância e beleza; no lado do sul existem colinas mais baixas, arredondadas, cobertas de relva, sem árvores; mas, atrás dessas colinas, outra vez, descendo-se para a pequena aldeia de Socorro, encontram-se espessas matas. Ainda mais ao sul, as pequenas colinas atingem maiores alturas e conformações mais definidas e, alem de tudo, vê-se a crista rochosa e nua da serra do Caraça.

---

(27) Richard F. Burton, *op. cit.*, pág. 341, escreve: — "Gongo-Soco tornara-se uma aldeia inglesa nos trópicos, com sua igreja e capelão consagrado pelo bispo de Londres, e as 40 mãos primitivas haviam subido a 180 ingleses, ajudados por 600 trabalhadores livres e pretos.

A MINA DE OURO

A mina de ouro de Gongo-Soco está situada perto da entrada do vale, na encosta da montanha coberta de mato. Na ocasião em que lá estive tinha sido levada a uma profundidade de 48 braças; cinco poços da mina estavam em serviço e mais três começados. O maquinismo era importante e se encontrava na melhor ordem possivel: havia uma máquina de puxar (*hauling machine*), que deslocava (disseram-me) 1.200 pés cúbicos de matéria por dia, fazendo o trabalho de 120 cavalos; três moinhos de serrar, trabalhando continuamente, mal conseguiam fornecer a quantidade de madeira necessária para a mina, e uma calha ou conduto em grande escala tinha sido recentemente construida com grande trabalho e perícia para o fim de levar a madeira mais rapidamente da parte mais alta da montanha para baixo. A mina tem sido singularmente produtiva: deu ouro, como fui informado, no valor de um milhão em dinheiro dentro de seis anos; 20 libras de ouro eram comumente extraidas num dia, e uma vez tanto quanto 100 libras. Quando a visitei, a sua produção estava muito diminuida e apenas dava para cobrir as despesas de tão grande empresa. Estava sobrecarregada com um imposto de 25 % (uma quarta parte do ouro em pó efetivamente extraido) ao Governo brasileiro, o que, naturalmente, era motivo de profundo agravo por parte dos acionistas. Na ocasião em que a companhia comprou essa propriedade, todo o ouro obtido pelos particulares no Brasil pagava uma quinta parte à coroa, e a companhia concordou em pagar mais 5 %; porem, os nacionais proprietários de minas, foram depois inteiramente dispensados de pagamento desse tributo.

Aquí, como em Cocais, o ouro se encontra disseminado na *jacutinga*, que é óxido de ferro, micáceo ou compacto, misturado com um pouco de quartzo. Farei o possivel para descrever o processo pelo qual é separado dessa substância. A *jacutinga* é partida em pequenos pedaços antes de ser retirada da mina : as partes mais ricas, nas quais o ouro é perceptivel a olho nu, são levadas imediatamente para o lugar onde são lavadas e, sendo aí misturadas com água, são passadas por peneiras de cobre, que reteem os pedaços maiores, deixando passar somente uma espécie de lama fina; esta é lavada por negras em *batêas*, que são tijelas razas de madeira em forma cônica inversa, até que por meio de cuidadosa e longa lavagem con-

tínua, quase toda a *jacutinga* sai e fica apenas o ouro em pó. Esse trabalho, no qual as negras demonstram notavel perícia e paciência, é muito maçante, por causa do grande peso da *jacutinga*, que a torna muito menos facil de separar por meio de lavagem do que o quartzo ou quaisquer outras substâncias leves. As partículas que assim não puderam ser retiradas, são catadas com um magnete. Os pedaços de minérios que ficaram nas peneiras são pisados em pilões de ferro e depois lavados da mesma maneira. As partes mais pobres do minério e as que são muito duras para ser quebradas nos pilões, são levadas para os moinhos de serragem, que são movidos à água, e aí reduzidas a pó muito fino: o mesmo riacho que move o moinho carrega para baixo o minério triturado, passando sobre couros com os pelos, que são de tal modo colocados para reter a maior parte do ouro em pó; o que passa alem desses couros, misturado com a *jacutinga*, é retido em reservatórios, e de tempos a tempos levado para o lugar de lavagem. Estou descrevendo o processo que era usado por ocasião da minha visita, e que parecia tão bem excogitado que nada se perdia do precioso metal. A amalgamação tinha sido experimentada, mas disseram-me que não havia dado tão bons resultados como o método brasileiro de lavar o minério.

OURO NATIVO

Nos numerosos espécimes da mina de Gongo-Soco, cujo exame devo à gentileza do coronel Skerrett, o ouro é encontrado uma parte em folhas finas, outra em pequenos cristais, imperfeitamente formados, e ainda outra em partículas de forma indefinida, que são disseminadas irregularmente ou agregadas em linhas. E' de um amarelo escuro, não raramente aproximando-se da cor de cobre, e às vezes tem um reflexo castanho na superfície. Dizem que é ligado com palladium. O óxido de ferro cinzento escuro, no qual está encravado, passa de um estado finamente granulado e quase compacto para a forma de lâminas largas e muitas vezes curvas com um brilhante lustre.

Na *mina* de Ouro-Fino, à pouca distância de Gongo-Soco, na direção de São João do Morro-Grande, o ouro é encontrado em pequenas folhas entre as camadas de ardósia de quartzo, muito brancas e finamente laminadas; tem uma cor muito viva e dizem ser extraordinariamente puro. Geralmente,

o que se encontra na ardósia de quartzo é mais puro do que o encontrado na *jacutinga;* porem as minas mais produtivas são as formadas desta última substância.

FORMAÇÃO DAS ROCHAS

As principais formações de rochas que existem nesta região são: 1) ardósia de quartzo; 2) ardósia de talco; 3) ferro, mica e ardósia ou *jacutinga;* 4) pedra calcárea; 5) rocha cristalina de silex e mica; 6) conglomerado de minério de ferro; de que as três primeiras são formadas e podem ser consideradas como modificações da mesma coisa.

A ardósia de quartzo, que não aparece muito abundantemente na superfície, tem aquí os mesmos caracteristicos que em Ouro-Preto, e não requer descrição especial. Passa por gradações quase imperceptiveis para *jacutinga* de um lado e para ardósia de talco, do outro. A ardósia de talco, que é parecida com a de Ouro-Preto e Capão, encontra-se atrás das colinas, ao lado sul do vale, quando se desce para Socorro. Nela não encontrei minerais encravados. O minério de ferro, mica e ardósia é a formação mais extensiva na região de Gongo-Soco, e deve ser de grande espessura, pois a mina desce nela até uma profundidade de 48 braças. Repousa sobre o quartzo e alterna-se com este na linha de junção, tomando um carater duvidoso. Varia muito na sua aparência: às vezes consiste quase inteiramente de ferro, em pequenas escamas agregadas ou em lâminas cristalinas de um cinzento escuro, cor de aço e reluzindo com um forte brilho metálico nas aberturas frescas; às vezes o ferro e o quartzo ficam dispostos em camadas alternadas, sendo que um corte vertical tem aparência listrada; às vezes o quartzo granulado predomina e o ferro é nele distribuido em escamas diminutas, ou então o ferro, devido a um grau mais elevado de oxidação, torna-se castanho e semelhante ao ocre. As lentejoulas reluzentes dessa substância, cobrindo a estrada através da aldeia e todo o chão perto da mina, teem uma singular aparência.

A pedra calcárea forma uma camada não muito grossa, subordinada à ardósia de quartzo, que aparece em baixo e em cima desta. Em algumas partes é quase branca, de uma textura um tanto semelhante à da sacarina e misturada com uma consideravel quantidade de mica; em outras partes tem uma

bela aparência, com variações em tons de cinza avermelhada escura, branca e verde, devido à mistura de espato calcáreo, quartzo e clorite. E' em toda parte uma pedra calcárea muito impura, sendo misturada com matéria siliciosa e frequentemente com ferro; algumas partes conteem tanto desse metal que, quando dissolvidas em ácido nítrico dão um copioso precipitado azul-escuro com prussiato de potássio. E' imediatamente coberta por uma ardósia de carater ambíguo, e que se assemelha ou à ardósia de quartzo ou à *jacutinga,* e perto de sua junção com esta, rocha contem uns cristais octaédricos muito perfeitos de ferro magnético. Esta foi a única pedra calcárea que encontrei na parte do Brasil que visitei.

Rocha cristalina de silex e mica é encontrada perto da fazenda de Dois Irmãos, a cerca de três milhas ao norte de Gongo-Soco, mas devido à espessura das matas, não pude averiguar sua posição com relação às ardósias. O conglomerado castanho de minério de ferro, que é muito duro, constitue a parte mais alta das montanhas para o norte e para o oeste da aldeia, formando extensivas e aparentemente espessas camadas. Grandes blocos compactos de minério de ferro, castanhos, atravessados por veias de espécie fibrosa ou hematite, destacam-se em muitos lugares pelos lados dos caminhos. De vez em quando encontra-se minério de ferro vermelho entre as pedras soltas no vale, mas em outros lugares não o encontrei. A quantidade de minério de ferro nessa parte do Brasil é realmente espantosa. Não é exagero dizer que montanhas inteiras, mesmo cordilheiras, são formadas por alguns dos mais ricos minérios desse metal. Com tão copiosa provisão de madeira à mão para servir de combustivel aos fornos, esses minérios deviam ser, e provavelmente serão em alguma época futura, de muito valor. Mas, por enquanto, são explorados somente em poucos lugares e não em grande escala. Há falta de capital para tais empresas e alem de tudo ausência de boas estradas e meios de transporte. Vale pouco a pena abrir minas de ferro em grande escala, quando não existem estradas transitaveis para carruagens de rodas, pelas quais esse volumoso e pesado artigo de comércio pudesse ser transportado aos portos ou cidades principais. A carestia da mão de obra é outro sério obstáculo a tais empreendimentos. Se não fossem essas dificuldades, o Brasil poderia facilmente fornecer ao mundo inteiro tanto ferro, como tambem ouro.

A espessa vegetação que cobre essas montanhas e a falta de bons caminhos, naturais ou artificiais, fazem com que seja dificil adquirir qualquer conhecimento satisfátorio da posição relativa, extensão e estratificação das diversas rochas que acabo de descrever.

As florestas em volta de Gongo-Soco são muito bonitas, porem um pouco inferiores na exuberância de seu desenvolvimento às da Província do Rio de Janeiro, com as quais, no seu carater geral, muito se parecem. Dessas diferem principalmente na relativa escassez de palmeiras, das quais não observei mais do que duas ou três espécies e em pequena quantidade. Os fetos, por outro lado, que, apesar de se assemelharem às palmeiras na aparência geral, são muito diferentes em seus hábitos e escolha de local, são notavelmente abundantes nessas matas; florescem em grande exuberância nos barrancos sombrios e úmidos e nas margens dos riachos sombreados pelas árvores altas, onde o solo é fundo e fertil, o ar constantemente úmido e parado. Nessas situações, abrigadas dos raios diretos do sol pelas árvores mais altas, elas exibem suas grandes e lindas plumosas coroas, subindo até uma altura de 25 a 30 pés acima do solo. Seus ásperos troncos escamosos são muitas vezes cobertos com uma linda tapeçaria verde de pequenos fetos, especialmente as mais delicadas espécies de *Trichomanes* e *Aymenophyllum*. Nenhuma das formas de vegetação brasileira me agradou tanto como os fetos arborescentes: apesar de familiarizado com eles, sempre tiveram para mim um especial encanto. Sua região predileta, como observa Humboldt, é entre 2.000 e 4.000 pés acima do nivel do mar; nos Andes eles acompanham as Cinchonas, mas não teem uma extensão tão consideravel de elevação como as espécies daquele gênero, algumas dos quais alcançam 1.480 toesas. Na montanha de Itaculumí, perto de Ouro-Preto, encontrei algumas espécies de fetos nos barrancos pouco abaixo do cume, e provavelmente a pouco menos de 5.000 pés acima do nivel do mar. Essas são raramente encontradas em local baixo ou perto da costa; como o Príncipe Maximiliano observa em suas viagens, não existem absolutamente nas florestas da costa léste do Brasil, que estão num nivel baixo.

Capins arborescentes (chamados *taquaras* pelos brasileiros), de duas ou três diferentes espécies, dão em vastas quantidades nas florestas das proximidades de Gongo-Soco e en-

chem muitos dos barrancos com uma massa inextricavel de vegetação, através da qual não se pode penetrar sem ir cortando caminho a cada passo. A menor espécie, que é a mais abundante de todas, tem uma haste sólida (uma peculiaridade muito fora do comum em capins), que não fica mais grossa do que o dedo do meio de um homem, mas atinge a um grande comprimento e é excessivamente flexivel, movendo-se com cada sopro de vento e formando as mais lindas e graciosas guirlandas verde-claro. A espécie grande tem haste oca, na qual dizem que segrega água, porem nunca a encontrei; procurei tambem em vão as concreções siliciosas (*Tabasheer*) que são frequentemente encontradas nas plantas da mesma espécie nas Índias Orientais. E' fato curioso que os bambús sul-americanos só raramente florescem: nunca vi um só deles em flor, apezar de ter viajado léguas e léguas seguidas, tanto na estação seca, como na chuvosa, através de florestas onde eles formavam a principal massa de vegetação mais baixa; o célebre naturalista Mutio herborizou durante 20 anos numa região onde havia abundância de uma espécie de bambú, sem conseguir obter suas flores. Uma espécie de *Cinchona*, chamada *quina do mato*, cresce aquí e alí, espalhada isoladamente entre outras árvores e sua casca é às vezes usada para substituir a verdadeira casca Peruana, apesar de ser consideravelmente inferior a esta em eficácia (28). E' uma pequena árvore delgada, com folhas ovais muito grandes de um verde vivo, que são macias e brilhantes na face superior e um pouco peludas na face dorsal; nunca vi suas flores; a casca desta árvore é fina, de um castanho avermelhado-escuro por dentro, contendo uma matéria resinosa vermelho-escura, de um gosto amargo, forte, mas não desagradavel, que fica na boca. E' interessante topar nas montanhas do Brasil com esse representante de um dos mais importantes gêneros de plantas, que pertencem principalmente ao Perú e a Nova Granada, e encontrá-lo, como os seus semelhantes naqueles paises, florescendo com fetos arborescentes. Mais tarde terei oportunidade de mencionar outra *Cinchona* brasi-

(28) E' a *Cinchona Remijiana*, St.-Hil. (Nota do autor). *A quina do campo* está identificada à *Discaria febrifuga*, M., da família das Rhamnáceas; a *quina do mato* á *Esenbeckia febrifuga*, M., da família das Rutáceas; as cascas de ambas são consideradas sucedâneas da *quina verdadeira*. A *quina do campo* foi encontrada em Minas Gerais pelo sargento-mór Pedro Pereira Corrêa de Sena, no ano de 1802, como vem exposto na *Instrucção para os viajantes e empregados nas Colônias* (de monsenhor Miranda Malheiro), introdução, págs. XL-XLIII, Rio de Janeiro, na Impressão Régia, 1819.

leira, que vegeta nos campos. Uma pequena herbácea *Rubia,* que cresce no meio da *capoeira* ou mata, e sobre as encostas rochosas nas bordas da florestas, dizem que possue propriedades muito notaveis. Tem a aparência geral da planta que chamamos de *herva de ganso,* mas dá pequenas bagas vermelhas sucosas; estas, assevera-se, são extremamente venenosas, a ponto de que sendo o suco de duas ou três delas espremido numa chícara de café, causará a morte, sem dar qualquer gosto desagradavel à bebida. Garantiram-me que se conheciam muitos casos em que essas bagas tinham sido usadas para fins de vingança e que alguns deles em que a dose não tinha sido suficiente para matar, a vítima perdera o uso dos braços e das pernas, como se tivesse sido acometido de paralisia. Se os meus informantes não se enganaram, é curioso um exemplo de tais terriveis propriedades existirem numa espécie de planta que é geralmente inofensiva. A planta em questão foi-me mostrada com o nome de *erva de rato,* mas o mesmo nome é dado tambem a coisa muito diferente, a *Policourea Marcgravii,* um pequeno arbusto com belas flores roxas, dando em cachos com hastes amarelas ou cor de laranja e bagas pretas. Esse tambem vegeta nas florestas do Brasil em muitos lugares, e suas bagas são usadas para envenenar ratos, segundo me disseram.

Um dos arbustos mais comuns nas redondezas de Gongo-Soco é o *Vismia,* que tem a face dorsal de suas folhas cobertas com um pelo cor de ferrugem; floresce muito especialmente nas capoeiras, onde foram postas a baixo grandes árvores e se torna um grande e bonito arbusto. Todas as partes dele, mas especialmente as bagas, quando cortadas ou machucadas, deitam um suco amarelo-alaranjado, parecido com a goma-guta em cor e cheiro, e aplicavel aos mesmos fins. Aliás, muita gente no Brasil pensa que seja a verdadeira goma-guta. Outra planta digna de atenção, é uma *Solanum* herbácea espinhosa, extremamente comum nos lados dos caminhos e em lugares descampados, com folhas peludas e pegajosas e grandes bagas redondas, amarelas, cor de limão, com um agradavel cheiro semelhante ao da maçã, as quais são usadas pelos negros e classes mais pobres do Brasil, como um grosseiro substituto do sabão.

A árvore chamada *cedro* pelos brasileiros, não pouco comum nas florestas, é muito diferente de qualquer das conhecidas pelo mesmo nome na Europa, apesar de que sua madeira

muito se assemelha, tanto na cor como no cheiro, com a do bem conhecido cedro vermelho, ou cedro virginiano. Suas folhas são finas e muito longas, com a aparência geral das da árvore chinesa chamada *Ailantas glandulosa*, porem ainda maiores; nunca vi essa árvore em florescência.

Uma espécie de Agave, diferente da comumente conhecida como *Agave Americana*, encontra-se frequentemente aquí, assim como em vários lugares na estrada do Rio, mas principalmente perto das casas, ou em sítios onde provavelmente foi plantada. E' sem dúvida tão grande quanto a espécie mais comum, porem suas folhas são de um verde vivo, não acinzentadas, e os galhos de que saem as hastes de suas flores muito compridos, muito subdivididos e caindo graciosamente em vez de curvadas para cima. Grandes proporções de suas flores são substituidas por bulbos, que muitas vezes dão folhas enquanto ainda na planta.

Não encontrei, nos arredores de Gongo-Soco, nenhum daqueles Cactos colunares, que constituem uma notavel feição característica da vegetação do Rio. O *Cactus truncatus*, que dá lindas flores cor de rosa, e duas ou três espécies de *Rhipsalis*, crescem nas velhas árvores musgosas; eram essas, porem, as únicas plantas de tal espécie com que dei aquí. Os Cactos não parecem ser, em geral, muito comuns no Brasil, exceto na costa e nos áridos descampados (sertões) de algumas das Províncias do norte: pertencem antes às partes mais secas da América, tais como o México, Cumaná, Nova Barcelona, Mendoza, etc.

Bromélias e plantas semelhantes são muito numerosas nas florestas, especialmente nas árvores velhas: algumas delas dão flores da mais admiravel beleza, mas devido à situação em que elas crescem é muitas vezes dificil alcançá-las. Uma espécie, acima de todas, é notavel pelo brilho e variedade de suas cores, tendo seu cálice escarlate, ponteado de azul-escuro, suas pétalas verde-amareladas com pontos azues e debaixo de cada flor uma folha côncava ou bráctea, de um escarlate vivo. Outra espécie, que floresce no chão, na mais profunda sombra, tem uma capa compacta de pequenas flores amareladas envolvidas por grandes brácteas de uma cor de rosa delicadíssima.

Da espécie *Arum* há muitas variedades aquí, algumas das quais crescem no chão em lugares úmidos ou nos rochedos, mas a maior parte vegeta nos troncos das árvores, que elas enfei-

tam de uma maneira singular com as suas grandes folhas lustrosas verde vivo. A mais notavel delas se localiza nas grandes árvores velhas, a uma consideravel altura do chão; muitas hastes saem do mesmo ponto: são grossas, curvas, cheias de cicatrizes e coroadas com tufos de folhas muito grandes; as suas compridas e duras raizes estendem-se até o chão, sem aderirem à casca da árvore, e teem uma perfeita aparência de cordas pelas quais a planta fica como se estivesse ancorada no solo. Outra espécie sobe pelos troncos das árvores, aderindo vigorosamente a estas, como a era; e muitas das espécies menores crescem entre o musgo, pequenos fetos e pimenteiras de folhas polpudas. Entre outras belas flores deste país, devo mencionar o *Maracujá* ou *Granadilla*, que floresce com grande perfeição nos montes de pedras anteriormente deslocadas na busca do ouro; a *Bignonia*, com flores côr de laranja-viva, que vi pela primeira vez perto de Ouro-Branco, e a *Cassia Brasiliana*, uma grande árvore coberta de belos cachos de flores côr de ouro, às quais se sucedem vagens pendentes, pretas e lenhosas, de dois a três pés de comprimento, de estranha aparência. Mas seria enfadonho enumerar a metade das belezas vegetais deste magnífico país.

As primeiras chuvas, que começaram um pouco antes do meado de outubro, produziram um melhoramento rápido no aspecto da região. Apesar de não haver quase nenhum dos arbustos ou árvores perdido as suas folhas, todos estavam escurecidos, pardos e empoeirados durante a última parte da estação seca; mas em poucos dias, depois da primeira chuvada, estavam cobertos de flores e folhas novas, e ornados com uma variedade de vistosas cores. As flores cor de neve das murtas e o soberbo roxo das Quaresmas, os cachos dourados das *Cassias* e das *Vochysias*, os delicados tons verde-amarelado, vermelho-acastanhado e rosa, apresentados pelos rebentos novos das outras árvores, davam uma agradabilissima variedade e vivacidade de colorido à paisagem. Nos climas temperados é geralmente no outono que as folhas começam a murchar e mudar de côr; que os bosques apresentam aspecto mais variado e belo; aquí, é no começo da estação chuvosa, quando a força vegetativa que, apesar de nunca haver sido inteiramente suspensa, se tinha tornado apática e fraca, devido à longa seca, é subitamente chamada a entrar em nova atividade. Em algumas partes do interior do Brasil, onde a atmosfera é menos

úmida do que na região montanhosa, as matas ficam inteiramente sem folhas durante a estação seca e a vida vegetal fica tão completamente suspensa devido ao excesso do calor e da seca, como em nosso país em consequência do frio do inverno.

Nas planícies da Venezuela, até os répteis — os crocodilos e a boa — ficam entorpecidos durante a seca, enterrando-se na terra e assim permanecendo, aparentemente mortos, até o início da estação chuvosa.

Gongo-Soco é um lugar muito conveniente para um botânico, por causa do número de pequenos caminhos abertos através das florestas pelos lenhadores, os quais muito facilitam as nossas pesquisas. Quando alguem se desvia dos caminhos, é um trabalho de não pouco incômodo e dificuldade penetrar através do mato entrançado e o cordame das plantas rasteiras e *trepadeiras, muitas das quais são portadoras de espinhos.* Uma boa faca é muito necessária para cortar caminho nas matas. O cordame, como trepadeira, que forma essa parte tão característica e notavel das florestas brasileiras, é conhecido pelos naturais do país sob o nome geral de *cipó* e muitas das mais notaveis espécies são designadas por epitetos particulares acrescidos a essa palavra. Pedaços deles, que caem pelos caminhos, teem, à primeira vista, uma espantosa semelhança com as cobras. O solo nessas velhas florestas é coberto em toda parte por uma camada de folhas secas e madeira podre, na qual, a cada passo, se enterra o pé até o tornozelo. Não é de admirar que o solo seja extremamente fertil quando desbravado pela primeira vez.

E' em agosto e no princípio de setembro que os brasileiros, pelo menos nessa região do país, queimam as matas para fazer *roças,* ou porções de terra lavrada, e preparam a terra para a plantação do milho e outros cereais. Nessa estação do ano veem-se colunas de fumaça, em todas as direções, subindo ao meio das florestas das montanhas e uma cerração avermelhada espalha-se sobre a paisagem. Na estação excepcionalmente seca de 1833, as fogueiras alastraram-se tanto a ponto de se tornarem muito perigosas, queimando até as proximidades da mina de Gongo-Soco, onde o seu progresso foi impedido com dificuldade. Quando lá estive no ano seguinte, um grande trato no alto da montanha, todo preto e chamuscado, era testemunha das devastações do fogo. A única espécie de vege-

tação viva nessa terra queimada, era certa espécie de musgo, que cobria a terra como um tapete.

Asseguram que onde há abundância dos grandes bambús ou taquaras, esses, às vezes, ateiam fogo nas matas, roçando suas hastes umas nas outras, em tempo de vento seco. Essa mesma crença, parece, é tida na Índia.

O clima de Gongo-Soco é, como se pode supor, muito mais temperado do que o do Rio, e permite o cultivo de muitos legumes europeus, tais como repolhos, batatas, cenouras, ervilhas e aipos, que se desenvolvem regularmente bem. A bananeira e o cafeeiro florescem bem aquí; aliás eles suportam até posição mais elevada, pois os vi na parte mais alta da cidade de Ouro-Preto. A laranjeira cresce bem, mas suas frutas teem muito menos sabor do que no Rio.

Pode-se facilmente imaginar que os maiores e os mais temidos dos animais selvagens e especialmente os de rapina, tenham sido afugentados de um sítio onde teem sido tão perturbados pelas atividades do homem. A derrubada de grande quantidade de árvores para suprir a madeira necessária à mina tem especialmente contribuido para afastar os habitantes da floresta. A preguiça e o grande macaco vermelho uivador ainda são ocasionalmente encontrados nas matas: eu, aliás, pessoalmente, não avistei nenhum deles, mas vi peles que tinham sido obtidas nas proximidades. Macacos menores não são raros, mas é muito dificil conseguir vê-los bem na espessa folhagem das árvores.

A gambá, ou *opossum*, embora frequente, nunca é recebida com prazer, sendo um grande destruidor de ovos e de criação (29). E' um animal de aparência muito desagradavel e de um abominavel mau cheiro. Como a maioria dos quadrúpedes de rapina, é, até certo ponto, um animal de hábitos noturnos, conservando-se no mato durante o dia e à noite aproximando-se das habitações e dos galinheiros, onde parece que faz tanto mal como a doninha na Europa. Sobe nas árvores com facilidade e a sua cauda tem a propriedade de agarrar-se a

---

(29) *Gambá*, no sul do Brasil, *Mucura* na Amazônia, *Sariguê*, *Sarigueia* ou *Saruê*, na Baía, e *Timbú* ou *Cassaco*, de Pernambuco ao Ceará; esses nomes aplicam-se a quatro espécies, muito semelhantes entre si, do gênero Didelphis: *D. aurita*, *D. Paraguayensis*, *D. marsupialis* e *D. alviventris*. — Conf. Rodolfo von Ihering, *Dicionário* citado, pág. 348.

qualquer objeto. Asseveram os brasileiros que esse animal gosta muito de vinho e bebidas espirituosas que bebe tanto, quando consegue encontrá-las, a ponto de ficar completamente embriagado; tornou-se, de fato, proverbial, por causa desse hábito, dizer o povo, às vezes, que *fulano de tal* "está bêbado como uma gambá".

Ainda existe grande abundância de pássaros nas florestas: muitos, porem, são mais facilmente ouvidos do que vistos. Não posso pretender enumerar todas as diferentes espécies, mas algumas são merecedoras de especial menção. O *urubú*, um grande abutre preto, é comum: não tenho certeza se é o mesmo que o *butio* da América do Norte; certamente parece maior, quando vivo, do que os espécimes daquela ave que tenho visto em museus (30). Um dia vi um grande número desses abutres pousando sobre umas árvores à beira de um pequeno rio, onde jazia uma mula morta, da qual parecia que se tinham banqueteado lautamente; era um espetáculo curioso. Acontecia que as árvores estavam quase sem folhas, tendo sido queimadas por uma recente fogueira, e seus galhos estavam apinhados dessas grandes aves, que alí permaneciam umas do lado das outras e quase imoveis, estendendo, apenas, de vez em quando, os seus longos pescoços descarnados. Quando, finalmente, foram perturbadas, o que não foi facil fazer, começaram a voar lenta e pesadamente, batendo agitadamente as asas, e muito breve pousaram de novo. Seu vôo, nessas circunstâncias, quando estavam empanturradas, era muito diferente da suave flutuação em que muitas vezes as vi circulando no ar, em busca de algum gostoso bocado de carniça. O Sr. Waterton acertadamente as descreve como aves de vôo longo, regular e alto, apesar de que quem as visse imediatamente "depois do seu jantar", chegaria a uma conclusão muito diferente (31). O grande falcão comedor de carniça, ou butio, chamado *Caracará*, cujos hábitos foram tão agradavelmente descritos pelo

---

(30) A espécie mais comum no Brasil é o *Catharista atratus brasiliensis*, de plumagem negra, cabeça nua e preta, as astes das rêmiges das mãos brancas, bem como a ponta da asa. — *Conf.* Rodolfo von Ihering, *Dicionário* citado, pág. 825.

(31) Charles Waterton — *Wanderings in South-America, the North — West of the United States, and the Antilles, in the years* 1812, 1816, 1820, *and* 1824. — *With original instructions for the perfect preservation of birds & for cabinets of Natural History*, págs. 208-211. London: Printed for J. Mowman, Ludgate Street, 1825, *in*-4.

Sr. Darwin (32), frequenta as colinas expostas cobertas de relva, perto de Gongo-Soco, sendo protegido, como o urubú, por causa de sua utilidade; é muito manso e fiel (33).

Vi uma ou duas vezes o milhafre, preto e branco, com rabo de andorinha, uma das mais belas aves da espécie dos falcões, e muito graciosa nos seus movimentos com as asas. Periquitos verdes são abundantes nas florestas e o seu chilrear ruidoso ouve-se muitas vezes entre as árvores altas, onde eles se reunem em bandos irrequietos e ativos, especialmente quando as diferentes espécies de frutas silvestres estão maduras. Quem somente conhece papagaios em cativeiros, dificilmente poderia supor que o seu vôo é rápido e firme; é, assim, de fato, notavel: muitas vezes tenho visto bandos deles precipitarem-se através das clareiras das florestas com um vôo tão rápido como o do pombo torcaz, e ao mesmo tempo vão dando gritos estridentíssimos. Essas aves teem decididamente o hábito de andar em bandos; o tucano, da outra parte, nunca vi senão um por um, apesar de que alguns autores asseguram que eles vivem em bandos. Talvez algumas espécies de tucanos sejam gregárias e outras solitárias.

Quando as laranjeiras estavam em flor, grande número de colibrís apareceram nos jardins; vinham até perto das janelas sem nenhum receio e voavam mesmo uns atrás dos outros para dentro de casa, pois são umas avezinhas muito ousadas e bulhentas. Gostam especialmente das flores de laranjeiras e ficam voltejando em torno delas durante muito tempo, indo à cada flor da árvore e, enquanto as exploram com os seus bicos, o zumbido que produzem suas asas faz um ruido que pode ser ouvido a algumas jardas de distância. Às vezes pousam nos galhos, mas nunca ficam paradas por muitos momentos seguidos. Gostam tambem da flor da Paixão, das diferentes espécies de *Bignonia*, e de muitas outras plantas silvestres. Os brasileiros dão-lhes o bonito e expressivo nome de beija-flores, ou beijadores de flores.

A espécie mais comum em Gongo-Soco, era quase toda de uma côr verde-dourada e não muito pequena; e nada podia ul-

---

(32) Charles Darwin — *Narrative of the Surveying Voyages of His Magesty's Ships Adventure and Beagle between the years* 1826 *and* 1836, *describing their examination of the Southern Shores, of South-America and the Beagle's circumnavigation of the Globe*, vol. III, págs. 63-69. London, Henry Colburn. Great-Marlborough Street, 1839, *in*-8.

(33) *Caracará* é o *Milvago chimachima*, da familia dos Falconideos.

trapassar o brilho de sua aparência em plena luz do sol, quando voltejava em torno das flores, num constante movimento de bater de asas (exatamente como uma espécie de mariposa que se vê muito nos jardins da Inglaterra) ou se lançava de uma planta para outra, com um movimento demasiadamente ligeiro para ser seguido pela vista. Havia uma outra variedade, consideravelmente maior e de cor castanha, sem brilho algum.

As grandes árvores nas florestas são muitas vezes vistas absolutamente carregadas dos curiosos e longos ninhos pendentes, em forma de saco, dos *Guaxes* (uma espécie de *Cassicus*) que são tecidos de ervas secas, e ficam pendurados até bem baixo, das extremidades dos galhos (34). Esse pássaro parece viver em sociedade com a gralha, pois muitos ninhos são geralmente vistos na mesma árvore, suas plumas são pretas com um pouco de amarelo nas asas e na cauda. O jacú, uma espécie de perú selvagem (35), não é fora do comum aquí; tive oportunidade de examinar um que tinha sido há pouco abatido, pesando 3½ libras. O colorido do plumagem em geral é preto e castanho, com reflexos esverdeados e cor de cobre, com pequenos pontos brancos no pescoço e no peito; em baixo da garganta, tem uma pele solta, pelada ,vermelho-alaranjada com pelos pretos salpicados, e na cabeça uma espécie de crista de longas penas estreitas. Sua carne é uma comida muito boa. Um dia, quando eu estava passeando na floresta, três desses pássaros surgiram diante de mim e pousaram nos galhos de uma árvore perto, onde ficaram por algum tempo, dando seus gritos ásperos e monótonos, não muito diferentes dos da galinha da Guiné. Seu vôo parecia pesado e laborioso. O ruido que fizeram ao levantarem o vôo era como o de um faisão, porem mais alto.

Durante a estação seca não vi cobras em Gongo-Soco, mas em novembro e dezembro apareceram bem frequentemente nos intervalos de calor entre as chuvas. Assim mesmo não eram tão numerosas como esperava, apesar de que julguei de bom aviso tomar as necessárias precauções contra elas, quando ia para as florestas. Obtive dois espécimes muito bons da linda

---

(34) *Cassicus haemorrhous*, da família dos Icterídeos, vulgarmente chamado *Japuíra*, *Joncungo* ou *João Congo*. Seu ninho é semelhante ao do *Japú*, da mesma família (*Ostinops decumanus*).

(35) *Jacú* é nome comum a diversas aves da família dos Cracídeos, gênero Penelope. Essas aves são as mais tipicamente venatórias do Brasil.

cobra-coral, da qual já falei. O reptil mais perigoso dessa região é a *cascavel*, ou cobra-chocalho (36), que se encontra às vezes em lugares secos onde haja sol, especialmente sobre montes de pedras; mas parece ser rara; procurei-a ansiosamente, porem em vão. A *jararaca* (37), outra cobra venenosa, é muito mais comum e soube de diversos casos de pessoas que foram mordidas por ela. Devo observar, porem, que este nome é vagamente, e muitas vezes erradamente, empregado: uma pequena cobra castanha, que matei e que os negros chamaram de *jararaca*, não pareceu ter dentes venenosos ou qualquer outro caracteristico de um reptil venenoso. Na minha viagem de volta para o Rio achei o mesmo nome dado a duas ou três diferentes espécies. Um dos mais curiosos animais desta espécie é o que os brasileiros chamam de *cobra de duas cabeças* (38): não mais de um pé de comprimento, em forma é quase exatamente de feitio cilíndrico, com o rabo um pouco mais grosso que a cabeça e arredondado na parte posterior; não tem escamas propriamente ditas, mas sua pele é aparentemente dividida em anéis; a boca é pequena e os olhos minúsculos. O animal todo é cinzento, cor de chumbo. Vive principalmente debaixo da terra, em jardins e lugares onde o solo é úmido e mole, e é erradamente tido como venenoso por algumas pessoas. Sapos de numerosas espécies são abundantes nos bosques e em lugares úmidos e fazem um espantoso barulho em tempo de chuva. O coaxar de alguns deles é verdadeiramente singular: uma espécie, tão grande como o sapo-boi da América do Norte, solta um latido curto, profundo e sombrio, como o de um grande cão de guarda, que se ouve a grande distância; outro faz um barulho semelhante às marteladas de um funileiro; e alguns dos sapos de árvores chilram como passarinhos.

A multidão de borboletas que foram aparecendo depois das primeiras chuvas foi na realidade surpreendente. Pareciam deliciar-se em pousar na terra úmida, em volta dos lugares pantanosos e das pequenas poças formadas pela chuva, e reuniamse em tais lugares em número incontavel, cobrindo absolutamente todo o chão e quando perturbadas subiam em nuvens.

---

(36) Da família dos Viperídeos. *Crotalus terrificus*.

(37) Da família dos Viperídeos. *Bothrops jararaca*, e outras espécies afins.

(38) Répteis lacertílios da família dos Amphisbaenídeos, dos quais são conhecidas cerca de 24 espécies, que pertencem aos gêneros Amphisbaena e Lepidosternon.

Sua beleza era indescritivel. A maior e de mais esplendor de todas era uma que não tinha visto no Rio, com asas de um azul de extrema beleza na parte superior, cercadas de preto e variegadas e na parte inferior, com pontos em vários tons de castanho; vi muito este exemplar durante a estação calmosa, em caminhos cavados e passagens úmidas através das florestas.

Os ninhos das formigas brancas (*Termites*) são vistos por toda parte nas florestas, excedendo, muitas vezes, a altura de um homem, e feitos de barro (provavelmente cimentados por alguma secreção glutinosa dos próprios insetos), tornam-se quase tão duros como tijolos. Internamente estes montes são perfurados por inúmeras passagens, dispostas em todas as direções, sem ordem aparente alguma. Quando se quebra qualquer uma das partes mais novas e mais moles dessas construções, os insetos que as habitam são vistos em duas diferentes formas ou fases, a maior das quais é distinguivel pela sua grande cabeça desproporcional, munida de afiadas mandíbulas pretas, em forma de gancho. Ambas são acinzentadas com cabeças amarelas, de consistência muito mole. Os insetos de cabeça grande são muito ferozes, e, quando se faz uma brecha no ninho, começam a correr de cá e para lá, como se estivessem à procura do atacante, mordendo tudo que encontram pelo caminho e batendo com as mandíbulas na superfície do ninho, enquanto seus companheiros menores se retiram para as partes abrigadas. Depois de pouco tempo, se são deixados sós, os últimos mencionados começam a consertar os estragos. Parece que são os trabalhadores e os insetos de cabeça grande os soldados da comunidade. Outra espécie de *Termites* (que é comum tambem no Rio) e quase que não chega a ter metade do tamanho, constrói ninhos redondos de barro nos troncos das árvores, com caminhos cobertos ligando-os ao chão.

Gongo-Soco, devido a sua elevação acima do nivel do mar (de 2.000 a 3.000 pés), goza o privilégio de estar isento dos mosquitos e moscas; mas não deixa de ter o seu quinhão de pragas de insetos. Os mais desagradaveis são os *carrapatos;* uns insetos pequenos, de côr atrigueirada, feios, sem asas, de forma chata e consistência dura, que vivem às miríades entre o capim seco e nos arbustos e especialmente nas capoeiras, não tanto nas velhas florestas. Atacam imediatamente qualquer pessoa que vá a tais lugares e enterram a cabeça em sua pele, chupando o sangue até ficarem distendidos de forma

perfeitamente esférica. Suas mordeduras causam uma comichão intoleravel e eles se agarram tão fortemente, que é dificil arrancá-los depois que tiverem enterrados as suas tenazes na pele. Se são partidas e alguma parte fica no ferimento, podem causar feridas graves; ouví, aliás, dizer de um membro inteiro ter ficado infeccionado por essa causa. Esfregar espírito de vinho, é o melhor meio de livrar-se deles. Foi principalmente na estação calmosa que os *carrapatos* mais atormentaram; as chuvas violentas ou os destroem ou os afugentam.

A *pulga de areia, chegoe* ou *chigger,* que tem sido tantas vezes descrita e particularmente, de maneira muito divertida, pelo Sr. Waterton (39), é um grande incômodo, tanto aquí como em outras parte da América tropical. Os brasileiros dão-lhe o nome de *bicho de pé,* verme ou inseto do pé (40).

As pequenas formigas vermelhás, que mencionei quando falei sobre o Rio de Janeiro, são excessivamente numerosas e incômodas em Gongo-Soco. Gostam particularmente de açucar e não se pode adoçar o chá sem deitar nele ao mesmo tempo uma grande quantidade dessas formigas; tenho-as visto constantemente formar uma crosta em cima do liquido. Elas, porem, não teem requintes ou são exclusivas na escolha de seu alimento; tanto apreciam substâncias animais, como doces; em muito pouco tempo devoraram umas peles de pássaros empalhadas que me tinham sido dadas em Gongo-Soco.

A estação chuvosa começou, este ano (1834), no dia 11 de outubro, com uma trovoada, porem não muito violenta. A parte anterior desse mês tinha sido opressivamente quente, e como as chuvas não tinham caido tão cedo, como de costume, o povo ficou muito alarmado por causa de suas plantações, temendo outra seca como a última. Durante o resto do outubro o tempo esteve muito variavel, mas nunca desagradavelmente quente, e choveu bastante, Alguns dias foram extremamente belos, muito frescos e vigorosos, tendo o termômetro descido a tanto quanto 56.°, pela manhã, se bem que para o meio-dia o sol ficasse mais quente. Em novembro e durante a primeira metade de dezembro choveu quase todos os dias e muitas vezes durante dias seguidos, sem interrupção e com uma violência somente conhecida em países tropicais. Esses dilúvios, que eram

(39) Charles Waterton — *Wanderings in South-America,* cit., págs. 187-188.

(40) E' a *Tunga penetrans,* antes pertencente ao gênero Sarcopsilla.

muitas vezes acompanhados por violentas trovoadas e relâmpagos, porem não de ventos fortes, eram realmente medonhos: os jardins e terrenos baixos ficavam inundados, os caminhos das montanhas convertidos em torrentes; dia e noite, o barulho da chuva caindo, como uma cachoeira, misturava-se com a interessante zoada feita por milhares de sapos.

Às vezes, nuvens, em lugar de deixar cair suas águas com esta furia, descarregavam-nas em forma de um chuvisco nevoento, cobrindo e escondendo da vista as montanhas, quase até suas bases; e nestas ocasiões a excessiva umidade do ar produzia uma sensação de frio que não era justificado pelas indicações do termômetro. A última metade de dezembro foi límpida e clara, sem ser violentamente quente: em lugares de sombra, dentro de casa, o termômetro não subiu a 80.°. Os brasileiros dão o nome de *veranico, ou verão pequeno,* às três ou quatro semanas de bom tempo que geralmente ocorrem no meio da estação chuvosa, em dezembro ou janeiro.

Disse-me o coronel Skerrett que durante os cinco anos de sua residência em Gongo-Soco, nunca viu o termômetro chegar a mais de 84° na sombra ou a menos de 40°.

Fui informado por um naturalista russo (41), que veio para aquí durante a minha estada, que na região perto do rio Amazonas chove quase todos os dias do ano, não, porem, por muito tempo seguido. A primeira parte do dia é sempre muito quente, e uma forte tempestade vem regularmente mais ou menos às duas ou três horas da tarde; passada esta, o tempo levanta e fica fresco e agradavel. Esse senhor esteve muitos anos no Brasil, e tinha penetrado nas partes mais selvagens do país, até as fronteiras da Bolívia, viajando através de Mato-Grosso ao rio Madeira e descendo esse rio até a sua junção com o Amazonas.

Achou as margens do Madeira muito ricas em objetos de história natural, especialmente plantas, mas a extrema umidade do clima fazia com que fosse muito dificil presservá-las, e

---

(41) Não se conhece nenhum naturalista a que se ajustem as circunstâncias expostas no texto, isto é, que tivesse visitado as regiões amazônicas e que em 1834 estivesse em Minas Gerais. Talvez se trate do botânico alemão Ludwig Riedel, que participou da expedição russa do Barão de Langsdorf (1825-1827). E' sabido que nas margens do Arinos o chefe dessa expedição enlouqueceu, e foi Riedel que teve de conduzí-la de Mato Grosso ao Rio Negro. Depois disso o botânico seguiu para a Europa, de onde logo regressou para fixar-se no Rio de Janeiro. Excursionou pelas Províncias vizinhas e foi por longo tempo diretor do Passeio Público desta cidade. Aquí faleceu em 6 de agosto de 1861.

as privações e fadigas contra as quais teve que lutar foram excessivas. Os estrangeiros naquelas regiões estão muito sujeitos a febres perigosas. Foi obrigado a levar provisões para 10 meses, pois a região perto do Madeira é quase totalmente deshabitada.

Durante a minha estada em Gongo-Soco, um dia aproveitei a oportunidade para ir até a cidade de Caeté, distante cerca de duas léguas, em companhia de um dos sobrinhos do coronel Skerrett, e visitar um senhor brasileiro, muito conhecido do meu companheiro. Caeté, ou Vila Nova da Rainha, como às vezes se costuma chamar, é uma pequena cidade de aspecto nada singular, situada entre as baixas, nuas e empoeiradas colinas, de aparência esteril, no lado oeste das montanhas que repetidamente tenho mencionado. Nosso amigo brasileiro nos recebeu com muita cortesia; mas, apesar de ser ele um dos homens de mais destaque na Província, sua casa deixava muito a desejar em matéria de ordem e conforto, para não falar em luxo, e suas maneiras eram mais cordiais do que polidas. Era um homem de certos conhecimentos; lia o Francês, se bem que não o falasse; tinha alguns livros sobre mineralogia e conhecia até certo ponto esta ciência. Sua caixa de minerais, se bem que não fosse rica, nem estivesse em ordem, continha uns espécimes bem interessantes. No seu jardim, fiquei surpreendido de não ver quase outra coisa senão as plantas mais comuns dos antigos jardins da Inglaterra, tais como malmequeres, malvas e asteres da China. Às duas horas sentamo-nos para almoçar com o digno velho senhor e sua família: a refeição consistia de uma grande variedade de pratos, pela maior parte de legumes, e pouco apropriadas ao paladar inglês, sendo todos muito gordurosos e fartamente temperados com cebola e alho. Como se esperava que nós, segundo o costume brasileiro, provássemos de todos os pratos, eu já estava meio enjoado antes de terminar o repasto.

CAPÍTULO IX

Partida de Gongo-Soco — Antônio Pereira — Ouro-Preto — Congonhas do Campo — São João d'El Rey — Camporazo — Morro do Brumado — Rio do Peixe — Rio-Preto — Valença — Paraiba — Estrada ruim — Serra de Botaes — Serra de Santa Ana — Planície areienta — Chegada ao Rio — Observações gerais.

1835 —9, 10 DE JANEIRO

No dia 8 de janeiro iniciei minha viagem de regresso ao Rio, tendo previamente despachado a maior parte da minha coleção por uma das *tropas* ou caravanas de mulas, que constantemente fazem a viagem entre a região das minas e a capital. O primeiro dia de trajeto através de São João do Morro Grande para Brumado foi muito pouco interessante; e esta ultima aldeia, onde passei a noite, foi uma das mais miseraveis e sujas que jamais vi. No dia seguinte, prossegui a viagem, passando por Catas-Altas e Água-Quente, até Cata-Preta, perto do Inficionado, onde fiquei bem alojado numa casa pertencente à mesma companhia que possue a mina de Gongo-Soco. A distância de Brumado para Inficionado é de quatro léguas. A primeira parte da viagem, até Catas-Altas, foi ao longo das raizes da Serra do Caraça, da qual obtive uma boa vista, tendo ficado mais perto dela do que anteriormente. Tem muita semelhança em seus característicos gerais com as montanhas do norte do País de Gales. A rocha de quartzo destaca-se em formas singularmente agudas, irregulares e partidas. A estrada de Catas-Altas a Inficionado já descrevi, assim como a que tomamos na manhã seguinte entre Inficionado e Bento Rodrigues. Desta última aldeia, porem, tivemos uma travessia de quase quatro horas até Antonio Pereira, sobre colinas íngre-

mes, mas de encostas arredondadas, quase sem uma árvore, uma casa ou qualquer vestígio de cultura. Há qualquer coisa de muito fatigante nesta espécie de região. A serra do Caraça, que se erguia como uma muralha à nossa direita e cujos picos estavam envoltos em espessas massas de nuvens, era o único objeto que quebrava a monotonia da paisagem. A estrada era abominavelmente má: nas partes baixas tinha sido reduzida pela chuva a uma série de charcos, nos quais as mulas carregadas se atolavam quase até a barriga; os degráus de rocha quebrados, pelos quais tinham de galgar, abaixo e acima, as encostas íngremes, eram ainda piores. Tais se apresentaram as dificuldades da estrada, que a viagem, que era apenas de três léguas, consumiu mais de seis horas e as mulas estavam quase extenuadas quando alcançamos Antonio Pereira. Essa aldeia consiste de um bom número de casas ou palhoças, lindamente espalhadas entre bananeiras e palmeiras, sobre ambas as margens de um pequeno rio (um afluente do Carmo), ao pé de montanhas altas e áridas.

Os arredores são conhecidos pela variedade de minerais interessantes que neles se encontram, mas o violento temporal, que começou pouco depois de minha chegada, acompanhado de chuva torrencial e que se prolongou por toda a noite, me impediu de explorar a aldeia.

11 DE JANEIRO

Tencionava seguir daquí para Ouro-Preto (que fica a cerca de cinco léguas para o sul), pela estrada direta, passando por cima da *montanha de ferro;* mas soube que esta, sempre uma estrada ruim, tinha ficado intransitavel devido às chuvas, e fui, pois, obrigado a fazer a volta por Mariana. A cidade de Mariana tinha um aspecto aprazivel, à medida que nos fomos aproximando dela por este lado, com as suas casas brancas e numerosas igrejas, ocupando o vale e as colinas mais baixas e com as montanhas escuras fazendo fundo. Uma bela espécie de palmeira, que é plantada perto de quase todas as casas nesta região do país, dá uma feição muito agradavel à paisagem, erguendo sua linda coroa ondulante de folhas acima das bananeiras, das quais as choupanas são invariavelmente cercadas. Pode-se saber, ao avistar-se uma destas palmeiras, que nos estamos aproximando de uma casa, muito antes de que qualquer parte do edifício propriamente dito seja visivel.

12 E 15 DE JANEIRO

Em Mariana comprei alguns espécimes interessantes de minerais, especialmente *cromato de chumbo* e *scorodite*. A estrada para Ouro-Preto não me era estranha, e durante os dois dias que permanecí naquela cidade, fiquei quase sempre retido em casa, devido à chuva torrencial. No dia 15, o tempo estava regularmente bom e fui para a minha antiga pousada em Capão. Os sapos, num pântano perto desta fazenda, faziam um alarido enorme, à noite.

16 DE JANEIRO

Em Chiqueira, uma fazenda a duas milhas mais adiante, as estradas para Barbacena e São João d'El Rey se separam; e tomei esta última direção. Algumas milhas alem deste ponto, perto de Rodeio, descemos dos campos altos, por um caminho estreito e escabroso, aberto através de espessas matas baixas, e caminhamos por algum tempo num vale coberto de arbustos, ao pé da Serra de Ouro-Branco. Tendo rodeado a extremidade desta montanha, saímos novamente para os campos e continuamos neles até Congonhas. A aldeia e a grande igreja branca de Ouro-Branco viam-se a uma certa distância à nossa esquerda, com uma vasta extensão de terra descampada e ondulante para leste e sul delas e a serra, erguendo-se como uma muralha, ao norte; para a nossa direita a vista terminava com a longa e escura crista da Serra de Congonhas. Nos vales e nas partes mais baixas das colinas havia matas de alguma extensão, e alguns pedaços de terra cultivada, onde o milho novo atraia a vista pelo seu verde fresco e vivo. Congonhas dos Campos é uma aldeia dispersa, construida sobre duas colinas e no vale entre elas; suas choupanas e igrejas, caiadas de branco, avistavam-se mais de uma hora antes de lá chegarmos e tinham bom aspecto à distância; mas, como ordinariamente é o caso das aldeias brasileiras, a impressão favoravel foi dissipada com a aproximação muito estreita. A altitude deste local, segundo o mapa de Von Eschwege é de 2.626 pés (franceses).

Hospedei-me aquí numa miseravel *venda* pertencente a um suiço, velhaco extortor, que me cobrou quase o dobro do que eu tinha pago em Capão por acomodações e comida melhores.

17 DE JANEIRO

Minha partida, na manhã seguinte, foi retardada pela dificuldade de achar as mulas que se tinham desgarrado do seu pasto. Finalmente partimos e em breve atravessamos o rio Paraupeba, um dos principais afluentes do grande rio São Francisco; é nesse ponto um rio algum tanto largo e veloz de cor avermelhada-escura, e é atravessado por uma ponte de madeira bem conservada. Não longe daquí observei, nas terras elevadas, uma consideravel quantidade de *Quina do Campo*, que é muito usada como um sucedâneo da casca Peruana, que, aliás, pertence ao mesmo gênero. E' um arbusto de quatro a seis pés de altura, com poucos galhos e grandes folhas duras e encolhidas, crescendo em grupos de três, e longos cachos de lindas flores brancas, cheirosas, parecidas com jasmim; tinha guardado algumas sementes, em setembro do ano anterior, perto de Caeté, onde me havia sido mostrada por um senhor brasileiro, como uma bem conhecida e preciosa planta medicinal, superior em eficácia à *Quina do Mato*, que mencionei em outro lugar. Foi M. Auguste St. Hilaire que primeiro a fez conhecida no mundo científico. Este dia e os três seguintes foram intensamente quentes e estavamos expostos ao calor ardente do sol nos campos, onde em geral não existem árvores suficientemente grandes para proporcionar qualquer sombra consideravel. Torna-se desnecessário descrever o aspecto geral da região, pois é semelhante à entre Ouro-Preto e Barbacena, fazendo parte, aliás, da mesma vasta área de campos ou vales espaçosos, os quais (como fui informado em Gongo-Soco pelo já mencionado natúralista russo) se estendem através de toda a parte sul da província de Goiás e até mesmo Cuiabá, em Mato Grosso, mais de 10 graus a oeste de Barbacena, tendo em toda parte os mesmos caractérísticos gerais e uma vegetação própria.

18 DE JANEIRO

Parei no dia 17 em Saçuí, ou Sacuí. O dia seguinte era domingo e vi o povo de Saçuí indo para a igreja com suas melhores roupas; as mulheres envoltas (apesar do grande calor) em compridos mantos escuros e, na maior parte, trazendo um lenço de xadrez enrolado à volta da cabeça e sobre este um chapeu preto redondo; os homens usavam casacos brancos ou

de outras cores claras, ou ás vezes *ponchos* azul-escuros. Devo observar que os brasileiros, pelo menos os mineiros, parecem ser mais cuidadosos com os seus trajes do que com qualquer outra coisa; por mais pobres que sejam as suas habitações e a sua comida, andam em geral bem e elegantemente vestidos. Em caminho de Saçuí para Olhos d'Água encontramos muitas pessoas de ambos os sexos montadas a cavalo, às vezes um homem e uma mulher no mesmo cavalo. O traje mais comum, dos homens, para andar a cavalo, consiste num chapeu de palha de aba grande, um casaco curto de algum tecido leve, bombachas brancas ou azul escuras, e botas de couro castanho, que vão até acima dos joelhos, e são aí presas por uma tira com uma fivela. Uma faca comprida é geralmente metida na parte de cima de uma das botas e um par de pistolas aparece no coldre da frente da sela. Os mineiros são, na maior parte, altos e magros, de rosto fino e teem a tez morena, olhos e cabelos muito pretos. As mulheres, como já observei, usam botas e esporas e andam montadas como os homens.

Perto da miseravel *venda* de Olhos d'Agua, notei uma figueira silvestre (*Gameleira*), de grande tamanho; aliás creio que nunca mais vi uma árvore com um tronco tão grosso, ou de tão grande extensão de galhos, se bem que a sua altura não fosse digna de nota. Numerosos periquitos verdes chilreavam entre seus galhos.

Nesta parte da viagem fiquei muito surpreendido com a aparente escassez de vida animal nos campos; viam-se poucos insetos, quase nenhum pássaro, exceto o abutre preto ou *urubú* e, o que mais me espantou, nenhuma lagartixa. Diversas cobras, porem, expunham-se à luz do sol. Um capim alto, bastante parecido com a aveia silvestre, e um cardo carregado de flores brancas, são abundantes nos campos, e o *Paratudo* (42), com suas flores cor de fogo, caindo perto do chão, atraem a vista à certa distância. As árvores baixas que se encontram espalhadas aqui e alí, ficam muitas vezes inteiramente cobertas de um musgo branco fibroso e pendente que lhes dá uma curiosa aparência. Em algumas partes dos campos, essas árvores estão naturalmente distribuidas de tal forma a parecer um pomar, em outras partes encontram-se somente nos vales, onde formam bosques de pequena extensão; raramente teem mais de

---

(42) *Gomphrena officinalis*, M. (Nota do autor). Tambem conhecido pelo nome de *raiz do padre Salerma*.

vinte pés de altura e muitas vezes mesmo, teem os galhos recurvados, a casca muito áspera e frequentemente uma folhagem cor de cinza ou esbranquiçada.

19 DE JANEIRO

Encontrei bem boas acomodações em Lagôa Dourada, uma pequena aldeia nas encostas de uma colina, que possuiu outrora muito ricas lavagens de ouro. Prosseguindo no dia seguinte na direção de São João d'El Rey, avistei à pequena distância, à esquerda, a cidade de São José e a serra do mesmo nome, uma comprida montanha rochosa, nua, de encostas íngremes, que se destacava isolada no meio dos campos: é composta de rocha de quartzo e tem produzido uma consideravel quantidade de ouro. Entre essa montanha e São João corre o rio das Mortes, um dos afluentes do poderoso Paraná, que, depois de um percurso de muitas centenas de milhas, e recebendo tributários quase inumeraveis, vai unir-se com o Uruguai, pouco acima de Buenos Aires e forma o maior estuário do mundo, o do Rio da Prata. O rio das Mortes (assim chamado por causa de um sangrento conflito ocorrido nas suas margens entre bandos de exploradores de ouro, vindos de São Paulo) (43), nasce não longe de Barbacena e, correndo para oeste, desagua no rio Grande, que vem de uma parte mais meridional da cadeia da Mantiqueira; depois da junção que se verifica a cerca de 70 milhas a oeste de São João, os cursos d'agua unidos tomam uma direção um tanto para noroeste, sob o nome de rio Grande, que conservam até alcançar a fronteira de Mato-Grosso, e bruscamente voltam para o sul. Perto de São João d'El Rey, onde atravessei o rio das Mortes por uma ponte de madeira coberta, este já é um consideravel curso dágua, de cor avermelhada suja, comum a todas estas águas auríferas. Há qualquer coisa de interessante para a imaginação no espetáculo de um caudaloso rio em sua fase inicial, a uma distância de mais de mil léguas (em linha reta) de sua foz.

20 E 21 DE JANEIRO

Alcancei São João d'El Rey no dia 20, depois de uma viagem de nove horas, de Lagoa-Dourada, e lá fiquei todo o dia

(43) Spix & Martius — *Travels in Brazil*, vol. II (Nota do autor).

seguinte. E' uma cidade menor que Ouro-Preto, porem mais limpa e melhor construida, as ruas mais largas, mais regulares e melhor calçadas e as casas de um aspecto bem mais moderno. E' situada num vale, ao pé de colinas nuas rochosas, de pouca altura, e no meio do qual corre um pequeno rio razo, atravessado por duas boas pontes de pedra. A população, dizem que se eleva a mais de 6.000 habitantes e a altitude é de 2.726 pés acima do nivel do mar. Uma grande quantidade de ouro foi outrora obtida aquí, mas essa fonte de riqueza há muito tempo está esgotada, apesar de que às vezes ainda se veem uns poucos dos habitantes mais pobres lavando o cascalho do rio. O comércio desse lugar é consideravel, pois fica na estrada real de São Paulo a Ouro-Preto, e tambem numa, se bem que a menos frequentada, das duas estradas desta última cidade ao Rio.

Durante os quatro dias seguintes viajei na direção de sudeste sobre os campos, parando no dia 22 numa choupana solitária chamada Estiva, no dia 23 em Bom Jardim, no dia 24 em Santa Ana e no dia 25 em Pizarrão. Essa parte do planalto é mais plana e mais completamente descampada do que a do norte de São João d'El Rey, ou a mais a leste, que atravessei indo de Barbacena para Ouro-Preto. Geralmente o planalto parece tornar-se mais chão e declinar gradualmente para um nivel mais baixo na direção de oeste. Dizem que os campos em Goiás e São Paulo são, geralmente falando, mais baixos e mais planos do que os de Minas Gerais. A parte mais alta do Brasil parece ser a cordilheira que atravessa esta última província na direção de nordeste, passando por Mantiqueira, Barbacena, Ouro-Preto, Gongo-Soco, etc., e que, geralmente falando, separa os campos das florestas e tambem divide as águas do Paraná e do São Francisco, das do Rio-Doce e Rio-Grande de Belmonte.

A região que atravessei nestes quatro dias era muito descampada e enfadonhamente uniforme em seu aspecto, com poucas árvores, de população muito escassa, e simples pedacinhos de terra cultivada, à grande distância uns dos outros. Nenhuma outra região do Brasil que tenho visto, me pareceu tão escassamente povoada ou menos interessante do que esta.

Nas 16 léguas entre São João e Pizarrão nada havia à semelhança de aldeia; os lugares que mencionei eram todos eles

pequenas casas solitárias e estas mesmas eram poucas. O tráfego por esta estrada parece ser muito menor do que na de Barbacena. Encontrei poucas tropas de mulas. Cobras e abutres pretos ou *urubús* foram quase os únicos animais selvagens que vi; estes últimos eram muito comuns e raramente se passava um dia sem que visse alguns deles, porem observei que sempre apareciam isoladamente, exceto em casos onde a atração de algum animal morto tivesse feito com que se reunissem em grande número. Às vezes os vi voando vagarosa e pesadamente perto do chão e ás vezes voando suavemente no ar, dando voltas e voltas, a uma consideravel altura. Sua plumagem é preta, com tons pardos; a cabeça (que parece muito pequena em proporção) e a parte exposta do pescoço são de um avermelhado sujo. Somos naturalmente inclinados a indagar qual a causa da escassez de árvores nesta vasta e pouco povoada região do país, gozando de um clima delicioso e achando-se na mesma latitude de outras zonas que são cobertas de florestas quase impenetraveis. Por que a região a oeste da cadeia de Mantiqueira é descampada e núa, enquanto que a região a leste é espessamente coberta de mato? A elevação em si não é suficiente para impedir o crescimento das árvores, pois a serra dos Orgãos e as montanhas perto de Gongo-Soco, numa altitude igual ao nivel geral dos campos, são espessamente cobertas de matas. O clima, apesar de ser sem dúvida menos úmido do que o da região perto do mar, não é, de modo algum notavelmente seco, e uma grande quantidade de chuva cae durante uma parte do ano; nem há ventos violentos, seja na estação seca, ou na chuvosa. Não é provavel que a natureza do solo ou da rocha subjacente tenha algo que ver com o estado de pequenez da vegetação, pois a argila vermelha dos campos parece ser a mesma que cobre os rochedos de granito da cordilheira da costa; e, como já disse, as florestas das proximidades de Gongo-Soco não são muito inferiores em exuberância às da província do Rio de Janeiro, se bem que a composição mineral das montanhas seja diferente. Humboldt, debatendo uma questão semelhante, com relação ao Coçollar e outras montanhas da Nova Andalusia, observa que a ausência de árvores não pode ser atribuida à altitude, pois naquela latitude (10.° lat. N.) o limite mais alto até onde crescem árvores é no mínimo 1.800 toesas; e prossegue dizendo: "Estas circunstâncias induzem-me a crêr que as *savannahs* montanhosas do Co-

collar e do *Turimiquire* devem sua existência somente ao costume destrutivo dos indígenas de fazerem arder as matas que desejam converter em pastagens. Assim, onde durante três séculos a grama e as plantas alpinas cobriram o solo com um espesso tapete, as sementes de árvores não podem mais germinar e se fixar na terra". Estou certo de que a relativa ausência de vegetação desta parte do Brasil é por alguns atribuida à mesma causa. M. Lund (44), com quem tive o prazer de me encontrar neste país, era de opinião que todos os campos na parte tropical do Brasil tinham sido anteriormente cobertos de matas que haviam sido destruidas pelo fogo; e em apoio desta opinião, ele observou que as árvores dispersas que ainda ficaram, teem geralmente uma casca enegrecida e aparentemente chamuscada. Parece-me, porem, quase incrivel que esta destruição tivesse ocorrido sobre uma tão vasta extensão, tão escassamente povoada e apresentando tão poucos vestígios do domínio do homem. Naturalmente, onde uma população numerosa e ativa (como a da América do Norte, por exemplo) penetra num país inculto, abrindo estradas, construindo cidades, criando indústrias no seu avanço e derramando-se numa onda contínua de imigração, as mais espessas e extensas florestas vão gradualmente desaparecendo diante disto; mas aquí, onde os poucos e esparsos habitantes parecem estar quase perdidos no vasto deserto, parece demais atribuir aos seus esforços o desaparecimento de tantas milhas de florestas. Nem tão pouco posso crer que as árvores anãs dos campos, que, na maior parte, pertencem a uma espécie particular, sejam os restos de antigas florestas. Em suma, a relativa ausência de árvores neste grande planalto é dificil de explicar. Talvez mais plausivelmente seja possivel atribuí-la á configuração da região, que, com as suas longas encostas lisas e largos vales poucos profundos, expondo uma grande extensão de superfície à ação direta do sol e não retendo a umidade, como os vales fundos entre as montanhas, fica muito ressequida durante a estação seca, e da mesma sorte muito exposta à força dos ventos, que podem às vezes (se bem que geralmente o não façam) soprar com violência. Esse ponto de vista sobre o assunto é apoiado pelo fato de que as árvores anãs que se apresentam, nascem principalmente nos

---

(44) Peter Lund, notavel geólogo, paleontólogo e botânico dinamarquês. Estava pela segunda vez em visita ao Brasil, onde chegara a 19 de janeiro de 1833; em Minas Gerais, na Lagoa Santa, ficou até falecer, em 5 de maio de 1880.

vales, e são proporcionalmente mais abundantes onde a insuficiência do terreno é mais consideravel. As partes mais planas do planalto são (uniformemente, creio) as mais descampadas e nuas. Nos dias 24 e 25 a chuva começou logo pela tarde e continuou a cair em torrentes durante todo o resto de cada dia e toda a noite, penetrando alguma no aposento em que me achava alojado, pois os telhados das casas no interior do Brasil são raramente impermeaveis.

26 DE JANEIRO

À medida que nos aproximavamos de Pizarrão, a região tornava-se mais escabrosa, altas montanhas cobertas de mato apareciam em frente e à esquerda, tudo indicando que estávamos chegando perto das florestas. Um pouco alem dessa fazenda, começa a descida da encosta sudeste da cadeia da Mantiqueira ou Espinhaço, e aqui despedí-me finalmente dos campos, depois de uma viagem de quarenta e duas léguas sobre eles, desde Ouro-Preto. A montanha sobre a qual desce a estrada é conhecida pelo nome de Morro de Brumado; a descida é muito comprida e escabrosa, e o mato que cobre toda a encosta da montanha torna-se mais espesso e mais alto para o fim da declividade. A *Araucaria* ou pinheiro brasileiro é muito abundante aquí, como tinha observado tambem sê-lo nas bordas das florestas perto de Barbacena. Parece que floresce bem nos limites da região florestal com os campos. Do pé desta montanha, nosso itinerário seguiu, durante alguma distância, o curso do Rio Brumado, um riacho veloz e barulhento, que quase não merece o nome do rio: suas águas lançam-se no rio do Peixe. A estrada continua dando voltas pelas montanhas cobertas de matas, que são de uma altura consideravel e muito íngremes, não sendo, porem, rochosas; é margeada de espessas matas de árvores baixas, entrelaçadas de trepadeiras, entre as quais se tornavam notaveis a *Convolvulus* e a *Bignonia,* a primeira com lindas flores azues e a última com flores cor de palha e roxas. Depois de ter passado tantos dias nos monótonos campos, fiquei radiante de vêr novamente as belas formas da vegetação da floresta. Parei à noite nas margens do rio do Peixe, um afluente do Rio-Preto, ou Paraibuna, ribeirão um tanto veloz, mas lamacento; verifiquei, medindo a passos a ponte de madeira nesse lugar, que a largura do rio era de

quinze jardas, mas ou menos. A estrada para Funil e daí para Rio-Preto passa por cima de sucessivas cadeias de montanhas, altas e íngremes, cobertas de florestas, de proporção gigantesca e separadas por vales fundos e estreitos, os quais são cheios de uma vegetação surpreendentemente espessa e exuberante. O contraste entre o aspecto dessa região e o dos campos é certamente muito impressionante. Numerosos riachos claros precipitam-se em pequenas cascatas pelas montanhas abaixo, mas não se pode seguí-los muito longe com a vista no meio da densa mata. A montanha mais importantte que atravessamos nestes dois dias é chamada Serra-Negra e lembra algumas das cadeias exteriores dos Alpes.

27 DE JANEIRO

Fui apanhado por uma violenta tempestade no dia 27 e cheguei completamente molhado na venda de Funil, uma miseravel choupana, que quase nenhuma proteção oferecia contra a chuva. Logo que escureceu, várias espécies de sapos começaram um ruidosíssimo concerto, no qual predominava um barulho semelhante ao das marteladas dos funileiros. Dificilmente poder-se-á ter na Inglaterra uma noção do grau de intensidade do alarido que esses animais são capazes de fazer.

28 DE JANEIRO

Uma das alturas que atravessei no dia seguinte dominava uma extensa vista em direção da costa; as montanhas mais próximas, todas cobertas de matas, eram de moderada altura e contornos arredondados; mas, alem destas, alcantiladas cadeias serreadas erguiam-se umas atrás das outras até o limite do horizonte. Os efeitos do fogo eram bem evidentes em muitos lugares ao longo da estrada: grande quantidade de árvores altas estavam sem folhas, pretas e expostas; mas os galhos de muitas delas sustentavam viçosas plantas parasitas (45), que floresciam bem na madeira podre. Fetos arborescentes eram muito menos abundantes aqui nessas florestas do que na região das minas. Vi poucas palmeiras, exceto o alto e belo palmito (46), que era abundante de modo notavel e se elevava

---

(45) Bromeliáceas (Nota do autor).

(46) *Euterpe Oleracea*, M. (Nota do autor).

acima de todas as outras árvores. A pequena aldeia de Rio-Preto é belamente situada á margem do rio do mesmo nome, entre colinas arredondadas, que, em grande parte, são desbravadas e cultivadas, mas ainda são coroadas de espessas matas. Esta foi a primeira aldeia que via depois de ter deixado São João d'El Rey. O Rio-Preto, tambem chamado Paraibuna, é aqui um ribeiro manso e tranquilo, com cerca de cinquenta jardas de largura, deslisando com moderada celeridade e orlado de bosques de acácia e tufos de juncos. A água é escura e lamacenta. No ponto em que atravessei esse rio na minha viagem para o interior do país, umas quarenta milhas mais adiante na direção de leste, ele era muito mais estreito e muito mais veloz do que aqui e cheio de rochedos. De sua nascente, na serra da Mantiqueira até sua junção com o Paraiba, forma a linha divisória entre as províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais; abaixo da junção o Paraíba serve de limite.

29 DE JANEIRO

Do Rio-Preto até Valença, a região é belamente coberta de mato, porem menos montanhosa do que do outro lado daquele rio. A abundância e variedade de palmeiras pareciam aumentar á proporção que nos aproximávamos da costa. Uma espécie anã (uma *Astrocaryum*), que cresce em grupos compactos e é armada de formidaveis espinhos pretos, era comum por aqui, assim como o palmito; uma terceira espécie não se apresentava com abundância. Um bando de periquitos verdes voava velozmente através da estrada, gralhando estrondosamente; e um tucano, pousado numa acácia, atraiu a minha atenção pelo seu canto áspero e desagradavel. Enormes enxames de borboletas sobrevoavam os pequenos regatos, e lugares úmidos da estrada. Aquí e alí, existem consideraveis extensões de terras cultivadas, no meio das florestas e muitas vezes o desbravamento foi feito tão apressadamente, que numerosas palmeiras e outras árvores altas ficaram de pé entre o milho verde, mas meio queimadas e outras intactas. Em alguns pontos a estrada é margeada por uma espécie de cerca viva de abacaxis. A viagem do dia não era longa, mas os fundos atoleiros da estrada e o excessivo calor, a tornavam muito fatigante e as mulas estavam quase derreadas quando alcançamos Valença, onde encontrei muito melhores acomodações e mais cortezia do que de costume.

30 DE JANEIRO

Permanecí aquí todo o dia seguinte. A situação da aldeia é linda: fica numa planicie fertil, de pequena extensão, quase cercada de colinas dispostas em forma de anfiteatro que são, em parte, cultivadas, porem, em geral, cobertas por espessas florestas, de grande beleza pela variedade de seus contornos. As colinas mais próximas, imediatamente para o sul da aldeia, são notavelmente ingremes e escabrosas, e terminando em diversos outeirinhos distintos, em forma cônica e cobertos de mato. Para o norte, a vista termina a uma consideravel distância com uma alta e pitoresca cadeia de montanhas, talvez a serra Negra, que fica entre o rio do Peixe e o Paraibuna. A paisagem é mais variada do que costuma ser no interior do Brasil e os seus aspectos mais grandiosos são delicadamente realçados pela mistura de habitações e culturas; mas falta água, cuido, para um efeito pitoresco. Nem esta nem coisa alguma mais que vi no interior pode ser comparada em beleza com o Rio.

31 DE JANEIRO

Deixei Valença cedo pela manhã, com um denso nevoeiro, e subí a colina muito íngreme, que fica atrás da aldeia, por uma estrada execravelmente má, cheia de grandes pedras soltas. Quando olhei para trás, do alto, a vista era muito impressionante; as terras planas estavam por toda parte cobertas por um denso nevoeiro branco como a neve, para fora do qual os cimos das montanhas, cobertos de mato, elevavam-se como ilhas. Ao descer do outro lado da colina, que é igualmente íngreme, uma das mulas de carga escorregou e esteve prestes a cair de uma alta e precipitosa ribanceira; as pernas trazeiras já estavam alem da beira, mas ela se deteve e ficou completamente parada até que fosse retirada a sua carga, quando, imediatamente, restabeleceu seu equilíbrio. As matas conservaram-se muito espessas e exuberantes em todo o percurso até o Paraiba, e viajando-se através delas ouve-se às vezes o palrar dos papagaios e o alto canto metálico das arapongas (47). A *Caapeba*, uma pimen-

---

(47) Ou *Ferreiro*, pássaro da família dos Cotingídeos, *Chasmorhynchus nudicolis*.

teira arbustiforme (48), com folhas redondas extraordinariamente grandes, é muito comum em todo esse trecho da floresta. Atravessei o rio Paraiba por uma ponte de madeira de cento e quarenta jardas de comprimento e prosseguí por mais três léguas através de uma região mais amena e cultivada do que qualquer outra que tinha visto ultimamente. Os topes de muitas das montanhas ainda eram coroados por árvores gigantescas, mas as encostas estavam geralmente desbravadas e plantadas de milho ou café, ou, menos frequentemente, de mandioca; a estrada era margeada de uma cerca viva de mimosas e muitas choupanas e fazendas se encontravam espalhadas por perto. A aldeia de Vassouras, a cerca de uma légua de distância do rio, possue algumas boas casas, com vidraças, o que é digno de nota por sua raridade neste país. Aquí tambem observei outra cena pouco comum no interior do Brasil, isto é, duas senhoras montando a cavalo à moda inglesa; em silhão. Mais adiante, onde entramos novamente na floresta, a estrada estava nas piores condições que já tinha visto: por mais de meia milha era um contínuo atoleiro fundo de barro pegadiço; a cada passo as mulas se atolavam quase até a barriga e tinham que puxar as patas com trabalho penoso e esforço violento, e eu, a todo momento, esperava vê-las completamente atoladas. Nem tão pouco era possivel evitar esse abismo de lama, pois as margens da estrada e os poucos pontos mais firmes dela estavam tão escorregadiços, a ponto de serem piores do que o próprio atoleiro; de um lado havia uma precipitada descida e do outro brenhas impenetraveis. Nesta passagem ruim encontramos uma *tropa* ou caravana, viajando para o interior, em piores condições que nós, pois muitas das mulas tinham caido no lodaçal e pareciam não poder mais se levantar. Meus animais, sendo fortes e não estando muito carregados, felizmente atravessaram sem qualquer acidente, se bem que com muita fadiga e demora. Fiz alto, para a noite, numa venda solitária, no meio da mata, a qual creio que o arrieiro chamou Gramenha. Devo observar que essa parte da região das florestas é mais populosa do que a um tanto mais para leste, que atravessei em maio anterior. Aquí havia três aldeias ou pequenas povoações, no mínimo, Rio-Preto, Valença e Vassouras, num espaço de nove léguas; enquanto que entre Porto da Estrela e Barbacena não vi coisa alguma desse gênero.

---

(48) *Piper umbelatum*, L. (Nota do autor).

2 DE FEVEREIRO

Na manhã seguinte, depois de viajar durante meia hora através da mata, sem ascenção notavel alguma, encontrei-me inesperadamente no tope de um desfiladeiro de grande altura, excessivamente íngreme e coberto de florestas, separado por um vale estreito de uma montanha ainda mais alta, que do mesmo modo era inteiramente coberta de florestas e tinha um aspecto sombrio e selvagem. A elevação sobre a qual me achava era a serra de Botais, a do lado oposto a serra de Santa Ana. Chuvia torrencialmente quando, por uma estrada íngreme e dificil, descíamos para o vale, através do qual corre o rio de Santa Ana, um riacho mais ou menos do mesmo tamanho do rio do Peixe, que vadeamos, com água até a barriga das mulas. A subida da serra de Santa Ana foi muito lenta e desagradavel; estávamos envolvidas em densas nuvens; a chuva caía em torrentes e violentas rajadas de vento a sacudiam em cheio contra nossos rostos; a estrada, por si só muito íngreme e escabrosa, ficou, por causa da chuva, tão escorregadiça a ponto de se tornar absolutamente perigosa. Da parte mais alta desta garganta, segundo me disse o arrieiro, o mar é visivel em bom tempo, mas nesta ocasião as nuvens estavam tão espessas que eu não podia ver alem de vinte jardas em minha frente. Tendo descido pela encosta do sul da serra, que é tão íngreme quanto a do norte, cheguei, finalmente, todo alagado, à fazenda de João Paulo, onde me alojei para pernoitar. A chuva continuou a cair sem cessar e o grande, mas sombrio, aposento em que me instalei deixava entrar, através de vários buracos no teto, uma razoavel quantidade dágua. A mudança de temperatura, depois do violento calor dos dias precedentes, foi, para minha sensibilidade, muito grande; tremi de frio.

Nesta *fazenda* observei o método de debulhar ou moer o milho, em que se ocupava um certo número de negros. As espigas são colocadas em cestas altas cilíndricas, folgadamente trançadas, e são batidas com umas compridas e pesadas mãos de almofariz ou maços até os grãos se destacarem da parte esponjosa do centro, e, escapando através dos interstícios do trançado das cestas, são apanhados, em baixo, sobre um couro de boi. São depois pilados, mais propriamente do que moídos, por uma espécie de macete de madeira, muito grande e pesado, que estando preso na extremidade de uma longa alavanca, trabalhando sobre um eixo numa calha de madeira, é movido para

baixo e para cima por uma corrente dágua. Nunca vi um moinho de vento no Brasil, nem tanto quanto me lembro, um moinho dágua, tão pouco. O milho é raramente, ou talvez nunca, empregado para fazer pão ou bolos; e a forma em que mais comumente aparece na mesa é na de um pó grosso, chamado *farinha,* que parece muito com serradura, e é comido com feijão cosido ou carne seca, e é muito desagradavel ao paladar de um estrangeiro. O genuino método brasileiro de comer a farinha é pegar uma porção dela com os dedos e jogá-la na boca com uma sacudidela especial. Isto requer alguma destreza e prática. Outro modo de preparar o milho é cosinhá-lo nágua ou no leite, fazendo uma espécie de pudim, chamado *angú.*

Em São Paulo, tinha quase me despedido das montanhas; pois a serra de Santa Ana, que haviamos atravessado com tanta fadiga e incômodo, é a última elevação (neste trecho) da grande cadeia da costa.

No dia seguinte, o tempo tendo felizmente levantado, prosseguimos a viagem quase na direção de leste através de uma região lindamente variada, às vezes entre terras cultivadas, às vezes por pântanos ou campos inundados; mas na maior parte por dentro de exuberantes florestas, cheias das mais variadas e magníficas formas de vegetação. A estrada acompanhava, de modo geral, quase paralelamente a serra, que, com grande magestade, se erguia à esquerda, projetando belos píncaros coniformes, e coberta de matas, de cima a baixo. Nas terras cultivadas, a grande preponderância da mandioca e a pequena quantidade de milho indicavam a diferença entre este clima e o das montanhas. Diversas pequenas cadeias de colinas, ramificando-se da serra, interrompiam o nivel geral da região, cujo solo era de uma areia branca de granito. A *venda* em que parei (chamada, creio eu, Manganga), está situada no meio de belas matas brancas e verdes prados, perto da raiz da serra. Muitas árvores velhas aqui estavam curiosamente entrelaçadas pelas compridas flámulas cinzentas da *Tillandsia,* parecida com o musgo, uma planta comum em toda a região das florestas, do rio do Peixe para baixo.

4 DE FEVEREIRO

Daí até Pavuna, a estrada, seguindo, mais ou menos na direção de sudeste, atravessa uma região bela e fertil, mas quase plana. Havia pouca coisa que indicasse que nos apro-

ximavamos da capital de um império: apenas uma pequena parte da terra era cultivada: as casas não eram nem belas, nem numerosas; e poucos transeuntes eram vistos. A estrada em muitos lugares estava inundada e em tal profundidade, em alguns, que tivemos dificuldade em passar. O solo da planície é de uma areia granítica, o qual, em climas mais frios ou mais secos, seria provavelmente assás esteril, mas aqui a vegetação é muito exuberante.

A *flor de quaresma,* agora em plena florescência, resplandecia, com as suas vastas massas de púrpura no meio da folhagem das florestas e uma variedade de lindas *Bignonias* formava ricas grinaldas floridas. O *cajú* ou cajueiro, que nunca vi na região mais elevada, era comum nesta planície areienta. O negro que guiava minhas mulas matou uma cobra venenosa que ele chamou *jararacuçú* (49), mais ou menos do tamanho e do aspecto de uma víbora comum, e riscada alternadamente de castanho escuro e claro. Ao aproximar-se o fim da viagem do dia, estavam à vista as pitorescas montanhas da imediata visinhança do Rio; pareciam tanto quanto eu podia ver, não ter ligação com a grande cadeia da serra do Mar. Em Pavuna, apesar de estar apenas a cinco léguas da capital, a *venda* era miseravel, e, pela primeira vez em toda a viagem, fui muito incômodado pelos mosquitos.

A larga e areienta estrada de Pavuna corre na direção de sudeste, sobre uma planície que se vai tornando mais geralmente cultivada à medida que a capital se aproxima, e é embelezada por muitas bonitas casas de campo com jardins e alamedas de árvores, e por *Engenhos,* ou fábrica de açucar. A cana de açucar, uma planta raramente vista no interior, é extensamente cultivada aquí e seu brilhante verde vivo produz um efeito muito agradavel na paisagem. À cerca de duas léguas do Rio, a estrada pela qual tinha vindo de Minas, se une com a de São Paulo; e a partir deste ponto, nada pode exceder a risonha beleza, como a de um jardim, da região. Passando pela residência imperial de São Cristovão, entrei na cidade pelo *Aterrado,* ou caminho elevado sobre o pântano, depois de uma viagem de vinte e nove dias de Gongo-Soco. Antes de deixar o assunto do Brasil, farei algumas observações que me foram sugeridas por esta excursão ao interior do país e acres-

(49) Serpente da família dos Viperideos, *Bothrops jararacussu,* que atinge a 2m,20 de comprimento e é extremamente venenosa.

centarei um ou dois detalhes a respeito da sua cultura e das suas produções. Um inglês, viajando no Brasil, fica muito impressionado pela ausência de quase todas aquelas comodidades, bem-estar e muito conforto, que para nós se teem tornado, por hábito, quase indispensaveis.

Acostumado, em sua própria terra, a considerar a falta destas coisas como sinal da mais extrema pobreza, fica inclinado a pensar que os brasileiros, em geral, são pobres e miseraveis; apesar de que creio, com relação às suas próprias noções e sentimentos, que tal conclusão é erronea. Num país tão favorecido pela natureza, as absolutas necessidades da vida são obtidas com facilidade e pouco trabalho, e os desejos do povo não vão muito alem. Eles desconhecem, na maior parte, essas necessidades artificiais que estimulam as indústrias, excitam as invenções e fazem surgir as artes que embelezam a vida civilizada. Habitar uma cabana suja, infestada de insetos incômodos; alimentar-se de farinha de milho, feijão e carne seca dura; dormir sobre uma esteira ou um couro de boi; isto não é sofrimento para um homem que nunca se habituou a outra coisa desde a sua infância e que nunca teve diante dos olhos exemplos de um modo de vida mais confortavel. Por essa razão é que se vê o proprietário de muitos escravos e de consideraveis plantações, vivendo deste modo perfeitamente satisfeito. E' uma velha e justa observação de que a pródiga generosidade da natureza para com os paises tropicais está longe de ser favoravel ao desenvolvimento intelectual dos habitantes, ou ao seu progresso na civilização e nas artes.

Os processos empregados na agricultura são um indício da falta de perícia e conhecimento do povo. São tais que só poderiam ser empregados em paises ferteis e de poucos habitantes, ao mesmo tempo. Um trecho de terra é grosseiramente desbravado e a semente plantada entre os troncos e raizes meio queimadas: a princípio a produção é muito grande, mas como nenhum adubo é usado, o solo rapidamente degenera; e depois de se tirarem dele anualmente duas colheitas, durante dois ou três anos, deixa-se de cultivar a terra para o solo readquirir a sua fertilidade. Depois de ficar sem cultura por alguns anos, a terra cobre-se de umas árvores finas e altas e de matagal, chamado *Capoeira;* estes, por sua vez, são queimados, e as cinzas servindo de adubo, o solo se torna, então, novamente bom para o plantio do milho. Esse processo, entretanto, não pode ser re-

petido sem limites. Depois de certo tempo, o solo fica coberto de uma viçosa brenha ou de um capim pegajoso, cinzento, chamado *capim melado*, e aí, então, tanto quanto se sabe, não serve mais para plantação.

Uma das principais razões pelas quais os artigos de luxo tão raramente são encontrados no interior, é, sem dúvida, a falta de boas estradas e o consequente risco, bem como a despesa do transporte. Vidros para janelas, sal, vinho, chá e muitas outras coisas são levadas do Rio de Janeiro para o interior em mulas, e, naturalmente, o seu preço fica muito elevado até chegarem às minas. O sal, por exemplo, disseram-me, custa quase sete vezes em Cocais ou Sabará do que no Rio. Considerando a distância de que é trazido e o perigo de se quebrar na viagem, não é de admirar que em tão poucas casas no interior do país se vejam vidraças; o que, afinal de contas, é completamente inutil durante metade do ano.

O queijo de Minas é notavel no Brasil, porem não soube em que parte da província era feito. Fazendas grosseiras de algodão e couro são trazidas de Minas Novas e da zona dos diamantes. A carne seca (*dried beef*) que constitue um importante artigo de alimentação, é produto do Rio Grande, da Banda Oriental e de Buenos Aires. O algodão não é cultivado em grande escala em parte alguma do Brasil, por mim vista; o melhor é produzido nas províncias mais setentrionais do império, especialmente em Pernambuco, Piauí e Maranhão. A cana de açucar não floresce tão bem em Minas como nas planícies baixas perto do mar; nem tão pouco é o fumo um importante artigo de cultura naquela província. A bananeira é plantada em volta de todas as casas, para abastecimento da família, e provavelmente nenhuma outra planta fornece tão grande provisão de alimento nutritivo e agradavel. E' tambem muito apropriada aos hábitos e disposições do povo, pois o seu cultivo requer muito pouco cuidado e perícia. De maneira alguma se restringe somente aos vales e terras baixas, pelo contrário, suas frutas se desenvolvem bem em Barbacena, a 3.300 pés (franceses) acima do nivel do mar, e na parte mais alta da cidade de Ouro-Preto, a uma altura de 3.500 pés; nestas situações, entretanto, dizem que, ocasionalmente, são prejudicadas pelas geadas. O azeite para iluminação é obtido das sementes do carrapateiro (*mamona*) ou planta do óleo de rícino, que cresce

meio bravio perto das casas e toma perfeitamente as porporções de uma árvore.

Muito pouco tempo permaneci no Rio depois de minha volta de Minas. Desejaria, sem dúvida, ter visitado a Baía e Pernambuco, no meu caminho para a Europa; não tinha, porem, mais tempo disponivel e fui consequentemente obrigado a aproveitar a oportunidade de obter uma passagem no paquete *Pândora*, que ia partir diretamente para a Inglaterra (50). Não foi sem pezar que olhei pela última vez para o belo cenário da Baía do Rio e que, finalmente, me despedi deste interessante país, em que tinha passado mais de ano e meio, com tanto prazer e guardado em minha mente tantas imagens agradaveis que dificilmente se desvanecerão.

(50) O paquete *Pândora*, comandante Croke, zarpou para Falmouth no dia 12 de janeiro de 1835. — *Movimentos do Porto*, do *Jornal do Comércio*, de 13.

NOTAS AO CAPÍTULO II

Uma árvore decidua, de grande tamanho, é a paineira que na estação chuvosa, fica coberta de grandes flôres côr de rosa; em julho e agosto, seus galhos, despojados das folhas, ficam carregados de vagens, as quais, à medida que arrebentam, expõem as massas de algodão branco como neve, que envolvem as sementes.

Nos meses de março e abril, dois lindos arbustos, um deles a *Cassia* (*Cassia excelsa*, De C.,) e o outro a *Flor de Quaresma* dos brasileiros, ornamentam todas as colinas em volta do Rio, suavizando o verde-escuro das matas com as suas grandes massas da muito rica púrpura e ouro (*Lasiandra Fontanesiana*, De C., *Melastoma granulosa*, Bot. Mag.) A *Flor de Quaresma* é assim chamada, porque a principal época de sua florescência é nas proximidades da Quaresma; porem ela floresce, mais ou menos abundantemente, durante quase todo o ano. E' um dos mais belos arbustos do Brasil. As praias perto do Rio são geralmente cercadas na extremidade superior das areias por uma faixa de arbustos, sempre verdes, o mais comum dos quais é a Pitanga, uma bela espécie de murta, (*Eugenia michellii*, De C.) com folhas muito lustrosas; suas sucosas frutinhas vermelhas, apesar de acres e de gosto ruim, em seu estado natural, servem para a confecção de um bom doce. Juntamente com este vegetam a *Sophora littoralis*, uma ou duas espécies de *Clusia*, uma palmeira anã cheia de espinhos e diversos outros arbustos, misturados de *Cactus* altos; e o chão, em baixo desses arbustos, é coberto por uma espécie de *Bromelia*, cujas folhas côncavas reteem a água das chuvas, como numa taça.

O Cajueiro (*Anacardium occidentale*, L.) cresce em estado silvestre em muitos lugares nas partes mais descampadas das colinas e em algumas das ilhas rochosas na baía. Não posso compreender por que Auguste de Saint-Hilaire não quis admitir que essa árvore fosse originária do Brasil.

As palmeiras são uns dos mais nobres ornamentos das florestas, se bem que, de modo algum constituam a grande massa da vegetação, como alguns erroneamente pensaram. Há grande quantidade de diferentes espécies nas florestas perto do Rio, e com uma forte semelhança geral ou de família, elas apresentam grandes diferenças nos detalhes de forma.

Uma das mais comuns (uma espécie de *Astrocaryum*), cresce geralmente em grupos maciços, não acima de 20 ou 30 pés de altura; seu caule, que engrossa na parte superior, é inteiramente coberto de espinhos pretos, muito compridos e fortes, e suas belas folhas lustrosas, de dez a quinze pés de comprimento, e alvacentas no dorso, são de maneira semelhante armadas ao longo de sua aste principal. Uma outra (talvez um *Cocos*) atinge a uma grande altura, com um tronco branco, liso, parecendo uma coluna de mármore, suas folhas curvando-se para trás na mais graciosa maneira, e encrespadas quase como penas de avestruz. Outras são de muito modesto crescimento,tais como as *Geonomas*, que teem astes flexiveis, fracas, cuja grossura não é superior à de um dedo de homem, e folhas ligeiramente divididas, de tal modo que facilmente poderiam ser confundidas com o capim de folha larga, com o qual crescem misturadas.

A bela *Lasiandra argentea*, uma das plantas caracteristicas do Rio, crescia em abundância na planície arenosa, porem em lugar nenhum a vi, alem da primeira cadeia de montanhas. Parece pertencer inteiramente à região vizinha do mar, e, de fato, cresce realmente em lugares na praia.

Estou em dúvida de ser ou não o carrapateiro (*Ricinus communis*) uma planta genuinamente originária do Brasil. E' muito comum nesse país, porem sempre (tanto quanto vi) perto de casas, em lugares onde se deposita lixo, e às margens das estradas; em suma, em locais onde originariamente pode ter sido introduzida pelo homem. Não me lembro de jamais a ter visto à distância das habitações. Sprengel a indica como originária da Grécia, das Índias Orientais, da África do norte e do Cabo da Boa Esperança. Nesta última mencionada região ela é bastante comum, porem se encontra nas mesmas duvidosas situações como no Brasil (*Linn. Trans.*, v. 14). Dr. Hamilton externa, com segurança, a opinião de que o país de origem do *Ricinus* é a Índia, e que foi introduzida na América por causa de sua utilidade.

Nos nossos jardins o carrapateiro (*Castor-vil plant*) é bem conhecido como um herbáceo anual, porem no Brasil ele cresce em forma de arvore, de doze ou quinze pés de altura, ou ainda mais, com um forte tronco lenhoso, tão grosso como uma perna de homem, e muitos galhos dispersos; e vive muitos anos.

NOTAS AO CAPÍTULO II (bis)

E' de admirar que o Sr. London, em geral tão bem informado e preciso em todos os assuntos relativos às plantas, tivesse asseverado que (Vide *Arboretum et Fructicetum Britanicorum*, vol. I, pág. 185) "a vegetação lenhosa da América do Sul parece ser muito menos variada do que a da América do Norte, e consistir, principalmente nas partes mais quentes da região, de palmeiras." Isto é completamente inexato. Creio poder seguramente afirmar que a vegetação lenhosa do Brasl é tão variada como a de qualquer outro país do mundo.

As palmeiras são certamente abundantes, porem são sempre, tanto quanto me foi dado ver, sobrepujadas pelas árvores de estrutura *exógena*, tais como as diferentes espécies de *Acácia, Ingá, Cássia, Bignônia, Ficus*, e muitas outras.

Entre os fetos que vegetam nas matas e sobre os rochedos perto do Aquedùto, mencionarei as seguintes espécies, notaveis, ou pela sua beleza ou pela singularidade de aspecto:

Lygodium volubile (*Hydroglossum*, (Raddi).
Anemia mandiacana, R. *A. fraxinifolia*, R.
Hemionites tomentosa, R.
Polypodium tectum, Spreng.
P. vaccinifolium.
P. plumula, R.
Pteris spinulosa, R.
Adiantum dolabriforme, Hooker.
A. radiatum, et *A. lucidum*.

As mais abundantes são *Anemia flexuosa, Gymnogramma Calomelanos*, e uma *Mertensia*, ou *Gleichenia*, de grande crescimento.

Vegetam no próprio Aqueduto *Adiantum Capillus Veneris, A. cuneatum, Blechnum occidentale*, e diversas espécies de *Aspidium*

A mandioca do Brasil é a valiosa planta comestivel conhecida nas Índias Ocidentais pelo nome de *Cassava*.

E' muito extensivamente cultivada nas terras baixas quentes do Brasil, onde a farinha extraida de sua raiz constitue a parte principal da alimentação do povo; porem nas altas serranias de Minas Gerais não se aclimata tão bem, e é consequentemente substituida pelo milho.

A *Byrsonima sericea*, De Cand., um belo arbusto, com folhas de um sedoso ouro castanho no dorso, e flores de um amarelo-vivo, é particularmente abundante neste cume arenoso. *Huberia laurina*, De C., tambem vegeta alí, assim como a *Clusia rosea*, e muitas outras variedades.

Seria impossivel enumerar metade das belas e curiosas plantas que são encontradas perto do Aqueduto, e nas florestas do Corcovado; porem a seguinte lista contem algumas das mais caracteristicas, as quais o botânico pode observar a uma razoavel distância do Rio:

Lasiandra Fontanesiana, De C.
L. Argentea, De C.
Mimosa sensitiva
Inga nandinoefolia

Cassia excelsa
Shifia chrysantha
Achyrocline flaccida, De C.,
Vernonia splendens, De C.
Solanum verbascifolium
Helicteres verbascifolia.
Securidaca tomentosa
Tebrapheris acutifolia
T. mutabilis (nov. sp.)
Hiræa cineria (nov. sp.)
Heteropheris nitida
Banisteria (diversas espécies)
Seriana
Lacistema pubescens
Dorstenia arifolia
Panicum divaricatum
Zygopetalon Mackaii
Maranta zebrina

e muitas outras espécies de *Piper* e *Croton*.

Uma das mais estranhas plantas dos arredores do Rio é a *Tillandsia usneoides*, que se encontra em poucos lugares em Botafogo, porem muito mais abundantemente na serra dos Orgãos, pendentes dos galhos das árvores, em compridos, grossos e emaranhados cachos de cor acinzentada, e parecendo muito alguns dos filamentosos Lichens.

Uma outra Tillandsia, de muito diferente aspecto, vegeta em quase todas as grandes árvores nos jardins perto da cidade; tem folhas cinzentas estreitas, e espigas pendentes de flores azul-violeta, as quais ficam quase escondidas pelas suas folhas floraes (brachea) cor de rosa.

Não encontro espécie alguma correspondendo exatamente a ela.

Os *cactos* não são numerosos nas vizinhanças do Rio de Janeiro; vegetam nos lugares mais quentes e secos, ou nos rochedos nus, expostos à plena luz do sol, ou nas areias das praias.

Neste último local, atingem a grande tamanho.

Muitas plantas européias aclimataram-se em terrenos baldios e ao lado das estradas perto do Rio, tais como *Solanum nigrum*, *Coronopus didyma*, *Anagallis arvensis varcœrulea*, *Stachys arvensis*, *Plantago major*, e *Oxalis corniculada*.

Suas sementes foram sem dúvida introduzidas, no primeiro caso, entre sementes de plantas de jardim ou no lastro de navios, ou no feno empregado para embalagem. Dois capins, porem, *Cynodon dactylon* e *Setaria glauca*, que parecem ser comuns em todas as partes do globo, podem ser realmente indígenas aquí.

As folhas do castanheiro da Índia são compostas, consistindo de diversos foliolos distintos, ao passo que as da *Cecropia* são simplesmentes lobuladas; há, porem, uma semelhança geral no seu contorno.

A *flor de Quaresma* é uma das mais esplêndidas variedades da bela família de plantas chamadas pelos botânicos *Melastomáceas*, as quais são extremamente numerosas no Brasil e em toda parte (tanto quanto me foi dado ver) constituem um traço notavel na vegetação.

De Candolle, no seu *Prodromus*, descreveu nada menos de 290 espécies brasileiras dessa família; porem destas, provavelmente metade, pelo menos, devem ser consideradas como simples variedades, dependendo das condições do solo, exposição, idade ou acidente. Todavia, encontrei algumas formas que não me pareceram ter relação com nenhuma de suas espécies. As *Melastomáceas* estão espalhadas, como parece, por todo o Brasil, mas, certamente, são mais numerosas na provincia de Minas. Encontram-se em quase toda a variedade de solo e de situação: nas areias das praias, entre os rochedos secos, nos pântanos, nas capoeiras, nas colinas pedregosas expostas ao sol, e na mais densa sombra das florestas.

As espécies da família das *Myrtáceas* são muito numerosas nas florestas, as frutíferas capsulares nas terras descampadas dos planaltos e nas montanhas pedregosas de Minas. A extensão geográfica de muitas delas encerra-se dentro de estreitos limites.

E' sobremodo notavel que tão numerosa e bela família de plantas seja (tanto quanto é sabido) quase inteiramente destituida de qualquer propriedade ativa, seja util ou nociva.

As frutinhas de muitas delas são comestiveis, porem insipidas; as folhas de uma espécie, segundo Humboldt, são empregadas em Papayan em substituição ao chá; e há uma outra em Minas Gerais que produz uma boa tintura preta. Porem isto é tudo o que me foi possivel saber a respeito de suas propriedades.

A *flor de Quaresma* atinge a uma altura de dez, quinze e até vinte pés: suas folhas teem cinco ou seis polegadas de comprimento, são de cor verde escura, de uma contextura firme e rija, e curiosamente riscadas; as flores, que nascem em paniculas, são de duas a três polegadas de largura, e de uma viva cor de púrpura. Geralmente falando, quando em florescência, o arbusto tem muita semelhança com o Rhododendron; porem suas flores são maiores e de uma mais viva cor de púrpura do que em qualquer desses gêneros. Essa bela planta foi infeliz com o seu nome: figurou no *Magazine Botânico* (ainda que de um espécime pobre), sob o muito apropriado nome especifico de *granulosa*, o qual deveria ter sido mantido; mas M. De Candolle julgou acertado adotar o inconvenientemente comprido e sem sentido nome de *Fontanesiana*.

Uma outra belissima espécie de *Lasiandra* é particularmente caracteristica dos arredores do Rio, onde vegeta na maior abundância, tanto nos lugares rochosos e secos das colinas, como na terra solta perto do mar, estendendo-se pela planície arenosa até o pé da primeira grande cadeia de montanhas, não alem, no interior.

E' a *Rhexia polosericea*, de muitos autores, porem chamada *Lasiandra argentea* por De Candolle. Suas flores, que brotam quase durante todo o ano, são de uma bela cor violeta, a aste e as folhas cobertas de um grosso pelo branco macio e assetinado. Uma dessas é uma espécie de Bignonia, uma grande árvore, frequente no Corcovado; floresce em setembro, antes de suas folhas brotarem, e quando em florescência não pode deixar de atrair a atenção do estrangeiro; pois fica tão inteiramente coberta de grandes flores amarelas vivas, que, à certa distância, parece uma massa de ouro. Em plena luz do sol, seu aspecto é realmente deslumbrador. Uma outra planta decídua, de grande tamanho, é a paineira, que, na estação chuvosa, fica coberta de grandes flores cor de rosa; em julho e agosto, seus galhos, despojados de folhas, ficam carregados de vagens, as quais, à medida que arrebentam, expõem as massas de algodão branco como a neve, que envolvem as sementes.

Nos meses de março e abril, dois belos arbustos, um deles uma espécie de *Cassia*, o outro chamado pelos brasileiros *Flor de Quaresma*, o qual suavisa o verde escuro das florestas com as suas grandes massas da mais suntuosa púrpura e ouro. A *flor de Quaresma* (*Lasiandra Fontanesiana*, de De Condolle) é assim chamada, porque a principal época de sua florescência é pela Quaresma; porem ela floresce, mais ou menos abundantemente, durante quase todo o ano. E' uma das mais belas espécies das *Melastomáceas*.

As praias perto do Rio são geralmente cingidas ao longo da extremidade superior das areias, por uma faixa de arbustos sempre verdes, o mais comum dos quais é a pitanga, uma bela espécie de murta (*Eugenia Michellii*), de folhas muito lustrosas; suas sucosas frutinhas vermelhas, se bem que de gosto acre e desagradavel em seu estado natural, prestam-se à confecção de um saboroso doce; juntamente com este, vegetam a *Sophora littoralis*, uma belissima Clusia, uma palmeira anã espinhosa, e outros arbustos, misturados com altos *Cactus;* e o chão, em baixo deles é coberto de uma espécie de *Bromélia*, cujas folhas côncavas reteem a água da chuva, como numa taça. O cajú ou cajueiro (*Anacardium occidentale*) cresce em estado silvestre em muitos lugares secos e descampados das colinas, e em algumas das ilhas da baía. Não posso compreender por que Saint-Hilaire não quiz admitir que esta árvore fosse originária do Brasil. Ela foi notada pelos primeiros colonos europeus nesta costa e era bem conhecida dos aborígenes, que preparavam uma bebida inebriante de seus frutos. Isto parece uma prova assás evidente de que era indigena.

As palmeiras são uns dos mais nobres ornamentos das florestas, se bem que, de nenhum modo (como alguns teem erroneamente afirmado), constituam a grande massa da vegetação. Ha grande quantidade de diferentes espécies nas florestas perto do Rio, e, com uma acentuada semelhança geral ou de família, elas apresentam grandes diferenças nos detalhes de forma. Uma das mais comuns (uma espécie de *Astrocaryum*), cresce geralmente em grupos compactos, não alem de 20 ou 30 pés de altura; seu caule é coberto de espinhos pretos muito compridos e fortes, e suas belas

folhas lustrosas, de dez a quinze pés de comprimento, são de igual maneira armadas ao longo de sua aste principal. Uma outra atinge a uma grande altura, com um tronco tão reto, branco e liso, que faz lembrar uma coluna de mármore; suas folhas curvando-se para trás da mais graciosa maneira, e crespas como penas de avestruz. Outras são de muito modesto desenvolvimento, como as *Geonomas*, que teem delicadas astes flexiveis, cuja grossura não excede à de um dedo de homem, e folhas apenas ligeiramente divididas, de tal sorte que facilmente poderiam ser confundidas com os capins de folha larga, com os quais elas crescem misturadas. Algumas dessas palmeiras anãs são mais terrivelmente cheias de espinhos do que qualquer outra planta que eu conheça. As folhas das palmeiras, em geral, teem uma cuticula particularmente forte, rija e lustrosa, que reflete à luz com grande brilho. Essa viva reflexão de luz das folhas das palmeiras, e tambem (mas em menor escala) das folhas de muitas outras grandes árvores, é devéras notavel, quando, de um plano elevado, se olha para baixo ou obliquamente sobre um declive coberto de mato. E' um dos mais notaveis caracteristicos do cenário da floresta tropical, e mais ainda quando contrastado com a densa sombra escura, o perpétuo crepúsculo, que reina nestas florestas. Não vi coisa semelhante na Europa, onde as folhas, em brilhante luz do sol, é tão forte que à distância se poderia, às vezes, imaginar que a luz era refletida de vidro ou metal polido. Devido à mesma peculiaridade (a dureza da cuticula, que, como a dos capins, contem muita terra siliciosa), essas folhas são notavelmente sonoras quando sacudidas pelo vento.

O verdadeiro coqueiro é raro nos arredores do Rio, mas dizem ser muito comum nas partes da costa brasileira mais próximas do equador, como, por exemplo, nas provincias da Baía e de Pernambuco.

Uma grande parte da mata de corte, das colinas ao redor do Rio, consiste de várias plantas arbústeas, tais como *pimenteiras* e *crotons;* aquelas teem frequentemente uma bela e lustrosa folhagem, porem suas flores não são notaveis. Mimosas e plantas semelhantes são prodigiosamente numerosas, variando em tamanho, desde as árvores mais gigantescas até as debeis sensitivas que rastejam pelo chão, ou se perdem entre as moitas como as nossas sarças européias. Depois de me ter familiarisado, até certo grau, com a vegetação e o aspecto do país na vizinhança da capital, estava ansioso para visitar as montanhas da serra dos Orgãos, de cujas belezas tinha ouvido altos louvores. Com satisfação, pois, aproveitei o convite do Sr. March, um cavaleiro inglês que é proprietário de uma fazenda entre aquelas montanhas, para acompanhá-lo até lá.

Seguimos vagarosamente baía acima num grande e pesado barco remado por quatro negros, e desembarcamos na foz do rio Magé, onde se achavam mulas à nossa disposição para nos conduzir e a nossa bagagem. Nossa marcha até alí tinha sido tão vagarosa, que fomos obrigados a partir à luz do luar para Freichal, uma *venda* ou taverna ao pé das montanhas, onde dormimos. Se bem que, naturalmente, pouco eu pudesse ver da região, essa caminhada noturna tornou-se agradavel pela frescura do ar, o singular aspecto da floresta sob um brilhante luar, a deliciosa fragância de várias flores, e os inumeraveis pirilampos faiscando entre as moitas. Na manhã seguinte partimos cedo e depressa entramos na floresta virgem (*mato virgem*). que cobre essas montanhas, de sua base aos seus cumes. E' realmente uma cena maravilhosa; considerei-me recompensado por ela de todo o desconforto de uma viagem através da linha. As florestas do Corcovado, que me deslumbraram tanto, nem de longe se aproximam da majestade dessas gloriosas florestas primevas. As árvores elevam-se à uma assombrosa altura, e seus galhos, cobertos de uma espessa folhagem perpetuamente verde, e entretecidos por festões de trepadeiras, formam um pálio impenetravel ao sol. Em baixo delas, uma infinita variedade de arbustos e gigantescas ervas, das mais curiosas formas, crescem tão intrincadamente misturadas e esteiradas juntas, que é realmente dificil distinguir as folhas e flores próprias de cada uma.

Centenas de diferentes plantas lutam por espaço ou pelo domínio. Volumosas trepadeiras, algumas delas tão grossas como um corpo de homem, enrolam-se nas árvores como gigantescas serpentes, ou agarram-se nelas, à maneira da era, cingindo-os em volta e finalmente abafando-as com as suas gavinhosas raizes; outras enroscam-se uma com a outra, e sobem até mesmo aos extremos topes das árvores, onde expõem suas folhas e flores ao sol, e, então caem em graciosos festões, ou ficam penduradas entre uma e outra árvore, como pontes de corda. No meio deste extraordinário cenário, ouvimos com intervalos, dos topes das árvores, um áspero som

ressonante, exatamente como o produzido por um forte golpe de martelo sobre uma chapa de metal; esse é o canto da *Araponga*, um pássaro muito comum nessas florestas, porem que pousa tão alto nas árvores, que raramente é visto.

Eu mesmo nunca o vi, durante todo o tempo em que estive no Brasil; porem é descrito (Vide *Travels*, do Principe Maximiliano) como uma ave branca, com o pescoço verde e desprovido de penas. E' uma espécie do *Chasmorhynchus*, segundo o Sr. Swainson (*Classificação de pássaros*, vol. 2) e é quasi semelhante ao *Campanero*, ou *pássaro-sino*, descrito pelo Sr. Waterton. Depois de subir durante algumas horas, saimos da floresta e entramos num ameno vale verde, com árvores espalhadas, rodeado pelos picos das montanhas. A casa e a fazenda do Sr. March ficam situadas nesse vale, cuja altura, segundo me informou, é de 3.100 pés acima do nivel do mar, conforme três medidas barométricas; e os principais picos devem ficar nada menos de 2.000 pés mais altos. A temperatura é tão diferente da do Rio, que facilmente se poderia imaginar estar em outra zona, e o ar tem aquela sensação peculiarmente leve e envigorante característica das regiões alpinas. Disse-me o Sr. March ter verificado o termômetro descer tanto quanto 32.° à noite e 36.° mesmo durante o dia. Todas as nossas frutas e legumes comuns, até os morangos,são cultivados com êxito em seu jardim, enquanto que as laranjas, por outro lado, são completamente insipidas, prova evidente de quanto o clima do Rio de Janeiro é diferente do daqui. O principal produto cultivado nestas terras altas, assim como na província de Minas Gerais, é o milho, do qual duas safras são obtidas por ano. O clima não chega bem a ser suficientemente quente para a mandioca ou a cana de açucar. O trigo provavelmente medraria aqui, como se desenvolve tão bem no vale do Aragua, na Venezuela, à uma elevação consideravelmente menor,e em algumas outras partes da América do Sul, à uma elevação muito maior; mas o milho proporciona um alimento mais abundante, se bem que menos agradavel. Passei o resto do dia erborizando nas margens do pequeno rio Paquequer, um claro e veloz riacho de montanha, que corre turbulentamente entre rochedos e grandes árvores. Encontrei poucas plantas em flor, porem uma grande abundância de fetos e musgos; e, o que é curioso, muitos dos últimos são idênticos aos da Grã Bretanha. Devo aqui notar que, nas florestas brasileiras fica-se geralmente mais surpreendido com a imensa escala e singularidade das formas de vegetação e beleza da folhagem, do que com a abundância ou esplendor das flores, posto que, em certas estações do ano, o mais brilhante efeito seja produzido pelas várias espécies de *Cassia*, *Lasiandra*, *Bignonia* e *Vochysia*. E' preciso reconhecer tambem que, enquanto o botânico nestas regiões está encantado com a novidade e riqueza da vegetação, ele fica tambem exposto a muitas mortificações, das quais estaria comparativamente livre em climas mais temperados. Encontra grande dificuldade em determinar as espécies, ou mesmo o gênero das grandes árvores e gigantescas trepadeiras, por isso que elas raras vezes teem folhas ou flores a menos de 60 ou 70 pés de altura do solo; de maneira que, salvo se acontecer encontrar alguma das árvores recentemente derrubadas, ele é obrigado a contentar-se com as plantas mais humildes que vegetam sob a sombra daquelas árvores. Está tambem sujeito a sofrer muitos desapontamentos em consequência da excessiva umidade da atmosfera, que muitas vezes faz com que os seus especimes apodreçam ou se espedacem todos quando postos a secar. Tal foi a sorte de muitas plantas que recolhi na serra dos Orgãos.

No dia 26 percorremos uma consideravel parte da fazenda do Sr. March, através das mais belas florestas, onde vi pela primeira vez o grande bambú brasileiro, ou *Taquara*, que depois para mim se tornou muito familiar em Minas Gerais. Seus caules (que não são tão conglomerados como os do bambú indiano), atingem à uma altura de 30 ou 40 pés, e são tão grossos na parte inferior como uma perna de homem, porem vão se adelgaçando para as pontas, como varas de pescar, à uma extrema finura. As graciosas curvaturas de seus arcos, a sua flexibilidade e a delicadeza dos seus galhos em tufos e das suas pequenas folhas de brilhante cor verde, tornam-nos objetos muito belos e interessantes.

No correr de nossa excursão obtivemos uma esplendida vista desses notaveis picos, os quais fizeram com que alguem, de imaginação musical (suponho eu) desse o nome de *orgãos* às montanhas desta parte da cadeia. São grandes obeliscos de rocha, muito parecidos com as "Aiguilles", perto de Chamonix. São excessivamente íngremes para dar espaço ao crescimento de árvores; mas as montanhas que mais proximamente circundam o vale do Sr. March são cobertas de matas, mostrando

que a elevação não é suficiente para impedir o crescimento de madeira. O fundo do vale é coberto de uma fina relva verde.

O Sr. March foi obrigado a voltar ao Rio, no dia seguinte, a negócio, e eu o acompanhei. Partimos com uma perfeita "neblina escossesa", que em pouco tempo se transformou em chuva grossa e continuou durante todo o dia. A estrada através da floresta é excessivamente má, e se bem que a tivesse considerado bastante incômoda ao subir, muito pior foi para descer. Não é somente ingreme, porem pedregosa ao extremo: em alguns pontos é uma espécie de escada de pedra, em outros cheia de pedras soltas, em muitos lugares tem-se de lutar através de atoleiros fundos de barro pegajoso; e, o que é pior de tudo, o caminho é tão estreito que não se pode ter os joelhos livres das pedras salientes e dos tócos de árvores, de cada lado. Porem depois, quando viajei pelo interior do país, fiquei bem acostumado a estradas ruins.

O percurso do sopé das montanhas à baía é feito através de matas baixas e umidas e brenhas pantanosas, e de ambos os lados há colinas baixas, cujas vertentes são, na maior parte, plantadas de mandioca. Observei essa soberba planta, que é a *Datura arborea*, em diversos lugares, suspensa sobre os pequenos regatos, e a fragrância de suas flores era perceptivel à consideravel distância.

Estava escurecendo quando, completamente encharcados, alcançamos Piedade, na embocadura do Magé, e o vento era tão forte e tão decididamente contra nós, que era inutil tentar prosseguir para a capital naquela noite. Mas nós estavamos em situação privilegiada como viajantes brasileiros, pois tivemos meios de mudar as nossas roupas molhadas, pudemos arranjar uma ceia toleravel e ter colchões para nos deitar. Tal foi o meu primeiro ensaio de viagem no Brasil. Mesmo quando amanheceu o vento ainda estava tão contrário, que tivemos de gastar oito horas numa travessia que ordinariamente é feita em cerca de três; e uma chuva miuda e fria continuou durante todo o dia. Os negros teem um modo muito exquisito e aparentemente desageitado de remar: em cada remada eles não só se levantam dos assentos, como ficam de pé sobre o banco em frente deles, e então se jogam para trás em posição de quem se senta, de modo a dar à remada todo o impeto do seu peso. Pode-se bem imaginar que os seus remos são pesados e dificeis de manejar e seu progresso lento.

NOTAS AO CAPITULO V

As *Solanaceas*, ou família *erva maura*, são notavelmente numerosas nos arredores de Buenos Aires, mais, de fato, do que as tinha visto em qualquer outra parte, e certamente constituem um dos mais fortes caracteristicos da Flora desse lugar. Alguns gêneros delas, tais como *Iaborosa, Petunia, Nierembergia,* são quase ou inteiramente peculiares às regiões perto do Rio da Prata. Uma variedade de *Amaranthaceas, Verbanaceas, Malvaceas,* e capins de aspecto mais europeu do que os do Brasil, assinalam da mesma sorte essa região botânica.

Algumas das mais características espécies (alem das estrangeiras aclimatadas que depois mencionarei) são:

Nicotiana plumbaginifolia.
Verbena pulchella, Lodd.
Petunia parviflora.
V. Bonariensis (e diversas outras espécies)
Nierembergia sp.
Solanum angustifolium, e muitas outras espécies desse gênero.
Cestrum (duas ou, três espécies)
Mitracarpum Sellovianum
Iaborosa integrifolia.
Tropoelum pentaphyllum.
I. runcinata
Passiflora cærullea
Physalis viscosa, Zephyranthes.
Acicarpha tribuloides. Sisyrinchium.
Chenopodium multifidum.
Tigridia (Cypella) Herberti.
C. ambrosoides Poa.

Achyranthes paludosa (nov. sp.).
Pontederia sp.
Polygonum (intimamente ligada com a *Hydropipeo*)
Erythrina Christa-galli (talvez não seja indigena).
Malva sulphurea, Hook.
Iusticia sp.

Observei as seguintes plantas européias, vegetando em estado silvestre ou aclimatadas nos arredores de Buenos Aires:

Hordeum marinum, Lobium perenne, Cynodon, Dactylon, Polypogon, Monspeliensis, Chenopodium album, Marrubium vulgare, Trifolium repens, Medicago denticulata, Coronopus didyma, Sonchus oleraceus, Cynara Cardunculus, Xanthium spinosum, e *Tœniculum vulgare*: as três últimas muito comuns. Algumas dessas são plantas que parecem ter seguido os passos do homem civilizado através de todo o globo, sempre acompanhando aqueles vegetais que ele cultiva para seu próprio uso e jamais aparecendo longe de suas habitações. Ele é o agente involuntário da dispersão dessas plantas, que lhe são desnecessárias ou nocivas, nos mais distantes paises, como ele da mesma sorte dilata os domínios de muitos animais atormentadores. E' curioso observar o poder que estas produções possuem (como o próprio homem) de suportar e de se adatar aos mais diferentes climas, enquanto tantas outras estão naturalmente circunscritas a espaços muito limitados, alem dos quais elas não exístirão sem a mais cuidadosa cultura .

Esta grande abundância de algumas poucas espécies de plantas, predominando sobre todo o resto, é, como assinalou Humboldt, mais usualmente observavel em paises de clima temperado do que tropical, se bem que depois terei ocasião de mencionar algumas plantas brasileiras que possuem este hábito de *dominação* em grau muito notavel. Em Buenos Aires, alguns dos mais surpreendentes exemplos disso encontram-se em plantas de origem européia, o cardo, o funcho, e o *Xanthium spinosum*. A *Nicotiana plumbaginifolia*, uma *Solanum* que não parece ser descrita (*S. urbicum*, Mss). a *Acicarpha tribuloides*, e um ou dois outros, são do mesmo modo excessivamente abundantes nos arrabaldes e cercanias da cidade; o *Mitracarpum Sellovianum* e *Verbena pulchella* cobrem vastas extensões de terra nos Pampas.

A temperatura média de Porto Jackson, a 33° 51' lat. S., foi averiguado ser de 66.6°, do Cabo da Boa Esperança a 33° 55' lat. S., ser de 66.8°; e de Buenos Aires, a 34° 36' lat. S., de ser 67.6° (Lindley). Não sei se alguma série de observações foi feita em qualquer desses paises quanto à umidade da atmosfera; penso, porem, ser provavel que se verificaria ter Buenos Aires um clima mais úmido do que o Cabo ou Porto Jackson.

As famílias de plantas que são mais particularmente caracteristicas do Cabo da Boa Esperança são as *Proteaceas, Ericaceas, Irideas, Restiaceas, Geraniaceas, Mesembryaceas, Oxalideas, Rutaceas* e certos grupos das *Leguminosas, Compositas*, e *Asclepiadaceas*. Algumas das familias mais caracteristicas da Nova Gales do Sul são as *Proteaceas* (de diferentes gêneros das do Cabo), *Restiaceas, Epacrideas* (uma familia de grande afinidade com as *Ericaceas*), *Myrtaceas, Mimoseas, Casuarineas, Rubaceas* e certos grupos das *Papilionaceas*.

Buenos Aires não tem *Proteaceas, Ericaceas, Epacrides, Restiaceas, Rubaceas, Casuarineas, Geraniaceas*, muito poucas *Myrtaceas* ou *Mimosaceas*, nenhuma *Mesembryaceas* e não muitas *Irideas*.

O botânico dinamarquês Schouw, num tratado sobre a Geografia das plantas, caracteriza a região Buenos Airense como a da arborescente *Composita*, um titulo inteiramente errôneo aplicado à região ao sul do Prata, se bem que possa ser apropriado às províncias mais meridionais do Brasil. A região em questão deveria antes ser chamada a região das *Salanaceas* e *Verbenas*.

NOTAS AO CAPÍTULO VI

Certas plantas fazem constantemente a sua aparição em terra recentemente desbravada nesta região do país, tais como *Buddlea Brasiliensis, Phytolacca decandra, Scaparia dulcis*, e diversas espécies de *Solanum* e *Hyptis*. A *Baccharis trimera*, de

De Candolle, (*B. genistelloides*, de muitos autores), é uma planta muito comum ao lado dos caminhos através de toda a região florestal, e igualmente assim nas colinas descampadas no distrito das minas de ouro, especialmente em volta de Gongo-Soco. Seu aspecto é muito singular: não tem folhas, porem o caule e os galhos são orlados em todo o seu comprimento com três largos e chatos desabrochamentos ou asas, da contextura e cor de folhas. E' excessivamente amarga, e muito usada em medicina (especialmente como remédio para cavalos) pelos brasileiros, que a chamam de *Carqueja*. Outras plantas muito comuns nas beiras das estradas são a *Sída carpinifolia*, outra parecida com uma Spermacoce (*Iriodon glomeratus*, De Cand.) um arbusto baixo, ramalhudo e frondoso, de folhas pequenas, brotando em tufos e flores minúsculas. *Mimosa sensitiva* é, do mesmo modo, abundante nesse trato da região, formando, em alguns lugares, matas de consideravel extensão.

Não estou bem certo de que este feto seja o verdadeiro *Pteris caudata*, se bem que, seguramente, é a planta indicada sob esse nome por Spix e Martius, na sua admiravel obra "Travels in Brazil". E' mais forte, menos liso e mais largo na divisão de suas folhas do que o espécime de *Pt. caudata* presservado no "Linneam Herbarium", e difere nas mesmas particularidades da gravura do "Icones Plantarum", de Iacquin. E' uma planta muito comum em toda essa parte do Brasil que visitei, crescendo onde quer que o mato tenha sido parcialmente desmoitado ou queimado, e é muito dificil de destruir.

Uma espécie de *Clematis* (*C. americana*) vegeta abundantemente nas matas perto do rio Paraiba. Este belo gênero de plantas é notavel pela sua vastissima difusão pelos mais longinquos paises. Diferentes espécies de *Clematis* são encontradas na Europa, na América do Norte e do Sul, na Siberia, na China, no Japão, na India, na Serra Leôa, na colônia do Cabo, na Austrália e na Nova Zelândia; em resumo, em todos os paises, exceto aqueles de clima muito frio.

Algumas das plantas mais características dos *campos*, nesta parte de *Minas*, são as seguintes: (?)

Todas as *Melastomáceas* são notaveis pelas singulares formas das pontas dos seus estames, as quais variam, de fato, materialmente, nos diferentes gêneros, porem não se parecem com os de muitas outras plantas. Os da *Lasiandra* são muito compridos, e quase na forma de uma foice, e seus filamentos são mais ou menos peludos, mais notavelmente da mesma forma na *flor de Quaresma*.

O cajueiro, segundo Southey, foi observado nas costas do Brasil pelos primeiros colonos europeus, e era bem conhecido dos primitivos habitantes, que de sua fruta preparavam uma bebida inebriante. Isto parece mostrar bem claramente que ele era indígena.

Os musgos em geral dão-se bem em atmosferas úmidas e nos climas tropicais não são encontrados nas terras baixas ou lugares expostos, como sucede entre nós, mas vegetam somente nas sombras densas das florestas, ou nas montanhas altas.

As espessas, úmidas e escuras matas do Corcovado e da Serra dos Orgãos, produzem em grande abundância estas curiosas e delicadas plantinhas; todavia, como me pareceu, a abundância de algumas de certas espécies era mais notavel do que a variedade de diferentes qualidades.

Pteragonium fulgens e *Neckera undulata*, dois belissimos musgos, são abundantes nestes lugares, juntamente com *Hypnum pentastichum* (Bird). *H. flexile*, *Ochablepharum albidum*, *Iungermannia patulu*, *I. filicina* e numerosas *Hypnas* ou *Neckeras* que, em estado de esterilidade, não são faceis de determinar, e alguns dos quais provavelmente ainda não foram descritos. Com estes, na serra dos Orgãos, se encontram alguns musgos que são comuns em toda parte da Europa. *Dicranum flexuosum*, *Hypnum praliferum* e *Polytrichum funiperinum*.

E' fato bem conhecido, se bem que não possamos explicá-lo, que entre essas menos altamente organizadas famílias do reino vegetal, chamadas pelos botânicos *celulares* ou *criptogâmicas*, há uma grande quantidade de espécies que são extensamente espalhadas pela natureza sobre o globo, e vegetam nos mais diferentes climas: ao passo que entre as plantas *vasculares* ou *faneragâmicas*, caso este que não ocorre senão raramente com plantas que vegetam em terras cultivadas, e são propagadas, intencionalmente ou acidentalmente, pela ação do homem (vide nota supra). Estas plantas cosmopolitas são as mais numerosas de todas na famlia Lichen. Um dos mais

notaveis exemplos é o bem conhecido Lichen *Rédea rangifer* (*Cladoma rangiferina*) que vegeta com igual exuberância dentro do circulo ártico, e nas margens do Orinoco. O único musgo quase que colhi nas terras baixas perto do Rio foi o *Octoblepharum albidum*, que nasce nos troncos das palmeiras no Catete e em Botafogo. Nas florestas do Corcovado, alem das espécies mais abundantes já mencionadas, colhi a *Hookeria incurva*, uma bela nova *Bryum*, duas ou três *Orthotricha*, *Pungermania filiformio* e uma *Pungermania* extremamente parecida com a *Hyalina*, se não a própria. Um belo lichen carmesin ou vermelho muito vivo (um *Spiloma?*) é comum nos troncos das árvores de todas as florestas brasileiras.

NOTAS AO CAPÍTULO VII

Às minas no Ribeirão do Carmo foram descobertas no ano de 1700 por Miguel Garcia, de Taubaté, e João Lopes Lima, Paulista (*História do Brasil*, de Southey, cap. 32). No ano seguinte foi fundada Vila-Rica, sob o nome de Arraial (acampamento) do Ouro Preto, por Antonio Dias, de Taubaté, Tomás Lopes de Camargo e Francisco Bueno da Silva, Paulista (Southey, *ibid.*) E' de notar que grandes dificuldades foram encontradas a princípio para explorar essas minas, devido à impenetravel espessura das matas em ambos os lados do rio, e a consequente extrema frieza da água, na qual era impossivel trabalhar durante mais de quatro horas por dia. Southey, *ibid*). Atualmente, o vale do Carmo, de Ouro Preto a Mariana, é quase despido de árvores, se bem que em muitas partes dele há muitos matagais.

O primeiro descobridor de ouro em Minas Gerais foi Antonio Rodrigues Arzão, natural da cidade de Taubaté, nas fronteiras do Rio de Janeiro e São Paulo (Southey, *ibid.*)

Sua descoberta, feita em 1695, foi seguida por outras com prodigioso ardor e atividade. Tal quantidade de gente afluiu a estas montanhas, à procura de ouro, que os distritos perto da costa ficaram quase desertos e a cultura de cana esteve perto de se arruinar pela emigração para Minas. Southey observa que o efeito dessa sede de ouro, com referência aos nacionais, era muito diferente daquela que a mesma paixão produziu, duzentos anos antes, na América Espanhola.

A descoberta de ricas minas de ouro parece ter posto fim, nesta parte do Brasil, ao tráfico da escravatura dos índios, que previamente tinha sido exercido pelos habitantes de São Paulo, da mais impiedosa maneira e em desobediência aos éditos do governo. Uma nova causa era agora oferecida à cupidez dos Paulistas, e qualquer outro empreendimento era abandonado" (Southey, *ibid.*)

Todos os trabalhos iniciais eram feitos nos leitos dos rios, ou nos *taboleiros*, terras planas nos seus lados; não nas montanhas.

Com todo o rigor e avidez de lucro que eles possuiram naqueles tempos, os brasileiros parece que nunca tinham tentado explorar minas perfeitas ou seguir os indícios do precioso metal a qualquer grande profundidade; fosse isso devido à carência de suficientes braços, à falta de perícia, ou a algum preconceito ou superstição. O espírito empreendedor dos primitivos colonos do Brasil é notavelmente ilustrado no caso de Fernão Dias Paes Leme, que, na idade de oitenta anos, se decidiu a explorar a região até então chamada Minas Gerais e efetivamente explorou, conquistou e tomou posse de toda a provincia, à sua própria custa, abrindo estradas ou veredas, e fundando colônias. Isto foi entre 1664 e 1677. Ele tinha sido um dos mais ricos habitantes de São Paulo e dispendeu toda a sua fortuna nesse empreendimento.

As pequenas, arbustiformes espécies, semelhantes à urze, da bela família das *Melastomáceas*, são muito numerosas nas montanhas perto de Ouro Preto, e muitas delas são surpreendentemente diferentes no seu aspecto geral das plantas maiores da mesma família, que abundam nas florestas. Tais são as *Lavoisiera compta*, De C., e suas espécies afins, com folhas pequenas, tesas e brilhantes, regularmente imbricadas em fileiras, cobrindo compactamente os delgados galhos, de sorte a nos lembrar de algumas das *Lycopodias*; a *Cambessedesia espora*, De C., com as suas minúsculas folhas e ricos tufos de flores amarelas cor de ouro; a *Cambessedesia hilariana*, De C., que, à primeira vista, é notavelmente parecida com a nossa *Hypericum pulchrum* inglesa; a linda pequena *Microliceas*, com flores cor de rosa ou violeta, cujas espécies ou variedades são quase inumeraveis. Muitas belas espécies de *Lasiandra* são tambem abundantes nestas montanhas, especialmente a *L. semidecandra*, De C., um ar-

busto baixo extremamente parecido, no seu aspecto geral, com algumas das Cisti, do Sul da Europa, com flores medindo três polegadas de largura, e de mais rica cor de púrpura.

As *Murtas* são tão numerosas quanto as *Melastomáceas.*

Nos leitos de conglomerados de minério de ferro, que cobrem a parte mais baixa do Itacolomi, e sobre as rochas de ferro micáceo da Serra de Ouro Preto, observei *Malphighia rufa,* Spr., *Spigelia Schlechtendahliana, Gaylassacia pulchra,* e *Gaultheria ferruginea,* que se encontram em rochas semelhantes em Gongo-Soco, e parecem necessitar de solo fortemente impregnado de ferro.

Nos barrancos vegeta um belo feto, *Trichapheris excelsa,* algumas *Siphocampyli* com lindas flores escarlates, e outras plantas de floresta; nas partes médias das montanhas abundam as *Vernonias, Mikanias, Lisianthi,* e muitas das outras plantas que já mencionei, como características dos *campos,* juntamente com uma espécie de *Erythoxylon, muito parecida na sua folhagem com o buxo comum, com a Vochysia alpestris, Diplusodon microphyllus,* etc. Perto do tope do Itacolomi encontrei muito poucas plantas em florescência na estação em que subi. O *Sphagnum palustre,* um dos musgos europeus mais comuns, vegeta nas rochas úmidas ao lado da estrada para Passagem. *Pterogonium fulgens,* que parece ser um musgo muito comum nas florestas do Brasil, encontra-se aqui nas rochas em alguns dos barrancos que descem para o Carmo.

Encontrei grandes discrepâncias nos cálculos da população de Ouro Preto. O autor do artigo sobre o Brasil. na *Penny Cyclopoedia,* (x) declara que é de 8.200 habitantes, enquanto que Southey diz que, no ano da mudança da Corte (1808), era avaliada em 20.000.

Julgando pela aparência da cidade, diria que esta última estimativa é muito elevada e a outra demasiadamente baixa.

NOTAS AO CAPÍTULO VIII

O ouro nativo é encontrado em pirites arseniadas, em Mariana; no minério de *ferro compacto castanho, nas mesmas redondezas; no talco cinzento esverdeado, numa* mina de propriedade do capitão Soares, no caminho de Gongo-Soco para Caeté; na Jacutinga, em Catas-Altas, Cata-Preta, perto de Inficionado, Itabira do Mato de Dentro, e muitos outros lugares; no chisto argiloso (segundo Von Martius), perto de Congonhas do Campo; em Caeté, numa rocha cinzenta esverdeada muito dura, que me pareceu ser uma espécie de serpentina; no quartzo. em São João d'El Rei, São José, etc. Existe ouro nativo em outras partes do Brasil, alem da Província de Minas, po*rem em muito menos abundância; era antigamente encontrado em consideraveis quan*tidades perto de São Paulo (Spix e Martius, *Travels,* vol. 2, c. I) e diz-se mesmo que foi achado, mas muito escassamente, perto do Rio. Encontram-se pirites de ferro auriferas em Caeté e em alguns outros lugares no distrito mineiro, em pequenos cristais cúbicos, de cor castanho-escura externamente.

Belissimos pequenos espécimes da hœmatite castanha encontram-se em Gongo-Soco, onde se apresenta em veias que atravessam à espécie compacta, ou guarnecendo as suas cavidades; porem os mais belos espécimes são encontrados em Antonio Pereira, perto de Ouro Preto; estes são frequentemente de grande tamanho, *estafaclíticos* ou com pequenos glóbulos em forma de tetas, ou completamente pretos por fora, ou belamente listrados com faixas regulares de vários matizes de preto e castanho.

O minério de ferro compacto vermelho não é abundante em Minas Gerais, e não vi nenhuma das hœmatites fibrosas ou vermelhas. Se bem que o minério de ferro es*pecular seja tão abundante nas formas laminosas e micáceas, não encontrei cristais* distintos dele.

(*) *Penny Cyclop.* [Charles Knight — *The Penny Cyclopædia. Published by the Society of Useful Knowledge. With a Supplement.* London, 1832-46, 29 vols.] Artigo Brazil. (Nota do autor.)

O mais comum, como tambem o maior, dos fetos arborescentes que vegetam em Gongo-Soco, é, creio eu, um *Cyathea*, porem nunca o vi em estado de fertilização; seu caule cresce à altura de 25 pés. Um outro, não raramente encontrado nestas florestas e muito belo, é o *Trichopteris excelsa*, que não passa da altura de 15 pés. Um terceiro, que encontrei apenas uma vez, é um *Alsaphila*, talvez *A. hirta*, Spr. Nenhum dos fetos arborescentes do Brasil atinge a tão grande tamanho como o *Alsaphila Brunoniana*, das Índias Orientais, originário de Silhet, do qual existe um exemplar de 45 pés de altura no Museu Britânico.

Fetos de mais modesto crescimento vegetam em grande abundância e variedade nas matas e vales úmidos à volta de Gongo-Soco, e muitos deles são de surpreendente beleza. Há numerosas espécies, das quais não me foi possivel encontrar descrição; dos restantes, alguns dos mais interessantes são:

Osmunda spectabilis (vegetando em lugares pantanosos);
Danæa nodosa. *Marattia fraxinea;*
Meniscium reticulatum;
Polypodium aureum;
Aspidium exaltum;
Blechnum gracile;
Lindsæa Guianensis;
L. trapeziformis;
Adiantum trapeziforme;
Didomochlæna sinuosa;

e um grande número das mais delicadas espécies de *Trichomanes* e *Hymenophyllum*. A maior parte dessas espécies, como depois verifiquei pelas coleções do Sr. Gardner, existe tambem na serra dos Orgãos; de fato, a vegetação das montanhas que teem mato, perto de Gongo-Soco é, em geral, muito semelhante à da cadeia da costa, posto que a natureza das rochas seja tão diferente. Aquí tambem, como no Rio, os fetos mais comuns são *Blechnum occidentale*, *Anemia flexuosa*, e *Gymnogramma Calomelanos*.

A *Rubia noxia*, de Saint-Hilaire, que se encontra uma vez por outra em Gongo-Soco, em companhia desta espécie, porem muito mais escassamente tem de igual sorte a reputação de ser venenosa. E' muito semelhante em aparência à mencionada no texto; mas é menos esgalhada em seu desenvolvimento, tem folhas mais largas, com três estrias e frutinhas brancas.

Não obstante ser esta *Solanum* tão comum no distrito mineiro do Brasil, nada pude encontrar que correspondesse a ela entre as 346 espécies de *Solanum* descritas no *General System of Gardening Botany*, de Don. Talvez o próprio fato de ser encontrada a cada passo nesse país tenha causado o seu esquecimento, pois é uma planta sem beleza.

Algumas plantas, nesta parte do Brasil, pareceram-me pertencer especialmente às rochas de ferro; não as encontrei em outras partes das montanhas senão onde existiam leitos de conglomerados de minério de ferro, e eram encontradas nestas *strata* em Ouro Preto, como tambem em Gongo-Soco .

As principais eram:

Malphigia rufa, Spreng;
Hypocyrta strigillosa, M;
Spigelia Schlechtendhaliana, M;
Lavradia Vellozii, St. Hil.
Guateria ferruginea;
Gaylussacia pulchra, Pohl;
Aristolochia;

De Candolle, com efeito, nega que as plantas sejam diretamente afetadas pela constituição química do solo em que vegetam; não obstante, todos os botânicos práticos devem ter observado que certas plantas são, em todo caso, muito mais comuns em certas qualidades de rochas do que em outras; como, em nosso próprio país, por exemplo, nos distritos de solo calcáreo abundam determinadas plantas que raramente, ou nunca, são vistas sobre o granito ou pedra arenosa. Assim, no Brasil, ainda que grande proporção de espécies seja indubitavelmente comum às montanhas graníticas perto da costa e às cadeias metaliferas que correm através de Minas Gerais, todavia as acima enumeradas, tanto quanto tive oportunidade de julgar, parecem-me

estar restritas à formação do minério de ferro. Alem das já mencionadas, podem ser enumeradas as seguintes, como algumas das plantas mais características das redondezas de Gongo-Soco:

Guateria ferruginea, St. Hil. nas bordas das florestas e em lugares um tanto cobertos;
Piper flagellare, H. B.;
Manettia (*muito semelhante à attenuata*, porem com uma corola peluginosa);
Caccorypselum ovatum; nas encostas rochosas e nas grotas fundas;
Valeriana scandens;
Vernoni nitidula, De C.; nas colinas descobertas;
V. Vanthierana, De C.; nas florestas
Mikania hirsutissima, De C.; trepando entre as árvores das matas de corte e nas bordas das florestas;
M. buddleiœfolia, De C.;
M apiifolia, De C.;
Irixis divaricata, De C.;
Syphocampylus canus, Pohl;
S. nitidus, P., nas partes mais descobertas das florestas;
Irembleya heterostemon, De C.; nos lugares descobertos;
Rhynchanthera rostrata, De C; nos lugares pantanosos, no vale abaixo de Gongo-Soco;
Lasiandra fissinervia, De C.; pouco mais do que uma variedade de *L. Fontanesiana;*
L. calyptrata (nov. sp.);
Leandra amplexicaulis, De C.;
Clidemia amygdaloides, De C.;
C. reversa, De C.;
C. longibarbis, De C.;
C deflexa (nov. sp.);
Miconia, diversas espécies;
Viola balsaminoides, Hook; nas ribanceiras argilosas perto do cume da montanha por cima da mina de ouro;
Palygalu oxyphilla, De C.;
Comesperma floribunda, St. Hil.;
Passiflora sp.
Vochysia sp., uma árvore muito grande;
Phyllanthus acutifolius (?);
Nas florestas:
Cnemidostachys glandulosa, Mart.; nos lugares mais expostos e onde as matas tenham sido derrubadas;
Abutilon benedictum (nov. sp.) nas capoeiras;
Rubus longifolius (nov. sp.).
Ormosia dasycarpa, Iacks;
Bauhinia Outimouta, Aubl; subindo aos topes das mais altas árvores nas florestas;
Weinmannia sp., um arbusto abundante nas bordas das florestas;
Schultesia pallescens (nov. sp.); nas orlas lamacentas dos charcos;
Fredericia speciosa, Mart.; uma magnifica trepadeira com flores de cor vermelha carregada, dispostas em grande panícula;
Peltodon radicans, Pohl: nas florestas;
Ægiphila ? odorata (nov. sp.); uma grande árvore com flores brancas de delicioso perfume.
Begonia digitata;
Panicum
Eriochrysis Cayennensis, ao lado de um curso dágua por cima da mina, sobre as rochas ferruginosas;
Polypogon elongatus, H. B., com a precedente;
Lycopodium trichophyses, Spr. (parece ser uma variedade de *L. clavatum*).

As murtas, em grande variedade (pertencendo principalmente aos gêneros da *Myrcia* e *Eugenia*) abundam nas florestas brasileiras; muitas delas são árvores de consideravel tamanho, e na estação chuvosa, quando cobertas em profusão de flores brancas, teem um aspecto belissimo. Muitissimas outras espécies encontram-se nos

campos, principalmente em forma de pequenos arbustos; de fato a familia das *Myrtáceas* é uma das mais numerosas e características da Flora brasileira, quase igualando-se às *Melastomáceas*, e parece estar espalhada por todo o país, do equador ao rio da Prata.

As espécies são extremamente dificeis de classificar ou fazer referência aos nomes e descrições nas obras de botânica, por causa do seu grande número, pela grande semelhança geral de umas com as outras e pela incerteza quanto aos caracteres com que podemos contar como certos e permanentes.

A grande proporção destas trepadeiras pertence ao gênero *Bauhinia;* uma das mais comuns tem um caule mui singularmente formado, tão apertado que parece uma cinta, e dobrado numa sucessão de curtos *zig-zags*, com um grosso espinho rombudo na convexidade de cada volta. Esta planta, que sobe a uma prodigiosa altura, parece ser a *Bauhinia Outimouta*, de Aublet, ou uma variedade dela; a folha consiste de tais folíolos distintos, que são sedosos no dorso.

O musgo aqui mencionado, *Funaria calvescens*, é intimamente ligado, ou talvez apenas uma variedade, da comum *F. hygrometrica*, que é semelhantemente notavel pelo seu crescimento com extrema exuberância nos lugares onde o mato foi queimado, ou no solo de outra sorte chamuscado. *F. hygrometrica* é uma das plantas mais universalmente espalhadas sobre a face da terra. As florestas perto de Gongo-Soco forneceram-me um consideravel número de curiosos musgos e lichens, especialmente:

Hypnum spiniforme;
Orthotrichum Swainsoni;
Hookeria incurva;
H. albicans. Dicranum concolor, H.;
H. rotulata. Octoblepharum albidum.
Iungermannia filicina;
Sticta aurata, Ach., com abundante frutificação;
Cladonia perfilata, Hook.

Pteragonium fulgens é o musgo mais abundante nestas florestas; tanto assim que me utilizava dele para empacotar os meus espécimes minerais. Uma muito grande variedade de *Dicranum glaucum* apresenta-se em abundância e fertilidade: *D. flexuosum* é frequente aqui, bem como na serra dos Orgãos.

Sobre as rochas perto do cume da montanha, em cima da mina, encontrei o bem conhecido lichen rangifer (*Cladonia rangiferina*), em bela condição.

As minas de Caeté foram descobertas, por volta do começo do último século, pelo sargento-mor Leandro Vardes e pelos Guerras, que eram naturais de Santos. Dizem que o nome (Caeté) significa uma continua floresta, sem qualquer clareira que a separe; denominação singularmente imprópria para um lugar situado em região notavelmente aberta.

NOTAS AO CAPÍTULO IX

O cromato de chumbo, um mineral muito raro, foi por ora encontrado apenas na Siberia e no Brasil. Neste último país, foi verificado pelo Dr. Von Martius existir perto de Congonha do Campo; o espécime que comprei em Mariana estava rotulado como de "Ouro Branco"; porem é possivel que estas supostas duas localidades sejam de fato a mesma.

No supramencionado espécime, o cromato é acompanhado por um fosfato de chumbo terroso verde-amarelado e uma consideravel quantidade de ocre de ferro castanho, nas cavidades de quartzo, que é em parte branco e em parte manchado de ferro; os cristais são pequenos, porem toleravelmente bem definidos, e são da mesma forma e da mesma cor de laranja avermelhada viva, como os da Siberia, os quais são bem conhecidos nos gabinetes. Perto de Congonha do Campo, segundo Von Martius, este mineral é encontrado em veias de quartzo friavel, correndo através do que se chama litomarga branca-escamosa, o que parece ser o mesmo depósito, no qual são encontrados os topázios em Capão.

Os especimes de *Scarodite* (arseniato de cobre e ferro) que adquiri em Mariana, eram lindamente cristalizados, em prismas de quatro faces, terminando em forma pi-

ramidal; os cristais maiores do que os encontrados na Cornoalha, agregados em grupos, algum tanto irradiantes, transparentes, com um forte brilho vítreo na superfície, e de uma cor verde-berilo muito delicada. Os minerais que acompanham o *Scarodite* são o quartzo, o óxido de ferro castanho compacto, e pirites de ferro. Vi tambem um espécime brasileiro de *Scarodite* cobrindo a superfície de *Stalacite* de mineiro de ferro castanho.

A cidade de São João foi fundada por Tomé Cortes d'El-Rei (de quem aparentemente provém a última parte do seu nome), natural de Taubaté (*Southey*, c. 32) e a de São José por seu morador José de Sequeira Afonsc.

Em ambos esses lugares o ouro é encontrado no quartzo; num espécime de São José acha-se parte em folhas e parte em belos pequenos cristais, nas cavidades de quartzo opaco, que, da mesma sorte, é, em parte, cristalizado. O ouro nesse espécime é acompanhado de sulfureto de zinco. Uma mina tinha sido aberta por uma companhia inglesa na serra de São José, ao tempo de que falo, e pensava-se que daria bom resultado. Não pode haver dúvida de que os depósitos auríferos das montanhas brasileiras ainda não estejam exaustos, e que pelo emprego de métodos de mineração mais habeis e dispendiosos do que os adotados pela gente do país, poder-se-ia obter muito maiores quantidades do precioso metal; porem o custo de tais operações deve ser enorme, e é difícil dispor de um suficiente fornecimento de braços.

Ferro e ouro são os metais que principalmente se encontram em Minas Gerais, e ambos com surpreendente abundância; porem muitos outros existem, embora escassamente. Cinábrio ou sulfureto de mercúrio vermelho existe no leito de um regato perto de Ouro Preto, juntamente com cristais de minério de ferro magnético; cobre, diz-se, em Minas Novas; galena ou sufureto de chumbo alem do Rio São Francisco; cromato de chumbo, como já mencionei, perto de Congonha do Campo e Ouro Branco: óxido de titânio, em belissimos cristais, perto de Sabará. Nunca ouvi dizer que tivesse sido encontrada prata no Brasil.

ESTUDANTES BRASILEIROS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

(1772-1872)

EXPLICAÇÃO

A presente relação dos Estudantes da Universidade de Coimbra nascidos no Brasil, abarcando o século que vai da reforma do Marquês de Pombal, em 1772, até ao ano de 1872, foi organizada pelo ilustrado Sr. Dr. Francisco de Morais, conservador da Sala do Brasil daquela Universidade, por feliz sugestão do eminente professor Afrânio Peixoto.

Constitue ela utilíssimo repertório nominal dos brasileiros que passaram pelo célebre instituto de instrução superior de Portugal, com a filiação, naturalidade, dia, mês e ano da primeira matrícula e indicação da Faculdade ou Faculdades frequentadas.

Figuram neste rol os vultos mais representativos do Brasil por fins de século XVIII e por quase todo o subsequente, na política, na administração, na igreja, nas ciências e nas letras; aqueles que, por suas luzes e por seus esforços, fizeram a nacionalidade livre e gloriosa.

A lista do Sr. Dr. Francisco de Morais alcança até ao ano de 1940, contendo a mais 264 nomes de estudantes brasileiros; mas, salvo exceções, esses carecem de relevo histórico, e foram por isso excluidos da publicação. A quem interessar o conhecimento da relação completa, te-la-á na Biblioteca Nacional, Secção de Manuscritos, I-8,2,60.

As abreviaturas *obg.*, *ord.* e *vol.* significam, respectivamente, obrigado, ordinário e voluntário, conforme a categoria acadêmica do estudante.

Biblioteca Nacional, dezembro de 1940.

RODOLFO GARCIA,
Diretor

ESTUDANTES BRASILEIROS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

— 1772 —

N.

1 — Francisco da Costa Agra.
Filho de Luiz da Costa Agra.
N. Pernambuco.
Direito 12-XII-1772. Matemática 18-X-1774 (obg.).

2 — Francisco José de Lacerda e Almeida.
Filho de José Antonio de Lacerda.
N. São Paulo, 1750.
Matemática 11-XII-1772 (ord.).
Formou-se em 24-XII-1777.

3 — Joaquim Barbosa de Almeida.
Filho de Francisco Barbosa de Almeida.
N. Baía.
Matemática 27-XI-1772 (obg.). Direito 2-XII-1773.

4 — Joaquim José Varela e Almeida.
Filho de Antonio da Costa Varela.
N. São Paulo.
Matemática 7-1-1772 (obg.). Direito 13-X-1773.

5 — José Antonio Frota Monteiro de Almeida.
Filho de Antonio Rodrigues Frota.
N. Meia Ponte de Goiaz.
Direito 1772. Matemática 22-X-1773.

6 — José Pereira Mendes d'Almeida.
Filho de Francisco Pereira Mendes.
N. São Paulo.
Filosofia 7-1-1773 (Curso de 1772).

7 — Luis Joaquim Frota e Almeida.
Filho de Antonio Rodrigues Frota.
N. Meia Ponte de Goiaz.
Direito 1772. Filosofia 1775.

8 — Joaquim José Alves.
Filho de pais incógnitos.
N. Mariana (Minas Gerais).
Medicina 1-XII-1772. Matemática 21-X-1773. (obg.).

9 — Francisco Homem do Amaral.
Filho de João Homem do Amaral.
N. Rio de Janeiro.
Direito 13-XI-1772. Matemática 22-X-1773 (obg.).

10 — José Joaquim de Góes e Araujo.
Filho de João de Góes e Araujo.
N. Santos (São Paulo).
Matemática 11-XII-1772 (obg.). Direito 12-X-1773.

11 — João de Araujo e Azevedo.
Filho de João de Araujo e Azevedo.
N. Baía.
Direito 1772.
Cônego da Sé do Rio de Janeiro.

12 — Manuel Eufrásio de Azevedo.
Filho de Azevedo Marques.
N. Praça Nova da Colônia do Sacramento.
Direito 3-XI-1772. Matemática 22-X-1773. Filosofia 1775.

13 — Francisco d'Oliveira Barbosa.
Filho de João de Oliveira Barbosa.
N. Rio de Janeiro.
Direito 24-XI-1772. Matemática 23-X-1773. Filosofia 7-1-1774.

14 — Manuel dos Santos Carvalhaes.
Filho de Bernardo dos Santos Carvalhaes.
N. Serro do Frio (Mariana).
Direito 1772. Matemática 19-XII-1776 (obg.).

15 — José Alves da Fonseca Costa.
Filho de José Alves da Costa.
N. Rio de Janeiro.
Direito 1772. Matemática 2-XII-1774.

16 — Francisco dos Santos Cunha.
Filho de Joaquim dos Santos.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 24-XI-1772. Direito 8-X-1773. Matemática 28-XI-1774.

17 — Julião d'Oliveira Cunha.
Filho de Manuel de Oliveira Cunha.
N. Rio de Janeiro.
Direito 1772. Matemática 23-X-1773 (obg.).

18 — Domingos Pires Ferreira.
Filho de Domingos Pires Ferreira.
N. Pernambuco.
Direito 3-XI-1772.

19 — Manuel Pires Ferreira.
Filho de Domingos Pires Ferreira.
N. Pernambuco.
Direito 1772. Matemática 1774 (obg.).

20 — Tomaz da Costa Ferreira.
Filho de João da Costa Ferreira.
N. Baía.
Direito 30-X-1772. Matemática 23 - X - 1773 (obg.).

21 — Francisco de Macedo Freire.
Filho de João Barbosa de Sá Freire.
N. Rio de Janeiro.
Direito 9-XI-1772.

22 — Quintiliano Alves Teixeira Jardim.
Filho de João Mendes da Cunha.
N. Sabará.
Direito 14-X-1772. Matemática 1773 (obg.).

23 — Antonio Francisco Leal.
Filho de Francisco Correia Leal.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 22-XII-1772. Filosofia 1772. Medicina 12-X-1772.

24 — João Francisco Leal.
Filho de Francisco Correia Leal.
N. Rio de Janeiro.
Direito 1772. Matemática 22-X-1773 (obg.).

25 — José Rebelo Leite.
Filho de Domingos Rebelo Leite.
N. Rio de Janeiro.
Direito 1772. Matemática 22-X-1773. Filosofia 6-X-1775 (obg.).

26 — Francisco de Melo Vasconcelos e Lima.
Filho de Francisco de Melo e Vasconcelos.
N. Baía.
Medicina 1-XII-1772. Matemática 1772 (obg.).

27 — Felipe d'Oliveira Mendes Dias Lobato.
Filho de Manuel de Oliveira Mendes.
N. Baía.
Direito 27-XI-1772. Matemática 23 - X - 1773 (obg.).

28 — Luis Antonio d'Oliveira Mendes Dias Lobato.
Filho de Manuel de Oliveira Mendes.
N. Baía.
Direito 30-X-1772. Matemática 22 - X - 1773 (obg.).
Formou-se em Direito, em 1777.

29 — Francisco de Paiva Pereira e Melo.
Filho de Carlos de Paiva Pereira.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1772 (obg.). Medicina 1775.

30 — Francisco Pereira de Menezes.
Filho de Francisco Luis Pereira.
N. Baía.
Direito 16-XI-1772.

31 — Joaquim Veloso de Miranda.
Filho de Francisco Veloso de Miranda.
N. Inficionado (Mariana).
Direito 30-X-1772. Matemática 10-XII-1772 (obg.).
Doutorou-se em Filosofia, em 26-VI-1778.

32 — João de Bastos de Oliveira.
Filho de Manuel de Bastos de Oliveira.
N. Santa Luzia do Sabará (Minas Gerais).
Direito 1772. Matemática 25-X-1773 (obg.).

33 — João da Costa Carneiro d'Oliveira.
Filho de Manuel da Costa Carneiro.
N. Baía.
Direito 30-X-1772. Matemática 22-X-1773 (obg.).

34 — José Lopes d'Oliveira.
Filho de Manuel Lopes d'Oliveira.
N. Minas Gerais.
Direito 4-XI-1772. Matemática 22-X-1773 (obg.).

35 — Roberto Rodrigues d'Oliveira.
Filho de José Rodrigues de Oliveira.
N. Baía.
Direito 30-X-1772.

36 — Estácio Gularte Pereira.
Filho de João Gularte Pereira.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1772 (obg.). Medicina 1773.

37 — Antonio Pires da Silva Pontes.
Filho de José da Silva Pontes.
N. Nossa Senhora do Rosário (Mariana), 1750.
Matemática 26-XI-1772 (ord.).
Formou-se em 1777.

38 — Francisco Rodrigues Portela.
Filho de Francisco Rodrigues Portela.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1772 (obg.). Filosofia 1772. Medicina 4-I-1773.

39 — Francisco de Freitas Rangel.
Filho de Simão de Freitas Guimarães.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-X-1772. Matemática 14-XI-1773. Filosofia 6-X-1775.

40 — Joaquim dos Reis.
Filho de Luciano Cardoso de Menezes Reis.
N. Rio de Janeiro.
Direito 1772. Matemática 22-X-1773 (obg.).

41 — Diogo Ribeiro Sanches.
Filho de Antonio Ribeiro Sanches.
N. Baía.
Matemática 17-XII-1772 (obg.). Medicina 15-X-1774.

42 — Francisco do Couto Saraiva.
Filho de José Alves do Couto Saraiva.
N. Rio de Janeiro.
Direito 9-XI-1772. Matemática 11-X-1774 (obg.). Filosofia 6-X-1775 (obg.).

43 — Felipe Cordovil de Sequeira.
Filho de Francisco Cordovil de Sequeira.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-X-1772. Matemática 25-X-1773 (obg.). Filosofia 6-X-1775 (obg.).

44 — Jacinto Correia Silva.
Filho de José Correia da Silva.
N. Sabará.
Direito 1772. Matemática 25-X-1773 (obg.).

45 — José Lino da Silva.
Filho de Baltazar dos Reis.
N. Baía.
Direito 30-X-1772. Matemática 22-X-1773 (obg.).

46 — Manuel Galvão da Silva.
Filho de Manuel Galvão da Silva..
N. Baía.
Matemática 4-XII-1772 (obg.). Filosofia 1775 (obg.).

47 — Lourenço José Vieira Souto.
Filho de José Vieira Souto.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-X-1772. Matemática 27-X-1773 (obg.).

48 — José Xavier Teles.
Filho de Francisco Xavier Teles.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-X-1772. Matemática 22-X-1773 (obg.). Filosofia 6-X-1775 (obg.).

49 — Joaquim José Caetano d'Oliveira e Vasconcelos.
Filho de José Caetano de Oliveira.
N. Vila Real do Sabará.
Filosofia 1772. Direito 9-X-1773.

50 — Luis Rodrigues Vilares.
Filho de Lopo dos Santos Serra.
N. São Paulo.
Direito 30-X-1772. Matemática 23-X-1773 (obg.). Filosofia 1775 (obg.).

— 1 7 7 3 —

51 — Manuel Inácio da Silva Alvarenga.
Filho de Inácio da Silva Alvarenga.
N. Vila Rica (Minas Gerais), 1749.
Matemática 27-X-1773 (obg.).
Neste mesmo ano encontra-se matriculado no 3.º ano de Cânones.
Formou-se em Direito, em 1776.

52 — Manuel de Araujo Dantas e Caldas.
Filho de Julião Antonio de Araujo.
N. Nossa Senhora da Piedade da Borda do Campo (Rio das Mortes).
Direito 7-X-1773. Matemática 25-X-1773 (obg.).

53 — Antonio José Soares de Castro.
Filho de Antonio José Soares de Castro.
N. São Gonçalo de Rio Preto.
Filosofia 7-1-1774. (Curso de 1773). Direito 29-XI-1774. Matemática 5-X-1775 (obg.).

54 — Inácio Ferreira de Castro.
Filho de Agostinho Fernandes de Castro.
N. Pernambuco.
Filosofia 9-XI-1773 (obg.). Direito 26-XI-1774.

55 — Francisco de Brito Bezerra Cavalcanti.
Filho de Salvador Coelho de Durmond.
N. Pernambuco.
Direito 1773. Matemática 9-XI-1773. Filosofia 9-XI-1773 (obg.).

56 — Vicente José de Queiroz Coimbra.
Filho de Vicente José de Queiroz Coimbra.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 22-XII-1773 (vol.) Direito 4-X-1774. Filosofia 6-X-1775 (obg.).

57 — João Antonio Ferreira da Costa.
Filho de Francisco Ferreira da Costa.
N. São João D'El-Rey.
Direito 19-X-1773. Matemática 11-X-1774 (obg.).

58 — Francisco de Macedo Freire de Azeredo Coutinho.
Filho de João Barbosa de Sá Freire.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 23-X-1773 (obg.).

59 — José de Oliveira Fagundes.
Filho de João Ferreira Lisboa.
N. Rio de Janeiro.
Direito 2-XII-1773. Matemática 2-XII-1774 (obg.).
Formou-se em Direito, em 26-VII-1778.
Foi o advogado que defendeu os revoltosos de Minas Gerais em 1789.

60 — Alexandre Rodrigues Ferreira.
Filho de Manuel Rodrigues Ferreira.
N. Baía.
Direito 20-X-1773. Filosofia 26-XI-1774. Matemática 4-XI-1775 (obg.).
Formou-se em Filosofia em 2-VII-1778 e doutorou-se na mesma Faculdade em 10-I-1779.

61 — Tomé Barbosa de Figueiredo.
Filho de Tomé Barbosa.
N. Nova Colônia do Sacramento.
Matemática 14-XI-1773 (obg.).

62 — Antonio Borges de Freitas.
Filho de Antònio Borges de Freitas.
N. Rio de Janeiro.
Direito (frequentava o 3.º ano, em 1773).

63 — Sebastião Borges de Freitas.
Filho de Antonio Borges de Freitas.
N. Rio de Janeiro.
Direito 20-XI-1773. Matemática 29 - XI - 1774 (obg.).

64 — Antonio Victoriano Frota.
Filho de Antonio Rodrigues Frota.
N. Arraial da Meia Ponte de Goiazes.
Direito 20-X-1773. Matemática 1774.

65 — Antonio Rodrigues Gaioso.
Filho de Alexandre Soares Rodrigues da Silva.
N. Baía.
Matemática 26-X-1773 (obg.). Direito 1774.

66 — Agostinho Correia da Silva Goulão.
Filho de Manuel Correia da Silva.
N. Inhomerim (Rio de Janeiro).
Matemática 22-X-1773. Filosofia 1775 (obg.).

67 — Manuel dos Santos Marques.
Filho de José dos Santos Marques.
N. Minas Gerais..
Direito 7-X-1773.

68 — João Martins Monteiro.
Filho de José da Rosa Monteiro.
N. Rio de Janeiro.
Direito 28-XI-1773. Matemática 18 - X - 1774 (obg.).

69 — Antonio Rodrigues Veloso d'Oliveira.
Filho de José Rodrigues Pereira.
N. São Paulo.
Matemática 22-X-1773. Direito 1774. Filosofia 1775 (obg.).
Formou-se em Direito, em 15-V-1779.

70 — José Barbosa d'Oliveira.
Filho de Antonio Barbosa de Oliveira.
N. Baía.
Matemática 25-X-1773.
Cônego e vigário capitular da Baía.

71 — José Caetano de Oliveira.
Filho de José Caetano de Oliveira.
N. Vila Real do Sabará.
Direito (matriculado no 3.º ano, 6-X-1773).

72 — João Gonçalves Portugal.
Filho de Braz Gonçalves Portugal.
N. Rio de Janeiro.
Direito 20-X-1773. Matemática 29-XI-1774 (obg.).

73 — Antonio de Sousa Ribeiro.
Filho de Domingos Ribeiro Nunes.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 23-X-1773 (obg.).

74 — Francisco Lobo da Silva Rios.
Filho de Francisco Lobo Rios.
N. São João d'El Rey.
Direito 11-XII-1773. Matemática 21-XI-1774 (obg.).

75 — Matias Fernandes Santiago.
Filho de Matias Fernandes Santiago.
N. Baía.
Direito 10-X-1773 (matriculado no 2.º ano, nesta data).

76 — Antonio Pereira dos Santos.
Filho de Manuel Pereira dos Santos.
N. Guara Piranga (Vila Rica).
Direito 20-X-1773. Matemática 6-X-1774 (obg.).

77 — José Felipe Ferreira dos Santos.
Filho de João Rodrigues dos Santos.
N. Guara Piranga (Vila Rica).
Direito 20-X-1773. Matemática 3-X-1774 (obg.).

78 — João Coelho da Silva.
Filho de Manuel Coelho da Silva.
N. Pernambuco.
Direito 4-XI-1773. Matemática 7-X-1774 (obg.).

79 — Manuel Felix da Silva.
Filho de Vasco Vaz da Silva.
N. Recife.
Direito 17-XII-1773. Matemática 6-X-1774 (obg.).

80 — Simão Alves da Silva.
Filho de José Alves da Silva.
N. Baía.
Direito 16-X-1773. Matemática 11-X-1774 (obg.).

81 — Manuel Guerreiro de Sousa.
Filho de Bartolomeu Guerreiro de Sousa.
N. Pará.
Matemática 25-X-1773.

82 — Joaquim José Suzano.
Filho de Manuel Antunes Suzano.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 21-X-1773 (obg.).

83 — Paulo Fernandes Viana.
Filho de Lourenço Fernandes Viana.
N. Rio de Janeiro.
Direito 9-X-1773. Matemática 6-X-1774 (obg.).

84 — Antonio Caetano d'Almeida Vilas Boas.
Filho de Manuel da Costa Vilas Boas.
N. Vila de São José (Rio das Mortes), 1745.
Matemática 22-X-1773 (obg.).

85 — Antonio Guerreiro Vilar.
Filho de João Vilar.
N. Baía.
Direito 23-X-1773.

86 — Julião Francisco Xavier.
Filho de André Francisco Xavier.
N. Rio de Janeiro.
Direito (matriculado no 3.º ano, 6-X-1773).

— 1774 —

87 — Joaquim José Cavalcanti de Albuquerque.
Filho de Manuel de Azevedo Cavalcanti.
N. Pernambuco.
Direito 25-X-1774.

88 — Manuel Gomes da Silva Sá e Almeida.
Filho de Francisco Pereira Mendes.
N. São Paulo.
Direito 15-XII-1774. Matemática 9-XII-1775 (obg.).

89 — Francisco Soares de Araujo.
Filho de Francisco Soares de Araujo.
N. Mariana.
Direito 17-X-1774.

90 — Manuel Luis Alves de Carvalho.
— A certidão de batismo diz: *Exposto em casa do Dr. Luis Ventura Alvares de Carvalho*; o assento de matrícula indica: filho de Luis José de Chaves.
N. Baía, 1751.
Matemática 29-XI-1774 (obg.). Medicina 22-XI-1777.
Bacharelou-se em Matemática, em 9-VII-1780.
Formou-se em Medicina, em 13-VII-1782.

91 — José Vieira Couto.
Filho de Manuel Vieira Couto.
N. Arraial do Tejuco, 1752.
Filosofia 10-X-1774. Matemática 1775.
Formou-se em Filosofia, em 19-VI-1778.

92 — Bartolomeu Rodrigues Ferreira.
Filho de Manuel Rodrigues Ferreira.
N. Baía.
Filosofia 26-XI-1774 (ord.).

93 — Domingos Ribeiro Guimarães.
Filho de Domingos Ribeiro Guimarães.
N. Baía.
Filosofia 8-X-1774 (obg.). Direito 6-X-1775. Matemática 21-X-1776 (obg.).

94 — Isidoro José de Lima.
Filho de Bento Fernandes Lima.
N. Pernambuco.
Filosofia 9-XI-1774 (obg.).

95 — Manuel Dantas Lima.
Filho de Lourenço de Sousa Coelho.
N. Pernambuco.
Matemática 5-X-1774 (obg.). Direito 7-X-1774.

96 — José da Silva Lisbôa.
Filho de Henrique da Silva Lisbôa.
N. Baía, 1756.
Direito 10-X-1774. Matemática 1775 (obg.).
Formou-se em Cânones, em 8-VI-1779. Tirou carta de formatura em 10 de mesmo mês e ano.

97 — Domingos Ferreira Maciel.
Filho de Patrício José de Oliveira.
N. Pernambuco.
Direito 25-X-1774. Matemática 1775 (obg.).

98 — José Teixeira da Mata.
Filho de José da Conceição de Jesus.
N. Baía.
Direito 19-XII-1774. Matemática 1775.
Com certidão de três anos de matrícula em Medicina, na forma antiga, a que foi admitido, com exame de Latim e exame de bacharel e licenciado em Filosofia.

99 — José Ferreira de São Miguel.
Filho de Francisco Ferreira de São Miguel.
N. Santo Antonio do Arraial do Tejuco.
Direito 19 - XII - 1774. Matemática 26 - XI - 1776 (obg.).

100 — Diogo de Toledo Lara Ordonhes.
Filho de Agostinho Delgado Arouche.
N. São Paulo.
Direito 15-XI-1774. Matemática 5-X-1775 (obg.).
Formou-se em Direito 1-VII-1779.

101 — Francisco Nunes Pereira.
Filho de Manuel Nunes de Oliveira.
N. Rio de Janeiro.
Direito 6-X-1774.

102 — José de Sousa e Azevedo Pizarro.
Filho de Luis Manuel de Azevedo Carneiro e Cunha.
N. Rio de Janeiro, 1753.
Direito 1774. Matemática 1775 (obg.). Filosofia 7-X-1778.
Formou-se em Cânones em 16-III-1780 e tirou Carta de formatura em 17 do mesmo mês e ano.
Cônego da Sé do Rio de Janeiro.

103 — José Pereira Porto.
Filho de Antonio Pereira Porto.
N. Cachoeira (Baía).
Filosofia 7-XII-1774 (obg.). Matemática 26-XI-1776 (obg.).

104 — Francisco Leandro Xavier Rendon.
Filho de Agostinho Delgado Arouche.
N. São Paulo.
Direito 15-XI-1774. Matemática 1775 (obg.).

105 — Antonio de Moraes Silva.
Filho de Antonio de Moraes Silva.
N. Rio de Janeiro, 1755.
Direito 28-XI-1774.
Formou-se em 16-VI-1779.

106 — Joaquim José da Silva.
Filho de Antonio José da Silva.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 14-XI-1774 (obg.). Medicina 1777.

107 — José Arouche de Toledo.
Filho de Agostinho Delgado Arouche.
N. São Paulo. 1756.
Direito 15-XI-1774. Matemática 1775 (obg.).
Formou-se em Direito, em 3-VII-1779.

108 — Joaquim José da Silva e Veiga.
Filho de José Alberto da Silva Leitão.
N. Rio de Janeiro.
Direito 11-X-1774. Matemática 1775 (obg.).

— 1 7 7 5 —

109 — Antonio da Rocha Barbosa.
Filho de Antonio da Rocha Barbosa.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 20-XII-1775 (ord.).

110 — Joaquim Maria Mascarenhas Castelo Branco.
Filho de Fernando José Mascarenhas Castelo Branco.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 1775 (obg.). Matemática 18-X-1776 (obg.).

111 — Antonio José de Miranda e Castro.
Filho de Manuel de Miranda e Castro.
N. Pernambuco.
Filosofia 1775 (obg.). Matemática 19-X-1776 (obg.). Medicina 21-XI-1777.

112 — Manuel José Pinto de Castro.
Filho de Manuel Pinto de Castro.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 23-XII-1775 (obg.).

113 — José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho.
Filho de Sebastião da Cunha Coutinho Rangel.
N. Rio de Janeiro, 1742.
Direito 23-XII-1775.
Formou-se em Filosofia, em 11-VI-1778 e em Direito, em 2-VII-1780.

114 — Felipe João da Cruz.
Filho de Antonio Teixeira da Cruz.
N. Pernambuco.
Filosofia 24-X-1775 (obg.). Direito 7-I-1778.

115 — Anacleto Elias da Fonseca.
Filho de Manuel Pinto Gomes Brandão.
N. Nova Colônia.
Filosofia 22-XI-1775.

116 — Manuel Pinheiro de Oliveira Fontoura.
Filho de João Baptista de Oliveira.
N. Serro do Frio.
Filosofia 1775.

117 — Joaquim Antonio Gonzaga.
Filho de Feliciano Gomes Neves.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 29-XI-1775. Direito 4-XI-1776. Matemática 13-XI-1777.

118 — Francisco Lopes de Sousa Ribeiro de Faria e Sousa e Lemos.
Filho de Francisco Lopes de Sousa.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 1775 (obg.). Direito 18-X-1776. Matemática 30-X-1778.

119 — Joaquim de Sousa Lobo.
Filho de José Manuel de Sousa Lobo.
N. Baía.
Filosofia 15-XII-1775 (obg.). Matemática 18-X-1776 (obg.). Direito 13-X-1777.

120 — Manuel Francisco Lopes.
Filho de Francisco Lopes da Cunha.
N. Pernambuco.
Filosofia 1775 (obg.). Matemática 13-XI-1779 (obg.). Direito 18-XII-1778.

121 — João Rodrigues Mariz.
Filho de José de Oliveira Mariz.
N. Pernambuco.

Filosofia 1775. Matemática 20-XI-1776. Direito 30-X-1777.

122 — José Teixeira da Mota.
N. Baía.
Matemática 20-I-1776 (Curso de 1775).

123 — Domingos de Freitas Rangel.
Filho de Simão de Freitas Guimarães.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 1775 (obg.). Direito 31-X-1776. Matetica 26-X-1778 (obg.).

124 — Luis Forte Bustamante e Sá.
Filho de Manuel Antunes Nogueira.
N. São João d'El-Rey.
Matemática 1775 (ord.).

125 — Antonio Ramos da Silva.
Filho de Antonio Ramos da Silva.
N. Baía.
Filosofia 1775 (obg.). Direito 30-X-1776. Matemática 14-X-1777 (obg.).

126 — Francisco Soares de Araujo e Silva.
Filho de Francisco Soares de Araujo.
N. Mariana.
Matemática 1775 (obg.).

127 — João Pereira da Silva.
Filho de Sebastião Pereira da Silva.
N. Rio de Janeiro, 1743.
Filosofia 15-XI-1775. Matemática 9-XII-1776 (obg.).
Fez o primeiro exame de Filosofia em 24-V-1776

128 — João Francisco de Sousa.
Filho de Bartolomeu Francisco de Sousa.
N. Pernambuco.
Filosofia 6-X-1775 (obg.). Matemática 3-X-1776 (obg.). Medicina 1777.

— 1 7 7 6 —

129 — João da Silva Barbosa.
Filho de Antonio da Rocha Rosa.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 3-XII-1776 (obg.). Matemática 24-XII-1778 (obg.).

130 — Joaquim de Amorim e Castro.
Filho de Henrique de Amorim e Castro.
N. Baía, 1760 (freguesia do Santíssimo Sacramento do Pilar).
Filosofia 19-X-1776 (obg.). Direito 16-X-1777.
Matemática 16-X-1778 (obg.).
Formou-se em Direito, em 1783.

131 — Antonio Quirino Monteiro de Barros Fonseca Coutinho.
N. Vila Rica.
Filosofia 23-XII-1776 (obg.).

132 — Francisco d'Oliveira Durão.
Filho de Antonio de Oliveira Durão.
N. Rio de Janeiro.
Teologia 3-XII-1776 (ord.). Matemática 3-XI-1778 (obg.). Direito 1779.

133 — Antonio Alvares Ferreira.
Filho de Pascoal Alvares Rodrigues.
N. São João d'El-Rey.
Teologia 14-XII-1776 (ord.). Matemática 7-I-1779.

134 — João de Deus Pires Ferreira.
Filho de Domingos Pires Ferreira.
N. Pernambuco.
Filosofia 31-X-1776 (obg.). Matemática 9-XI-1778 (obg.).

135 — Francisco de Melo Franco.
Filho de João de Melo Franco.
N. Minas de Paracatú (freguesia da Manga, Bispado de Pernambuco).

Filosofia 19-X-1776 (obg.). Medicina 26-XI-1777.
Formou-se em Medicina, em julho de 1786.

136 — João Machado Gaio.
Filho de Bernardo Rebelo da Silva.
N. Pernambuco.
Filosofia 20-XII-1776 (obg.). Matemática 13-X-1778 (obg.).

137 — Baltazar da Silva Lisboa.
Filho de Henrique da Silva Lisboa.
N. Baía, 1761.
Filosofia 12-X-1776 (obg.). Direito 7-X-1777.
Fez exame de 3.° ano de Filosofia, em 15-VI-1782.
Formou-se em Direito, em 14-VI-1782.

138 — Jacinto Manuel Pereira Lisbôa.
Filho de Antonio Franco Pereira Lisbôa.
N. Baía.
Filosofia 12-X-1776 (obg.). Direito 7-X-1777.
Matemática 28-XI-1778 (obg.).

139 — André Martins de Souza Lopes.
Filho de André Martins Ferreira.
N. São João d'El-Rey.
Filosofia 5-XI-1776 (obg.). Direito 30-X-1777.

140 — Serafim Francisco de Macedo.
N. São Francisco (Baía).
Matemática 3-XII-1776 (obg.).

141 — Bernardo José de Passos.
Filho de Domingos Martins Passos.
N. Rio de Janeiro.
Direito 23-XI-1776. Matemática 19-XII-1777 (obg.).

142 — Francisco Sodré Pereira.
Filho de José Pereira Sodrè.
N. Rio de Janeiro.
Direito 25-X-1776.

143 — José Felix Pereira.
Filho de Francisco Xavier Felix Pereira.
N. Vila do Príncipe (Mariana).
Filosofia 25-X-1776 (obg.).

144 — Miguel Joaquim Pereira.
Filho de João Domingues Pereira.
N. Pernambuco.
Filosofia 23-XI-1776 (obg.). Direito 23-XII-1777.

145 — Lourenço da Cruz Pinto.
Filho de Bento Esteves de Araujo.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 31-X-1776 (obg.).

146 — José Pinto Ribeiro.
Filho de Manuel Pinto Ribeiro.
N. Vila da Vitória (Espírito Santo).
Matemtica 18-XI-1776 (obg.). Direito 24-X-1777.

147 — Francisco José dos Santos.
Filho de José Francisco dos Santos.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 16-X-1776 (obg.).

148 — João Luis da Silva.
Filho de Faustino Luis da Silva.
N. Baía.
Filosofia 4-XI-1776 (obg.). Direito 11-X-1777.
Matemática 7-I-1780 (obg. Curso de 1779).

149 — Manuel de Sá e Sousa.
Filho de pais incógnitos.
N. Nossa Senhora da Encarnação do Sabará.
Direito 7-I-1777 (Curso de 1776). Matemática 20-XII-1777 (obg.).

150 — Antonio Marques Vieira.
Filho de Domingos Marques.
N. Pernambuco.
Filosofia 20-XII-1776 (obg.). Direito 5-XI-1777.
Matemática 5-XII-1778.

151 — José Marques Vieira.
Filho de Domingos Marques.
N. Pernambuco.
Filosofia 1776 (ord.). Matemática 27-XI-1778 (ord.).

— 1777 —

152 — Miguel de Alvarenga Braga.
Filho de Miguel de Alvarenga Braga.
N. Rio de Janeiro.
Direito 17-XI-1777. Matemática 5-XII-1778 (obg.).

153 — José Bento Dias de Carvalho.
Filho de Bento Dias de Carvalho Landim.
N. Pernambuco.
Direito 4-XI-1777. Matemática 31-X-1778 (obg.).

154 — Manuel Francisco Lopes da Cunha.
Filho de Francisco Lopes da Cunha.
N. Pernambuco.
Direito 13-X-1777.

155 — João de Lima Nogueira.
Filho de João Baptista Nogueira.
N. Cachoeira (Baía).
Filosofia 24-X-1777 (obg.). Matemática 31-X-1780.

156 — José Barbosa Nogueira.
Filho de João Baptista Nogueira.
N. Jacobina (Baía).
Filosofia 22-X-1777 (obg.). Matemática 12-X-1781. Medicina 12-X-1784.

157 — Euzébio José de Oliveira.
Filho de Euzébio de Oliveira Braga.
N. Baía.
Direito 22-XII-1777. Matemática 8-I-1781 (obg.).

158 — Manuel da Paixão Ribeiro.
Filho de Joaquim Antonio Ribeiro.
N. Minas.
Filosofia 1777 (obg.). Ainda aparece matriculado no 1.º ano em 31-X-1785.

159 — Manuel Bernardes de Sousa.
Filho de Francisco Lopes Ferreira.
N. Cachoeira (Baía).
Direito 20-XII-1777. Matemática 9-I-1781.

160 — André Antonio Teixeira.
Filho de Manuel Francisco Teixeira.
N. Baía.
Filosofia 21-XI-1777 (obg.).

— 1 7 7 8 —

161 — Felício José Barbosa.
Filho de Tomé Barbosa.
N. Nova Colônia do Sacramento.
Filosofia 19-X-1778. Direito 17-X-1778.
À margem do assento de matrícula lê-se:
"Por despacho do Sr. Vice-Reitor de 25 de março de 1784 apresentou o sobrenome de Figueiredo".

162 — Antonio Francisco Bastos.
Filho de Lourenço Gonçalves Bastos.
N. Pernambuco.
Filosofia 21-X-1778. Matemática 12-I-1780.
Formou-se em Matemática, em 20-VII-1784.

163 — Manuel Francisco Bastos.
Filho de Lourenço Gonçalves Bastos.
N. Pernambuco.
Filosofia 21-X-1778 (obg.). Matemática 1781 (obg.).

164 — Antonio Pereira de Sousa Caldas.
Filho de Luis Pereira de Sousa.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 26-X-1778 (obg.).
Formou-se em Direito, em 3-VI-1789.

165 — Francisco José Alves Calheiros.
Filho de João Gonçalves Calheiros.
N. Belém (Pará).
Filosofia 14-XI-1778 (obg.).

166 — Antonio Manuel Camelo.
N. São João d'El-Rey.
Filosofia 5-XI-1778 (obg.).

167 — José Joaquim d'Oliveira Cardoso.
Filho de Manuel de Oliveira Cardoso.
N. São Paulo.
Filosofia 21-X-1778 (obg.). Direito 7-I-1780. Matemática 16-X-1780 (obg.).

168 — Joaquim Moreira de Carvalho.
Filho de Manuel Moreira de Carvalho.
N. Santa Luzia das Minas de Goiaz.
Filosofia 17-X-1778 (obg.). Direito 11-X-1779. Matemática 24-X-1780 (obg.).

169 — Serafim José de Castilho.
Filho de João de Castilho de Sousa.
N. Rio de Janeiro.
Teologia 14-XI-1778 (ord.). Matemática 22-XII-1779 (obg.).

170 — José Francisco da Cruz.
Filho de Francisco Alves da Cruz.
N. Pará.
Filosofia 12-I-1779 (obg. curso de 1778). Direito 7-I-1780. Matemática 3-XI-1780.

171 — Agostinho José da Cunha.
Filho de Gregório Soares.
N. Rio de Janeiro.
Direito 8-I-1779. (Curso de 1778). Matemática 7-I-1780 (obg.).

172 — Francisco de Souza Guerra Araujo e Godinho.
Filho de Manuel da Guerra Leal de Sousa e Castro.
N. Mariana.
Direito 28-X-1778. Matemática 22 - XII - 1779 (obg.).

173 — André Moniz de Sousa Lopes.
Filho de André Moniz Ferreira.
N. São João d'El-Rey.
Direito 24-XII-1778. Matemática 13-XI-1779 (obg.).

174 — José Francisco d'Almeida Machado.
Filho de Manuel Francisco Machado.
N. Arraial de Antonio Pereira (Mariana).
Matemática 16-XI-1778 (obg.).

175 — José Miguel de Sousa e Magalhães.
Filho de Francisco Lopes Ferreira.
N. Cachoeira (Baía).
Matemática 15-XII-1778 (obg.).

176 — José Joaquim Carneiro de Miranda.
Filho de Manuel José Ferreira da Costa.
N. Pitanguí.
Direito 1778. Matemática 22-XII-1779 (obg.).

À margem do assento de matrícula de 1778 lê-se esta nota:

"Por despacho do Sr. Vice-Reitor de 21 de maio de 1782 declaro que justificando perante mim, Gaspar Honorato da Mota e Silva, que sirvo de secretário, o mesmo José Joaquim Cordeiro da Silva provou ser natural de Vila Nova da Rainha do Caeté".

177 — José Gregório Moraes Navarro.
Filho de João de Moraes Navarro.
N. Minas Gerais.
Direito 16-XI-1778. Matemática 22-XII-1779 (obg.).

178 — Bernardo Luiz Ferreira Portugal.
Filho de José Lopes dos Santos.
N. Pernambuco.
Direito 11-III-1779 (Curso de 1778). Filosofia 26-X-1779 (obg.). Matemática 30-X-1780.

179 — José Pereira da Silva.
Filho de Antonio Pereira da Silva.
N. São Luiz do Maranhão.

Filosofia 21-X-1778 (obg.). Direito 3-XI-1780. Matemática 5-XI-1781 (obg.).

180 — Teobaldo da Fonseca e Sousa.
Filho de Gabriel Antunes da Fonseca.
N. São Paulo.
Filosofia 7-I-1779 (obg.) (curso de 1778).

181 — José Antonio do Vale.
Filho de Atilano Gonçalves.
N. Baía.
Matemática 27-X-1778 (obg.).

182 — Joaquim Pereira Viana.
Filho de Luiz Pereira Viana.
N. Pernambuco.
Filosofia 5-XI-1778 (obg.).

— 1779 —

183 — Antonio Soares de Brito e Amaral.
Filho de Domingos Soares de Abrunhosa.
N. Rio Magé (Rio de Janeiro).
Filosofia 26-X-1779 (obg.). Direito 26-X-1781. Matemática 9-X-1782 (obg.).
— No assento de matrícula de Direito: Antonio Soares de Abrunhosa e Amaral.

184 — Francisco Esteves de Araujo.
Filho de Bento Esteves de Araujo.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 26-X-1779 (obg.).

185 — Luiz Antonio de Araujo.
Filho de Amaro da Costa Araujo.
N. Minas Gerais.
Direito 7-I-1780 (Curso de 1779). Matemática 6-XI-1780.

186 — João de Araujo e Azevedo.
Filho de João de Araujo Azevedo.
N. Baía.
Direito 1779.
Cônego de Sé do Rio de Janeiro.

187 — João Coelho Bastos.
Filho de João Coelho Bastos.
N. Pernambuco.
Matemática 30-X-1779 (obg.). Direito 19-I-1780.

188 — José Raimundo de Gouveia Coutinho.
Filho de Manuel de Gouveia Alves.
N. Alagoas (Pernambuco).
Direito 30-X-1779. Matemática 11-X-1780 (obg.).

189 — José Marques do Couto.
Filho de Manuel Marques do Couto.
N. Cuiabá.
Filosofia 13-XI-1779 (obg.). Direito 27-X-1781. Matemática 31-X-1782.

190 — Manuel do Carmo Teixeira da Cruz.
Filho de Antonio Teixeira da Cruz.
N. Pernambuco.
Filosofia 25-X-1779 (obg.). Direito 17-X-1781. Matemática 17-X-1782 (obg.).

191 — Francisco Soares Mariz.
Filho de Amaro Soares Mariz.
N. Pernambuco.
Direito 5-XI-1779. Matemática 11-X-1780 (obg.).

192 — Manuel Joaquim Marreiros.
Filho de Joaquim José Marreiros.
N. São João d'El-Rey.
Matemática 27-X-1779 (ord.). Medicina 1781.

193 — Antonio Teles de Menezes.
Filho de Francisco Teles de Menezes.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 15-XI-1779 (obg.). Direito 8-XI-1780. Matemática 1781 (obg.).

194 — Antonio José Monteiro.
Filho de Pedro Jorge Monteiro.
N. Pernambuco.
Direito 27-X-1779. Matemática 16-X-1780 (obg.).

195 — Manuel Francisco Maciel Monteiro.
Filho de Antonio Francisco Monteiro.
N. Pernambuco.
Direito 20-X-1779. Matemática 14-X-1780 (obg.).

196 — José da Costa Moreira.
Filho de Manuel da Costa Viana.
N. Sabará.
Direito 22-XII-1779. Matémática 21-X-1780 (obg.).

197 — Manuel de Sá Fortes Bústamante Nogueira.
Filho de Manuel Antunes Nogueira.
N. São João d'El-Rey.
Direito 7-I-1780 (Curso de 1779). Matemática 3-XI-1780 (obg.).

198 — Joaquim José Toledo Osório.
Filho de Timóteo Correia de Toledo.
N. São Paulo.
Direito 30-X-1779.

199 — Pedro Antonio de Sousa Ribeiro.
Filho de João Ribeiro de Vasconcelos.
N. Baía.
Filosofia 25-X-1779. Matemática 24-X-1780. Direito 11-XI-1780.

200 — Cipriano Dionísio da Silva.
Filho de Simão Gomes da Silva.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 19-XI-1779 (obg.). Direito 10-XI-1780. Matemática 11-X-1781 (obg.).

201 — João Antonio da Silva.
Filho de João Antonio da Silva.
N. Pitanguí (Minas Gerais).
Direito 26-XI-1779.

202 — Joaquim José Ribeiro de Vasconcelos.
Filho de João Ribeiro de Vasconcelos.
N. Baía.
Filosofia 26-X-1779 (obg.).

203 — Inácio Pereira Viana.
Filho de Luis Pereira.
N. Pernambuco.
Direito 26-X-1779.

— 1 7 8 0 —

204 — Luis José de Carvalho e Melo.
Filho de Euzébio João de Carvalho.
N. Baía, 1764.
Filosofia 30-X-1780 (obg.). Direito 26-X-1781. Matemática 8-X-1782 (obg.).
Tomou o grau de bacharel em Direito, em 2-VI-1785.
Formou-se em 20-V-1786.

205 — José Pereira de Sampaio e Castro.
Filho de José Pereira de Sampaio.
N. São Paulo.
Direito 5-XII-1780. Matemática 1781 (obg.).

206 — Manuel Xavier Carneiro da Cunha.
Filho de Francisco Xavier Carneiro da Cunha.
N. Pernambuco.
Direito 6-XI-1780. Matemática 30-X-1781 (obg.).

207 — Manuel José Monteiro da França.
Filho de José Vicente Monteiro da França.
N. Paraiba.
Filosofia 17-X-1780 (obg.). Direito 1781. Matemática 11-X-1782 (obg.).

208 — Faustino Fernandes de Castro Lobo.
Filho de Faustino Fernandes de Castro Lobo.
N. Cachoeira (Baía).
Filosofia 3-XI-1780 (obg.). Matemática 5-X-1782 (obg.). Direito 1781.

209 — Miguel Lourenço de Miranda.
Filho de pais incógnitos.
N. Paraiba.

Filosofia 23-X-1780 (obg.). Matemática 30-X-1784. Direito 31-X-1796.

210 — José Joaquim Nabuco.
Filho de Manuel Fernandes Nabuco.
N. Baía.
Matemática 3-XI-1780 (obg.). Direito 19-X-1781.

211 — Patrício José d'Oliveira.
Filho de Patrício José d'Oliveira.
N. Pernambuco.
Matemática 20-XII-1780 (obg.). Teologia 1-X-1782 (ord.).

212 — Prudente Firminiano dos Santos.
Filho de Manuel Ferreira.
N. Vila Rica.
Filosofia 3-XI-1780 (obg.). Direito 8-X-1781. Matemática 17-X-1782.

213 — João Antonio da Silva Vieira.
Filho de João Antonio da Silva Vieira.
N. Pitanguí (Minas Gerais).
Matemática 6-XI-1780 (obg.).

— 1 7 8 1 —

214 — Francisco Felix Amado.
Filho de Antonio Amado.
N. Baía.
Matemática 1781 (obg.). Filosofia 3-XI-1783 (obg.).

215 — Gervásio Pires Ferreira.
Filho de Domingos Pires Ferreira.
N. Pernambuco, 1765.
Matemática 1781 (obg.)

216 — João Crisóstomo Pereira Lisbôa.
Filho de Felix Pereira Lisbôa.
N. Baía.
Direito 26-X-1781.

217 — João José Henriques Lopes.
Filho de José Henriques Lopes.
N. Baía.
Matemática 1781 (obg.).

218 — Joaquim Rodrigues Milagres.
Filho de Luiz Rodrigues Milagres.
N. Vila Rica.
Direito 1781. Matemática 8-X-1782 (obg.).
Formou-se em Cânones, em 7-VI-1786; fez Exame Privado em 7-VII-1787 e doutorou-se em 15-VII-1787.

219 — Manuel Rodrigues Milagres.
Filho de Luis Rodrigues Milagres.
N. Vila Rica.
Direito 1781. Matemática 19-X-1792 (obg.).

220 — Manuel Antonio da Mota.
Filho de Vicente Pires da Mota.
N. São Paulo.
Matemática 1781 (obg.).

221 — José Luis da Costa Reis.
Filho de Vicente Luis da Costa Reis.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 1781 (obg.). Direito 31-X-1782. Matemática 31-X-1783 (obg.).

222 — Joaquim José Ribeiro.
Filho de João Ribeiro de Vasconcelos.
N. Baía.
Matemática 5-XI-1781 (ord.).

223 — José Pereira Ribeiro.
Filho de Jacinto Pereira Ribeiro.
N. Congonhas do Campo (Vila Rica).
Direito 1781. Matemática 9-X-1782.

224 — Manuel José Veloso Soares.
Filho de Manuel José Veloso.
N. Vila Rica.
Direito 31-X-1781. Matemática 19-X-1782 (obg.).

225 — João Maciel de Sousa.
Filho de José Maciel de Sousa.
N. Baía.
Filosofia 1781 (obg.). Matemática 27-X-1784 (obg.).

226 — José da Silva Tavares.
Filho de Bento da Silva Tavares.
N. Minas do Bom Jesús (Cuiabá).
Direito 1781. Matemática 31-X-1782 (obg.).

— 1 7 8 2 —

227 — Lucas Antonio Monteiro de Barros.
Filho de Manuel José Monteiro de Barros.
N. Congonhas do Campo.
Direito 1782. Matemática 7-X-1783 (obg.).

228 — Antonio Teixeira da Costa.
Filho de João Teixeira da Costa.
N. Arraial do Tejuco (Minas Gerais).
Matemática 19-X-1782. Medicina 27-X-1785.

229 — Vasco Fernandes Coutinho.
Filho de Clemente Pereira de Azevedo Coutinho.
N. Oeiras.
Direito 2-X-1782. Matemática 7-X-1783 (obg.).

230 — Antonio Luis Pereira da Cunha.
Filho de Bartolomeu Pereira da Silva.
N. Baía, 1760.
Direito 20-XII-1782. Matemática 11-X-1783 (obg.).
Formou-se em Direito em 4-V-1787.

231 — Francisco Alves Maciel.
Filho de José Alves Maciel.
N. Vila Rica.
Matemática 3-XI-1782 (obg.). Direito 25-X-1783.

232 — José Alves Maciel.
Filho de José Alves Maciel.
N. Vila Rica, 1751.
Matemática 2-XI-1782 (obg.).
Formou-se em Filosofia, em 16-VII-1785.

233 — Teotónio Alves Maciel.
Filho de José Alves Maciel.
N. Vila Rica.
Matemática 2-X-1782. Direito 24-X-1783.

234 — Antonio Joaquim de Medeiros.
Filho de Bartolomeu Correia de Medeiros.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 22-X-1782 (obg.). Matemática 7-X-1783 (obg.). Medicina 7-X-1783.

235 — Francisco de Paula Meireles.
Filho de Manuel Rodrigues de Meireles.
N. Arraial do Tejuco (Serro do Frio).
Matemática 8-X-1782 (obg.). Direito 17-X-1785.
Formou-se em Filosofia, em 28-V-1785. Tirou carta em 2-VI-1785.

236 — Francisco Antonio Monteiro.
Filho de Antonio Francisco Monteiro.
N. Pernambuco.
Direito 1781. Matemática 5-X-1782 (obg.).

237 — Jacinto Manuel d'Oliveira.
Filho de Custódio Barbosa de Oliveira.
N. Arraial do Tejuco (Vila do Príncipe).
Filosofia 18-X-1782 (vol.). Matemática X-1783 (obg.). Direito 31-X-1785.

238 — Antonio Gomes Pires.
Filho de Antonio Gomes Pires.
N. Maranhão.
Direito 31-X-1782. Matemática 30-X-1783 (obg.).

239 — Caetano Pereira Pontes.
Filho de Domingos Pereira Pontes.
N. Tavarava (Vila Rica).

Filosofia 1782. Matemática 3-X-1783. Direito 27-X-1784.

240 — João Batista de Guimarães Peixoto e Rego.
Filho de Manuel Peixoto de Guimarães.
N. Pernambuco.
Matemática 30-V-1783 (Curso de 1782). Direito 17-XI-1783.

241 — Paulino de Nola e Sousa.
N. Rio de Janeiro.
Teologia 30-X-1782 (ord.). Matemática 7-X-1783 (ord.).
Fr. Religioso Carmelita Calçado.

242 — Pedro de Aguiar e Sousa.
Filho de Antonio Gonçalves de Aguiar.
N. Cachoeira (Baía). Freguesia de São Jorge Maior de Iguape.
Direito 2-XI-1782. Matemática 20-X-1783 (obg.).

243 — Francisco de Paula Vieira.
Filho de Custódio Vieira Costa.
N. Arraial do Tejuco, Serro do Frio (Vila do Príncipe).
Filosofia 8-X-1782 (ord.). Teologia 25-X-1783 (ord.). Matemática 30-X-1784 (obg.).

— 1 7 8 3 —

244 — Antonio Soares d'Abrunhosa.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 3-XI-1783 (obg.).

245 — José Egídio Alves de Almeida.
Filho de José Martins Pinto.
N. Baía.
Matemática 3-XI-1783 (obg.). Direito 30-X-1784.

246 — Bernardo de Sousa Barradas.
Filho de João de Sousa Barradas.
N. Mariana.
Direito 17-X-1783. Matemática 13-X-1784 (obg.).

247 — José Joaquim Maia e Barbalho.
Filho de José de Maia e Brito.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 31-X-1783 (ord.).

248 — João Gonçalves da Silva Campos.
Filho de João Gonçalves da Silva.
N. Rio de Janeiro.
Direito 11-X-1783. Matemática 11-X-1784 (obg.).

249 — Gaspar Pereira de Castro.
Filho de Bernardino José Pereira de Castro.
N. Maranhão.
Direito 3-X-1783. Matemática 11-X-1784 (obg.).

250 — José Rodrigues Chaves.
N. Paraiba.
Direito 16-X-1783.

251 — Francisco de Lemos Moniz Coelho.
Filho de José Teodoro de Lemos Duarte.
N. Pernambuco.
Direito 24-X-1783. Matemática 19-X-1784 (obg.).

252 — Gregório José da Silva Coutinho.
Filho de Gregório José da Silva Coutinho.
N. Goiana de Pernambuco.
Direito 11-X-1783. Matemática 13-X-1784.

253 — José Bento Monteiro da França.
Filho de José Vicente Monteiro da França.
N. Paraiba.
Filosofia 29-X-1783 (obg.). Matemática 12-X-1784 (obg.). Medicina 9-X-1787.

254 — Bento Dias de Carvalho Landim.
Filho de Bento Dias de Carvalho Landim.
N. Recife.
Direito 30-X-1783. Matemática 22-X-1784 (obg.).

255 — Herculano Antonio Lisbôa.
Filho de José Antonio Lisbôa.
N. Baía.
Direito 29-X-1783. Matemática 30-X-1784 (obg.).

256 — José Evangelista de Faria Lobato.
Filho de André de Ceia de Faria e Lobato.
N. Vila Rica, 1763.
Direito 3-XI-1783.
Formou-se em 18-VII-1788.

257 — Felix Manuel da Silva Machado.
Filho de Manuel da Silva de Jesus.
N. Baía.
Filosofia 16-X-1783 (ord.). Direito 31-X-1785. Matemática 22-X-1784 (obg.).

258 — Baltazar Luis Ferreira de Melo.
— Um dos termos de matrícula está assinado: Baltazar Luis Ferreira de Melo Pacheco.
Filho de José Luis Ferreira de Melo.
N. Baía.
Direito 3-X-1783. Matemática 12-X-1784 (obg.).

259 — Luis Antonio Carlos Furtado de Mendonça.
Filho de Antonio Carlos Furtado de Mendonça.
N. Rio de Janeiro.
Direito 4-XI-1784 (Curso de 1783).
Formou-se em Cânones em 27-VI-1789 e doutourou-se em 18-VI-1790.

260 — Joaquim de Sousa Ribeiro.
Filho de Manuel de Sousa Ribeiro.
N. Baía.
Direito 30-X-1783.

261 — Manuel Ferreira da Câmara Bettencourt e Sá.
Filho de Bernardino Rodrigues Cardoso.
N. Serro de Frio (Minas Gerais), 1762.
Direito 31-X-1783.
Formou-se em 27-VI-1788. Tirou carta em 23-VI-1788.

262 — José Bonifácio de Andrada e Silva.
Filho de Bonifácio José de Andrada.
N. Santos, 1763.
Direito 30-X-1783. Matemática 11-X-1784 (obg.).
Tomou o grau de bacharel em Filosofia, em 16-VI-1787.
Formou-se em Direito, em 5-VI-1802.
Doutor em Filosofia, em 20-VI-1802.

263 — José Pereira da Silva.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 31-X-1783 (obg.).

264 — Agostinho Vieira de Sousa.
Filho de Manuel Gonçalves da Costa.
N. Vila Rica.
Filosofia 27-X-1783 (obg.). Direito 19-X-1784.
Matemática 19-X-1785 (obg.).

265 — Vicente Coelho da Silva Seabra e Teles.
Filho de Manuel Coelho Rodrigues.
N. Congonhas do Campo (Vila Rica).
Matemática 16-X-1783 (obg.). .
Formou-se em Medicina, em 1791.

266 — Francisco Correia Vigidal.
Filho de Bartolomeu Correia Medeiros.
N. Rio de Janeiro.
Direito 11-X-1783. Matemática 11-X-1784 (obg.).

— 1 7 8 4 —

267 — José de Sá Bettencourt Acioli.
Filho de Bernardino Rodrigues Cardoso.
N. Caeté (Minas Gerais).

Matemática 26-X-1784 (ord.). Filosofia 28-X-1784.
Formou-se em Filosofia, em 26-VI-1787.

268 — José Cavalcante e Albuquerque.
Filho de Francisco Cavalcante e Albuquerque.
N. Baía.
Direito 30-X-1784. Matemática 22-X-1785 (obg.).

269 — Antonio Esteves de Araujo.
Filho de Bento Esteves de Araujo.
N. Rio de Janeiro.
Direito 23-X-1784. Matemática 20-X-1785 (obg.).

270 — José Joaquim de Almeida e Araujo.
Filho de José Joaquim de Almeida e Araujo.
N. Rio das Contas (Baía).
Direito 11-X-1784. Matemática 29-X-1785 (obg.).

271 — João Soares de Lemos Brandão.
Filho de João Soares Brandão.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 22-X-1784 (obg.). Direito 17-X-1785.

272 — Joaquim Pereira dos Santos Bravo.
Filho de Manuel de Jesus Pereira.
N. São João d'El-Rey.
Direito 21-X-1784. Matemática 19-X-1785 (obg.).

273 — João Carlos de Melo Araujo Cavalcanti.
Filho de Manuel de Melo e Araujo.
N. Pernambuco.
Filosofia 12-X-1784 (obg.).

274 — Joaquim da Silva Ferreira.
Filho de João da Silva Ferreira.
N. Paraiba.
Direito 31-X-1784. Matemática 19-X-1785 (obg.).

275 — José da Silva Ferreira.
Filho de João da Silva Ferreira.
N. Paraiba.
Direito 24-X-1784. Matemática 19-X-1785 (obg.).

276 — Inácio José Aprígio da Fonseca Galvão.
Filho de Antonio Dias da Fonseca Galvão.
N. Pernambuco.
Direito 30-X-1784.

277 — Luis Fernandes Alvarenga Pereira de Godoes.
Filho de Manuel Antonio Pereira.
N. Minas Gerais.
Matemática 26-X-1784 (ord.).

278 — José Cesário Pinto Pimenta Lameira.
Filho de José Antonio Pinto Pimenta.
N. Baía.
Matemática 11-X-1784 (obg.).

279 — Francisco José de Araujo Lima.
Filho de André Simões Lima.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1784. Matemática 29-X-1785 (obg.).

280 — Luis Manuel da Silva Machado.
N. Baía.
Matemática 22-X-1784 (obg.).

281 — João Coelho de Melo.
Filho de João Coelho Viana.
N. Paraiba.
Direito 20-X-1784. Matemática 31-X-1785 (obg.).

282 — Joaquim dos Santos Mota.
Filho de Abílio dos Santos Mota.
N. Rio de Janeiro.
Direito 11-X-1784.

283 — José Vieira de Lemos e Sampaio.
Filho de Manuel Vieira de Lemos e Sampaio.
N. Baía.

Matemática 30-X-1784 (obg.). Direito 16-X-1786.

284 — João Luis de Sousa Sayão.
Filho de Luis Antonio Sayão.
N. Vila Rica.
Direito 31-X-1784. Matemática 19-X-1785 (obg.).

285 — José Maria da Silveira e Sousa.
N. São João d'El-Rey.
Filosofia 19-X-1784 (obg.).

286 — José de Sá Tinoco.
Filho de Manuel de Sá Tinoco.
N. Rio das Mortes.
Matemática 16-X-1784 (obg.).

287 — Luis José de Godoes Torres.
Filho de Domingos Gonçalves Torres.
N. Minas Gerais.
Matemática 26-X-1784 (ord.). Medicina 24-X-1790.

288 — José Teixeira da Fonseca e Vasconcelos.
Filho de José Teixeira de Carvalho.
N. Minas Gerais.
Matemática 31-X-1784. Direito 31-X-1786.

— 1 7 8 5 —

289 — João Carlos de Melo e Araujo.
Filho de Manuel de Melo e Araujo.
N. Olinda.
Matemática 19-X-1785 (obg.). Direito 5-X-1787.

290 — Faustino José de Azevedo.
Filho de João Antonio de Azevedo.
N. Campanha de Rio Verde (Mariana).
Filosofia 21-X-1785 (obg.). Matemática 31-X-1787 (obg.). Direito 29-X-1790.

291 — Manuel Felix de Barros.
Filho de Amaro de Barros Lima.
N. Paraiba.
Direito 17-X-1785.

292 — Luis Nicolau Fagundes Varela e França.
Filho de Pedro Fagundes Varela.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1785. Matemática 7-X-1786 (obg.)

293 — Miguel Angelo Fagundes Varela e França.
Filho de Pedro Fagundes Varela.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1785. Matemática 11-X-1786 (obg.).

294 — Francisco José de Gouveia.
Filho de Francisco José de Gouveia.
N. Baía.
Filosofia 22-X-1785 (obg.). Direito 31-X-1790.

295 — Antonio Coelho de Melo.
Filho de João Coelho Viana.
N. Paraiba do Norte.
Filosofia 26-X-1785 (obg.). Matemática 7-X-1788. Direito 20-X-1787.

296 — José de França Miranda.
Filho de João de França Campos.
N. Rio de Janeiro.
Direito 24-X-1785. Matemática 7-X-1786 (obg.).

297 — Luis Paulino d'Oliveira.
Filho de Bento José de Oliveira.
N. Rio Fundo (Baía).
Matemática 27-X-1785 (obg.). Direito 30-X-1789.

298 — Francisco de Paula.
N. Tejuco (Serro do Frio).
Direito 17-X-1785.

299 — Francisco de Araujo e Silva.
Filho de Silvestre de Araujo e Silva.
N. Oiro Branco (Vila Rica).

Filosofia 29-X-1785 (obg.). Direito 31-X-1786. Matemática 6-X-1787 (obg.).

300 — José Maria da Silveira.
Filho de José da Silveira e Sousa.
N. São João d'El-Rey.
Matemática 20-X-1785 (obg.). Direito 17-X-1786.

— 1 7 8 6 —

301 — Antonio Desidério Basílio Coutinho d'Afonseca.
Filho de Luis de Oliveira Coutinho.
N. Pernambuco.
Matemática 31-X-1786 (ord.).

302 — Teodoro Ferreira de Aguiar.
Filho de Caetano Ferreira de Aguiar.
N. Rio de Janeiro, 1769.
Matemática 31-X-1786 (obg.).
Tomou o grau de bacharel em Filosofia, em 25-VI-1789.
Formou-se em Medicina em Leyden, obtendo o exercìcio da clinica em Portugal.

303 — José Joaquim Soares de Albergaria.
Filho de João Soares de Albergaria.
N. Baía.
Matemática 31-X-1786 (obg.).

304 — Cipriano José Barata de Almeida.
Filho de Raimundo Nunes Barata.
N. Baía, 1762.
Filosofia 17-X-1786. Matemática 26-X-1787.
Tomou o gráu de bacharel em Filosofio em 7-VII-1790.

305 — Manuel do Coração de Jesus Arruda.
Filho de Francisco de Arruda Cansado.
N. Sertão de Pernambuco.
Filosofia 27-X-1786. Matemática 9 - X - 1787 (obg.).
Fr. Religioso Carmelita Calçado.

306 — Vicente Jorge Dias Cabral.
Filho de Tomás Pereira Cabral.
N. Tejuco (Serro do Frio).
Matemática 23-X-1786 (ord.). Direito 31-X-1789.

307 — José Ferreira Cardoso.
Filho de José Ferreira Cardoso.
N. Baía.
Direito 31-X-1786.

308 — José de S. Joaquim Carneiro.
Filho de José Carneiro de Campos.
N. Baía.
Matemática 3-X-1786 (obg.). Teologia 8-X-1789 (ord.).
Fr. Monge de São Bento do Brasil.

309 — Luis Pinto Cerqueira.
Filho de Luis Pinto Cerqueira.
N. Minas de Nossa Senhora da Natividade (Minas Gerais).
Filosofia 16-X-1786 (obg.). Matemática 31-X-1787 (obg.). Direito 27-X-1789.

310 — Antonio Rodrigues Ferreira das Chagas.
Filho de Paulo Rodrigues Ferreira de Matos.
N. Mariana.
Matemática 17-X-1786 (ord.). Direito 22-X-1790.

311 — Francisco Roberto de Sousa Ferraz.
Filho de Francisco Vieira de Sousa Ferraz.
N. Rio das Mortes.
Filosofia 12-X-1786 (obg.). Matemática 6-X-1787 (obg.)

312 — Faustino José de Figueiredo.
N. Rio Verde.
Filosofia 19-X-1786 (obg.).

313 — Manuel Moreira de Figueiredo.
Filho de João Batista de Figueiredo Leitão.
N. Catas altas (Minas Gerais).
Direito 23-X-1786. Matemática 8-X-1787 (obg.)

314 — Joaquim Inácio de Freitas.
Filho de Domingos José de Freitas.
N. Guimarães (Pará).
Filosofia 31-X-1786 (obg.). Matemática 12-X-1787 (obg.) Direito 31-X-1788.

315 — Manuel Jacinto Nogueira da Gama.
Filho de Nicolau Antonio Nogueira.
N. São João d'El-Rey, 1765.
Matemática 14-X-1786 (ord). Medicina 24-X-1789.
Formou-se em Filosofia, em 8-VII-1789 e em Matemática em 12-VII-1790.
No assento da matrícula lê-se:
Manuel Jacinto Nogueira, porem, a assinatura do aluno junta "da Gama".

316 — José Gonçalves Gomes.
Filho de João Gonçalves Gomes.
N. São João d'El-Rey.
Filosofia 3-X-1786 (obg.). Matemática 31-X-1789 (obg.). Direito 31-X-1790.

317 — Manuel Joaquim de Sousa e Mendonça.
Filho de Francisco Vieira de Sousa Ferraz.
N. São João d'El-Rey.
Filosofia 7-X-1786 (obg.).

318 — Francisco de Sousa Monteiro.
Filho de Manuel de Sousa Monteiro.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 20-X-1786 (obg.). Direito 29-X-1788. Matemática 12-X-1789 (obg.).

319 — Lopo Bernardo Rebelo Pinto.
Filho de Luis Pinto de Cerqueira.
N. Minas de Nossa Senhora da Natividade.
Filosofia 16-X-1786.

320 — Antonio José de Sousa Portela.
Filho de Manuel José de Sousa.
N. Baía.
Filosofia 11-X-1786 (obg.).

321 — Antonio Alves da Rocha.
Filho de Ana Narção Nina, escrava de Antonio Fernandes Rocha.
N. Minas de Nossa Senhora da Natividade.
Direito 9-X-1786. Matemática 6-X-1787 (obg.).

322 — Antonio Joaquim Ferreira de Sampaio.
Filho de Miguel Ferreira Guimarães.
N. Pernambuco.
Filosofia 30-X-1786 (obg.). Direito 31-X-1790.

323 — Manuel Francisco dos Santos Seixas.
Filho de Manuel Francisco dos Santos Seixas.
N. Pernambuco.
Matemática 7-X-1786 (obg.).

324 — João Justiniano Rebelo Vieira.
Filho de João Cosme Rebelo Vieira.
N. São João d'El-Rey.
Filosofia 16-X-1786 (obg.). Matemática 31-X-1787 (obg.). Medicina 31-X-1790.

— 1787 —

325 — José Caetano Ferreira d'Aguiar.
Filho de Caetano Ferreira de Aguiar.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1787. Matemática 11-X-1788 (obg.).

326 — Francisco Manuel de Sousa Alvim.
Filho de Francisco Xavier de Barros Alvim.
N. Mariana.
Filosofia 13-X-1787 (obg.). Matemática 7-X-1788 (ord.). Medicina 15-X-1791.

327 — Mariano José do Amaral.
Filho de José Luis do Amaral.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 20-X1787 (obg.). Medicina 29-X-1790.
Médico da Câmara Imperial.
Professor do Colégio Médico-cirúrgico.

328 — Antonio José Marques Bacalhau.
Filho de José Marques Bacalhau.
N. Pernambuco.
Matemática 30-X-1787 (obg.).

329 — Antonio Simões de Barros.
Filho de Lopo José de Barros.
N. Baía.
Filosofia 12-X-1787 (obg.).

330 — João Alberto Monteiro de Barros.
Filho de Manuel José Monteiro de Barros.
N. Congonhas do Campo (Minas Gerais).
Direito 5-X-1787. Matemática 25-X-1788 (obg.).

331 — José Joaquim Vieira Belfort.
Filho de Leonel Fernandes Vieira.
N. Maranhão.
Direito 31-X-1787. Matemática 11-X-1788 (obg.).

332 — Joaquim José da Silva Brandão.
Filho de João da Silva Brandão.
N. Minas Gerais.
Matemática 1787 (obg.). Direito 29-X-1788.

333 — Pedro da Silva Brandão.
Filho de João da Silva Brandão.
N. Minas Gerais.
Filosofia 15-X-1787 (obg.). Matemática 11-X-1788 (obg.).

334 — João José Cerqueira.
Filho de pais incógnitos.
N. Baía.
Teologia 8-X-1787 (ord.). Matemática 31-X-1789 (obg.).
Fr. Religioso da Santìssima Trindade.

335 — José Ferreira Cardoso da Costa.
Filho de José Ferreira Cardoso da Costa.
N. Baía.
Matemática 16-X-1787 (obg.).

336 — Manuel Joaquim de Sousa Ferraz.
Filho de Francisco Vieira de Sousa Ferraz.
N. Minas Gerais.
Matemática 8-X-1787 (obg.).

337 — Antonio Joaquim Nogueira da Gama.
Filho de Nicolau Antonio Nogueira.
N. São João d'El-Rey.
Matemática 13-VII-1787 (obg.). Medicina 6-X-1789.
— Por despacho de 13 de julho de 1787, passou de voluntário para aluno obrigado. Pertence, portanto, ao curso de 1787.

338 — Luis Gonçalves Gomes.
N. São João d'El-Rey.
Filosofia 16-X-1787 (obg.).

339 — Henrique Brandão de Macedo.
Filho de Henrique Brandão.
N. Congonhas do Sabará.
Filosofia 30-X-1787 (obg.).

340 — João Severiano Maciel.
Filho de pais incógnitos.
N. Mariana, 1769.
Direito 12-X-1787. Matemática 8-X-1788 (obg.).
Formou-se em Cânones em 23 de junho de 1793.
Acrescentou Costa ao seu nome de matrícula.

341 — José Gomes de Sá Lobo e Maia.
Filho de Manuel Gonçalves Maia.
N. Nazaré (Baía — Comarca de Jaguaripe).
Filosofia 31-X-1787 (obg.). Matemática 30-X-1788 (obg.). Direito 31-X-1780.

342 — Antonio Bernardes de Andrade e Mendonça.
Filho de José Vieira Bernardes de Andrade.
N. Praça Nova da Colônia do Sacramento.
Direito 31-X-1787.

343 — João Gomes Pereira.
Filho de Tomaz Lourenço da Costa.
N. Pernambuco.

Filosofia 8-X-1787 (obg.). Matemática 7-X-1788 (obg.).

344 — Plácido Martins Pereira.
Filho de Bernardo Martins Pereira.
N. Minas Gerais.
Direito 27-X-1787. Matemática 7-X-1788 (obg.).

345 — Manuel Rodrigues Machado Portela.
Filho de Manuel Rodrigues Machado Portela.
N. Pernambuco.
Matemática 1787 (obg.).

346 — Braz de Araujo Quintão.
Filho de Antonio de Araujo Quintão.
N. Caeté (Minas Gerais).
Direito 12-X-1787. Matemática 7-X-1788 (obg.).

347 — José Nunes Soeiro.
Filho de José Nunes Soeiro.
N. São Luiz do Maranhão.
Direito 30-X-1787. Matemática 7-X-1788 (obg.).

— 1788 —

348 — João Ferreira da Câmara Bettencourt.
Filho de Bernardino Rodrigues Cardoso.
N. Rio das Contas (Baía).
Direito 25-X-1788. Matemática 14-X-1789 (obg.).
— O termo de matricula diz:
João Ferreira Bettencourt da Câmara, mas a assinatura do aluno é João Ferreira da Câmara Bettencourt.

349 — Joaquim Cabral Tavares de Carvalho.
Filho de José Cabral Tavares.
N. Rio das Mortes.
Direito 22-X-1788. Matemática 19-X-1789 (obg.).

350 — Domingos Dias Correia.
Filho de Domingos Dias Correia.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 20-X-1788 (obg.). Medicina 19-X-1793.

351 — João José Cerqueira do Couto.
Filho de pais incógnitos.
N. Baía.
Matemática 8-X-1788 (obg.).
Fr. Religioso da Santíssima Trindade.

352 — João Manuel de Figueiredo.
Filho de João Manuel de Figueiredo.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 31-X-1788 (obg.).

353 — José Bernardo de Figueiredo.
Filho de João Manuel de Figueiredo.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 6-VI-1789 (obg. curso de 1788). Direito 7-X-1789.

354 — Manuel José d'Oliveira Fogaça.
Filho de Inácio José Alves de Oliveira.
N. Vila Boa de Goiases.
Direito 29-X-1788. Matemática 6-X-1789 (obg.).

355 — Mariano José Pereira da Fonseca.
Filho de Domingos Pereira da Fonseca.
N. Rio de Janeiro, 1773.
Matemática 31-X-1788 (obg.).
Formou-se em Filosofia, em 14-VII-1792.

356 — Antonio de Barros Lopo.
Filho de Lopo José de Barros.
N. Baía.
Matemática 11-X-1788 (obg.). Direito 30-X-1790.

— O registo de matrícula diz:

Antonio Lopo de Barros, porem lê-se à margem do assento de matrícula de 1790 — "Aliás

Antonio de Barros Lopo, emenda que fiz por despacho do Exmo. Sr. Principal Castro em 20 de junho de 1791".

357 — João da Rocha Dantas e Mendonça.
Filho de João da Rocha Dantas e Mendonça.
N. Minas Gerais.
Filosofia 17-X-1788 (obg.). Direito 30-X-1790. Matemática 3-X-1794 (obg.).
Doutor em Leis, em 19 de julho de 1801.

358 — João Alberto Monteiro.
Filho de Manuel José Monteiro.
N. Minas Gerais.
Matemática 25-X-1788 (obg.).

359 — Antonio Alexandre Rodrigues d'Oliveira.
Filho de Manuel Rodrigues de Oliveira.
N. Rio de Janeiro.
Direito 17-X-1788. Matemática 8-X-1789 (obg.).

— 1 7 8 9 —

360 — Luis Alves de Azevedo.
Filho de Alexandre Alves Duarte de Azevedo.
N. Rio de Janeiro.
Direito 9-X-1789. Matemática 8-X-1790 (obg.).

361 — Manuel de Araujo.
Filho de Marcelino Rodrigues de Araujo.
N. Rio de Janeiro.
9-X-1789.

362 — *Francisco Antonio da Costa Barreto.*
Filho de José Lopes da Costa.
N. Paraiba do Norte.
Filosofia 31-X-1789 (ord.). Matemática 26-X-1790 (obg.). Medicina 19-X-1793.

363 — Paulo do Coração de Jesus.
Filho de Manuel Ferreira da Cruz e Sousa.
N. Rio de Janeiro.
Teologia 14-X-1789 (ord.). Matemática 5-X-1790 (obg.).

364 — Jerónimo Jacinto Cardoso Correia.
Filho de João Pereira Correia.
N. Pará.
Direito 24-X-1789.

365 — Joaquim Leite do Amaral de Azeredo Coutinho.
Filho de João Leite Alves Fidalgo.
N. Vila Boa de Goiaz.
Matemática 22-X-1789 (obg.). Direito 13-X-1790. Filosofia 8-X-1791 (obg.).

366 — José Marcelino da Cunha.
Filho de Luis Fernandes da Cunha.
N. Muritiba (Baía).

367 — José Gregório Pereira Lisboa.
Filho de José Antonio Lisboa.
N. Baía.
Direito 7-X-1789. Filosofia 27-X-1791.

368 — Domingos de Sant'Ana.
Filho de Manuel Ferreira da Cruz.
N. Rio de Janeiro.
Teologia 14-X-1789 (ord). Matemática 5-X-1790 (obg.).

369 — Felix José dos Santos.
Filho de Silvestre José dos Santos.
N. Pará.
Matemática 13-X-1789 (obg.). Direito 11-X-1790.

— 1 7 9 0 —

370 — Antonio Gomes d'Azevedo.
Filho de Antonio Gomes de Azevedo.
N. Rio de Janeiro.
Direito 27-X-1790. Matemática 3-X-1790 (obg.).

371 — Francisco Vilela Barbosa.
Filho de Francisco Vilela Barbosa.
N. Rio de Janeiro, 1769.
Matemática 31-X-1790 (obg.). 5-X-1792 (ord.).
Formou-se em 16-VII-1796.

372 — Francisco Carneiro de Campos.
Filho de José Carneiro de Campos.
N. Baía.
Direito 12-X-1790. Filosofia 31-X-1791 (obg.). Matemática 6-X-1792 (ord.).

373 — Francisco de Sousa Moreira Cesar.
Filho de Antonio de Sousa Moreira.
N. Pará.
Matemática 31-X-1790 (obg.).

374 — Antonio José Correia.
N. Baía.
Matemática 31-X-1790 (obg.).

375 — Angelo Ferreira Denis.
Filho de Sebastião Ferreira da Rosa.
N. Rio de Janeiro, 1768.
Medicina 11-X-1790.
Formou-se em julho de 1798; fez Exame Privado em 28-VI-1799 e doutorou-se em 14-VI-1799.

376 — Antonio Ferreira França.
Filho de Joaquim Ferreira França.
N. Baía, 1771.
Direito 11-X-1790. Matemática 30-X-1790 (ord.). Medicina 19-X-1793.
Formou-se em Medicina em julho de 1798; tomou o grau de bacharel em Matemática em 14-VI-1794 e formou-se na mesma Faculdade em 14-VII do mesmo ano.

377 — Francisco Coelho de Melo.
Filho de José Coelho Viana.
N. Paraiba.
Direito 31-X-1790.

378 — João Nepomuceno.
Filho de José Antonio da Silva.
N. São Paulo.
Matemática 26-X-1790 (obg.).

379 — José Bernardo Urbano Neto.
Filho de José Urbano da Fonseca.
N. Baía.
Matemática 23-X-1790.

380 — Manuel Lúcio d'Oliveira.
Filho de Bento José de Oliveira.
N. São Pedro do Rio Fundo (Baía).
Matemática 29-X-1790 (obg.). Filosofia 12-X-1791 (obg.).

381 — João Ramos dos Santos Pinto.
N. Vitória.
Direito 11-X-1790.

382 — Simão Pinto de Queiroz.
Filho de José Pinheiro de Queiroz.
N. Baía.
Direito 31-X-1790.

383 — Antonio Moreira Ribeiro.
Filho de João Ribeiro Moreira.
N. Vila Rica.
Matemática 31-X-1790 (obg.). Medicina 19-X-1793.

384 — João Moreira Ribeiro.
Filho de João Ribeiro Moreira.
N. Vila Rica.
Matemática 29-X-1790 (obg.). Direito 31-X-1790. Filosofia 31-X-1791 (obg.).

385 — Antonio José da Silva.
Filho de Sebastião José da Silva.
N. Baía.
Direito 30-X-1790.

386 — Luis Manuel dos Santos Silva.
Filho de Jerônimo Barbosa dos Santos.
N. Ponte de Goiases.
Direito 29-X-1790. Filosofia 25-X-1791.

387 — Manuel dos Santos Silva.
Filho de Jeronimo Barbosa dos Santos.
N. Ponte de Goiases.
Direito 29-X-1790.

388 — José Nunes Pereira e Sousa.
Filho de Manuel Nunes de Oliveira.
N. Rio de Janeiro.
Direito 27-X-1790.

389 — José Teotonio Teixeira.
Filho de Eulálio Manuel Teixeira.
N. Sabará.
Direito 31-X-1790.

390 — Manuel Bernardes Pereira da Veiga.
Filho de Felix Bernardo da Veiga.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 11-XI-1790 (obg.). Medicina 18-X-1793.
Formou-se em Medicina, em julho de 1798.

— 1791 —

391 — José Plácido Soares Pimentel do Amaral.
Filho de Domingos Soares de Abrunhosa.
N. Ilha do Catalão (Rio de Janeiro).
Direito 27-X-1791.

392 — Domingos Alves Branco.
Filho de João Alves Branco.
N. Baía.
Filosofia 26-X-1791 (obg.). Direito 2-X-1792.

393 — D. Antonio Armando Saldanha da Câmara.
Filho de D. José Pedro da Câmara.
N. Rio de Janeiro.
Direito 8-X-1791.

394 — Casimiro Marques da Costa.
Filho de Francisco Marques da Costa.
N. Baía.
Filosofia 4-X-1791 (obg.). Matemática 8-X-1791 (obg.).

395 — Manuel da Silva Costa.
Filho de Manuel da Silva Costa.
N. Pernambuco.
Matemática 12-X-1791 (obg.). Filosofia 15-X-1791 (obg.).

396 — Mateus Valente do Couto.
Filho de Antonio Denís do Couto Valente.
N. Pará.
Matemática 12-X-1791 (ord.). Filosofia 12-X-1791 (obg.). Medicina 5-X-1795.

397 — Domingos Correia Denís.
Filho de Jorge Correia Denís.
N. Pará.
Matemática 11-X-1791 (obg.). Filosofia 11-X-1791 (obg.). Medicina 5-X-1795.

398 — José Joaquim Durão.
Filho de pais incógnitos.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 13-X-1791 (obg.). Filosofia 19-X-1791 (obg.). Medicina 4-X-1794.

399 — Clemente Ferreira França.
Filho de Joaquim Ferreira França.
N. Baía, 1774.
Filosofia, 15-X-1791 (obg.). Direito 2-X-1792. Matemática 20-VI-1793 (obg. curso de 1792). Formou-se em Direito em 30-V-1797, tirou carta de formatura em 27-VII do mesmo ano.

400 — Luis Joaquim Duque Estrada Furtado de Mendonça.
Filho de Joaquim Luis Furtado de Mendonça.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1791.

401 — José Francisco Maciel Monteiro.
Filho de Antonio Francisco Monteiro.
N. Pernambuco.
Direito 18-X-1791.

402 — Francisco de Sousa Moreira.
Filho de Antonio de Sousa Moreira.
N. Pará.
Filosofia 31-X-1791 (obg.). Direito 31-X-1795.

403 — Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva
Filho de Bonifácio José de Andrada.
N. Santos, 1773.
Matemática 25-VII-1792 (Obg. Curso de 1791).
Tomou o grau de bacharel em Filosofia, em 18-VI-1796.
Formou-se em Direito em 2-VI-1797.

404 — João Antonio Carvalho Rodrigues e Silva.
Filho de Joaquim Antonio de Carvalho.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1791.

405 — Francisco de Paulo Zuzarte.
Filho de Antonio José Zuzarte.
N. São Paulo.
Direito 31-X-1791.

— 1 7 9 2 —

406 — Antonio Rodrigues d'Aguiar.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-XI-1792.

407 — João da Gama Freitas Grogel do Amaral.
Filho de Pedro Antonio da Gama e Freitas.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-X-1792.

408 — Joaquim Anselmo Alves Branco Moniz Barreto.
Filho de Domingos Alves Branco Moniz Barreto.
N. Baía, 1765.
Direito 31-X-1792.
Formou-se em 17-VII-1797.

409 — Lourenço Belfort.
Filho de Ricardo Belfort.
N. Maranhão.
Matemática 18-X-1792 (ord.). Filosofia 19-X-1792 (obg.). Medicina 5-X-1795.

410 — José Joaquim Carneiro de Campos.
Filho de José Carneiro de Campos.
N. Baía, 1768.
Direito 20-X-1792.
Formou-se em 28-VI-1797.

411 — André Alvares Pereira Ribeiro e Cirne.
Filho de André Alvares Pereira Viana.
N. Rio de Janeiro.
Direito 5-X-1792.

412 — Custódio Gonçalves Ledo.
Filho de Custódio Gonçalves Ledo.
A matrìcula de Medicina diz Filho de Antonio Gonçalves Ledo.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 13-X-1792 (obg.). Filosofia 15-X-1792 (obg.). Medicina 5-X-1795.

413 — José Severiano Maciel.
Filho de Sabastião Carneiro Galas.
N. Mariana.
Filosofia 12-X-1792 (obg.).

414 — Antonio Denís Ribeiro de Sequeira e Melo.
N. Cotinguiba (Baía).
Direito 14-I-1793 (Curso de 1792).

415 — Jacinto Furtado de Mendonça.
Filho de Luis Antonio Bittancourt.
N. Vila do Príncipe (Serro do Frio).
Matemática 8-X-1792. Filosofia 31-X-1792.

416 — Manuel Ribeiro de Miranda.
Filho de pais incógnitos.
N. Vila Real do Sabará.
Matemática 3-X-1792 (obg.). Filosofia 3-X-1792 (obg.). Medicina 5-X-1795.

417 — Hipólito José da Costa Pereira.
Filho de Felix da Costa Furtado de Mendonça.
N. Praça da Colônia do Sacramento.
Matemática 14-VI-1793 (ord. Curso de 1792). Filosofia 29-X-1792 (obg.). Direito de 1798.

418 — José Antonio da Cruz Pimenta.
Filho de Antonio da Cruz Pimenta.
N. Santos.
Matemática 5-X-1792 (obg.). Filosofia 5-X-1792 (obg.).

419 — João José da Rocha.
Filho de Antonio Tavares da Rocha.
N. São João d'El-Rey.
Matemática 12-X-1792 (ord.). Filosofia 12-X-1792 (obg.).

420 — Antonio Augusto da Silva.
Filho de Sebastião José da Silva.
N. Baía.
Filosofia 23-X-1792 (obg.).

421 — Francisco José Rodrigues Vilares.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-XI-1792.

422 — José dos Santos Vilares.
Filho de Francisco Vilares.
N. Rio de Janeiro.
Direito 23-X-1792.

— 1 7 9 3 —

423 — Jerônimo da Costa e Almeida.
Filho de Jerônimo da Costa e Almeida.
N. Maragogipe (Baía).
Direito 18-X-1793.

424 — Luis da Costa e Almeida.
Filho de Jerônimo da Costa e Almeida.
N. Maragogipe (Baía).
Direito 18-X-1793.

425 — Joaquim José Nabuco de Araujo.
Filho de Manuel Fernandes Nabuco.
N. Pará.
Direito 30-X-1793.

426 — José Feliciano Fernandes.
Filho de José Fernandes Martins.
N. Santos, 1774.
Direito 26-X-1793. Tomou o grau de bacharel em 16-VI-1797.
Formou-se em 25-VI-1798.

427 — Basílio Ferreira Goularte.
Filho de Sebastião Ferreira da Rocha.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 15-X-1793 (obg.). Filosofia 31-X-1793 (obg.). Direito 30-X-1794.
Foi compromissário da Candelária, em cuja paróquia residia.

428 — José Felix Potier Lamas.
Filho de Bonifácio José Lamas.
N. Maranhão.
Matemática 15-X-1793 (obg.). Filosofia 16-X-1793 (obg.). Direito 2-XI-1793.

429 — Feliciano José Vidigal de Medeiros.
Filho de Bartolomeu Correia Medeiros.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 31-X-1793 (obg.). Direito 31-X-1795.
Matemática 3-XI-1795 (obg.).

430 — Pedro José Cesar de Menezes.
Filho de José Cesar de Menezes.
N. Pernambuco.
Direito 25-X-1793.

431 — João Nepomuceno da Silva Paulista.
Filho de José Antonio da Silva Paulista.
N. São Paulo.
Medicina 18-X-1793.

432 — Antonio da Costa Pires.
Filho de Antonio da Costa Pires.
N. Minas Gerais.
Matemática 11-X-1793 (obg.). Filosofia 11-X-1793 (obg.). Medicina 4-X-1796.

— 1 7 9 4 —

433 — Lucas José de Alvarenga.
Filho de João da Cunha Peixoto.
N. Sabará, 1768.
Direito 15-X-1794. Matemática 11-X-1794 (obg.). Filosofia 7-X-1797 (obg.).
Formou-se em Direito, em 27-VII-1799.

434 — Martim Francisco Ribeiro de Andrada.
Filho de Bonifácio José de Andrada.
N. Santos, 1775.
Filosofia 14-X-1794. Matemática 14-X-1794 (ord.).
Tomou o grau de bacharel em Filosofia, em 27-VII-1798.

435 — Joaquim Xavier d'Araujo.
Filho de José Miguel de Araujo.
N. Maranhão.
Direito 17-X-1794.

436 — João Antonio da Silva Bacelar.
Filho de João da Silva Bacelar.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 31-X-1794 (ord.). Filosofia 31-X-1794 (obg.). Direito 9-X-1795.

437 — Antonio Dias Bandeira.
Filho de Bartolomeu Dias Bandeira.
N. Baía.
Filosofia 27-X-1794 (obg.).

438 — Marcos Antonio Monteiro de Barros.
Filho de Manuel José Monteiro de Barros.
N. Vila Rica.
Direito 10-X-1794. Matemática 14-X-1794.

439 — Joaquim Antonio Belfort.
Filho de Leonel Fernandes Vieira.
N. Maranhão.
Direito 17-X-1794.

440 — Joaquim Gomes da Silva Belfort.
Filho de Felipe Marques da Silva.
N. Maranhão.
Matemática 4-X-1794 (obg.). Filosofia 4-X-1794 (obg.). Direito 31-X-1794.

441 — José Constantino Gomes de Castro.
Filho de Manuel Antonio Gomes de Castro.
N. Maranhão.
Matemática 4-X-1794 (ord.). Filosofia 17-X-1794 (obg.).

442 — Manuel José d'Almeida e Castro.
N. Pratas (Rio de Janeiro).
Direito 31-X-1794.

443 — Francisco Afonso Ferreira.
Filho de Domingos Afonso Ferreira.
N. Pernambuco.
Direito 22-X-1794.

444 — Francisco de Paula Freire.
N. Viamão (Rio de Janeiro).
Filosofia 25-X-1794 (obg.). Direito 2-X-1795.
Matemática 27-IV-1797.

445 — José Valentim d'Oliveira Gama.
Filho de Braz Valentim de Oliveira.
N. Vila Rica.
Filosofia 4-X-1794 (ord.). Medicina 24-X-1797.

446 — Mateus Herculano Monteiro da Cunha e Matos.
Filho de Manuel José Monteiro de Barros.
N. Congonhas do Campo.
Direito 25-X-1794.

447 — João Alves Pereira.
N. Viamão (Rio de Janeiro).

Matemática 9-X-1794 (obg.). Filosofia 9-X-1794 (ord.).

448 — Antonio José Melcher Revigelles.
Filho de Antonio José Malcher.
N. Pará.
Matemática 9-X-1794 (obg.). Filosofia 9-X-1794 (ord.).

449 — Joaquim Bernardino de Sena Ribeiro.
Filho de pais incógnitos.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-X-1794.

450 — Bernardino Leite de Faria e Souza.
Filho de Bento José de Faria e Sousa.
N. São João d'El-Rey.
Filosofia 8-X-1794 (obg.). Direito 31-X-1797.
Matemática 7-X-1794 (obg.).

451 — Manuel da Cunha d'Azevedo Coutinho e Sousa.
Filho de Domingos de Azevedo Coutinho e Melo.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-X-1794.

— 1 7 9 5 —

452 — José Manuel d'Almeida.
Filho de pais incógnitos.
N. Vila Boa de Goiaz.
Direito 12-I-1796 (Curso de 1795).

453 — Luis Fernandes de Alvarenga.
Filho de Manuel Antonio Pereira.
N. Minas Gerais.
Medicina 5-X-1795.

454 — José Caetano Alves.
Filho de Antonio José Alves.
N. Sabará.
Direito 29-X-1795.

455 — Joaquim d'Ascenção.
Filho de José Dias da Cunha.
N. Baía.
Filosofia 6-X-1795 (obg.). Matemática 4-X-1796 (obg.).
Fr. Religioso de Santo Agostinho.

456 — José Xavier Vidal Moniz Barreto.
Filho de Manuel Vidal Arouche.
N. Ilha de Santa Catarina (Rio de Janeiro).
Matemática 12-X-1795. Filosofia 12-X-1795.

457 — Antonio Gomes da Silva Belfort.
Filho de Felipe Marques da Silva.
N. Maranhão.
Direito 18-III-1896 (Curso de 1795).

458 — João de Sousa Pereira Bueno.
Filho de Manuel de Sousa Pereira.
N. Santos.
Matemática 6-X-1795 (obg.). Filosofia 6-X-1795 (obg.). Direito 13-11-1797 (Curso de 1796).

459 — José Antonio Pimenta Bueno.
Filho de Antonio José da Cruz Pimenta.
N. Santos.
Medicina 5-X-1795.

460 — José Mendes de Carvalho.
Filho de Manuel Mendes de Carvalho.
N. Baía.
Direito 17-X-1795.

461 — Alexandre José Gonçalves Chaves.
Filho de José Gonçalves Chaves.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 6-X-1795 (obg.). Filosofia 6-X-1795 (obg.)

462 — Manuel da Cunha d'Azeredo Coutinho Sousa Chichorro.
Filho de Domingos de Azeredo Coutinho e Melo.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 6-X-1795 (obg.).
Formou-se em Direito, em 27-V-1799.

463 — João Francisco Coelho.
Filho de Jerônimo Francisco Coelho.
N. Laguna (Rio de Janeiro).
Direito 11-XI-1795.
Doutorou-se em Cânones, em 25-VII-1801.

464 — João de Sousa Coelho.
Filho de Antonio Martins Coelho.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 6-XI-1795 (obg.). Filosofia 6-XI-1795.

465 — Clemente Pereira d'Azevedo Coutinho.
Filho de Clemente Pereira d'Azevedo Coutinho.
N. Oeiras.
Direito 26-X-1795.

466 — Serafim d'Oliveira Cardoso e Moura Marinho.
Filho de Antonio Lopes de Oliveira.
N. Magé (Rio de Janeiro).
Direito 21-XI-1795. Filosofia 7-X-1796 (obg.).
Doutourou-se em Cânones, em 4-X-1801.

467 — Francisco Moreira Ribeiro.
Filho de João Moreira Ribeiro.
N. Vila Rica.
Matemática 7-X-1795 (obg.). Filosofia 6-X-1795 (obg.). Medicina 3-X-1798.

468 — Matias José Ribeiro.
Filho de Matias José Ribeiro.
N. Belem (Pará).
Direito 31-X-1795.

469 — José Ribeiro Soares da Rocha.
N. Baía.
Matemática 6-X-1795 (obg.). Filosofia 6-X-1795 (obg.)

470 — Francisco de Santo Elias.
Filho de Francisco Manuel d'Oliveira.
N. Baía.
Matemática 6-X-1795 (obg.). Filosofia 6-X-1795.

471 — José Carlos do Souto.
Filho de Benedito Carlos Souto.
N. Rio de Janeiro.
Direito 10-X-1795.

— 1 7 9 6 —

472 — Antonio José Alves Ferreira.
Filho de Antonio José Alves Ferreira.
N. Pernambuco.
Filosofia 27-X-1796 (obg.). Direito 30-X-1798.

473 — José da Cruz Ferreira.
Filho de Antonio da Cruz Ferreira.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 15-X-1796. Filosofia 29-X-1796. Direito 3-X-1797.

474 — Miguel do Sousa Borges Leal.
Filho de Felix de Sousa Nogueira.
N. Campo Maior (Maranhão).
Filosofia 24-X-1796.
Formou-se em Direito, em 9-VII-1802.

No An. da Universidade de 1901-1902, páginas 87, encontra-se esta nota curiosa:

"No dia 31 deste mesmo mês de julho de 1803, foi-lhe conferido o grau de Doutor em Leis. Não figura, porem, na lista dos doutores, porque lhe foi anulado o grau por decreto de 29 de agosto do mesmo ano, mandando-se-lhe riscar e trancar o respectivo assento. Foi isto motivado pelo desacato feito pelo novo doutor à sua Faculdade e a toda a Universidade no próprio ato do seu doutoramento, e apenas recebido o grau, dirigindo insultos por palavras e gestos de arrogância no momento em que é costume dar graças; e isto pelo fato de ter aparecido um R na urna, quando foi julgado o seu exame privado. O referido decreto condenou a sair dentro de três dias de Coimbra, para nunca mais cá voltar".

475 — Joaquim Teodoro de Sousa Soares.
Filho de Manuel de Sousa Soares.
N. Baía.
Matemática 15-X-1796 (obg.). Filosofia 15-X-1796 (obg.). Direito 22-XI-1797.

476 — João José da Rocha Tavares.
Filho de Antonio Tavares da Rocha.
N. São João d'El-Rei.
Medicina 4-X-1796.

477 — Bento de Carvalho Torres.
Filho de Antonio Carvalho Torres.
N. Baía.
Filosofia 4-XI-1796 (obg.). Direito 12-X-1797.

— 1 7 9 7 —

478 — Pedro José da Costa Barros.
Filho de Pedro José da Costa Barros.
N. Santa Cruz de Aricatí, 1779.
Filosofia 30-X-1797 (obg.). Matemática 5-X-1798 (obg.).

479 — Luis Martins Basto.
Filho de Antonio Martins Basto.
N. Rio de Janeiro.
Direito 13-X-1797.

480 — José Francisco de Carvalho.
Filho de Estevão Lopes de Carvalho.
N. Baía.
Filosofia 3-X-1797 (obg.). Medicina 27-X-18[illegible].

481 — João José Damasceno.
Filho de Martinho Pinto de Oliveira.
N. Cairo (Baía).
Matemática 13-X-1797 (obg.). Direito 31-X-1797. Filosofia 12-X-1799 (obg.).

482 — João Barroso Pereira.
Filho de Antonio Barroso Pereira.
N. Tejuco (Minas Gerais).
Direito 8-I-1798 (Curso de 1797). Matemática 2-X-1799 (ord.). Filosofia 3-X-1799 (ord.).

483 — João Manuel de Sousa Tavares.
Filho de José de Sousa Tavares.
N. Pará.
Matemática 14-X-1797 (obg.). Filosofia 14-X-1797 (obg). Direito 31-X-1797.

— 1 7 9 8 —

484 — José Garcia do Amaral.
Filho de Vergínio Garcia do Amaral.
N. Pernambuco.
Matemática 15-X-1798 (obg.). Filosofia 15-X-1798 (obg.). Medicina 2-X-1801.

485 — Antonio Luis de Brito e Aragão.
Filho de Antonio de Brito da Assunção.
N. Baía.
Direito 15-X-1798. Filosofia 2-X-1798 (obg.). Matemática 2-X-1798 (obg.).

486 — Sebastião Gomes da Silva Belfort.
Filho de Felipe Marques da Silva.
N. Maranhão.
Direito 31-X-1798.

487 — Manuel Antonio de Castro.
Filho de Luis de Castro Costa.
N. Pernambuco.
Matemática 15-X-1798 (obg.). Filosofia 15-X-1798.

488 — Antonio Pedro Ferreira da Costa.
Filho de Ascenço José da Costa Ferreira.
N. Alcântara (Maranhão).
Matemática 3-X-1798 (obg.). Filosofia 3-X-1798 (obg.). Direito 30-X-1798.

489 — José Tavares Gomes.
Filho de João Tavares Gomes.
N. Pernambuco.
Matemática 15-X-1798 (obg.). Filosofia 15-X-1798 (obg.).

490 — Antonio Soares da Maia.
Filho de Antonio Soares da Maia.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 3-X-1800 (obg.).

491 — Antonio da Rocha Dantas e Mendonça.
Filho de João da Rocha Dantas e Mendonça.
N. Minas Gerais.
Matemática 30-X-1798 (ord.). Filosofia 30-X-1798 (obg.). Cadete de Cavalaria de Meclemburgo.

492 — Luis José d'Oliveira.
Filho de João José de Oliveira.
N. Baía.
Matemática 2-X-1798 (obg.). Filosofia 2-X-1798 (obg.). Direito 20-X-1798.

493 — Estevão Ribeiro de Rezende.
Filho de Severino Ribeiro.
N. Rio das Mortes.
Filosofia 30-X-1798 (obg.). Direito 29-X-1799.

494 — Francisco Elias Rodrigues da Silveira.
Filho de Francisco Manuel de Oliveira.
N. Baía, 1778.
Medicina 5-X-1798.
Formou-se em 10-VII-1803.

495 — Joaquim Antonio Abrantes Soares.
Filho de Manuel Abrantes Soares.
N. Baía.
Filosofia 28-X-1798 (obg.).

— 1 7 9 9 —

496 — Patrício José de Almeida.
Filho de Estevão de Almeida.
N. Santo Antonio de Alcantara (Maranhão).
Filosofia 3-X-1799. Direito 2-X-1800.

497 — Bento Coelho do Amaral.
Filho de Bento Coelho do Amaral.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 14-X-1799 (obg.). Filosofia 14-X-1799 (obg.).

498 — Domingos Francisco Pereira d'Andrade.
Filho de Manuel Francisco de Andrade.
N. Vila Rica.
Matemática 15-X-1799 (obg.). Filosofia 15-X-1799 (obg.). Direito 29-X-1803.

499 — André Pinto Duarte.
Filho de Caetano Pinto Duarte.
N. São Salvador (Goitacazes)
Matemática 14-X-1799 (obg.). Filosofia 14-X-1799 (obg.).

500 — João Carlos da Costa Ferreira.
Filho de Antonio da Costa Ferreira.
N. Alcântara (Maranhão).
Direito 3-X-1799.

501 — José Bernardes da Silva Freire.
Filho de Luis Fernandes Guimarães.
N. Baía.
Matemática 12-X-1799 (obg.). Filosofia 12-X-1799 (obg.).

502 — Antonio José Venceslau Gaio.
N. Pernambuco.
Filosofia 30-X-1799 (obg.). Direito 7-X-1800.

503 — Francisco de Paula Leal.
Filho de Antonio Francisco Leal.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 15-X-1799. Matemática 6-VI-1803 (ord.).

504 — Mariano José de Brito Lima.
Filho de Antonio Aniceto de Brito Lima.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 15-X-1799 (obg.). Filosofia 16-X-1799 (obg.). Direito 2-X-1801.

505 — João Ribeiro da Silva Rangel.
Filho de João Ribeiro da Silva.
N. Baía.
Matemática 5-X-1799 (obg.). Filosofia 5-X-1799 (obg.)

506 — Joaquim Moreira Ribeiro.
N. Vila Rica.
Filosofia 31-X-1799 (obg.). Matemática 6-X-1801 (obg).

507 — D. Francisco Xavier de Lócio e Seibliz.
Filho de D. Jorge Eugénio de Lócio e Seibliz.
N. Pernambuco.
Filosofia 11-X-1799 (obg.). Direito 2-X-1800.

508 — D. Nuno Pereira de Lócio e Seibliz.
Filho de D. Jorge Eugénio de Lócio e Seibliz.
N. Pernambuco.
Filosofia 11-X-1799 (obg.). Direito 2-X-1801.

509 — Fernando de Sá Taveira.
Filho de José de Sá Taveira.
N. Baía.
Matemática 6-X-1799 (obg.).

510 — Antonio João de Sousa Teixeira.
Filho de Antonio de Sousa Teixeira.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 31-X-1799 (obg.). Direito 3-XI-1800.

— 1 8 0 0 —

511 — Inácio Gabriel de Almeida.
Filho de Estevão d'Almeida.
N. Alcântara (Maranhão).
Direito 31-X-1800.

512 — Domingos Borges de Barros.
Filho de Francisco Borges de Barros.
N. Baía, 1780.
Filosofia 3-X-1800 (ord.).
Formou-se em 26-VII-1804.

513 — José Lopes Vieira Brandão.
Filho de Henrique José Lopes.
N. Baía.
Real Colégio das Artes — 3.ª Aula de Latim 27-X-1800.

514 — Antonio Joaquim Correia.
Filho de José Joaquim Correia.
N. São João d'El-Rei.
Real Colégio das Artes. Aula de Grego 16-X-1800.

515 — João de Medeiros Gomes.
Filho de João Medeiros Gomes.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-X-1800.

516 — Antonio José Duarte de Araujo Gondim.
Filho de João Bernardo de Lima Gondim.
N. Pernambuco, 1782.
Direito 31-X-1800. Filosofia 11-X-1802 (obg.).
Formou-se em Direito, em 24-X-1805.

517 — José Francisco Leal.
Filho de Antonio Francisco Leal.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1800. Filosofia 17-VI-1807 (ord.).

518 — Joaquim Inácio de Lima.
Filho de José Barbosa de Lima.
N. Pernambuco.
Matemática 9-X-1800 (ord). Filosofia 9-X-1800 (obg.)
Tomou o grau de bacharel em Matemática, em 6-VI-1800.

519 — José Ascenso da Costa Ferreira Ribeiro Lima.
Filho de Ascenso José da Costa Ferreira.
N. Alcântara (Maranhão).
Matemática 2-X-1800 (obg.). Filosofia 3-X-1800 (obg.)

520 — Lucas da Rocha Mascarenhas.
Filho de Cristovão da Rocha Pita.
N. Baía.
Real Colégio das Artes. 3.ª Aula de Latim 31-X-1800.

521 — Francisco Cardoso Pereira de Melo.
Filho de Joaquim Victório Pereira.
N. Baía.
Real Colégio das Artes. 3.ª Aula de Latim 31-X-1800.

522 — Francisco de França Miranda.
Filho de José de França Miranda.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1800.

523 — Luis Barroso Pereira.
Filho de Antonio Barroso Pereira.
N. Tejuco.
Real Colégio das Artes. Retórica 29-X-1800

524 — João de Amorim Ribeiro Pinto.
Filho de Manuel Ribeiro Pinto.
N. Monte Alegre (Pará).
Matemática 15-X-1800 (obg.). Filosofia 29-X-1807 (obg.).

525 — Pedro de Sousa dos Santos.
Filho de Manuel de Sousa dos Santos.
N. Pernambuco.
Real das Artes 3.ª Aula. de Latim 31-X-1800.

526 — Manuel Francisco da Silva.
Filho de Gonçalo Francisco da Silva.
N. Vila do Príncipe.
Direito 7-X-1800.

527 — Inocencio da Silva Tavares.
Filho de Francisco da Silva Tavares.
N. Baía.
Matemática 4-X-1800 (obg.). Filosofia 7-X-1800 (obg.)

— 1 8 0 1 —

528 — Manuel Caetano d'Almeida e Albuquerque.
Filho de Manuel Caetano d'Almeida e Albuquerquer.
N. Pernambuco.
Direito 10-X-1801.

529 — Antonio José do Amaral.
Filho de José Francisco do Amaral.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 3-X-1801 (ord.). Filosofia 14-X-1801 (obg.).
Formou-se em 1807.

530 — João José Bahia.
Filho de pais incógnitos.
N. Rio de Janeiro.
Direito 2-X-1801.

531 — Francisco Xavier Pereira de Brito.
Filho de João Pereira de Brito.
N. Pernambuco.
Matemática 16-X-1801 (obg.). Medicina 9-X-1804.

532 — José Felix Pereira de Burgos.
Filho de José Felix Pereira.
N. Maranhão.
Matemática 16-X-1801 (ord.). Filosofia 16-X-1801 (obg.).

533 — João Gomes de Campos.
Filho de João Gomes de Campos.
N. Rio de Janeiro.
Direito 2-X-1801. Matemática 9-X-1802 (obg.).

534 — Francisco Caetano Ribeiro Coelho.
Filho de Francisco Caetano Ribeiro Coelho.
N. Baía.
Matemática 12-X-1801 (vol.).

535 — Tomaz Maria da Conceição.
Filho de Tomaz Lourenço da Silva.
N. Paraiba.

Teologia 14-X-1801 (ord.).
Fr. Carmelita Calçado da Província de Pernambuco.

536 — João Inácio da Cunha.
Filho de Bento da Cunha.
N. Maranhão.
Matemática 12-X-1801 (obg.). Filosofia 12-X-1801 (obg.). Direito 30-X-1801.

537 — José Carneiro Carvalho Cunha.
Filho de Francisco Xavier Carneiro da Cunha.
N. Pernambuco.
Filosofia 12-X-1801 (obg).

538 — Francisco José de Faria.
Filho de Manuel de Faria.
N. Pernambuco.
Matemática 12-X-1801 (obg.). Filosofia 12-X-1801 (obg.). Direito 8-X-1804.

539 — Joaquim de Sousa Ferreira.
Filho de João de Sousa Ferreira.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 8-X-1801.

540 — Francisco Nunes Franklin.
Filho de Antonio Nunes Santiago.
N. Pernambuco, 1778.
Matemática 3-X-1801 (ord.). Filosofia 3-X-1801 (obg.).

541 — João Carlos Leal.
Filho de João José Leal.
N. Baía.
Matemática 16-X-1801 (obg.). Direito 31-X-1801.

542 — Joaquim Maria Ribeiro.
Filho de Maria Ribeiro.
N. Vila Rica.
Matemática 13-X-1801 (obg.).

543 — Manuel Pinto Ribeiro.
Filho de João Ribeiro Pinto.
N. Capitania do Espírito Santo.
Matemática 3-X-1801 (ord). Filosofia 3-X-1801 (obg.). Direito 15-X-1804.
O seu nome completo é: Manoel Pinto Ribeiro Pereira de Sampaio.

544 — Leandro do Sacramento.
Filho de Jorge Ferreira da Silva.
N. Recife, 1779.
Matemática 8-X-1801 (obg.). Filosofia 8-10-1801 (ord.).
Formou-se em Filosofia 7-X-1805.
Religioso do Carmo da Reforma Calçado, antes chamado no século Leandro Ferreira da Silva, conforme diz no requerimento da certidão de idade.

545 — Antonio da Silva Teles.
Filho de José da Silva Teles.
N. Baía.
Direito 30-X-1801. Filosofia 25-X-1803 (obg.).

546 — Pedro de Sousa dos Santos Tenório.
Filho de Manuel de Sousa Santos.
N. Pernambuco.
Matemática 3-X-1801 (obg.). Filosofia 3-X-1801 (obg.).

547 — Francisco Fernandes Torres.
Filho de João Francisco Fernandes.
N. Baía.
Filosofia 3-X-1801 (obg.). Direito 24-X-1802.

— 1 8 0 2 —

548 — José Alves de Carvalho.
Filho de Inácio Luis Domingues.
N. São Luis do Maranhão.
Filosofia 23-X-1802 (obg.).

549 — Manuel Inácio de Carvalho.
N. Pernambuco.
Teologia 11-X-1802 (ord.).
Fr. Carmelita Calçado da Província do Para.

550 — Raimundo Pedro da Silva e Cunha.
Filho de Antonio da Silva e Cunha.
N. Maranhão.
Matemática 13-X-1802 (ord.).

551 — Antonio José Vicente da Fonseca.
Filho de João Vicente da Fonseca.
N. São Paulo.
Filosofia 18-X-1802 (obg.). Matemática 13-X-1803 (obg.).

552 — Bernardo José da Gama.
Filho de Amaro Bernardo da Gama.
N. Pernambuco, 1782.
Direito 22-X-1802. Matemática 8-X-1803 (obg.).
Formou-se em Direito 9-VI-1807.

553 — Belchior Pinheiro d'Oliveira.
Filho de Belchior Pinheiro de Oliveira.
N. Serro do Frio (Minas Gerais).
Direito 15-X-1802.

554 — Joaquim de Santa Ana da Paz.
Filho de Antonio de Deus da Paz.
N. Pernambuco.
Direito 30-X-1802. Matemática 24-IV-1804. Filosofia 24-X-1804.

555 — João Martins Pena.
Filho de Francisco Martins Pena.
N. Serro do Frio (Minas Gerais).
Matemática 7-X-1802 (obg.). Filosofia 7-X-1802 (obg.). Direito 27-X-1802.

556 — José Saturnino da Costa Pereira.
Filho de Felix da Costa Furtado de Mendonça.
N. Rio Grande do Sul, 1773.
Matemática 15-X-1802 (ord.).
Tomou o grau de bacharel em 4-VI-1806.

557 — Cosme Damião Alves Rebelo.
Filho de Manuel Alves Rebelo.
N. Baía.
Matemática 7-X-1802 (obg.). Filosofia 7-X-1802 (obg.).

558 — Francisco José da Costa Roriz.
Filho de José da Costa Roriz.
N. Cuiabá (Mato Grosso).
Real Colégio das Artes. Aula de Grego 18-X-1802.

559 — Miguel Joaquim de Cerqueira e Silva.
Filho de Francisco de Cerqueira e Silva.
N. Vila de Alagoa (Pernambuco).
Direito 16-X-1802.

560 — Inácio Achioli de Vasconcelos.
Filho de José de Barros Pimentel.
N. Vila de Alagoas do Sul.
Direito 2-X-1802.

561 — João Mendes Viana.
Filho de Domingos Mendes Viana.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 15-X-1802 (obg.). Filosofia 15-X-1802 (obg.).

562 — Manuel Policarpo Viana.
Filho de Manuel Fernandes Viana.
N. Pernambuco.
Direito 19-X-1802. Matemática 6-X-1803 (obg.).

— 1 8 0 3 —

563 — Amaro José de Araujo Velasco Camisão.
Filho de Lázaro Moreira Landeiro Camisão.
N. Vila Real de Nossa Senhora do Sabará.
Real Colégio das Artes 1803. Direito 2-X-1804.

564 — José Vieira de Matos.
Filho de Diogo José Vieira Falcão.
N. São Salvador dos Campos de Goitacases.
Direito 26-X-1803.

565 — Tomas Antonio Maciel Monteiro.
Filho de Antonio Francisco Monteiro.
N. Pernambuco.
Matemática 15-X-1803 (obg.). Filosofia 17-X-1803 (obg.). Direito 23-X-1804.

566 — Feliciano Xavier Fernandes Nogueira.
Filho de Francisco Xavier Fernandes Nogueira.
N. Alcântara (Maranhão).
Matemática X-1803 (vol.).

567 — Bento Carneiro da Silva.
Filho de Manuel Carneiro da Silva.
N. Campos de Goitacases.
Filosofia 31-X-1803 (obg.). Direito 2-X-1804.

— 1804 —

568 — José Lino dos Santos Coutinho.
Filho de José Lino dos Santos.
N. Baía.
Matmática 9-X-1804. Filosofia 6-X-1804 (obg.).
Medicina 10-X-1807.
Formou-se em Medicina 10-VII-1813.

569 — Francisco de Paula Pereira Duarte.
Filho de Manuel Pereira Duarte.
N. Mariana.
Direito 17-X-1804.

570 — Manuel José Estrêla.
Filho de Manuel José Estrêla.
N. Baía.
Matemática 4-X-1804 (obg.). Filosofia 4-X-1804 (obg.).

571 — Inácio José Vicente da Fonseca.
Filho de João Vicente da Fonseca.
N. São Paulo.
Filosofia 5-X-1804 (obg.).

572 — Domingos José de Freitas.
Filho de Domingos Luis de Freitas.
N. Baía.
Direito 4-X-1804.

573 — Francisco José de Freitas.
Filho de Domingos Luis de Freitas.
N. Baía.
Direito 4-X-1804.

574 — Lúcio Soares Teixeira de Gouveia.
N. Mariana.
Direito 13-X-1804.

575 — Manuel d'Araujo Lemos.
Filho de Antonio Felix de Araujo.
N. Santo Antonio de Vila Nova (Baía).
Matemática 15-X-1804 (obg.). Filosofia 15-X-1804 (obg.). Medicina 26-XI-1808.

576 — Afonso d'Albuquerque Maranhão.
Filho de Afonso d'Albuquerque Maranhão.
N. Pernambuco.
Direito 27-X-1804.

577 — Nuno Alves Pereira.
Filho de Francisco Pereira Alves.
N. Baía.
Direito 6-X-1804.

578 — Luis José Correia de Sá.
Filho de Domingos Mendes Viana.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 31-X-1804 (obg.). Direito 15-X-1805.

579 — Alexandre Tomas de Moraes Sarmento.
Filho de Tomaz Inácio de Moraes Sarmento.
N. Baía, 1786.
Direito 2-X-1804. Matemática 8-VI-1805 (obg.).
Tomou o grau de bacharel em Direito I-VI-1808.

580 — Cristovão Pedro de Moraes Sarmento.
Filho de Tomaz Inácio de Moraes Sarmento.
N. Baía, 1788.
Direito 2-X-1804. Matemática 8-VI-1805 (obg.).

— 1 8 0 6 —

581 — José Bernardino Baptista Pereira d'Almeida.
Filho de Manuel Baptista Pereira.
N. Vila de Campos (Rio de Janeiro), 1786.
Direito 22-X-1805.
Formou-se 23-V-1814.

582 —José Ricardo da Costa Aguiar d'Andrada.
Filho de Francisco Xavier da Costa Aguiar.
— O nome de Andrada é de sua mãe, D. Bárbara Joaquina de Andrada.
N. Santos, 1787.
Direito, 1805.
Formou-se 9-VI-1810.

583 — José Bonifácio d'Araujo e Azambuja.
Filho de Manuel de Araujo Gomes.
N. Rio de Janeiro.
Direito 7-XII-1805. Filosofia 31-X-1805 (obg.).

584 — José Pereira Lopes da Silva e Carvalho.
Filho de Luis Pereira Lopes Silva.
N. Baía.
Direito 23-X-1805.

585 — Francisco de Carvalho Maciel d'Oliveira Gouvim.
Filho de Manuel de Carvalho Paes de Andrade.
N. Pernambuco.
Real Colégio das Artes. Filosofia Racional 1805.
Direito 6-X-1805.

586 — João Pedro de Moraes Baptista Navarro.
Filho de pais incógnitos.
N. Cuiabá (Mato Grosso).
Direito 19-XI-1805.

587 — Carlos José Pinheiro.
Filho de Luis Pinheiro Lobo.
N. Vila Rica.
Filosofia 25-X-1805 (obg.). Matemática 25-X-1805 (obg). Medicina 12-XI-1808.
Doutorou-se em Medicina, em 28-VII-1816.

588 — Jerônimo Luís da Silva.
Filho de Gregório Luís Silva.
N. Vila Real do Sabará.
Direito 10-XII-1805.

589 — José Caetano Alberto e Silva.
Filho de pais incógnitos.
N. Sabará.
Filosofia 31-X-1805 (obg.). Matemática 31-X-1805 (obg.). Medicina 13-XI-1809.

590 — Ovídio de Carvalho e Silva.
Filho de Antonio Saraiva de Carvalho.
N. Parnaíba (Maranhão).
Direito 29-X-1805.
Formou-se em 15-VI-1810.

—1 8 0 6 —

591 — Tristão Martinho d'Almeida.
Filho de Braz Martinho de Almeida.
N. Vila Boa de Goiaz.
Direito 24-XI-1806.

592 — Antonio de Sales Nunes Belfort.
Filho de José Marcelino Nunes.
N. Maranhão.
Direito 4-X-1806. Filosofia 7-X-1806 (obg.).

593 — Luís Pedreira do Couto Ferraz.
Filho de João Pedreira do Couto.
N. Minas de Goiaz.
Direito 31-X-1806.
Tomou o grau de bacharel em 2-VI-1810.

594 — Francisco Aires de Almeida Freitas.
Filho de Luis Antonio de Freitas e Almeida.
N. Baía.
Direito 31-X-1806.

595 — Cândido Rodrigues Alves de Figueiredo e Lima.
Filho de Veríssimo Rodrigues Chaves.
N. Viamão do Rio Grande do Sul, 1782.

Direito 17-X-1806.
Formou-se em Direito, em 6-VII-1813.
Doutorou-se em Leis, em 26-VII-1814.

596 — Luis Antonio Barbosa d'Oliveira.
Filho de José Barbosa de Oliveira.
N. Baía.
Direito 31-X-1806.

597 — José Correia Pacheco da Silva.
Filho de Felipe Correia da Silva.
N. Itú (São Paulo).
Direito 25-X-1806.

— 1 8 0 7 —

598 — João da Fonseca e Almeida.
Filho de Francisco Rodrigues Ramos.
N. Pernambuco.
Matemática X-1807 (vol.).

599 — José Francisco do Amaral.
Filho de José Francisco do Amaral.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1807.

600 — Joaquim José Barbosa.
Filho de Antonio Barbosa Passos.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 15-X-1807 (obg.). Filosofia 15-X-1807 (obg.).

601 — Carlos Peregrino Belfort Pereira de Burgos.
Filho de José Felix Pereira de Burgos.
N. Maranhão.
Matemática X-1807 (ord.).

602 — Manuel Leite de Faria.
Filho de Manuel Leite de Faria.
N. Campos (Rio de Janeiro).
Direito 31-X-1807.

603 — Domingos Malaquias de Aguiar Pires Ferreira.
Filho de José Estevão de Aguiar.
N. Pernambuco.
Matemática X-1807 (vol.).

604 — Manuel Francisco Leal.
Filho de Antonio Francisco Leal.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 17-X-1807 (ord.).

605 — Antonio da Gama Lobo.
Filho de João da Gama Lobo.
N. Pará.
Matemática X-1807 (vol.).

606 — Francisco Manuel de Moraes.
Filho de Manuel de Moraes Antas.
N. Rio de Janeiro.
Matemática X-1807 (vol.).

607 — Francisco José Nunes.
Filho de Custódio José Nunes.
N. Campos (Rio de Janeiro).
Direito 27-X-1807.

— 1 8 0 8 —

608 — Caetano Carlos da Silva e Gusmão.
Filho de Manuel Carlos da Silva e Gusmão.
N. Campos de Goitacazes.
Direito 30-XI-1808. Matemática 15-X-1808 (obg.).

— 1 8 0 9 —

609 — José Maria de Sales Gameiro de Mendonça.
Filho de José Feliciano da Rocha Gameiro.
N. Rio de Janeiro.
Direito 21-X-1809.

610 — João Cândido de Deus e Silva.
Filho de João de Deus e Silva.
N. Pará, 1787.
Direito 15-XI-1809.
Tomou o grau de bacharel, em 3-VI-1814.

— 1 8 1 2 —

611 — Fernando de Magalhães e Avelar.
Filho de Manuel de Magalhães e Avelar.
N. Baía.
Direito 27-X-1812.

612 — Manuel Martins Bandeira.
Filho de Manuel Bandeira Martins.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 16-X-1812. Filosofia 16-X-1812.
Formou-se em Filosofia, em 5-VII-1816.
Fez exame privado em 2-VII-1817.
Doutorou-se em 7-VII-1817.

613 — Francisco Gonçalves Martins.
Filho de José Gonçalves Martins.
N. Engenho Papagaio. Termo da Vila de Santo Amaro da Purificação e freguesia de São Pedro do Rio Fundo (Baía).
Direito 27-X-1812.

— 1 8 1 3 —

614 — Caetano Xavier Pereira de Brito.
Filho de João Pereira de Brito.
N. Pernambuco.
Direito 11-X-1813.

615 — Tomaz Xavier Garcia.
Filho de Francisco Xavier Garcia.
N. Rio Grande do Norte.
Direito 26-X-1813.

616 — Adriano José Leal.
Filho de João José Leal.
N. Baía.
Direito 30-X-1813.

617 — Antonio Cerqueira Lima.
Filho de José Cerqueira Lima.
N. Baía.
Direito 13-X-1813.

618 — Pedro d'Araujo Lima.
Filho de Manuel de Araujo Lima.
N. Serinhem (Pernambuco). 1794.
Direito 29-X-1813.
Formou-se em 29-V-1818.
Fez exame privado em 28-VII-1819.
Doutourou-se em 1-VIII-1819.

619 — Diogo de Castro do Rio Furtado de Mendonça.
Filho dos Viscondes de Barbacena.
N. Mariana.
Direito 9-X-1813.

620 — Luis de Paula Furtado de Castro do Rio de Mendonça
Filho dos Viscondes de Barbacena.
N. Vila Rica.
Direito 9-X-1813.

621 — Francisco de Sousa Paraiso.
Filho de Francisco de Sousa Paraiso.
N. Baía.
Direito 9-X-1813.

622 — Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos.
Filho de José Pinheiro dos Santos.
N. Baía.
Direito 30-X-1813.

— 1 8 1 4 —

623 — João Cardoso de Almeida Amado.
Filho de João Cardoso Amado Viana.
N. Campo Largo (Pernambuco).
Direito 29-X-1814.

624 — Francisco José D'Arantes.
Filho de Felix José de Arantes.
N. Recife, 1783.
Teologia 26-X-1814 (ord.).
Formou-se em 21-V-1819.
Doutorou-se em 29-VI-1820.

625 — José Paulo de Figueiroa Nabuco d'Araujo.
Filho de José Joaquim Nabuco de Araujo.
N. Belem (Pará), 1796.
Direito 25-X-1814.

626 — Luis Paulo d'Araujo Bastos.
Filho de Manuel Rodrigues de Araujo Silva.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1814.

627 — Francisco Gomes de Campos.
Filho de João Gomes de Campos.
N. Rio de Janeiro.
Direito 11-X-1814.

628 — Caetano José Gonçalves de Carvalho.
Filho de Caetano José Gonçalves de Carvalho.
N. Campos.
Direito 29-X-1814.

629 — José da Costa Carvalho Junior.
Filho de José da Costa Carvalho.
N. Nossa Senhora da Penha de Itapagipe (Baía) 1796.
Direito 4-X-1814.
Formando-se em 3-VI-1819.

630 — Miguel Joaquim de Castro.
Filho de João Pinto de Castro.
N. Vila de Santo Amaro (Baía).
Direito 31-X-1814.

631 — Antonio José Coelho.
Filho de João Nepomuceno Coelho da Silva.
N. Pernambuco.
Direito 19-X-1814. Filosofia 10-X-1815 (obg.).

632 — Manuel José de Faria.
Filho de Manuel José de Faria.
N. Baía.
Direito 8-X-1814.

633 — Manuel Antonio Galvão.
Filho de Jerônimo José Galvão.
N. Baía, 31-X-1814.
Formou-se 10-VII-1819.

634 — Caetano Maria Lopes Gama.
Filho de João Lopes Cardoso Machado.
N. Recife, 1795.
Direito 31-X-1814.
Formou-se em 25-VI-1819.

635 — Joaquim José Frederico Gomes.
Filho de João Quirino Gomes.
N. Baía.
Matemática 10-X-1814 (obg.). Filosofia 5-X-1814 (obg.). Medicina 6-X-1817.

636 — Cassiano Esperidião de Melo e Matos.
Filho de Eusébio Nunes de Paiva e Matos.
N. Baía, 1797.
Direito 15-X-1814.
Formou-se em 15-VI-1819.

637 — Bernardino José de Melo.
Filho de José Bernardo de Melo.
N. Santa Ana do Camisão (Baía).
Direito 21-X-1814.

638 — João Braulio Moniz.
Filho de Raimundo José Moniz.
N. Maranhão.
Direito 31-X-1814.

639 — Luis José Fernandes d'Oliveira.
Filho de João José Fernandes.
N. São Miguel de Piracicaba (Sabará).

Direito 31-X-1814.
Doutor em Leis 1-VIII-1819.

640 — José Carlos Pereira.
Filho de José Carlos Pereira.
N. Baía.
Direito 12-X-1814.

641 — Luis Soares da Silveira.
Filho de Luis Soares.
N. Bananeiras (Pernambuco).
Direito 14-X-1814.

642 — Bernardo Pereira de Vasconcelos.
Filho de Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos.
N. Vila Rica, 1795.
Direito 3-X-1814. Filosofia 25-X-1814 (obg.).
Formou-se em Direito, em 6-VII-1819.

643 — Inácio José d'Araujo Vieira.
Filho de José Caetano de Araujo Vieira.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1814.

— 1 8 1 5 —

644 — Francisco de Paula de Almeida e Albuquerque.
Filho de Manuel Caetano de Almeida e Albuquerque.
N. Pernambuco, 1795.
Direito 31-X-1815.
Formou-se 24-V-1820.

645 — Joaquim José da Silva e Azevedo.
Filho de João José da Silva e Azevedo.
N. Nossa Senhora do Rosário da Cachoeira (Baía).
Direito 17-X-1815.

646 — João Martiniano Barata.
Filho de João Nepomuceno Barata.
N. Cachoeira (Baía).
Direito 27-X-1815.

647 — Manuel Alves Branco.
Filho de João Alves Branco.
N. Maragogipe (Baía), 1797.
Matemática 21-X-1815 (obg). Filosofia 10-XI-1817 (obg.). Direito 1818.
Formou-se em Direito 8-VII-1823.

648 — Antonio Policarpo Cabral.
Filho de Manuel de Alemão Cabral Osório.
N. Baía.
Matemática 11-X-1815 (obg.). Filosofia 24-X-1815 (obg.). Medicina 20-X-1817.

649 — Manuel José Cardoso Junior.
Filho de Manuel José Cardoso.
N. Baía.
Direito 31-X-1815.

650 — João Ricardo da Costa Dorimund.
Filho de José Inácio da Costa.
N. Baía.
Direito 13-X-1815.

651 — Simpliciano Frederico da Costa Ferreira.
Filho de Tomaz da Costa Ferreira.
N. Baía.
Direito 18-X-1815.

652 — Manuel Gomes da Fonseca.
Filho de Manuel Gomes da Costa.
N. Itaberaba (Vila Rica).
Matemática 14-X-1815 (obg.). Filosofia 18-X-1815 (obg.). Medicina 1818.

653 — Manuel Inácio Cavalcante de Lacerda.
Filho de Bento Sebastião de Lacerda.
N. Pernambuco.
Direito 31-X-1815.

654 — Matias Carneiro Leão.
Filho de Matias Carneiro Leão.
N. Pernambuco.
Matemática 14-X-1815 (obg.). Filosofia 16-X-1815 (obg.). Medicina 20-X-1818.

655 — Antonio Ferreira Lima.
Filho de Manuel Ferreira Lins.
N. Cachoeira (Baía).
Direito 24-X-1815.

656 — Manuel Pedro de Moraes Mayer.
Filho de Joaquim Apolinário Mayer.
N. Pernambuco.
Direito 31-X-1815.

657 — Tito Alexandre Cardoso de Melo.
Filho de Francisco Cardoso de Moraes.
N. Baía.
Direito 25-X-1815.

658 — Domingos Martins Ribeiro.
Filho de Francisco Xavier Martins Chaves.
N. Santo Amaro (Baía).
Direito 17-X-1815.

659 — José Maria Vieira da Rocha.
Filho de João Manuel Vieira da Fonseca.
N. Baía.
Direito 31-X-1815.

660 — Francisco José de Sá.
Filho de Francisco José de Sá.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 4-X-1815 (obg.). Filosofia 16-X-1815 (obg.). Medicina 19-X-1819.

661 — Antonio Luis de Seabra.
Filho de Antonio de Seabra da Mota e Silva.
N. Rio de Janeiro.
Direito 24-X-1815.
Formou-se em Direito 6-VII-1820.

662 — Antonio José de Sequeira.
Filho de Antonio José de Sequeira.
N. São Salvador de Campos de Goitacazes.
Direito 25-X-1815.

663 — José Antonio de Sequeira.
Filho de Antonio José de Sequeira.
N. Campo de Goitacazes.
Direito 18-X-1815.

664 — José Eloi Pessoa da Silva.
Filho de Cristovão Pessoa da Silva.
N. Baía, 1792.
Matemática 14-X-1815 (ord.). Filosofia 30-X-1815 (ord).

665 — José Libanio de Sousa.
Filho de Marcelino Antonio de Sousa.
N. Baía.
Direito 31-X-1815.

— 1 8 1 6 —

666 — Gustavo Adolfo d'Aguilar Pantoja.
Filho de Hermogenes Francisco d'Aguilar.
N. Baía.
Direito 15-X-1816.

667 — Luis Francisco de Paula Cavalcante e Albuquerque.
Filho de Francisco de Paula Cavalcante d'Albuquerque.
N. Pernambuco.
Direito 31-X-1816.

668 — Miguel Calmon du Pin e Almeida.
Filho de José Gabriel Calmon.
N. Santo Amaro (Baía), 1794.
Direito 1816.
Formou-se em 23-VI-1821.

669 — José Maria Monteiro de Barros.
Filho de Lucas Antonio Monteiro de Barros.
N. Baía.
Direito 16-X-1816.

670 — Francisco José Alves Carneiro.
Filho de João Alves Carneiro.
N. Paratí (Rio de Janeiro).
Direito 30-X-1816.

671 — Antonio José Leal.
Filho de João José Leal.
N. Baía.
Direito 18-X-1816.

672 — José Pereira Lima.
Filho de Luis Gonçalves Lima.
N. Baía.
Filosofia 12-XI-1817 (obg. Curso de 1816). Direito 31-X-1818).

673 — Joaquim José Ribeiro de Magalhães.
Filho de Antonio Ribeiro de Magalhães.
N. Rio das Contas (Baía).
Direito 31-X-1816.

674 — Rodrigo de Sousa da Silva Pontes Malheiro.
Filho de Antonio Pires da Silva Pontes.
N. Baía, 1799.
Direito 16-X-1816.
Formou-se em 23-VI-1821.

675 — Eustáquio Adolfo de Melo e Matos.
Filho de Eusébio Nunes de Paiva Matos.
N. Baía.
Matemática 15-X-1816 (ord.). Filosofia 14-X-1816 (obg.).

676 — Manuel Odorico Mendes.
Filho de Francisco Raimundo da Cunha.
N. Maranhão, 1799.
Matemática, 1816.

677 — Francisco Gomes Brandão Montezuma.
Filho de Manuel Gomes Brandão.
N. Baía.
Direito 22-II-1817 (Curso de 1806). Filosofia 31-X-1817 (obg).

678 — João Antonio Moutinho.
Filho de pais incógnitos.
N. Cachoeira (Baía).
Direito 16-X-1816.

679 — Honorato José de Barros Paim.
Filho de José Peixoto de Lacerda.
N. Santo Amaro (Baía).
Direito 30-X-1816.

680 — João Rodrigues Paiva.
Filho de João Gonçalves Rio.
N. Vila Rica.
Direito 19-X-1816.

681 — Felipe Alberto Patroni.
Filho de Manuel Joaquim da Silva Martins.
N. Belém (Pará), 1798.
Direito 29-X-1816. Filosofia 31-X-1816 (obg.).
Tomou o grau de bacharel em Direito 3-VI-1820.
O seu nome completo é Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente.

682 — João Francisco de Borja Pereira.
Filho de Francisco Antonio de Borja Pereira.
N. Cachoeira (Baía).
Direito 18-X-1816.

683 — Vital Raimundo da Costa Pinheiro.
Filho de Antonio da Costa Pinheiro.
N. Alcântara (Maranhão).
Filosofia 12-XI-1817 (obg.). Curso de 1816).
Matemática 11-VII-1820. Direito 31-X-1822.

684 — José Cesário de Miranda Ribeiro.
Filho de Teotonio Mauricio de Miranda Ribeiro.
N. Vila Rica, 1792.
Direito 11-X-1816.
Formou-se 19-VI-1821.

685 — José Emidio dos Santos.
Filho de Francisco Inácio dos Santos.
N. Jaguaripe (Baía).
Direito 8-XI-1816.

686 — Candido José de Araujo Viana.
Filho de Manuel de Araujo da Cunha.
N. Congonhas do Sabará, 1793.
Direito 16-X-1816.
Formou-se em Direito em 9-VI-1821.

687 — Antonio José Fernandes Vilar.
Filho de José Antonio Fernandes.
N. Pará.

Matemática 11-XI-1816 (obg.). Filosofia 11-XI-1816 (obg.). Direito 22-I-1818.

688 — Luis Rodrigues Vilares.
Filho de Joaquim José dos Santos.
N. São Paulo.
Direito 25-X-1816.

— 1817 —

689 — Antonio Calmon du Pin e Almeida.
Filho de José Gabriel Calmon.
N. Santo Amaro (Baía).
Direito 1817.

690 — Clemente Alvares d'Oliveira Mendes Almeida.
Filho de Luis Manuel d'Oliveira Mendes.
N. Santo Amaro (Baía).
Direito 1817.
Formou-se em Direito, em 22-VII-1822.

691 — Joaquim José do Amaral.
Filho de Mariano José do Amaral.
N. Rio de Janeiro.
Direito 1817.

692 — Leocádio Ferreira de Gouveia Pimentel Beleza.
Filho de Antonio Ferreira de Gouveia Pimentel Beleza.
N. Maranhão.
Direito 8-XI-1817.

693 — Joaquim Marcelino de Brito.
Filho de Manuel Joaquim de Brito.
N. Baía.
Direito 31-X-1817.

694 — José Vicente Freire e Bruce.
Filho de Miguel Inácio dos Santos Freire e Bruce.
N. Maranhão.
Direito 8-XI-1817. Matemática 1818 (vol.).

695 — José Nunes Barbosa Madureira Cabral.
Filho de Luis Barbosa de Madureira.
N. Sergipe d'El Rey.
Direito 8-XI-1817.

696 — Prudêncio Giraldes Tavares Cabral.
Filho de Joaquim Giraldes Tavares.
N. Cuiabá (Mato Grosso) 1800.
Direito 24-X-1817.
Formou-se em 10-VI-1822.

697 — Marcelino José Cardoso.
Filho de Anastácio José Cardoso.
N. Pará (Freguezia da Cachoeira do Rio Arari).
Matemática 18-X-1817 (ord.). Filosofia 22-X-1817 (obg.). Medicina 25-X-1820.

698 — Joaquim Mariano Ferreira.
Filho de pais incógnitos.
N. Maranhão.
Direito 8-XI-1817.

699 — José da Fonseca Freitas.
Filho de Anastácio José Cardoso.
N. Pará.
Direito 5-XI-1817.

700 — Antonio d'Araujo Ferreira e Jacobina.
Filho de Manuel Ambrósio Martins Ferreira.
N. Vila de Santo Antonio de Jacobina (Baía).
Filosofia 27-X-1817 (obg.). Matematica 1819 (vol.).
Formou-se em Direito, em 2-VI-1821.

701 — Francisco Correia Leal.
Filho de João Francisco Leal.
N. Maranhão.
Direito 31-X-1817.

702 — Nicolau da Silva Lisboa.
Filho de José da Silva Lisboa.
N. Baía.
Direito 31-X-1817.

703 — José Nascimento Pinto Soares Gomes de Paiva.
Filho de Antonio Nascentes Pinto.
Direito 31-X-1817.
N. Rio de Janeiro.

704 — José Alvares Pereira.
Filho de Francisco Pereira Alvares.
N. Baía.
Direito 5-XI-1817.

705 — Antonio Marcelino da Costa Pinheiro.
Filho de Antonio da Costa Pinheiro.
N. Maranhão.
Direito 18-X-1817.

706 — Manuel José Teixeira de Sá.
Filho de João de Sá.
N. Cachoeira.
Direito 20-X-1817. Filosofia 6-X-1821 (obg.).

707 — Joaquim Vieira da Silva.
Filho de Luis Antonio Vieira da Silva.
N. Maranhão.
Direito 31-X-1817.

708 — Pedro dos Santos de Sousa Tavares.
Filho de Joaquim dos Santos Sousa.
N. Pernambuco.
Direito 24-X-1817.

709 — Bartolomeu José Vahia.
Filho de Francisco dos Santos Xavier.
N. Rio de Janeiro.
Direito 10-XI-1817.

710 — Manuel dos Santos Martins Velasques.
Filho de Manuel dos Santos Martins.
N. Baía.
Direito 7-XI-1817.

— 1 8 1 8 —

711 — Antonio Pereira Barreto.
Filho de Miguel Pedroso Barreto.
N. Pouso Alto (Minas Gerais).
Direito 1818.

712 — Felisberto Caldeira Brant.
Filho de Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquês de Barbacena.
N. Baía, 1802.
Matemática 14-X-1818 (ord.). Filosofia 16-X-1818 (obg.). Medicina 16-X-1818.

713 — Antonio Belfort Pereira de Burgos.
Filho de João Felix Pereira de Burgos.
N. Maranhão.
Filosofia 1818 (vol.).

714 — Antonio de Pádua Vieira Cavalcanti.
Filho de João Vieira da Silva Cavalcanti.
N. Pernambuco.
Matemática 26-X-1818 (ord.). Filosofia 26-X-1818 (obg.).

715 — Luis Angelo Vitório do Nascimento Crespo.
Filho de Felix Fernandes Crespo.
N. Baía.
Direito 29-X-1818.

716 — Manuel Pereira da Cunha.
Filho de Manuel da Cunha.
N. Maranhão.
Matemática 14-X-1818 (obg.). Filosofia 31-X-1817 (obg.). Medicina 25-X-1820.

717 — Agostinho Moreira Guerra.
Filho de Agostinho Moreira Guerra.
N. Baía.
31-X-1818.

718 — Raimundo Felipe Lobato.
Filho de Felipe Neri Lobato.
N. Alcântara (Maranhão).
Direito 23-XII-1818.

719 — Simplício Antonio Mavignier.
Filho de Joaquim Inácio Mavignier.
N. Pernambuco, 1800.
Matemática 31-X-1818 (obg.). Filosofia 31-X-1818 (obg.). Medicina 31-XI-1821.

720 — Francisco Pereira Monteiro.
Filho de Francisco Pereira Monteiro.
N. Rio de Janeiro.
Direito 4-XI-1818.

721 — Antonio Pereira Barreto Pedroso.
Filho de Miguel Pedroso Barreto.,
N. Pouso Alto (Minas Gerais).
Direito 27-X-1818.

722 — João de Sales Gameiro de Mendonça Pessanha.
Filho de José Feliciano da Rocha Gameiro.
N. Rio de Janeiro.
Direito 29-X-1818.

723 — Lourenço José Ribeiro.
Filho de Antonio Ribeiro Carvalhais.
N. São João d'El-Rey, 1796.
Direito 4-XI-1818.
Formou-se em 18-VI-1823.

724 — Sebastião da Câmara Rodrigues Sete.
Filho de Sebastião Rodrigues Sete.
N. Mariana.
Direito 14-XI-1818.

725 — Carlos Teixeira da Silva.
Filho de José Teixeira dos Santos.
N. Rio de Janeiro.
Direito 13-XI-1818.

726 — Tibúrcio Valeriano da Silva Tavares.
Filho de Feliciano da Silva Tavares.
N. Baía.
Direito 23-X-1818.

727 — João Fernandes de Vasconcelos.
Filho de Manuel Fernandes de Vasconcelos.
N. Pará.
Direito 24-XII-1818.

728 — Manuel Rodrigues Vilares.
Filho de Joaquim José dos Santos.
N. São Paulo.
Matemática 13-X-1818 obg.). Direito 22-XI-1819.

— 1 8 1 9 —

729 — Joaquim Antonio de Menezes Ataide.
Filho de Antonio Luis de Azevedo.
N. Rio de Janeiro.
Direito 9-XI-1819. Filosofia 28-XI-1821 (obg.).

730 — Antonio Inácio d'Azevedo.
Filho de José Monteiro d'Azevedo.
N. Baía.
Direito 8-XI-1819.

731 — Joaquim Francisco Alves Branco Moniz Barreto.
Filho de Joaquim Anselmo Alves Branco Monis Barreto.
N. Baía, 1801.
Direito 22-X-1819.
Formou-se em 5-VII-1824.

732 — João Baptista Monteiro de Barros.
Filho de Romualdo José Monteiro de Barros.
N. Congonhas do Campo (Minas Gerais).
Matemática. 1819.

733 — Gregório da Costa Lima Belmonte.
Filho de Antonio José da Costa Lima.
N. Baía.
Direito 30-X-1819.

734 — Antonio Joaquim Fortes Bustamante.
Filho de Francisco Dionísio Fortes.
N. São João d'El-Rei.
Direito 13-X-1819.

735 — Manuel Felipe de Moura Cabral.
Filho de Luis Manuel de Moura Cabral.
N. Aracati (Ceará).
Direito 18-X-1819.
Formou-se em 20-VII-1824.

736 — Antonio Vaz de Carvalho.
Filho de João Vaz de Carvalho.
N. Baía.
Direito 29-X-1819.

737 — Manuel Odorico Mendes da Cunha.
Filho de Francisco Raimundo da Cunha.
N. Maranhão, 1799.
Matemática 1819.

738 — Francisco Pereira Dutra.
Filho de Francisco Pereira Dutra.
N. Aldeia (Baía).
Direito 16-X-1819.

739 — Cornélio Ferreira França.
Filho de Antonio Ferreira França.
N. Baía, 1802.
Direito 29-X-1819. Filosofia 30-X-1819 (obg.).
Formou-se em Direito em 19-VI-1824.

740 — Ernesto Ferreira França.
Filho de Antonio Ferreira França.
N. Baía.
Direito, 1819.
Formou-se em 28-V-1824.

741 — Francisco Lourenço de Freitas.
Filho de Antonio Lourenço de Freitas.
N. Vila Bela da Princesa (São Paulo).
Direito, 1819.

742 — Joaquim Francisco Gonçalves.
Filho de Domingos Francisco Gonçalves.
N. Baía.
Direito 15-X-1819.

743 — Narciso José d'Almeida Guatimosim.
Filho de Bernardino de Seana e Almeida.
N. Baía.
Direito 25-X-1819.

744 — Manuel Messias de Leão.
Filho de Miguel José Bernardino de Leão.
N. Baía, 1799.
Direito 8-X-1819.
Formou-se em 4-VII-1824.

745 — Pedro Gomes Machado Júnior.
Filho de Pedro Gomes Machado.
N. Goiaz.
Direito 12-XI-1819.

746 — Candido Ladislau Japiassú de Figueiredo e Melo.
Filho de João Ladislau de Figueiredo e Melo.
N. Baía, 1799.
Direito 17-XI-1820 (curso de 1819).
Formou-se em 18-VII-1824.

747 — Antonio Maria de Moura.
Exposto em casa do capitão Caetano José Nascentes, seu padrinho.
N. Vila Nova da Rainha de Caeté (Minas Gerais), 1794.
Direito 27-X-1819.
Formou-se em 31-V-1824.
No requerimento de matrícula diz ser subdiácono do Bispado de Mariana.

748 — José da Natividade Saldanha.
Filho de Lourenço da Cruz.
N. Recife, 1795.
Direito 23-X-1819.

749 — João Carlos de Santa Clara.
Filho de José Carlos Monteiro.
N. São Salvador dos Campos de Goitacases.
Teologia 16-X-1819 (ord.).
Fr. Carmelita Calçado.

750 — Manuel José dos Santos.
Filho de Manuel José dos Santos.
N. Baía.
Direito 12-X-1819.

751 — Custódio Alves da Pureza Serrão.
Filho de José Alves Serrão.
N. Alcântara (Maranhão), 1799.
Filosofia 22-X-1819 (ord.).
Bacharelou-se em 25-VI-1823.
Formou-se em 19-VII-1823.
Fr. Carmelita Calçado.

752 — Antonio Bernardo da Encarnação e Silva.
Filho de João Antonio da Silva.
N. Viana (Maranhão).
Teologia 1819.
Fr. Carmelita Calçado.

753 — José dos Santos da Silveira.
Filho de Antonio da Silveira Souto.
N. Maranhão.
Matemática 26-X-1819 (obg.). Filosofia 26-X-1819 (obg.). Direito 24-XI-1820.

754 — Antonio Militão de Sousa.
Filho de Antonio José de Sousa.
N. Baía.
Direito 16-X-1819.

755 — Cipriano José Veloso.
Filho de José Joaquim Veloso.
N. Baía.
Direito 18-X-1819.

— 1820 —

756 — Francisco Maria de Freitas e Albuquerque.
Filho de Aires Antonio Correia de Sá e Albuquerque.
N. Baía.
Direito 15-XI-1820. Filosofia 26-XI-1821 (obg.).

757 — Joaquim Teixeira Peixoto d'Albuquerque.
Filho de Antonio Teixeira d'Abreu Peixoto.
N. Pernambuco.
Direito 15-XI-1820.

758 — Manuel José d'Albuquerque.
Filho de pais incógnitos.
N. Baía.
Matemática 1820.

759 — Luis Alvares d'Andrade.
Filho de Francisco Cláudio Alvares d'Andrade.
N. Rio de Janeiro.
Direito 3-XI-1820.

760 — Antonio José Monteiro de Barros.
Filho de Romualdo José Monteiro de Barros.
N. Congonhas do Campo (Minas Gerais).
Direito, 1820.

761 — Francisco de Paula Monteiro de Barros.
Filho de Romualdo José Monteiro de Barros.
N. Congonhas de Campo (Minas Gerais).
Direito, 1820.

762 — Martiniano da Rocha Bastos.
Filho de Antonio da Rocha Bastos.
N. Baía.
Direito 24-XI-1820.

763 — Bernardo José de Serpa Brandão.
Filho de Antonio de Faria Brandão.
N. Pernambuco.
Matemática 21-VII-1821 (Curso de 1820).

764 — Prudencio José de Sousa Brito.
Filho de Manuel Joaquim de Sousa Brito.
N. Baía.
Filosofia 17-X-1820 (obg.). Matemática 17-X-1820 (obg.).

765 — José Alves Carneiro.
Filho de João Alves Carneiro.
N. Paraty (Rio de Janeiro).
Direito, 1820.

766 — Francisco Ramiro d'Assis Coelho.
Filho de Antonio José Coelho.
N. Baía.
Direito 24-XI-1820.

767 — Guilherme José Correia.
Filho de Antonio José Correia.
N. Baía.
Matemática 18-XI-1820 (obg.). Filosofia 15-X-1820 (obg.). Medicina 4-X-1824.

768 — Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho.
Filho de Aureliano de Sousa e Oliveira.
N. Rio de Janeiro, 1800.
Direito 23-XI-1820.
Tomou grau de bacharel em Direito em 11-VI-1824.
Formou-se em 3-VI-1825.

769 — José de Menezes Vasconcelos Drummond.
Filho de Antonio Luis Ferreira de Menezes.
N. Rio de Janeiro.
Direito 13-XI-1820.

770 — José Vieira de Faria.
Filho de Francisco Vieira de Faria.
N. Baía.
Matemática 17-X-1820 (obg.). Filosofia 17-X-1820 (obg.).

771 — Manuel Antonio da Rocha Faria.
Filho de Manuel Gonçalves de Faria.
N. Goiana (Pernambuco).
Direito, 1820.

772 — Manuel Bernardino de Sousa e Figueiredo.
Filho de Cristovão de Santiago e Figueiredo.
N. Cairú (Baía).
Direito 15-XI-1820.

773 — Teodoro Praxedes Frois.
Filho de João Ferreira Frois.
N. Baía.
Direito 31-X-1820.

774 — Antonio Pinto Chichorro da Gama.
Filho de Antonio Pinto Chichorro da Gama.
N. Baía.
Direito 30-X-1820.

775 — Agostinho Ermelino de Leão.
Filho de Miguel José Bernardino de Leão.
N. Baía.
Direito 12-XI-1820.

776 — Honorio Hermeto Carneiro Leão.
Filho de Antonio Neto Carneiro Leão.
N. Jacuhy (Minas Gerais), 1801.
Direito, 1820.
Formou-se em 18-VI-1825.

777 — Francisco de Paula Cerqueira Leite.
Filho de José Cerqueira Leite.
N. Minas Gerais.
Direito 11-XI-1820.

778 — José Hipólito da Costa Lins.
Filho de Bartolomeu da Costa Pereira.
N. Vila Real do Brejo da Areia (Paraiba do Norte).
Matemática 1820.

779 — Francisco José Lisboa.
Filho de Manuel Inácio Lisboa.
N. Baía.
Direito 24-XI-1820.

780 — Gaspar José Lisboa.
Filho de Manuel Inácio Lisboa.
N. Baía.
Direito 13-XI-1820.

781 — Joaquim José de Magalhães.
Filho de Joaquim José de Magalhães.
N. Baía.
Direito 4-XI-1820.

782 — Vicente Ferreira de Magalhães.
Filho de Joaquim José de Magalhães.
N. Baía, 1799.
Filosofia 17-X-1820 (obg.). Matemática 17-X-1820 (obg.).
Matriculou-se em Coimbra, já formado pela Escola de Cirurgia da Baía.

783 — José Mariano.
Filho de José Mariano.
N. Barra do Rio Grande (Pernambuco) 1800.
Direito 19-XII-1820.
Formou-se em 30-VI-1825.

784 — Joaquim Francisco Moreira.
Filho de José Francisco Moreira.
N. Iguape (Baía).
Direito, 1820.

785 — Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira.
Filho de Vicente Ribeiro Moreira.
N. Baía.
Direito 8-XI-1820.
Mandado riscar da Universidade, por pertencer, como soldado da 4.ª Companhia, ao Batalhão de Voluntarios Académicos, organizado no ano letivo de 1826-1827 (aviso régio de 28-III-1829).

786 — Francisco José Coelho Neto.
Filho de Francisco José Coelho Neto.
N. Baía.
Direito 15-XI-1820.

787 — Manuel Machado Nunes.
Flho de Antonio Machado Nunes.
N. Rio de Janeiro.
Direito 21-X-1820.

788 — Cândido Baptista d'Oliveira.
Filho de Francisco Baptista Anjo.
N. Porto-Alegre, 1801.
Matemática 8-XI-1820 (obg.). 21-V-1824 (ord.).
Filosofia 8-X-1820 (ord.). Medicina 3-X-1823.
Bacharelou-se em Matemática, em 18-VI-1824.
Formou-se em 1-VII do mesmo ano.

789 — Saturnino de Sousa e Oliveira.
Filho de Aureliano de Sousa e Oliveira.
N. Rio de Janeiro, 1803.
Direito 23-XI-1820.
Tomou o grau de bacharel em 21-VII-1824.

790 — Joaquim Teixeira Peixoto.
Filho de Antonio Teixeira d'Abreu Peixoto.
N. Pernambuco.
Direito 1820.

791 — Miguel de Sales Gameiro de Mondonça Pessanha.
Filho de José Feliciano da Rocha Gameiro.
N. Rio de Janeiro.
Direito 15-XI-1820.

792 — Apolônio Nunes dos Reis.
Filho de Cipriano Nunes dos Reis.
N. Baía.
Matemática 1820.

793 — Joaquim Pinto Neto dos Reis.
Filho de Bernardo Pinto Neto da Silva.
N. Campos (Rio de Janeiro).
Direito 15-XI-1820.

794 — José d'Araujo Ribeiro.
Filho de José Antonio d'Araujo Ribeiro.
N. Porto Alegre, 1800.
Direito 1820.
Formou-se em 25-VI-1825.

795 — José Florentino de Figueiredo Rocha.
Filho de José Joaquim de Figueiredo Rocha.
N. São Felix (Baía).
Matemática 23-X-1820 (obg.). Filosofia 10-XI-1820 (ord.). Medicina 1823.

796 — Gabriel Mendes dos Santos.
Filho de Tomaz Mendes.
N. São João d'El-Rei.
Direito 16-X-1820.

797 — Pedro Henriques d'Almeida Seabra.
Filho de Manuel José Seabra.
N. Pará.
Matemática 10-XI-1820 (obg.). Filosofia 11-XI-1820 (ord.).

798 — Caetano Silvestre da Silva.
Filho de Silvestre José da Silva.
N. Baía.
Direito 14-XI-1820.

799 — José Joaquim da Silva.
Filho de Manuel Joaquim da Silva.
N. Baía, 1802.
Direito 6-XI-1820.
Bacharelou-se em 1-VII-1824.
Formou-se em 20-VII-1825.

800 — José Luis da Rocha e Silva.
Filho de Domingos Luis da Silva.
N. Baía.
Matemática 10-XI-1820 (obg.). Filosofia 13-XI-1820 (obg.). Direito 31-X-1822.

801 — Manuel Caetano Soares.
N. Recife.
Direito 20-X-1820.

802 — Bernardo Belisário Soares de Sousa.
Filho de Francisco Manuel Soares Viana.
N. Paràcatú.
Direito 14-XI-1820.

803 — Antonio Sarmento de Saavedra Teixeira.
Filho de Basílio Teixeira Cardoso de Saavedra Freire.
N. Sabará (Vila Rica).
Direito 1820.

804 — Severo Amorim do Vale.
Filho de Raimundo José do Vale.
N. Baía.
Direito 19-XII-1820.

805 — Antonio de Barros e Vasconcelos.
Filho de Felipe de Barros e Vàsconcelos.
N. Maranhão.
Direito 24-XI-1820.

806 — Julião Fernandes de Vasconcelos.
Filho de Manuel Fernandes de Vasconcelos.
N. Pará.
Direito 14-XI-1820.

807 — Joaquim José Xavier.
Filho de Antonio Inácio Xavier.
N. Olinda (Pernambuco).
Direito 14-XI-1820.

— 1 8 2 1 —

808 — Felipe Jancen de Castro e Albuquerque.
Filho de Vicente Gomes de Lemos.
N. Maranhão.
Matemática 1821.

809 — Pedro Francisco de Paula Cavalcante d'Albuquerque.
Filho de Francisco de Paula Cavalcante d'Albuquerque.
N. Pernambuco.
Matemática 1821. Filosofia 4-X-1822 (obg.).

810 — Francisco do Rego Barros.
Filho de Francisco do Rego Barros.
N. Pernambuco.
Matemática 4-X-1821 (ord.). Filosofia 4-X-1822.

811 — José Vilela de Barros.
Filho de José Vilela de Barros.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 31-X-1821 (ord.). Matemática 5-XI-1821.

812 — Sebastião do Rego Barros.
Filho de Francisco do Rego Barros.
N. Pernambuco, 1803.
Filosofia 3-X-1821 (obg.). Matemática 1822.

813 — João Cândido de Brito.
Filho de Francisco José de Brito.
N. Baía.
Matemática 5-XI-1821 (obg.). Filosofia 31-X-1821 (obg.).

814 — Francisco Xavier Carnide.
Filho de Francisco Xavier Carnide.
N. Baía.
Matemática 1821. Filosofia 26-VII-1822 (obg.).

815 — Manuel Francisco de Paula Cavalcante.
Filho de Francisco de Paula Cavalcante.
N. Pernambuco.
Matemática 1821.

816 — Joaquim Aires d'Almeida Freitas.
Filho de Luis Antonio de Freitas e Almeida.
N. Santo Amaro (Baía).
Matemática 1821. — Direito 3-X-1822.

817 — João José d'Oliveira Junqueira.
Filho de João José d'Oliveira
N. Baía.
Direito 5-XI-1821.

818 — Sátiro Mariano Leitão.
Filho de Antonio José Leitão.
N. Maranhão, 1804.
Matemática 5-X-1821 (obg.). Filosofia 4-X-1822 (obg.).

819 — Manuel Teles da Silva Lobo.
Filho de Manuel da Silva Lobo.
N. São Domingos do Sabará (Baía).
Direito 1821.

820 — João José de Moura Magalhães.
Filho de Francisco José de Moura.
N. Baía.
Matemática 13-X-1821 (obg.). Filosofia 5-4-1821.
Direito 3-X-1822.
Formou-se em 28-VI-1827.

821 — Marcos Antonio Rodrigues Martins.
Filho de João Marcelino Rodrigues Martins.
N. Pará.
Matemática 1821.

822 — Estevão Antonio de Moura.
Filho de Francisco José de Moura.
N. Baía.
Matemática 13-X-1821 (obg.). Filosofia 5-X-1821 (obg.). Direito 5-X-1822.

823 — José Lisardo Nápoles.
Filho de Teodoro do Nascimento.
N. Baía.
Matemática 1821.

824 — José Francisco de Paula.
Filho de Luis Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque.
N. Pernambuco.
Matemática 3-X-1821 (ord.). Filosofia 12-X-1821 (obg.).

825 — José Moreira de Pinho.
Filho de Tomé Moreira de Pinho.
N. Santo Amaro (Baía).
Filosofia 10-X-1821 (obg.). Direito 3-X-1822.
Foi riscado da Universidade, por estar alistado no Bàtalhão de Voluntários Acadêmicos, organizado no ano letivo de 1826-1827, como soldado da 5.ª Companhia (aviso régio de 28-III-1829).

826 — José Caetano Pinto.
Filho de Manuel Caetano Pinto.
N. Rio de Janeiro.
Direito 29-X-1821.

827 — Joaquim Lopes da Silva.
Filho de José Lopes da Silva.
N. Baía.
Direito 23-X-1821.

828 — Joaquim José Rodrigues Torres.
Filho de Manuel José Rodrigues Torres.
N. São João de Itaborahy (Rio de Janeiro), 1802.
Matemática 23-X-1821. Filosofia 23-X-1821 (obg.).

829 — Manuel d'Almeida Vasconcelos.
Filho de Joaquim d'Almeida Vasconcelos.
N. Baía.
Matemática 10-XI-1821.

— 1 8 2 2 —

830 — Manuel Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque.
Filho de Francisco de Paula Cavalcanti d'Albuquerque.
N. Pernambuco.
Matemática 3-X-1822 (ord.). Filosofia 3-X-1822 (obg.).

831 — Luis Manuel d'Oliveira Mendes e Almeida.
Filho de Luis Manuel d'Oliveira Mendes.
N. Baía.
Matemática 1822 (vol.). Filosofia 23-X-1822 (obg.).

832 — Diocleciano Augusto Cesar do Amaral.
Filho de Bernardo Antonio do Amaral.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1822.
Incluido na lista dos nomes dos estudantes mandados riscar da Universidade, por fazer parte do Batalhão de Voluntários Acadêmicos, como soldado da 1.ª Companhia (aviso régio de 28-III-1829).

833 — Manuel José D'Araujo.
Filho de Alexandre José d'Araujo.
N. Pernambuco.
Matemática 1822 (vol.).

834 — Manuel Monteiro de Barros.
Filho de Lucas Antonio Monteiro de Barros.
N. Vila Rica.
Matemática 1822. Direito 1823.

835 — Miguel Eugênio Monteiro de Barros.
Filho de Romualdo José Monteiro.
N. Congonhas do Campo.
Matemática 1822 (vol.). Direito 1823.

836 — Rodrigo Antonio Monteiro de Barros.
Filho de Lucas Antonio Monteiro de Barros.
N. Congonhas do Campo.
Direito 1822.

837 — João Rodrigues Bayma.
Filho de Antonio Rodrigues dos Santos.
N. Maranhão.
Filosofia 25-X-1822 (obg.). Matemática 1822 (vol.).

838 — Antonio Rodrigues Fernandes Braga.
Filho de Antonio Rodrigues Fernandes Braga.
N. Rio Grande do Sul.
Direito 3-X-1822.

839 — José Mariano Correia d'Azevedo Coutinho.
Filho de José Teodoro Correia d'Azevedo Coutinho.
N. Alcântara (Maranhão).
Direito 1822.

840 — Francisco Alves Pereira de Mendonça Drumond da Cunha.
Filho de João Alvares Ribeiro da Cunha.
N. Rio de Janeiro.
Direito 3-X-1822.

841 — Joaquim Vieira da Cunha.
Filho de José Vieira da Cunha.
N. Rio Grande do Sul.
Matemática 1822. Filosofia 29-X-1822 (obg.). Direito 3-X-1822.
O aviso régio de 28-III-1829, manda-o riscar da Universidade, por pertencer ao Batalhão Acadêmico, organizado no ano lectivo de 1826-1827, como soldado da 5.ª Companhia.

842 — Brasílio da Costa Leite Dourado.
Filho de Victor Antonio Modesto Dourado.
N. Alcântara (Maranhão).
Filosofia 30-X-1822 (obg.).

843 — Antonio José Galvão.
Filho de Antonio Bernardino Galvão.
N. Maranhão.
Filosofia 25-X-1822 (obg.). Matemática 1822 (vol.). Direito 4-X-1823.

844 — Jorge Gromwell Guilhon.
Filho de Jorge Gromwell.
N. São Luis do Maranhão.
Filosofia 16-X-1822 (obg.). Matemática 16-X-1822 (obg.). Direito 2-X-1823.

845 — Fernando Pacheco Jordão.
Filho de Elias Antonio Pacheco.
N. Itú (São Paulo).
Direito 15-X-1822.

846 — Leonel Fernandes Leal.
Filho de João Francisco Leal.
N. Maranhão.
Direito 25-X-1822.

847 — Manuel Cerqueira Lima.
Filho de José Cerqueira Lima.
N. Baía.
Direito 3-X-1822.

848 — Pedro Cerqueira Lima.
Filho de José Cerqueira Lima.
N. Baía.
Direito 8-X-1822.

849 — João Gomes Machado.
Filho de Pedro Gomes Machado.
N. Goias.
Matemática 12-X-1822 (ord.). Filosofia 4-X-1822 (obg.).

850 — José d'Assis Mascarenhas.
Filho de Francisco d'Assis Mascarenhas.
N. Vila Boa de Goiaz.
Direito 3-X-1822.

851 — Manuel d'Assis Mascarenhas.
Filho de Francisco d'Assis Mascarenhas.
N. Goiaz, 1806.
Direito 3-X-1822.
Formou-se em 14-VII-1827.

852 — Manuel Moreira de Sousa Meireles.
Filho de Dâmaso Moreira de Carvalho.
N. Rio de Janeiro.
Direito 3-X-1822.

853 — Sabino Ribeiro d'Oliveira.
Filho de José Antonio Ribeiro d'Oliveira.
N. Baía.
Filosofia 30-X-1822 (obg.). Direito 2-X-1823.

854 — Antonio da Costa Pinto.
Filho de Antonio da Costa Pinto.
N. Paracutú (Minas Gerais).
Direito 31-X-1822.
Riscado da Universidade, por estar alistado no Batalhão Acadêmico, de 1826-1827, como soldado da 5.ª Companhia (aviso régio de 28-III-1829).

855 — Manuel José Pinto.
Filho de Antonio José Pinto.
N. Baía.
Matemática 12-X-1822 (obg.). Filosofia 4-X-1822 (obg.).

856 — Manuel José da Silva Porto.
Filho de José Francisco da Silva Porto.
N. Baía.
Direito 14-X-1822.
Incluido na lista dos nomes dos estudantes mandados riscar da Universidade, por pertencer ao Batalhão de Voluntários Acadêmicos, como soldado da 5.ª Companhia (aviso régio de 28-III-1829).

857 — Antonio Joaquim de Sequeira.
Filho de Joaquim José de Sequeira.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1822. Filosofia 31-X-1823 (obg.). Direito 6-X-1824.
Mandado riscar da Universidade por fazer parte, como soldado da 5.ª Companhia, do Batalhão

de Voluntários Acadêmicos, organizado no ano letivo de 1826-1827. (aviso régio de 28-III-1829).

858 — José Cândido da Silva.
Filho de Joaquim Esteves da Silva.
N. Maranhão.
Matemática 1822 (vol.).

859 — Firmino Antonio de Sousa.
Filho de Pedro Alexandrino de Santa Ana.
N. Baía.
Direito 15-X-1822.

860 — Manuel Felizardo de Sousa.
Filho de Manuel Joaquim de Sousa.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 16-X-1822. 7-11-1825 (obg.-ord.). Filosofia 16-X-1822 (obg.).

861 — Bernardo José Tavares.
Filho de Bernardo José Tavares.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1822.

862 — José Marcondes de Toledo.
Filho de Antonio Marcondes de Amaral.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 19-X-1822 (obg.). Matemática 1822 (vol.).

863 — José Joaquim Fernandes da Silva Torres.
Filho de Joaquim José Fernandes.
N. Mariana, 1797.
Matemática 1822 (vol.). Filosofia 6-X-1823 (obg.). Direito 15-X-1823.
Tomou o grau de bacharel em Direito em 11-VII-1827, e foi riscado o registo por aviso régio de 28-III-1829. Pertenceu à 5.ª Companhia do Batalhão de Voluntários Acadêmicos e por esse motivo foi incluido na lista dos nomes riscados da Universidade.

864 — Manuel Paranhos da Silva Veloso.
Filho de Manuel da Silva Paranhos.
N. Vila do Rio Pardo.
Filosofia 19-X-1822 (obg.). Direito 31-X-1822.

865 — Joaquim Francisco Viana.
Filho de Paulo Francisco da Costa Viana.
N. Campos de Goitacazes.
Matemática 1822. Filosofia 4-X-1823. 2-V-1825 (obg. ord.).

866 — José Vicente dos Reis Viana.
Filho de Paulo Francisco da Costa Viana.
N. Campos de Goitacazes.
Matemática 1822 (vol.).

— 1 8 2 3 —

867 — José Vieira de Faria Aragão Ataliba.
Filho de Francisco Vieira de Faria.
N. Baía.
Medicina 3-X-1823.

868 — Antonio Vieira Braga.
Filho de João Francisco Vieira Braga.
N. Rio Grande do Sul.
Filosofia 4-X-1823 (obg.). Matemática 4-X-1823 (ord.). Direito 18-X-1826.

869 — José Vieira Braga.
Filho de Francisco Vieira Braga.
N. Rio Grande do Sul.
Direito 4-X-1823.

870 — José Miguel Pereira Cardoso.
Filho de José Pereira Cardoso.
N. Maranhão.
Medicina 4-X-1823.
Riscado da Universidade, por estar alistado no Batalhão Acadêmico de 1826-1827 (aviso régio de 28-III-1829).

871 — Gentil Augusto de Carvalho.
Filho de João de Carvalho Santos.
N. Alcântara (Maranhão).
Filosofia 29-X-1823 (obg.). Direito 2-X-1824.

872 — Francisco Primo Coutinho de Castro.
Filho de Francisco José de Sousa e Castro.
N. Baía.
Filosofia 31-X-1823 (obg.). Direito 6-X-1824.

873 — Manuel Teixeira Coimbra.
Filho de Manuel Teixeira Coimbra.
N. Pernambuco.
Matemática 6-X-1823. Filosofia 4-X-1823 (obg.).

874 — Prudêncio José de Sousa Brito Cotegipe.
Filho de Manuel Joaquim de Sousa Brito.
N. Baía.
Medicina 3-X-1823.

875 — Estevão Xavier da Cunha.
Filho de Antonio da Cunha Ribeiro.
N. Pernambuco.
Matemática 30-X-1823 (obg.). Filosofia 30-X-1823 (obg.).
Mandado riscar da Universidade por pertencer ao Batalhão Acadêmico, organizado no ano letivo de 1826-1827 (aviso régio de 28-III-1829).

876 — Francisco Gonçalves Martins.
Filho de Raimundo Gonçalves Martins.
N. Santo Amaro do Rio Fundo (Baía). 1807.
Direito 2-X-1823.
Bacharelou-se em 18-VI-1827.
Riscado este registo por aviso régio de 23-VII-1828.

877 — Lourenço Caetano Pinto.
Filho de Manuel Caetano Pinto.
N. Rio de Janeiro.
Direito 2-X-1823.
Foi riscado da Universidade por estar alistado, como soldado da 5.ª Companhia, no Batalhão Acadêmico, organizado no ano letivo de 1826-1827 (aviso régio de 28-III-1829).

878 — José Pereira da Silva.
Filho de pais incógnitos.
N. Maranhão.
Matemática 1823 (vol.).

879 — Francisco Espinola de Sousa.
Filho de Timóteo Espínola de Sousa.
N. Rio das Contas.
Filosofia 7-X-1823 (obg.). Direito 6-X-1824.

880 — Manuel Fernandes de Vasconcelos.
Filho de Manuel Fernandes de Vasconcelos.
N. Belem (Pará).
Matemática 1823 (vol.).

881 — José Francisco dos Reis Viana.
Filho de Paulo Francisco da Costa Viana.
N. Campos de Goitacazes.
Direito 10-X-1823.

882 — José Lopes da Silva Viana.
Filho de João Lopes da Silva Couto.
N. Rio de Janeiro.
Direito 2-X-1823.

— 1 8 2 4 —

883 — Felipe Gomes da Silva Belfort.
Filho de Sebastião Gomes da Silva Belfort.
N. Maranhão.
Real Colégio das Artes 1824. Direito 7-X-1825.

884 — Francisco Alves de Brito.
Filho de Antonio Alves de Brito.
N. Rio de Janeiro.
Direito 1824.
Riscado da Universidade, por pertencer ao Batalhão de Voluntários Acadêmicos, como soldado da 3.ª Companhia (aviso régio de 28-III-1829).

885 — João Alves de Brito.
Filho de Antonio Alves de Brito.
N. Rio de Janeiro.
Direito 1824.

886 — José Ribeiro de Castro.
Filho de Manuel António Ribeiro de Castro.
N. São Salvador de Campos de Goitacazes.
Matemática 1824.

887 — Julião Ribeiro de Castro.
Filho de Manuel António Ribeiro de Castro.
N. Campos de Goitacazes.
Real Colégio das Artes 1824.
Riscado da Universidade, por pertencer ao Batalhão Acadêmico, de 1826-1827 (aviso régio de 28-III-1829).

888 — João José Ferreira da Costa Junior.
Filho de João José Ferreira da Costa.
N. Paraiba do Norte.
Direito 17-X-1824.

889 — Manuel Vieira Forte.
Filho de Manuel Vieira Forte.
N. Cachoeira (Baía).
Direito 30-X-1824.
Aparece na Relação dos Estudantes da Universidade com o nome de Manuel Vieira Tosta. O nome de Manuel Viera Forte é o da matricula e o da certidão de idade. Incluido na lista dos estudantes riscados da Universidade, por pertencer ao Batalhão Acadêmico de 1826-1827 (aviso régio de 28-III-1829).

890 — Domingos José Gonçalves Ponce Leão.
Filho de Domingos Francisco Gonçalves.
N. Baía.
Matemática 16-X-1824 (ord.). Filosofia 16-X-1824 (obg.).
Riscado da Universidade, por pertencer ao Batalhão de Voluntários Acadêmicos, como soldado da 1.ª Companhia (aviso régio de 28-III-1829).

891 — Emílio Joaquim da Silva Maia.
Filho de Joaquim da Silva Maia.
N. Baía, 1808.
Filosofia 16-X-1824 (obg.). Matemática 16-X-1824 (obg.). Medicina 19-X-1827.

892 — Antonio Cerqueira Carvalho da Cunha Pinto de Murityba.
Filho de Antonio Cerqueira Carvalho da Cunha Pinto.
N. Baía.
Direito 11-X-1824.

893 — João José Pereira.
Filho de Serafim José Pereira.
N. Baía.
Direito 25-X-1824.

894 — José Vito Pereira.
Filho de Serafim José Pereira.
N. Baía.
Real Colégio das Artes, 1.ª Aula de Latim 1824.

895 — Fraucisco Antonio de Sousa Queiroz.
Filho de Luis Antonio de Sousa Queiroz.
N. São Paulo.
Direito 18-X-1824.

896 — Manuel Guilherme dos Reis.
Filho de Manuel João dos Reis.
N. Baía.
Matemática 1824.

897 — José Alves da Cruz Rios Junior.
Filho de José Alves da Cruz Rios.
N. Baía.
Direito 6-X-1824.

898 — Domingos Francisco d'Araujo Roso.
Filho de Domingos Francisco d'Araujo Roso.
N. Rio de Janeiro.
Real Colégio das Artes. Elementos de Arimética, Geometria e Geografia 1824.

899 — Antonio Simões da Silva.
Filho de Antonio Simões.
N. Baía.
Direito 9-X-1824.
Riscado da Universidade, por pertencer ao Batalhão Acadêmico, de 1826-1827, como soldado da 5.ª Companhia (aviso régio de 28-III-1829).

900 — João Vaz Caldas Viana.
Filho de Paulo Francisco da Costa Viana.
N. Campos de Goitacazes.
Matemática 30-X-1824 (ord). Filosofia 20-X-1824 (obg.). Direito 1825.

— 1825 —

901 — Frederico Magno d'Abranches.
Filho de João Antonio Garcia de Abranches.
N. São Luis do Maranhão, 1804.
Matemática 31-X-1825 (obg.).
Frequentou a Universidade de Coimbra um ano apenas.

902 — Luis Soares de Queiroz e Azevedo.
Filho de Salvador Soares de Azevedo.
N. Santo Amaro (Baía).
Direito 31-X-1825.
Riscado da Universidade, por pertencer ao Batalhão de Voluntários Acadêmicos, no posto de sargento (aviso régio de 28-III-1829).

903 — Agostinho da Silva Braga.
Filho de Antonio da Silva Braga.
N. Maranhão.
Matemática 26-VII-1826. (obg. curso de 1825). Filosofia 6-X-1827 (obg.). Direito 23-X-1827.

904 — Antonio Gomes Ferreira Brandão.
Filho de Pedro Gomes Ferreira Brandão.
N. Baía.
Direito 27-X-1825.

905 — Estevão Rafael de Carvalho.
Filho de João de Carvalho Santos.
N. Alcântara (Maranhão).
Matemática 1825.

906 — Pedro Rodrigues Fernandes Chaves.
Filho de Antonio Rodrigues Fernandes Braga.
N. Rio Grande do Sul.
Direito 7-X-1825.

907 — Cândido Maria de Azeredo Coutinho.
Filho de Alexandre Maria de Azeredo Coutinho.
N. Santa Maria de Maricá (Rio de Janeiro).
Filosofia 17-X-1825 (obg.). Matemática 15-X-1825.

Foi um dos estudantes riscados da Universidade por pertencer ao Batalhão Acadêmico de 1826-1827.

908 — João Lopes da Silva Couto.
Filho de João Lopes da Silva Couto.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1825.

909 — Francisco José Gomes.
Filho de Antonio José Gomes.
N. Baía.
Matemática 1825 (vol.).

910 — José Cândido Gomes.
Filho de pais incógnitos.
N. Rio de Janeiro.
Real Colégio das Artes 1825. Matemática 14-X-1826. Filosofia 14-X-1826 (obg.).

911 — Quirino José Gomes.
Filho de Antonio José Gomes.
N. Baía.
Filosofia 8-X-1825. (obg.). Matemática 8-X-1825 (obg.).

912 — Gaspar Antonio Costa Leal.
Filho de Antonio Joaquim Ferreira da Costa.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1825 (vol.).

913 — Antonio José de Sousa Lobo.
N. Baía.
Direito 21-I-1826 (Curso de 1825).

914 — Antonio Pedro Eusébio Dantas Pereira.
Filho de José Maria Dantas Pereira.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 15-X-1825. Filosofia 14-X-1825. Direito 10-X-1829.

915 — José Rodrigues Prego.
Filho de Manuel José Prego.
N. Maranhão.
Direito 7-X-1825.

916 — Luis Antonio de Sousa Queiroz.
Filho de Luis Antonio de Sousa.
N. São Paulo.
Direito 8-X-1825.
Mandado riscar da Universidade por estar alistado no Batalhão Acadêmico de 1826-1827. como soldado da 5.ª Companhia.

917 — Antonio Raimundo Franco de Sá.
Filho de Antonio Franco de Sá.
N. Maranhão.
Direito 27-X-1825.
Riscado da Universidade por pertencer ao Batalhão Acadêmico, organizado em 1826-1827 (aviso régio de 28-III-1829).

918 — Joaquim Mariano Franco de Sá.
Filho de Antonio Franco de Sá.
N. Maranhão.
Filosofia 7-X-1825 — 10-III-1828 (obg.-ord.).
Matemática 14-X-1825 (obg.).

919 — José Roberto Ferreira de Sá.
Filho de Romualdo Antonio Franco de Sá.
N. Alcântara (Maranhão).
Matemática 1825 (vol.).

920 — José Antonio Simões da Silva.
Filho de Antonio Simões.

921 — José Caetano da Silva.
N. Baía.
Direito 8-XI-1825.
O seu nome está na lista dos estudantes riscados da Universidade, por pertencer ao Batalhão Acadêmico de 1826-1827.

Filho de Manuel Caetano da Silva.
N. Pernambuco.
Matemática 8-X-1825. Filosofia 22 - X - 1825 (ord.).

922 — José Ferreira Souto.
Filho de Antonio Ferreira Souto.
N. Jacobina (Baía).
Direito 25-X-1825.
Riscado da Universidade por fazer parte do Batalhão Acadêmico de 1826-1827, como soldado da 4.ª Companhia (Aviso régio de 28-III-1829).

923 — Manuel Monteiro Torres.
Filho de Joaquim José Monteiro Torres.
N. Rio de Janeiro.
Direito 22-X-1825.

924 — João Antonio de Sampaio Viana.
Filho de Luis Antonio Viana.
N. Baía.
Direito 27-X-1825.
Mandado riscar da Universidade por estar alistado no Batalhão Acadêmico de 1826-1827.

925 — João Caldas Viana.
Filho de Paulo Francisco da Costa Viana.
N. Campos de Goitacazes.
Direito 31-X-1825. Matemática 1825 (vol.).

926 — Joaquim Baptista Rodrigues Vilas Boas.
Filho de João Baptista Rodrigues.
N. Belém (Pará).
Matemática 1825 (vol.). Direito 27-X-1827.

— 1826 —

927 — Manuel Mendes da Cunha Azevedo.
Filho de João Manuel Mendes d'Azevedo.
N. Recife, 1797.
Matemática 1826. Direito 29-X-1827.
Fez exame do 3.º ano de Cânones em 16-VII-1831 e foi aprovado *Nemine Discrepante*. Formado em Direito Civil e Canônico pela Universidade de Bolonha.

928 — Fernando Lopes de Camargo.
Filho de João Nepomuceno de Sousa.
N. Mogimerim (São Paulo).
Matemática 14-X-1826 (ord.). Filosofia 14-X-1826 (obg.). Direito 5-X-1827.

929 — Raimundo Nunes Cascais.
Filho de José Antonio Nunes dos Santos.
N. Maranhão.
Direito 1826.

930 — José Manuel da Fonseca.
Filho de Antonio Pacheco da Fonseca.
N. São Paulo, 1803.
Direito 1826.
Bacharelou-se em Cânones em 22-VII-1831.

931 — Antonio Rodrigues d'Almeida Jordão.
Filho de Manuel Rodrigues Jordão.
N. São Paulo.
Filosofia 13-X-1826.

932 — José Francisco Belens de Lima.
Filho de Francisco Belens.
N. Baía.
Direito 1826.

933 — João Ferreira Maia.
Filho de Joaquim Ferreira Maia.
N. Maranhão.
Filosofia 27-X-1826 (obg.). Matemática 26-XII-1827 (obg.).

934 — Antonio Gonçalves Martins.
Filho de Raimundo Gonçalves Martins.
N. Santo Amaro (Baía).
Matemática 14-X-1826 (obg.). Filosofia 14-X-1826 (obg.). Direito 2-X-1827.

935 — Amâncio João Pereira.
Filho de Mateus João Pereira.
N. Baía.
Direito 26-X-1826.

936 — Antonio José Pereira.
Filho de Caetano José Pereira.
N. Baía.
Direito 30-X-1826.

937 — Francisco José dos Santos Rodrigues.
Filho de Francisco José dos Santos Rodrigues.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 14-X-1826 (ord.). Filosofia 14-X-1826 (obg.).

938 — Joaquim José da Cruz Sêco.
Filho de Joaquim José da Cruz Sêco.
N. Rio Grande do Sul.
Direito 6-X-1826.

939 — José Joaquim de Sequeira.
Filho de Joaquim José de Sequeira.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 17-X-1826 (obg.).

940 — Clemente Francisco da Silva.
N. Ceará.
Direito 10-XII-1826.

941 — D. Francisco Baltazar da Silveira.
Filho de D. Luis Baltazar da Silveira.
N. Baía.
Direito 27-X-1826.

942 — D. João Baltazar da Silveira.
Filho de D. Luis Baltazar da Silveira.
N. Baía.
Direito 27-X-1826.

943 — Manuel Bernardes Velho da Veiga.
Filho de Manuel Bernardes Pereira da Veiga.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1826.

944 — Luis Antonio de Sampaio Viana.
Filho de Luis Antonio Viana.
N. Baía.
Matemática 1826.
Mandado riscar da Universidade por pertencer ao Batalhão Acadêmico, organizado no ano letivo de 1826-1827, como soldado da 3.ª Companhia (aviso régio de 28-III-1829).

— 1 8 2 7 —

945 — Inácio José d'Almeida.
Filho de pais incógnitos.
N. Baía.
Matemática 13-X-1827 (obg.). Filosofia 13-X-1827 (obg.).

946 — José Pereira Alves.
Filho de Antonio Alves.
N. Rio de Janeiro.
Direito 27-X-1827.

947 — Henrique José d'Araujo.
Filho de Henrique José d'Araujo.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1827.

948 — Inácio José d'Araujo.
Filho de Inácio José d'Araujo.
N. Rio de Janeiro.
Direito 27-X-1827.

949 — Inácio Manuel Alvares d'Azevedo.
Filho de Domingos Alvares d'Azevedo.
N. Rio de Janeiro.
Direito 27-X-1827.

950 — Angelo Custódio d'Araujo Bacelar.
Filho de Antonio José d'Araujo Bacelar.
N. Campo Maior (Maranhão).
Direito 15-X-1827.
Doutorou-se em Leis, em 25-VI-1837.

951 — Francisco José Ferreira Baptista.
Filho de José Ferreira Baptista.
N. Rio de Janeiro.
Direito 24-X-1827.

952 — José Moreira Barbosa.
Filho de José Moreira Barbosa.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-X-1827.

953 — José Tomaz de Brito.
Filho de Francisco Jos éde Brito.
N. Baía.
Direito 2-X-1827.

954 — Francisco de Sá Brito Junior.
Filho de Francisco de Sá Brito.
N. Porto Alegre.
Direito 1827.

955 — Bernardino José de Campos.
Filho de Vitorino Antonio José Gregório.
N. Baía.
Matemática 1827 (vol.).

956 — Jacinto de Mascarenhas Furtado de Mendonça Castelo Branco.
Filho de Jacinto Furtado de Mendonça.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1827 (vol.).

957 — José dos Humildes Castro.
Filho de Francisco dos Humildes Castro.
N. Baía.
Direito 9-X-1827.

958 — Manuel Libânio Pereira de Castro.
Filho de Manuel Pereira de Castro.
N. Baía.
Direito 13-X-1827.

959 — Francisco José Correia.
Filho de José Francisco Correia.
N. Vila Nova do Príncipe (São Paulo).
Direito 1827.
Doutorou-se em Leis, em 30-VII-1837.

960 — Joaquim Antonio Pereira da Cunha.
Filho do Marques de Inhambupe.
N. Baía.
Direito 16-X-1827.

961 — Manuel Vieira da Cunha.
Filho de José Vieira da Cunha.
N. Rio Grande do Sul.
Matemática 1827.
Riscado da Universidade por estar alistado no Batalhão de Voluntários Acadêmicos de 1826-1827, como soldado da 5.ª Companhia.

962 — Romão Luis do Santo Espírito.
Filho de Domingos Luis do Santo Espírito.
N. Baía.
Matemática 13-X-1827 (obg.). Filosofia 13-X-1827 (obg.).

963 — Francisco Borges de Figueiredo.
Filho de Francisco Borges de Figueiredo.
N. Cachoeira (Baía).
Direito 5-X-1827.

964 — Joaquim Fernando da Fonseca.
Filho de Antonio Pacheco da Fonseca.
N. Itú (São Paulo).
Direito 19-X-1827.
Incluido na lista dos estudantes que fizeram parte do Batalhão Acadêmico e, por tal motivo, mandados riscar da Universidade (aviso régio de 28-III-1829).

965 — Ernesto Adolfo de Freitas,
Filho de José Antonio de Freitas.
N. Maranhão, 1811.
Direito 16-X-1827.
Formou-se em 17-V-1836.

966 — Joaquim José Ribeiro Froes.
Filho de Luis Felix do Bomfim.
N. Santo Amaro (Baía).
Direito 1827.

967 — Luis Pinto de Sousa Godinho.
Filho de Antonio Pinto Godinho.
N. Vila Nova de Boipeba (Baía).
Direito 15-X-1827.

968 — Antonio Joaquim da Silva Gomes.
Filho de Domingos da Silva Ferreira.
N. Baía.
Direito 5-X-1827.

969 — José Xavier Vella-Leone.
Filho de Joaquim Xavier Vella-Leone.
N. Baía.
Direito 13-X-1827.

970 — Sérgio Teixeira de Macedo.
Filho de Diogo Teixeira de Macedo.
N. Rio de Janeiro.
Direito 17-X-1827.

971 — Francisco de Sousa Martins.
Filho de Joaquim de Sousa Martins.
N. Oeiras (Piauí) 1805.
Direito 10-X-1827.
Bacharel em Direito pela Faculdade de Olinda, em 1832.

972 — Manuel Joaquim de Matos.
Filho de Manuel Joaquim de Matos.
N. Baía.
Direito 29-X-1827.

973 — João Carvalho de Sousa e Melo.
Filho de Manuel Joaquim de Sousa.
N. Rio de Janeiro.
Direito 13-X-1827.

974 — Francisco Maria Xavier de Menezes.
Filho de Baltazar Xavier de Menezes.
N. Santo Amaro (Baía).
Direito 1827.

975 — José Cândido de Queiroz Osório.
Filho de Antonio de Queiroz Osório.
N. São Pedro de Fanado (Minas Gerais).
Direito 17-X-1827.

976 — Tristão Soares de Paiva.
Filho de Antonio Soares de Paiva.
N. Porto Alegre.
Direito 13-X-1827.

977 — João Anselmo Pereira.
Filho de João Pedro Pereira.
N. Baía.
Direito 29-X-1827.

978 — Genuino Antonio da Silva Peres.
Filho de João Antonio da Silva Peres.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-X-1827.

979 — João Simplício de Pinho.
Filho de Lourenço José Coelho.
N. Baía.
Direito 2-X-1827.

980 — Joaquim José Pinto.
Filho de Antonio José Pinto.
N. Baía.
Direito 2-X-1827.

981 — Rafael d'Araujo Ribeiro.
Filho de José Antonio d'Araujo Ribeiro.
N. Porto Alegre.
Direito 13-X-1827.

982 — Francisco Antonio Pereira da Rocha.
Filho de Luis José Pereira da Rocha.
N. Baía.
Matemática 15-X-1827 (ord.). Filosofia 10-X-1827 (obg.).

983 — João Alves de Castro Roso.
Filho de Domingos Francisco d'Araujo Roso.
N. Rio de Janeiro.
Direito 2-X-1827.

984 — Joaquim Franco de Sá.
Filho de Romualdo Antonio Franco de Sá.
N. Maranhão, 1807.
Direito 5-X-1827.

985 — Antonio Joaquim Monteiro Sampaio.
Filho de Felix da Silva Monteiro Sampaio.
N. Santo Amaro (Baía).
Direito 10-X-1827.

986 — Antonio Pinto d'Oliveira Sampaio.
Filho de Antonio Pinto d'Oliveira Sampaio.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-X-1827.

987 — José Antonio da Silva.
Filho de Luis da Costa e Silva.
N. Pernambuco.
Direito 28-X-1827.

988 — José Jorge da Silva.
Filho de Miguel José da Silva.
N. Sabará, 1810.
Direito 31-X-1827.

989 — Manuel Lucas dos Santos e Silva.
N. Santo Amaro (Baía).
Direito 15-X--827.

990 — Manuel Ribeiro da Silva.
Filho de Manuel Ribeiro da Silva.
N. Baía.
Direito 31-X-1827.

991 — Quintiliano José da Silva.
Filho de Miguel José da Silva.
N. Sabará.
Direito 31-X-1827.

992 — Raimundo da Cruz e Silva.
Filho de Antonio da Cruz e Silva.
N. Caxias (Maranhão).
Direito 1827.

993 — Joaquim Rodrigues de Sousa.
Filho de Daniel Rodrigues de Sousa.
N. Baía.
Direito 29-X-1827.

994 — Antonio Joaquim Tavares.
Filho de Miguel Tavares.
N. Maranhão.
Direito 27-X-1827.

995 — João Antonio de Vasconcelos.
Filho de Antonio Bernardo de Vasconcelos.
N. Valença (Baía).
Direito 1827.

996 — Francisco Olegário Rodrigues Vaz.
Filho de Francisco Rodrigues Vaz.
N. Santo Amaro (Baía).
Direito 1827.

997 — Antonio Gomes Vilaça.
Filho de João José Gomes.
N. Baía.
Direito 13-X-1827.

998 — José Antonio dos Santos Vital.
Filho de João Antonio dos Santos Vital.
N. Santo Amaro (Baía).
Direito 27-X-1827.

— 1 8 2 9 —

999 — Manuel Maria da Silva Brusco.
Filho de João Carlos Brusco.
N. Rio de Janeiro, 1811.
Real Colégio das Artes (Filosofia Racional e Moral) 1829. Direito 2-X-1830.

1000 — Francisco Gomes de Castro.
Filho de Manuel Antonio Gomes.
N. Baía.
Real Colégio das Artes (Filosofia Racional e Moral) 1829. Direito 31-X-1834.

1001 — Eduardo José de Freitas.
Filho de José Antonio de Freitas.
N. Maranhão.
Direito 31-X-1829.

1002 — José Coelho Moreira.
Filho de Manuel José Coelho.
N. Baía.
Real Colégio das Artes (Língua Francesa) 1829.

1003 — Domingos Feliciano Marques Perdigão.
Filho de Bento Marques Perdigão.
N. Maranhão.
Real Colégio das Artes 1829. Teologia 16-X-1830 (ord.).

1004 — Antonio da Cunha Soto Maior Gomes Ribeiro.
Filho de José da Cunha Soto Maior.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1829.

1005 — Antonio Rodrigues Pio dos Santos.
Filho de Tristão Pio dos Santos.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-X-1829.
Doutorou-se em Leis, em 4-VI-1838.

1006 — José Joaquim Simões.
Filho de Manuel José Simões.
N. Baía.
Real Colégio das Artes 1829.

1007 — José Sabino Calmont de Siqueira.
Filho de Pedro Antonio Calmont de Siqueira.
N. Baía.
Real Colégio das Artes 1829.

1008 — Casimiro Manuel Teixeira.
Filho de Antonio Teixeira Pinto da Cruz.
N. Rio de Janeiro.
Real Colégio das Artes (Filosofia Racional e Moral) 1829.

1009 — Pedro Maria Monteiro Torres.
Filho de Joaquim José Monteiro Torres.
N. Rio de Janeiro.
Real Colégio das Artes 1829.

— 1 8 3 0 —

1010 — Feliciano Gomes de Castro.
Filho de Manuel Antonio Gomes.
N. Baía.
Real Colégio das Artes 1830. Direito 29-X-1834.

1011 — José Simplício Cardoso Pinto de Morais Sarmento.
Filho de Manuel José Cardoso Pinto.
N. Pará.
Real Colégio das Artes 1830.

1012 — José de Jesus Sousa.
Filho de Antonio de Jesus e Sousa.
N. Baía.
Real Colégio das Artes 1830.

— 1 8 3 4 —

1013 — João Martins Barroso Junior.
Filho de João Martins Barroso.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1834.

1014 — Antonio Carlos da Maia.
Filho de Antero José da Maia.
N. Pernambuco.
Real Colégio das Artes (Filosofia Racional e Moral) 1834.

— 1835 —

1015 — Pedro Miguel Lamagneri Barradas.
Filho de Manuel da Costa Barradas.
N. Maranhão.
Filosofia 29-X-1835 (obg.). Matemática 10-X-1836. Medicina 14-X-1840.

1016 — Francisco de Paula Castro.
Filho de Joaquim José de Castro.
N. Rio de Janeiro.
Direito 21-X-1835.

1017 — José Bernardino Pereira de Figueiredo.
Filho de José Joaquim Pereira de Figueiredo.
N. Campos de Goitacazes.
Filosofia 16-X-1835 (obg.). Matemática 16-X-1835. Medicina 10-X-1838.

1018 — Raimundo Braulio Pires de Lima.
Filho de João Manuel de Lima.
N. Maranhão.
Filosofia 16-X-1835 (obg.). Matemática 13-X-1835 (obg.). Medicina 13-X-1838.

1019 — Antonio Martins Pereira.
Filho de Antonio Martins Pereira.
N. Pará.
Matemática 12-X-1835 (obg.). Filosofia 12-X-1835 (obg.). Medicina 22-X-1838.

1020 — Luis Carlos Pereira.
Filho de Carlos Matias Pereira.
N. Rio de Janeiro.
Direito 17-X-1835.

1021 — João Duarte Lisboa Serra.
Filho de Francisco João Serra.
N. Itapicurú (Maranhão), 1818.
Matemática 16-X-1835 (obg.). Filosofia 16-X-1835 (obg.). Medicina 3-X-1839.
Formou-se em Filosofia, em 3-VII-1841.

1022 — Alexandre José de Viveiros.
Filho de Jerônimo José de Viveiros.
N. Alcântara (Maranhão).
Matemática 1835.

— 1836 —

1023 — José Tomaz Ferreira Amaral.
N. Alcântara (Maranhão).
Filosofia 5-X-1836 (obg.). Matemática 7-X-1836 (obg.). Medicina 3-X-1839.

1024 — José Melitão Frazão Castelim.
Filho de Apolinário Pereira Frazão.
N. Alcântara (Maranhão).
Matemática 18-X-1836 (obg.). Filosofia 18-X-1837 (obg.). Direito 31-X-1840.

1025 — Frederico José de Novais.
Filho de Henrique José de Novais.
N. Alcântara (Maranhão).
Direito 24-X-1836.

1026 — Salvador Moreira de Pinho.
Filho de Tomé Moreira de Pinho.
N. Santo Amaro (Baía).
Direito 22-X-1836.

1027 — Antonio do Rego.
Filho do cirurgião do exército português Antonio do Rego.
N. São Luis do Maranhão, 1820.
Matemática 15-X-1836 (obg.). Filosofia 15-X-1836 (obg.). Medicina 3-X-1839.
Formou-se em Medicina, em julho de 1844.

1028 — José d'Araujo Coutinho Viana.
Filho de Manuel d'Araujo Coutinho Viana.
N. Rio de Janeiro.
Direito 3-X-1836.

— 1 8 37 —

1029 — Antonio Salustiano Antunes.
N. Baía.
Matemática 31-X-1837 (ord.). Filosofia 31-X-1837 (obg.).

1030 — Eduardo Matoso Gago da Câmara.
Filho de Inocência Matoso d'Andrade Câmara.
N. Pernambuco.
Direito 21-X-1837.

1031 — Leopoldino José da Cunha.
Filho de Manuel José da Cunha.
N. Rio de Janeiro.
Direito 26-X-1837.

1032 — Joaquim Pereira Lapa.
Filho de Luis Pereira Lapa.
N. São Luis do Maranhão.
Matmática 16X1837(obg.) Filosofia 14-X-1837 (obg.). Medicina 3X1840.

1033 — Francisco Leandro Mendes.
Filho de João Francisco Mendes.
N. Alcântara (Maranhão).
Matmática 16-X-1837(obg.) Filosofia 14-X-Direito 12-X-1840.

1034 — José Hermenegildo Xavier de Morais.
Filho de Manuel José Gomes de Morais.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 21-X-1837 (obg.). Filosofia 23-X-1837. Direito 31-X-1839.

— 1 8 3 8 —

1035 — Fernando Antonio Ferreira do Amaral.
N. Alcântara (Maranhão).
Real Colégio das Artes 1838.

1036 — Henrique José de Castro.
Filho de Antonio José de Castro Guimarães.
N. Porto Alegre.

Matemática 10-X-1838 (obg.). Filosofia 10-X-1838 (obg.). Medicina 10-X-1840.

1037 — Antonio de Sousa Cirne.
Filho de Antonio de Sousa Cirne.
N. Pernambuco.
Matemática 13-X-1838 (obg.). Filosofia 13-X-1838 (obg.). Direito 31-X-1839.

1038 — José Mamede Alves Ferreira.
Filho de Antonio José Alves Ferreira.
N. Pernambuco, 1820.
Matemática 1838. Filosofia 11-X-1839 (obg.).
Tomou o grau de bacharel em Matemática, em 1-VII-1842 e formou-se em 9-VI-1843.

1039 — Alexandre Teófilo de Carvalho Leal.
Filho de Ricardo Henrique Leal.
N. Maranhão, 1822.
Filosofia 26-X-1838 (obg.). Matemática 30-X-1838 (ord.).
Tomou grau de bacharel em Matemática, em 8-VI-1842.
Formou-se em 13-VI-1843.

1040 — D. João Inácio Francisco de Paula de Noronha.
Filho do conde de Paratí e tambem conde do mesmo título.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1838.

1041 — Gil Mariano Salazar.
Filho de Luis Francisco Salazar Padilha.
N. Maranhão.
Matemática 1838.

1042 — Antonio Carneiro Homem de Souto-Maior.
Filho de Antonio Carneiro Homem de Souto-Maior.
N. Maranhão.
Direito 24-X-1838.

— 1839 —

1043 — Pedro José d'Abreu.
Filho de Leonardo José D'Abreu.
N. Baía.
Matemática 1839. Filosofia 14-X-1840 (ord.).

1044 — José Zacarias de Carvalho Junior.
Filho de José Zacarias de Carvalho.
N. Pernambuco.
Matemática 1839. Filosofia 1841 (obg.). Medicina 7-X-1843.

1045 — Luis José Pereira da Fonseca.
Filho de José Pereira da Fonseca.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1839.

1046 — José Francisco Carneiro Junqueira.
Filho de João Raimundo Carneiro Junqueira.
N. Maranhão.
Matemática 1839. Direito 27-X-1840.

1047 — Marcelino Gonçalves Machado.
Filho de Domingos Gonçalves Machado.
N. Maranhão.
Matemática 11-X-1839 (obg.). Filosofia 5-X-1839 (obg.).

1048 — Manuel Albino Pacheco.
Filho de Manuel Albino Pacheco.
N. Rio de Janeiro.
Real Colégio das Artes 1839.

1049 — João Antonio Rodrigues Passos.
Filho de Joaquim Antonio Rodrigues.
N. Campos de Goitacazes.
Matemática 1839.

1050 — Joaquim Antonio Rodrigues Passos.
Filho de Joaquim Antonio Rodrigues.
N. Campos de Goitacazes.
Matemática 1839. Filosofia 26-X-1840 (obg.).

1051 — João Baptista da Silva Pereira Junior.
Filho de João Baptista da Silva Pereira.
N. Rio Grande do Sul.
Matemática-11-X-1839 (obg.). Filosofia 8-X-1839 (obg.). Direito 31-X-1840

1052 — Francisco José Rodrigues.
Filho de Domingos José Rodrigues.
N. Santos.
Filosofia 31-X-1839 (obg.). Direito 16-X-1840.

1053 — Eduardo Manuel Francisco da Silva.
Filho de Manuel Francisco da Silva.
N. São Luis do Maranhão.
Matemática 11-X-1839 (obg.). Filosofia 7-X-1839 (obg.).

— 1 8 4 0 —

1054 — João Vieira da Silva Vasconcelos Sousa e Almeida.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1840. Filosofia 19-X-1841 (obg.).

1055 — Acácio Augusto Bruce Barradas.
Filho de Joaquim da Costa Barradas.
N. São Luis do Maranhão.
Matemática 13-X-1840 (ord.). Filosofia 13-X-1840.

1056 — Antonio d'Azevedo Coutinho Melo e Carvalho.
Filho de Antonio d'Azevedo Melo e Carvalho.
N. Sabará (Minas Gerais).
Direito 1840.

1057 — Francisco Jorge da Cunha.
Filho de Francisco Xavier da Cunha.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1840.

1058 — Antonio Gonçalves Dias.
Filho de João Manuel Gonçalves Dias.
N. Caxias (Maranhão) 1823.
Direito 31-X-1840.
Tomou o grau de bacharel em 28-VI-1844.

1059 — Salvador d'Oliveira Pinto da França.
Filho do barão de Fonte Nova.
N. Baía.
Matemática 1840. Filosofia 12-VII-1844 (obg.).

1060 — Pedro Nunes Leal.
Filho de Alexandre Henrique Leal.
N. Maranhã, 1823.
Direito 27-X-1840.
Formou-se em 9-VII-1845.

1061 — Manuel Tomaz de Miranda.
Filho de José Tomaz Rodrigues de Miranda.
N. Baia.
Matemática 1840.

1062 — Antonio Bernardo de Passos.
Filho de Bernardo Antonio de Passos.
N. Campos de Goitacazes.
Direito 12-X-1840.

1063 — Manuel Albino Pacheco Cordeiro da Rocha.
Filho de Manuel Albino Pacheco.
N. Rio de Janeiro.
Medicina 3-X-1840.

1064 — José Joaquim Ferreira Vale.
Filho de Domingos José Ferreira Vale.
N. Maranhão.
Matemática 12-X-1840 (obg.). Filosofia 12-X-1840 (obg.).

— 1 8 4 1 —

1065 — José Alvares do Amaral.
Filho de Antonio Joaquim Alvares do Amaral.
N. Baía.
Matemática 1841 (vol.).

1066 — Luis Gonzaga de Sousa Bastos.
Filho de Manuel José de Sousa Bastos.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1841 (vol.). Direito 14-X-1842.

1067 — Domingos José Pinto Braga Junior.
Filho de Domingos José Pinto Braga.
N. Januária (Ceará).
Matemática 15-VII-1842 (obg. Curso de 1841).
Filosofia 4-X-1843 (ord.).

1068 — José da Costa Dourado Junior.
Filho de José da Costa Dourado.
N. Pernambuco.
Direito 30-X-1841.

1069 — Agostinho de Sousa Neves.
Filho de José de Sousa Neves.
N. Rio de Janeiro.
Direito 11-X-1841.

1070 — Francisco de Sousa Neves.
Filho de José de Sousa Neves.
N. Rio de Janeiro.
Direito 11-X-1841.

1071 — Luis Antonio de Sequeira Peixoto.
Filho de José Peixoto d'Oliveira.
N. Campos (Rio de Janeiro).
Matemática 1841.

1072 — Felix José Peixoto de Sequeira.
Filho de José Peixoto d'Oliveira.
N. Campos de Goitacazes.
Matemática 12-X-1841 (obg.). Filosofia 11-X-1841 (ord.).

1073 — José Soares da Silva.
Filho de Belchior Soares da Silva.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-X-1841.

1074 — Pedro Miguel Lamagneri Viana.
Filho de Raimundo Gabriel Viana.
N. Maranhão.
Matemática 1841 (vol.).

— 1 8 4 2 —

1075 — Francisco Moreira de Carvalho.
Filho de José Moreira de Carvalho.
N. Baía.
Direito 14-X-1842.

1076 — José de Sá Carvalho Junior.
Filho de José de Sá Carvalho.
N. Rio de Janeiro.
Direito 7-X-1842.

1077 — Francisco Ferreira França.
Filho de Antonio Ferreira França.
N. São Salvador da Baía.
Matemática 11-X-1842 (obg.). Filosofia 10-X-1842 (ord.).

1078 — Manuel José Duarte Guimarães.
Filho de Manuel José Duarte Guimarães.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1842.

1079 — Antonio Agostinho Nunes de Lima.
Filho de José Nunes Lima.
N. Pernambuco.
Matemática 1842. Filosofia 11-X-1844 (ord.).

— 1 8 4 3 —

1080 — Joaquim Pereira de Barros.
Filho de Joaquim José Gomes de Barros.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 25-X-1843 (obg.). Direito 2-X-1844.

1081 — Manuel Joaquim de Sousa Brito.
Filho de Manuel Joaquim de Sousa Brito.
N. Baía.
Matemática 1843. Filosofia 22-X-1845.

1082 — Sebastião Pinto de Carvalho.
Filho de José Pinto de Carvalho.
N. Sergipe d'El-Rei.

Direito 31-X-1843.
Formou-se em 8-VII-1850.

1083 — Adelino d'Almeida Vasconcelos Castelo-Branco.
Filho de Antonio d'Almeida Vasconcelos Castelo-Branco.
N. Maranhão.
Matemática 1843 (vol.). Direito 6-X-1844.

1084 — Antonio Maia Cortez.
Filho de Antonio Maia Cortez.
N. Pernambuco.
Matemática 1843.

1085 — Joaquim José Duarte Guimarães.
Filho de Manuel José Duarte Guimarães.
N. Rio de Janeiro.
Direito 25-X-1843.

1086 — Antonio d'Araujo Ferreira Jacobina Junior.
Filho de Antonio d'Araujo Ferreira Jacobina.
N. Pernambuco.
Matemática 9-X-1843 (ord.). Filosofia 9-X-1843 (obg.).

1087 — Francisco da Cunha Pedrosa.
Filho de Francisco da Cunha Machado.
N. Pernambuco.
Matemática 1843. Filosofia 31-X-1843 (ord.).

1088 — José Antonio Fernandes Pinheiro.
Filho de João Antonio Fernandes Pinheiro.
N. Rio de Janeiro.
Direito 18-X-1843.

— 1 8 4 4 —

1089 — Gustavo Adolfo Ramos Ferreira.
Filho de Domingos Nunes Ramos Ferreira.
N. Pará.
Matemática 15-X-1844 (ord.). Filosofia 15-X-1844 (obg.).

1090 — Aurélio Pinto Leite.
N. Baia.
Filosofia 20-X-1844 (ord.). Matemática 7-X-1844 (vol.).

1091 — Cesar Augusto Marques.
Filho de Augusto José Marques.
N. Maranhão, 1826.
Matemática 15-X-1844 (obg.). Filosofia 15-X-1844 (obg.).

1092 — Antonio Joaquim da Silva Pinto.
Filho de Manuel Joaquim da Silva Pinto.
N. Campos de Goitacazes.
Matemática 15-X-1844. (obg.). Filosofia 15-X-1844 (ord.).

1093 — Augusto Henrique Ribeiro.
Filho de José Augusto Ribeiro.
N. Rio de Janeiro.
Direito 12-X-1844.

1094 — Virgílio Augusto Ribeiro.
Filho de José Augusto Ribeiro.
N. Rio de Janeiro.
Direito 12-X-1844.

1095 — Antonio Marques Rodrigues.
Filho de Francisco Marques Rodrigues.
N. Maranhão, 1826.
Matemática 15-X-1844. Filosofia 15-X-1844 (ord.).

1096 — José Joaquim Pereira da Silva.
Filho de Miguel Joaquim Pereira da Silva.
N. Iguassú.
Teologia 21-X-1844 (ord.).

1097 — Frederico Augusto de Sousa.
Filho de André Gonçalves de Sousa.
N. Baía.
Matemática 1844.

— 1 8 4 5 —

1098 — José Marques dos Santos Aguiar.
Filho de José Marques dos Santos.
N. Pernambuco.
Matemática 1845.

1099 — Antonio Alves de Sousa Carvalho Junior.
Filho de Antonio Alves de Sousa Carvalho.
N. Pernambuco.
Matemática 1845.

1100 — Ruben Pompilio de Cárpio de Carvalho.
Filho de João Antonio de Carvalho.
N. Paraiba do Norte.
Matemática 1845 (vol.).

1101 — Sebastião José de Carvalho.
Filho de Bento José de Carvalho.
N. Rio de Janeiro.
Direito 20-X-1845.

1102 — Eduardo Ferreira de Faria.
Filho de Antonio Ferreira de Faria.
N. Pernambuco.
Matemática 1845.

1103 — João da Silva Ramos.
Filho de José Eugenio da Silva Ramos.
N. Pernambuco, 1829.
Matemática 13-X-1845 (ord.). Filosofia 6-X-1845 (obg.). Medicina 5-X-1849.
Formou-se em Medicina, em julho de 1854.

1104 — José Eugênio da Silva Ramos.
Filho de José Engênio da Silva Ramos.
N. Pernambuco.
Matemática 1845. Direito 1850.

1105 — Manuel de Santa Tereza.
Filho de Antonio Manuel de Sousa Trovão.
N. Pará.
Teologia 1845 (ord.).

1106 — Inácio d'Avelar Barbosa e Silva.
Filho de Antonio Barbosa da Silva.
N. São Paulo.
Matemática 12-X-1845 (vol.).

1107 — Luis Antonio de Sá Barbosa e Silva.
Filho de Antonio Barbosa da Silva.
N. São Paulo.
Direito 2-X-1845.

1108 — Martim Afonso Barbosa da Silva.
Filho de Antonio Barbosa da Silva.
N. São Paulo.
Matemática 1845.

1109 — José Pereira de Sousa Junior.
Filho de José Pereira de Sousa.
N. Baía.
Direito 2-X-1845.

— 1 8 4 7 —

1110 — Bento de Melo Pereira Boto.
Filho de Bento de Melo Pereira
N. Sergipe d'El-Rey.
Matemática 1847.

1111 — José Antonio Rebelo Carneiro.
Filho de José Antonio Rebelo Carneiro.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1847. Filosofia 14-X-1848 (ord.).

1112 — Joaquim da Costa Dourado.
Filho de José da Costa Dourado.
N. Pernambuco.
Direito 28-XI-1847.

1113 — Ernesto Pereira Espinheira.
Filho de Antonio Pereira Espinheira.
N. Baía.
Direito 25-X-1847.

1114 — João Francisco Correia Leal.
Filho de Francisco Correia Leal.
N. Maranhão.
Filosofia 25-X-1847. Matemática 23-X-1847. Medicina 3-X-1851.

1115 — Camilo Liberaly.
Filho de João Liberaly.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 22-X-1847 (obg.). Filosofia 22-X-1847. Direito 4-X-1848.

1116 — Cândido Francisco Lopes Lobão.
Filho de Joaquim Lopes Lobão.
N. Maranhão.
Matemática 22-X-1847 (obg.). Filosofia 25-X-1847 (obg.). Medicina 22-X-1847 (obg.).

1117 — Francisco Alves Martins.
Filho de José Luis Alves Martins.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1847. Direito 31-X-1850.

1118 — Luis Carlos Garcia e Miranda.
Filho de Joaquim de Santa Ana Garcia e Miranda.
N. Rio de Janeiro, 1827.
Matemática 1847. Direito 31-X-1848.
Formou-se em Direito, em 22-VI-1853.

1119 — José Guilherme Pacheco.
Filho de Manuel Albino Pacheco.
N. Rio de Janeiro, 1823.
Direito 4-X-1847.
Formou-se em 1852.

1120 — Antonio Dias Coelho Neto dos Reis.
Filho de Joaquim Pinto Neto dos Reis.
N. Campos de Goitacazes.
Direito 25-X-1847.

1121 — Antonio Caetano Ribeiro.
Filho de Caetano José Ribeiro Louzada.
N. Rio de Janeiro.
Direito 30-XI-1847.

1122 — Frederico Ribeiro dos Santos.
Filho de José Ribeiro dos Santos.
N. Pernambuco.
Matemática 20-X-1847. Filosofia 23-X-1847 (obg.). Medicina 14-X-1850.

1123 — Manuel José Fernandes e Silva.
Filho de Manuel José Fernandes Silva.
N. Maranhão.
Filosofia 21-X-1847 (obg.). Matemática 20-X-1847 (ord.).

— 1 8 4 8 —

1124 — José Coelho da Gama e Abreu.
Filho de José Coelho d'Abreu.
N. Pará, 1822.
Matemática 13-X-1848.

1125 — Belarmino da Cunha Rego Barros.
Filho de João Joaquim da Cunha Reis Barros.
N. Pernambuco.
Matemática 1848 (vol.).

1126 — Pedro José Rebelo Carneiro.
Filho de José Antonio Rebelo Carneiro.
N. Rio de Janeiro.
Direito 16-X-1848.

1127 — Manuel Luis de Gouveia.
Filho de Luis José de Gouveia.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1848 (vol.).

1128 — Tomaz Antonio d'Oliveira Lobo.
Filho de Tomaz Antonio d'Araujo Lobo.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 9-X-1848 (ord.). Matemática 12-VII-1849 (ord.). Direito 20-X-1851.
Doutorou-se em Matemática, em 31-VII-1857.

1129 — Guilherme de Santa Ana Garcia e Miranda.
Filho de Joaquim de Santa Ana Garcia e Miranda.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1848 (vol.).

1130 — Joaquim Lopes dos Santos.
Filho de Aleixo Nunes dos Santos.
N. Rio Grande do Sul.
Matemática 1848 (vol.).

1131 — José Cornélio dos Santos.
Filho de Manuel Cornélio dos Santos.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1848. Direito 19-X-1850.

1132 — Luis da Cunha Seixas.
Filho de José Maria da Cunha Seixas.
N. Rio de Janeiro.
Direito 16-X-1848.

1133 — Joaquim Pereira Serva.
Filho de José Pereira Serva.
N. São Luis do Maranhão.
Teologia 23-X-1848.

1134 — Manuel Tavares da Silva.
Filho de Manuel Tavares da Silva.
N. São Luis do Maranhão.
Teologia 4-X-1848.

1135 — José d'Almeida e Vasconcelos.
Filho de José d'Almeida e Vasconcelos.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1848 (vol.).

— 1 8 4 9 —

1136 — José da Mota e Azevedo.
Filho de João Tibério da Mota.
N. Maranhão.
Direito 4-X-1849.

1137 — Gabriel Ploesquiellec Fortes de Bustamante.
Filho de Gabriel Ploesquillec.
N. Minas Gerais.
Direito 31-X-1849.

1138 — Gil Pedreira de Cerqueira.
Filho de Joaquim Pedreira de Cerqueira.
N. Baía.
Matemática 1849. Filosofia 26-V-1854.

1139 — *Pedro José da Silva Ramalho.*
Filho de Manuel Vicente da Silva.
N. Baía.
Matemática 1849. Filosofia 8-VI-1855. Medicina 25-X-1856.

1140 — Antonio José Ribeiro Junior.
Filho de Antonio José Ribeiro.
N. Rio de Janeiro.
Direito 31-X-1849.

1141 — Manuel Cardoso dos Santos Junior.
Filho de Manuel Cardoso dos Santos.
N. Baía.
Direito 1849.

1142 — Manuel Castro dos Santos Junior.
Filho de Manuel Castro dos Santos.
N. Baía.
Direito 4-X-1849.

1143 — Manoel dos Santos Silva.
Filho de Manuel dos Santos Silva.
N. Baía.
Matemática 24-X-1849 (obg.). Filosofia 24-X-1849.

— 1 8 5 0 —

1144 — João Eduardo Lobo de Miranda
Filho de Manuel Lobo Viana.
N. Rio de Janeiro.
Direito 4-X-1850.

— 1 8 5 1 —

1145 — Firmino da Silva Campos.
Filho de José da Silva Campos.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 14-X-1851 (obg.). Filosofia 9-X-1851 (ord.).

1146 — Antonio Alexandre d'Oliveira Lobo.
Filho de Tomaz Antonio d'Araujo Lobo.
N. Rio de Janeiro.
Direito 6-X-1851.

1147 — Carlos de Figueiredo Moniz.
Filho de Joaquim de Figueiredo Moniz.
N. Pará.
Matemática 14-X-1851 (ord). Filosofia 7-X-1854 (obg.). Direito 3-X-1853.

— 1 8 5 2 —

1148 — Gervásio Rodrigues Campelo.
Filho de Manuel Tomaz Rodrigues Campelo.
N. Pernambuco.
Matemática 1852.

1149 — Leopoldo Augusto Ribeiro de Carvalho.
Filho de José Augusto Ribeiro
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1852. Filosofia 13-X-1852 (ord.).
Direito 8-X-1853.

1150 — João Narciso da Costa.
Filho de Luis Narciso da Costa.
Nova Iguassú.
Matemática 28-X-1852 (obg.). Filosofia 28-X-1852 (ord.). Direito 10-X-1854.

1151 — Luis Pinto de Faria.
Filho de Bernardo Joaquim de Faria.
N. Rio de Janeiro.
Direito 2-X-1852.

1152 — Silvério Lopes Fernandes.
Filho de Francisco Antonio Fernandes.
N. Pará.
Matemática 1852.

1153 — Fernando da Silva Guimarães.
Filho de Antonio da Silva Guimarães.
N. Rio de Janeiro.
Filosofia 19-X-1852 (ord.). Matemática 15-X-1852 (obg.).

1154 — João Câncio de Boêmio Sampaio.
Filho de Venceslau de Boêmio Sampaio.
N. Pará.
Matemática 1852.

1155 — José Antonio de Paula e Silva.
Filho de Antonio de Paula e Silva.
N. São Paulo.
Direito 27-X-1852.

— 1 8 5 3 —

1156 — Joaquim Hor Meyll Alvares Coelho.
Filho de Antonio José Alveres Coelho.
N. Rio de Janeiro.
Direito 28-X-1853.

1157 — Rufino Antonio Frutuoso.
Filho de Antonio Frutuoso Gomes.
N. Rio de Janeiro.
Direito 5-X-1853.

1158 — Antonio da Silva Ramos.
Filho de José Eugénio da Silva Ramos.
N. Pernambuco.
Matemática 10-X-1853 (ord.).

— 1 8 5 4 —

1159 — Joaquim Elísio d'Almeida.
Filho de Antonio d'Almeida.
N. Pará.
Matemática 1854.

1160 — Joaquim Pinto Rodrigues de Brito.
Filho de Francisco José Rodrigues Fernandes.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1854.

1161 — Guilherme Malaquias de Sousa Gomes.
Filho de Feliciano de Sousa Gomes.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1854.

1162 — Caetano Xavier d'Almeida Câmara Manuel.
Filho de Joaquim José d'Almeida Câmara Manuel.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 15-X-1854 (ord.).

1163 — Francisco Tibúrcio Melício.
Filho de Joaquim Fernandes Melício.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 11-VII-1855 (obg. Curso de 1854).
Medicina 10-X-1860.

1164 — João Crisóstomo Melício.
Filho de Joaquim Fernandes Melício.
N. Rio de Janeiro, 1837.
Direito 11-X-1854.
Formou-se em 15-VI-1859.

1165 — José da Silva Soares Pereira de Melo.
Filho de Francisco da Silva Melo Soares de Freitas.
N. Rio de Janeiro.
Direito 2-X-1854

1166 — Pedro Honorato Correia de Miranda.
Filho de Pedro Honorato Correia de Miranda.
N. Pará.
Teologia 10-X-1854.

1167 — Firmino Francisco Ferreira Ramos.
Filho de Francisco Ferreira Ramos.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1854.

1168 — Antonio David Torão.
Filho de João Francisco Torão.
N. Pará.
Matemática 1854.

1169 — Carlos Manuel Ferreira Veiga.
Filho de Joaquim José Ferreira Veiga.
N. Rio de Janeiro.
Direito 4-X-1854.

1170 — José Augusto Ferreira Veiga.
Filho de Joaquim José Ferreira Veiga.
N. Rio de Janeiro.
Direito 4-X-1854.

— 1 8 5 5 —

1171 — Joaquim Salgueiro d'Almeida.
Filho de João Bernardo d'Almeida.
N. Rio de Janeiro, 1840.
Matemática 1855. Filosofia 6-X-1857 (obg.). Medicina 13-VII-1858.
Formou-se em Medicina, em julho de 1867.

1172 — Leônidas Ferreira Barbosa.
Filho de Joaquim Ferreira Barbosa.
N. Maranhão.
Matemática 13-X-1855 (ord.).

1173 — Antonio Fernandes Melício.
Filho de Joaquim Fernandes Melício.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1855. Filosofia 28-X-1856. Direito 17-X-1862.

1174 — Manuel Correia de Melo.
Filho de Antonio Correia de Melo.
Filosofia 15-X-1855 (obg.). Matemática 7-X-1857 (obg.). Medicina 10-X-1860.

1175 — João Carlos da Silva Pinheiro.
Filho de José Maria Pinheiro.
N. Amazonas.
Matemática 1855.

1176 — Júlio de Sousa Pinto.
Filho de Vicente José de Sousa Pinto.
N. Rio de Janeiro.
Direito 15-X-1855.

1184 — José da Silva Matos.
Filho de Francisco José da Silva Matos.
N. Rio de Janeiro.
Teologia 2-X-1857. Direito 10-X-1862.

1185 — João Ribeiro Moniz.
Filho de Antonio José Ribeiro.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1857. Direito 14-X-1858.

— 1 8 5 8 —

1186 — Francisco José Rodrigues de Brito.
Filho de Francisco José Rodrigues Fernandes.
N. Campos.
Matemática 8-X-1858 (ord.). Filosofia 8-X-1858 (ord.).

1187 — Bernardo de Sena Duarte Guedes.
Filho de pais incógnitos.
N. São Gonçalo.
Direito 14-X-1858.

1188 — José de Sousa Guimarães Junior.
Filho de José de Sousa Guimarães.
N. Rio de Janeiro.
Direito 14-X-1858.

1189 — Laurindo Olimpio Feijó de Melo.
Filho de Antonio Feijó de Melo.
N. Pernambuco.
Matemática 1858.

1190 — José Custódio de Melo Pereira.
Fliho de Constantino de Melo Pereira.
N. Maranhão.
Matemática 5-X-1858 (obg.). Filosofia 5-X-1858 (obg.).

— 1 8 5 9 —

1191 — Antonio Ribeiro Fernandes Forbes Junior.
Filho de Antonio Ribeiro Fernandes Forbes.
N. Rio de Janeiro.

Direito 6-X-1859.
Doutorou-se em Direito, em 30-VII-1856.

1192 — Abilio José de Sousa Guimarães.
Filho de José de Sousa Guimarães.
N. Rio de Janeiro.
Direito 10-X-1859.
Teologia 2-X-1862 (ord.).

1193 — Cesário Augusto de Melo Junior.
Filho de Cesário Augusto de Melo.
N. Capivary (Rio de Janeiro).
Teologia 4-X-1859 (ord.).
Direito 2-X-1860.

—1 8 6 0—

1194 — Raimundo Antonio d'Almeida.
Filho de Antonio José d'Almeida.
N. Óbidos (Pará).
Direito 2-X-1860.

1195 — Casimiro Borges Godinho de Assis.
Filho de Agapito Neri Pereira d'Assis.
N. Pará.
Matemática 14-X-1860. Filosofia 25-X-1860 (ord.).

1196 — Augusto Francisco Aleixo dos Santos.
Filho de Antonio Francisco Aleixo dos Santos.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 6-VI-1861 (ord.. Curso de 1860). Filosofia 5-VI-1861 (obg.). Direito 15-X-1862.

1197 — Reimundo Honório da Silva.
Filho de Lourenço Antonio da Silva.
N. Maranhão.
Direito 2-X-1860.

1198 — Henrique Antonio Coelho Antão de Vasconcelos.
Filho de Henrique Antonio Coelho Antão.
N. Macaé (Rio de Janeiro), 1842.
Direito 2-X-1860.
Formou-se em 1865.

— 1 8 6 1 —

1199 — Antonio de Sousa Leitão Maldonado.
Filho de Joaquim Guilherme de Sousa Leitão Maldonado.
N. Rio de Janeiro.
Direito 2-X-1861.

1200 — Joaquim Gaspar Pinheiro de Almeida da Câmara Manuel.
Filho de Joaquim José d'Almeida da Câmara Manuel.
N. Niteroi.
Direito 12-X-1861.

1201 — Augusto Moreira da Silva.
Filho de José Gonçalves da Silva.
N. Rio de Janeiro.
Direito 5-X-1861.

1202 — João Antonio da Silva Junior.
Filho de João Antonio da Silva.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 12-X-1861 (ord.). 22-VI-1864 (ord.).

1203 — Bernardo Antonio d'Almeida Tanelas.
Filho de Bernardo Antonio Tanelas.
N. Pará.
Matemática; 1861.

— 1 8 6 2 —

1204 — Joaquim Fausto de Sousa Guimarães.
Filho de José de Sousa Guimarães.
N. Rio de Janeiro.
Teologia 2-X-1862 (ord.).

1205 — Marcos Antonio Rodrigues Martins.
Filho de Marcos Antonio Rodrigues Martins.
N. Pará.
Matemática 1862.

1206 — Leopoldo Lourenço Torres.
Filho de Antonio Lourenço Torres.
N. Rio de Janeiro.
Direito 18-X-1862.

— 1 8 6 3 —

1207 — Torquato José Fernandes.
Filho de Manuel José Fernandes do Couto.
N. Rio de Janeiro.
Direito 3-X-1863.

1208 — Manuel Francisco Machado.
Filho de Francisco Machado.
N. Óbidos (Pará).
Direito 5-X-1863. Teologia 11-X-1864.

1209 — Antonio Pereira.
Filho de pais incógnitos.
N. Rio de Janeiro.
Direito 5-X-1863.
Algumas vezes assina António Pereira de Vasconcelos.

1210 — José Breves de Oliveira Roxo.
Filho de Caetano José d'Oliveira Roxo.
N. Rio de Janeiro.
Direito 7-X-1863.

1211 — José d'Oliveira e Silva.
Filho de Henrique d'Oliveira e Silva.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 15-X-1863 (ord.). Filosofia 15-X-1863 (obg.).

— 1 8 6 5 —

1212 — Bernardo José dos Santos Ferraz.
Filho de Francisco José dos Santos Ferraz.
N. Baía.
Direito 14-X-1865.

1213 — José Antonio Rodrigues Viana.
Filho de Francisco Rodrigues Viana.
N. Baía.
Matemática 11-X-1865 (obg.). Filosofia 9-VI-1866 (ord.).

— 1 8 6 6 —

1214 — Augusto Carlos de Araujo Bastos.
Filho de Antonio José de Araujo Bastos.
N. Porto Alegre.
Matemática 1866.

1215 — Bernardino Luis Machado Guimarães.
Filho de Antonio Luis Machado Guimarães.
N. Rio de Janeiro, 1851.
Matemática 22-VII-1867 (obg. curso de 1866).
Filosofia 21-VI-1869 (ord.).
Formou-se em Filosofia, em 21-VII-1873.
Doutorou-se em 2-VII-1876.

1216 — Tomaz Xavier Oliveira de Menezes.
Filho de Tomaz Xavier Ferreira de Menezes.
N. Santa Ana (Rio de Janeiro).
Direito 1866.

1217 — Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.
Filho de Francisco Augusto Mendes Monteiro.
N. Rio de Janeiro.
Direito 3-X-1866.

1218 — João Victório Pareto.
N. Rio de Janeiro.
Direito 2-X-1866.

— 1 8 6 7 —

1219 — Raimundo da Rocha Felgüeiras.
Filho de Joaquim da Rocha Felgueiras.
N. Maranhão.
Matemática 30-X-1867 (ord.). Filosofia 3-X-1867 (obg.).

1220 — Afonso Pinheiro.
Filho de pais incógnitos.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 11-X-1867 (obg.). Filosofia 30-VI-1868 (obg.).

1221 — Afonso Leôncio Correia de Sá.
Filho de Francisco Tomas Correia de Sá.
N. Rio de Janeiro.
Teologia 14-X-1867. Direito 9-X-1868.

1222 — Francisco Eugenio Magarinos Tôrres.
Filho de Antonio Francisco Tôrres.
N. Campos.
Matemática 3-X-1867 (ord.). Filosofia 6-VII-1868 (obg.).

— 1 8 6 8 —

1223 — Manuel Paulo de Campos Carvalho.
Filho de João Ribeiro de Carvalho Amarante.
N. Minas (Cidade Diamantina).
Direito 15-X-1868.

1224 — Bernardo Xavier Rebelo de Faria.
Filho de Bernardo Xavier Rebelo.
N. Minas Gerais.
Matemática 1868 (obg.). Filosofia 18-VII-1871.

1225 — Francisco Januário da Silva Pereira.
Filho de Manuel José Pereira da Silveira.
N. Rio de Janeiro.
Direito 2-X-1868.

1226 — José Cupertino d'Oliveira Pires.
Filho de José Cupertino d'Oliveira Pires.
N. Rio de Janeiro.
Direito 2-X-1868.

— 1 8 6 9 —

1227 — José Agostinho Ribeiro Guimarães.
Filho de Agostinho José Ribeiro Guimarães.
N. Laranjeiras.
Matemática 1869. Medicina 1873.

1228 — Antonio Cândido Anastácio do Lago.
Filho de João Manuel Antonio do Lago.
N. Rio de Janeiro.
Direito 14-X-1869.

1229 — Luis Felipe Alves da Nobrega.
Filho de Joaquim do Nascimento Alves da Nobrega.
N. Rio Grande do Sul.
Matemática 2-X-1869 (ord.). Filosofia 18-VI-1870 (ord.).

1230 — Hermínio Manuel Pinto.
Filho de Gervásio Manuel Pinto.
N. Macaé.
Direito 1869.

1231 — Antonio Casimiro da Cruz Teixeira.
Filho de Francisco Casimiro da Cruz Teixeira.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1869 (obg.). Medicina 2-X-1872.

— 1870 —

1232 — Luis d'Andrade.
Filho de Antonio Joaquim dos Santos Andrade.
N. Recife, 1849.
Matemática 1870.

1233 — Julio Cesar d'Oliveira Costa.
Filho de Gregório d'Oliveira Costa.
N. São Paulo. .
Matemática 12-X-1870 (vol.).

1234 — Antonio Cândido Gonçalves Crespo.
Filho de Antonio José Gonçalves Crespo.
N. Rio de Janeiro, 1846.
Matemática 1870. Direito 12-X-1872.
Formou-se em Direito, em 2-VI-1877.

1235 — José Inácio Pereira Lima.
Filho de Gabriel José Pereira Lima.
N. Rio de Janeiro.
Matemática 1870.

1236 — Sebastião de Magalhães Lima.
Filho de Sebastião de Carvalho Lima.
N. Rio de Janeiro, 1851.
Direito 15-X-1870.

— 1871 —

1237 — Luis José da Silva Barreto.
Filho de José Inácio Luis e Silva..
N. Macaé.
Direito 14-X-1871.

1238 — Vitorino Antonio Ferraz Fortes.
Filho de Fernando Antonio Ferraz.
N. S. Matias (Rio de Janeiro).
Matemática 16-X-1871. Medicina 14-X-1875.

1239 — José Florêncio Soares Junior.
Filho de José Florêncio Soares.
N. Rio de Janeiro
Direito 16-X-1871.

1240 — Manuel da Terra Pereira Viana.
Filho de Manuel Joaquim Pereira Viana.
N. Campos.
Matemática 4-X-1871 (ord.). Filosofia 10-VII-1875 (ord.).

- 1872 -

1241 — José Barata Gomes Feio.
Filho de Pedro Barata Gomes Feio.
N. Porto das Caixas.
Teologia 15-X-1872. Direito 2-X-1874.

1242 — Adriano Alfredo de Serpa Pinto.
Filho de José da Rocha Miranda de Figueiredo.
N. Baía.
Teologia 15-X-1872. Direito 3-X-1873.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

(*Os algarismos seguintes aos nomes indicam o número de ordem*).

INDICE ONOMASTICO

NOMES	NÚMERO DE ORDEM
Lopes dos Santos, Joaquim, ...	1.130
Lopes da Silva, Joaquim, ...	*827*
Macedo, Serafim Francisco de, ...	*140*
Macedo Freire, Francisco, ...	21
Machado, Manuel Francisco, ...	1.208
Machado Gaio João, ...	136
Machado Guimarães, Bernardino Luis, ...	1.215
Machado Nunes, Manuel, ...	787
Machado Portela, Manuel Rodrigues, ...	345
Maciel, José Alves, ...	232
Maciel, João Severiano, ...	340
Maciel Monteiro, José Francisco, ...	401
Maciel, José Severiano, ...	413
Maciel Monteiro, Manuel Francisco, ...	195
Maciel Monteiro, Tomaz Antonio, ...	565
Madureira Cabral, José Nunes Barbosa, ...	695
Magalhães, Joaquim José de, ...	781
Magalhães e Avelar, Fernando de, ...	611
Magalhães Lima, Sebastião de, ...	1.236
Magarinos Torres, Francisco Eugenio, ...	1.222
Maia, Antônio Carlos da, ...	1.014
Maia e Barbalho, José Joaquim, ...	247
Maia Cortez, Antônio, ...	1.084
Marcondes de Toledo, José, ...	862
Mariano, José, ...	783
Marques, Cesar Augusto, ...	1.091
Marques Bacalhau, Antonio José, ...	328
Marques da Costa, Casimiro, ...	394
Marques do Couto, José, ...	189
Marques Perdigão, Domingos Feliciano, ...	1.003
Marques Rodrigues, Antônio, ...	1.095
Marques Vieira, Antônio, ...	150
Marques Vieira, José, ...	151
Marreiros, Manuel Joaquim, ...	192
Martins Bandeira, Manuel, ...	612
Martins Barroso Junior, João, ...	1.013
Martins Basto, Luis, ...	479
Martins Monteiro, João, ...	68
Martins Pena, João, ...	555
Martins Pereira, Antônio, ...	1.019
Martins Pereira, Plácido, ...	344
Martins Ribeiro, Domingos, ...	658
Martins Velasques, Manuel dos Santos, ...	710
Matos, Manuel Joaquim de, ...	972
Mavignier, Simplício Antônio, ...	719
Medeiros, Antônio Joaquim de, ...	234
Medeiros Gomes, João de, ...	515
Meireles, Francisco de Paula, ...	235

NOMES NÚMERO DE ORDEM

NOMES — NÚMERO DE ORDEM

NOMES	NÚMERO DE ORDEM
Silva Bacelar, João Antonio da,	436
Silva Barbosa, João da,	129
Silva Barreto, Luis José da,	1.237
Silva Belfort, Antonio Gomes da,	457
Silva Belfort, Felipe Gomes da,	883
Silva Belfort, Joaquim Gomes da,	440
Silva Belfort, Sebastião Gomes da,	486
Silva Braga, Agostinho,	903
Silva Brandão, Joaquim José da,	332
Silva Brandão, Pedro da,	333
Silva Brusco, Manuel Maria da,	999
Silva Campos, Firmino da,	1.145
Silva Campos, João Gonçalves da,	248
Silva Carvalho, José Pereira Lopes da,	584
Silva Costa, Manuel da,	395
Silva Coutinho, Gregorio José da,	252
Silva Couto, João Lopes da,	908
Silva e Cunha, Raimundo Pedro da,	550
Silva Ferreira, Joaquim da,	274
Silva Ferreira, José da,	275
Silva Freire, José Fernandes da,	501
Silva Gomes, Antonio Joaquim da,	968
Silva Goulão, Agostinho Correia da,	66
Silva Guimarães, Fernando da,	1.153
Silva e Gusmão, Caetano Carlos da,	608
Silva Lisboa, Baltazar da,	137
Silva Machado, Felix Manuel da,	257
Silva Lisboa, José da,	96
Silva Lisboa, Nicolau da,	702
Silva Lobo, Maneul Teles da,	819
Silva Machado, Luis Manuel da,	280
Silva Maia, Emilio Joaquim da,	891
Silva Matos, José da,	1.184
Silva Paulista, João Nepomuceno,	431
Silva Pereira, Francisco Januário da,	1.225
Silva Pereira Junior, João Baptista da,	1.051
Silva Peres, Genesio Antonio da,	978
Silva Pinheiro, João Carlos da,	1.175
Silva Pinto, Antonio Joaquim da,	1.092
Silva Pontes, Antonio Pires da,	37
Silva Porto, Manuel José da,	856
Silva, Quintiliano José da,	991
Silva Ramalho, Pedro José da,	1.139
Silva Ramos, Antonio da,	1.158
Silva Ramos, João da,	1.103
Silva Ramos, José Eugenio da,	1.104
Silva Rangel, João Ribeiro da,	505
Silva Rios, Francisco Lobo da,	74

NOMES	NÚMERO DE ORDEM
Sousa Coelho, João de,	464
Sousa Ferraz, Francisco Roberto de,	311
Sousa Ferraz, Manuel Joaquim de,	336
Sousa Ferreira, Joaquim,	539
Sousa Figueiredo, Manuel Bernardino de,	772
Sousa Godinho, Luis Pinto de,	967
Sousa Gomes, Guilherme Malaquias de,	1.161
Sousa Guimarães, Abilio José de,	1.192
Sousa Guimarães, Joaquim Fausto de,	1.204
Sousa Lobo, Antonio José de,	913
Sousa Lobo, Joaquim de,	119
Sousa Lopes, André Martins de,	139
Sousa Lopes, André Moniz de,	173
Sousa e Magalhães, José Miguel de,	175
Sousa Martins, Francisco de,	971
Sousa Meireles, Manuel Moreira de,	852
Sousa e Melo, João Carvalho de,	973
Sousa Monteiro, Francisco de,	318
Sousa Moreira, Francisco de,	402
Sousa Neves, Agostinho de,	1.069
Sousa Neves, Francisco de,	1.070
Sousa e Oliveira, Saturnino de,	789
Sousa Paraiso, Francisco de,	621
Sousa Pinto, Júlio de,	1.176
Sousa Portela, Antonio José de,	320
Sousa Queiroz, Francisco Antonio de,	895
Sousa Queiroz, Luis Antonio de,	916
Sousa Ribeiro, Antonio,	73
Sousa Ribeiro, Joaquim de,	260
Sousa Ribeiro, Pedro Antonio de,	199
Sousa dos Santos, Pedro,	525
Sousa Sayão, João Luís de,	284
Sousa Silva, Joaquim Antnoio de,	1.181
Sousa Soares, Joaquim Teodoro de,	475
Sousa Tavares, João Manuel de,	483
Sousa Tavares, Pedro dos Santos de,	708
Sousa Teixeira, Antonio José de,	510
Souto, José Carlos do,	471
Souto Maior, Antonio Carneiro Homem de,	1.042
Susano, Joaquim José,	82
Tasso, Firmino Jacome,	1.179
Tavares, Antonio Joaquim,	994
Tavares, Bernardo José,	861
Tavares Cabral, Prudêncio Giraldes,	696
Tavares de Carvalho, Joaquim Cabral,	349
Tavares Gomes, José,	489
Tavares da Silva, Manuel,	1.134
Teixeira, André Antonio,	160

CAPÍTULOS DE GABRIEL SOARES DE SOUSA CONTRA OS PADRES DA COMPANHIA DE JESUS QUE RESIDEM NO BRASIL

EXPLICAÇÃO

Por inestimavel favor do eminente historiador Sr. Dr. Serafim Leite, S. I., cabe aos "Anais da Biblioteca Nacional" *a primasia da publicação completa, neste volume, dos "Capítulos" de Gabriel Soares de Sousa contra os Padres da Companhia de Jesus, residentes no Brasil.*

Nos dois primeiros tomos de sua monumental "História da Companhia de Jesus no Brasil", teve o Dr. Serafim Leite oportunidade de extratar dos "Capítulos" o que era essencial à sua explanação; nas palavras que escreveu em forma de proêmio à presente publicação, deu-lhes a interpretação que devem ter, límpida e verdadeira.

A grande curiosidade que a referência a estes desconhe*cidos documentos do autor do "Tratado descritivo" atiçou entre os estudiosos da história brasileira, fica desse modo satisfeita, graças à longanimidade do ilustre ofertante, a quem, pelo favor recebido, a direção dos* "Anais" *se confessa sumamente obrigada.*

RODOLFO GARCIA,
Diretor.

OS CAPÍTULOS DE GABRIEL SOARES DE SOUSA

Sérgio Buarque de Holanda, o ilustre autor de *Raizes do Brasil*, escreveu há pouco, num importante jornal brasileiro, uma extensa crítica a um livro nosso, causa imediata da publicação agora destes *Capítulos* contra a Companhia de Jesus. As palavras com que começa põem com clareza o estado da questão:

"Da Companhia de Jesus, de sua acção consideravel e em muitos pontos decisiva sôbre nossa formação nacional, não é fácil falar serenamente. Seus inimigos foram sempre rancorosos, — mais rancorosos e enérgicos do que seus partidários desinteressados. E o mesmo cuidado que põem, ainda hoje, os primeiros em desacreditar a obra dos Jesuitas, aplicam os segundos em aplaudi-la irrestritamente. O resultado é que uma atitude intermediária corre o risco de parecer suspeita ou indecisa a uns e outros.

"O Dr. Serafim Leite, S. I., não pode incluir-se evidentemente na classe dos últimos, dos partidários desinteressados. O fato de pertencer êle próprio à Companhia, faz crer que jamais levará sua isenção a extremos onde os serviços inestimaveis que vem prestando à história do Brasil cheguem a comprometer sériamente o prestígio de sua milícia. Mas, apesar de tudo, o que conhecemos da *História da Companhia de Jesus no Brasil* — os dois tomos já publicados — constituem em verdade um monumento, como tem dito o Dr. Afrânio Peixoto, o brasileiro que mais trabalhou ultimamente pelo progresso dos estudos jesuíticos e cujos esforços nessa direção nunca será desmedido enaltecer.

"Em face do quadro majestoso que nos oferece o Dr. Serafim Leite, o mais que podem objetar os homens de má von-

tade, é que nele foram engenhosamnte confundidos a causa da Companhia e a do Brasil, em suas origens. Se não faltam algumas sombras ao quadro, dirão que elas se destinam simplesmente a realçar as partes luminosas. E que a destreza e a arte do historiador foram mobilizadas para disfarçar o zelo natural do apologista.

"A 'esses responderá o Dr. Serafim Leite, melhor do que ninguem, com a divulgação, já prometida, se não me engano, dos textos que serviram de subsídio à sua História. Inclusive daqueles que pareçam expressamente hostis à memória dos jesuitas, como os *Capítulos* inéditos de Gabriel Soares, já célebres antes de se publicarem e que são aproveitados na obra. Com a divulgação de tais documentos, a Companhia ficará, sem dúvida, melhor servida do que com a alegação de que seu historiador autorizado se teria preocupado em esconder cautelosamente o avesso da costura.

"Com as *Novas Cartas Jesuíticas*, o autor da *História da Companhia de Jesus no Brasil* acaba de cumprir uma parte da sua promessa. O livro consta de três secções, abrangendo respectivamente *Cartas de Nobrega, Cartas Avulsas* e *Cartas de Vieira*. Desde já elas passam a constituir o complemento quase obrigatório de sua obra mestra e vêm enriquecer de modo notável a série de cartas jesuíticas que a Academia Brasileira reuniu em três volumes. Para se calcular devidamente o preço de tal contribuição, é suficiente dizer que às vinte e uma cartas de Nóbrega anteriormente publicadas se acrescentam agora mais quinze; às de Vieira, reunidas por João Lúcio de Azevedo, juntam-se mais nove, sem falar nas cartas avulsas de um Leonardo Nunes, de um Azpilcueta Navarro, de um Luiz da Grã, de um Pero Correia e nessa admiravel relação do padre Jerónimo Rodrigues, acêrca da missão dos Carijós, em 1605-1607, que constitue pelas qualidades da narração e pela relativa novidade da matéria tratada um documento absolutamente comparavel aos melhores trechos dos nossos primeiros cronistas". (1)

Com estas palavras inicia o Dr. Sérgio Buarque de Holanda a sua extensa crítica no *Diário de Notícias*. Importa agradecer a proficiência, elegância e amabilidade com que o faz, e, assumir, para as esclarecer, as sugestões uteis que encerra.

A publicação de todos os textos que serviram de subsídio à *História da Companhia de Jesus no Brasil* é velha aspiração; cremos, porem, que não poderá ser realizada totalmente por nós, dada a abundância deles. A não ser que, renunciando ao principal, que é continuação da *História*, ocupassemos o resto dos dias na destrinça, cópia, revisão e anotação desses documentos. Aliás os que nos pareceram indispensaveis para a elucidação do texto ou com particular interesse histórico, como os que se referem a alguns grandes nomes, já os publicamos ou nos *Apêndices*, ou nas *Páginas de História do Brasil* ou nas *Novas Cartas Jesuíticas*. E outros se publicarão nos tomos seguintes.

O próprios *Capítulos de Gabriel Soares*, no que teem de essencial já ficaram nos dois primeiros tomos da *História*.

Compreendemos, todavia, a justa curiosidade dos que desejam vê-los completos, unidos e seguidos, atendendo ao renome do autor do *Tratado Descritivo do Brasil*, livro que nós, como toda a gente, reputamos fonte valiosa de informações.

No seu *Tratado*, Gabriel Soares também fala da Companhia de Jesus. E aquí, com objetividade e até com elogio. Referindo-se à Baía e aos ministérios dos Jesuitas declara "que teem feito muito fruto na terra"... Pág. 112, Edição de 1879, — Rio) O *Tratado* é coevo dos *Capítulos*, e ofereceu-os ele ambos a D. Cristovão de Moura, em Madrid, em 1587. Permitimo-nos notar, de passo, a diferença de critério do autor ao escrever para o público e ao denunciar a ocultas. Quando escreve para o público, louvores; quando denuncia, detracção e vitupério. Como demonstração de carater, sintomático...

A razão fundamental de Gabriel Soares, contra a Companhia, está na defesa dos Índios, oficialmente a cargo dela. Gabriel Soares teria preferido que os Jesuitas se limitassem, por exemplo, a cantar os louvores de Deus no silêncio de uma cela ou nos cadeirões de um coro... e entretanto deixassem os Índios, inermes, à livre disposição da sua cobiça e da dos mais. E' vocação altíssima essa de cantar os louvores de Deus, mas para isso já havia instituições na Igreja: não era mister nova organização, com fim idêntico.

A fundação da Companhia de Jesus obedeceu a uma necessidade dos tempos; e o seu *espírito*, demonstração da variedade e fecundidade do Cristianismo, revestiu carater ativo para obstar pela palavra e pela pena à desagregação doutrinária dos povos do norte, educando a mocidade, e, tambem, para evangelizar as novas terras com que os Descobrimentos portugueses brindaram o mundo. No Brasil, sem ser a única, a catequese dos Índios foi uma das manifestações da nova milícia; e é esta questão dos Índios a que Gabriel Soares realmente queria atingir. Mas acumulou motivos de diversa índole, com que pudesse indiretamente desautorizar os protetores dos naturais da terra. Tudo lhe serviu. Baixou a mexericos de soalheiro; denegriu, interpretando-as mal, as inevitáveis discordâncias da vida; e até da boa administração econômica dos Padres faz crime. O período, a que se referem os *Capítulos*, é o da construção das Igrejas e Colégios, ramificação e estabilização da Companhia, com o plano providencial da educação e das missões, incluindo o grave problema do recrutamento e formação, no próprio Brasil, de novos missionários, para substituirem pouco a pouco os que não poderiam vir indefinidamente dos Colégios da metrópole, propósitos estes, vastos e complexos, que se não poderiam realizar, ontem como hoje, no Brasil ou em qualquer parte do mundo, sem recursos financeiros avultados, que os Padres, *sem nenhum proveito individual*, tinham obrigação de aumentar e defender.

E aquí está a diferença de apreciação. O que para Gabriel Soares parecia excessivo, era na verdade, dentro dos limites da justiça e da legalidade, prudência e previsão, muito aquem das necessidades crescntes do Brasil...

Esta é a interpretação óbvia de quem conhece os fins, moveis e métodos da Companhia.

Ora, como muito bem observa a inteligência clara e culta de Manuel Múrias, para se escrever a história de uma instituição, o primeiro esforço será o de compreender-lhe o espírito. Nem os adversários nem os indiferentes o compreendem plenamente. Uns por oposição, outros por posição negativa. Requer-se na verdade a posse ou ao menos a compreensão do espírito de uma instituição para colocar os fatos em que interveio no seu plano verdadeiro. A circunstância de pertencermos à Companhia, em vez de nos prejudicar, é, pois, elemen-

to subsidiário. Naturalmente consideramos a Companhia de Jesus instituição útil à religião e à civilização. Senão, não lhe daríamos o nosso nome... A esta luz interpretamos a sua atividade. Mas qualquer que seja a nossa disposição favoravel, esta só recai sobre o *comentário* dos fatos, não sobre os próprios *fatos*: sobre o comentário, fazendo-o não contra, mas segundo o espírito próprio da instituição a que se referem e donde promanam, — e cremos que este é o legítimo caminho da verdade; não recai sobre os fatos, omitindo-os ou adulterando-os, quando por acaso signifiquem "avesso"...

Prova? Estes mesmos *Capítulos* de Gabriel Soares. Sendo o documento mais anti-jesuítico do Brasil no século XVI, e existindo oculto num Arquivo Particular, fora do alcance dos investigadores, nós, da Companhia, não só o não omitimos, mas revelamos em primeira mão a sua existência e deixamos na nossa *História* o essencial dele, não nos passando pela mente que em história se calem, soneguem ou adulterem documentos. Utilizamo-lo, pois, com a liberdade e isenção de historiador conciente de que a probidade não é uma palavra vã.

Estes *Capítulos* de Gabriel Soares conservam-se no Arquivo Geral da Companhia (2). Um grupo de padres, os mais notaveis do Brasil, reunidos na Baía em 1592, examinaram uma a uma as informações de Gabriel Soares, e responderam-lhe. Subscrevem o documento: Marçal Beliarte, que era o Provincial, Inácio Tolosa, que o tinha sido; Rodrigo de Freitas, Procurador da Província; Quirício Caxa, o autor da primeira biografia de Anchieta, tambem publicada por nós; Luiz da Fonseca, reitor do Colégio; Fernão Cardim, autor dos *Tratados da Terra e da Gente do Brasil;* e mais dois, cujos nomes se recortaram mais tarde à tesoura, e que deveriam ser Luiz da Grã e José de Anchieta, que se achavam então na Baía, vindos para a Congregação Provincial. Não achamos explicação plausivel de tão bárbaro corte, senão, ao menos para Anchieta, a devoção mal entendida de alguem que quisesse guardar como relíquia a assinatura autógrafa do Taumaturgo. A autoridade destes Padres, cada um de per si, vale bem a de Gabriel Soares; em conjunto, e com a responsabilidade dos seus nomes, persuadimo-nos que vale mais... (3).

Nenhum dos assuntos versados nos *Capítulos* deixou de o ser na nossa *História*, quadro natural e amplo de cada um. Para ela remetemos o leitor, dispensando-nos de o fazer aquí.

A Sérgio Buarque de Holanda agradecemos a sugestão amiga que nos leva à divulgação imediata dos "Capítulos", *já célebre antes de se publicarem*... E, fechado o parêntesis, retomamos o fio da *História da Companhia de Jesus no Brasil* nos séculos XVII e XVIII, que ainda, em tão árdua tarefa, *longa nobis restat via*...

SERAFIM LEITE, S. I.

1 — Cf. *Diário de Notícias*, secção *Vida Literária*, 8 e 13 de dezembro de 1940.

2 — Archivum S. I. Romanum, *Brasilia*, 15, 383-384.

3. — As assinaturas deste documento, podem ver-se na nossa *História*, II, 464-465. São as seis últimas dessa página de autógrafos.

JESUS

Capítulos que Gabriel Soares de Sousa deu em Madrid ao sr. D. Cristovam de Moura contra os padres da Companhia de Jesus que residem no Brasil, com umas breves respostas dos mesmos padres que dèles foram avisados por um seu parente a quem os ele mostrou.

Posto que os Padres se consolam com o que diz o Salvador, bem-aventurados sereis quando vos perseguirem e maldizerem, mentindo, pareceu necessário responder alguma coisa em favor da verdade, posto que bem se pode crer de pessoas que deixaram o que tinham e puderam ter licitamente, por servir a Deus e salvar suas almas, não fariam coisas tão desordenadas como o autor aqui lhes põe. O qual diz assim :

Mete-me v. m. em grande perigo de descrédito com os nossos Padres da Baía, se souberem que lhe dei êstes apontamentos. E porque lhes disse por vezes que me não edificava do que se neles contem, parecia a alguns muito feio e que lhes não tinha o respeito devido; mas obedecendo ao que me v. m. manda, encomendando-lhe o resguardo que convem, digo :

R. — *Tem muita razão o informante de temer o grande perigo em que põe o seu crédito com os Padres da Companhia que estão na Baía, que sabem a verdade das coisas que aponta, as quais para informar delas a S. M. houveram de ir mais apuradas. Alem disso para que seu zelo ficara mais livre de suspeita, houvera de contar as coisas simplesmente, sem se meter em julgar a intenção com que foram feitas, como ele julga, que pertence a só Deus, como fez em muitos destes apontamentos.*

1.ª Informação. — Que os primeiros anos da residência dos Padres da Companhia no Brasil, estiveram tão bemquistos e recebidos dos moradores deste Estado, que os serviam e adoravam como a deuses da terra, por suas grandes virtudes e exemplar vida e costumes, e por se acomodarem com o que a terra permite, e se compadecerem das necessidades dos homens e lhes valerem em seus trabalhos e tribulações com os governadores, capitães e mais justiças, que por seu respeito faziam o qu lhes aconselhavam que convinha ao bem da terra e aos moradores dela.

R. — *Quando o informante veiu ao Brasil que foi no ano de 69, já os Padres havia 20 anos que estavam nele, pois os primeiros vieram no ano de 49, com Tomé de Sousa que veiu povoar, pelo que o que neste apontamento diz não é de vista senão de ouvida. E é para espantar, tendo êle aos Padres o amor que aqui mostra, dar tão facilmente crédito a coisas tão boas. Mas parece que faz mais assim a seu propósito para que, quando disser dêles os males que pretende, lhe seja dado crédito.*

2.ª Informação. — Pelo que os governadores, Bispos, capitães e a governança dos povos buscavam todos os remédios possiveis para que os Padres tivessem o necessário para sua mantença. dando-lhes de suas fazendas todos os mantimentos que a terra dá, e ajuda para as mais despesas, fazendo-lhes suas obras e recolhimentos.

R. — *A mantença dos primeiros Padres e dos que vieram até a fundação dos colégios, El-Rei Dom João de Boa Memória lha mandava dar, scilicet, um tanto de mandioca e arroz e um cruzado cada mês, para cada um, como se pode ver nos livros de sua fazenda. E dizer que os governadores, Bispos, etc. nos davam de suas fazendas todos os mantimentos que a terra dá não passa assim. E' verdade que o povo lhes dava suas esmolas como a pobres, do que podiam, conforme a sua pobreza.*

As primeiras moradas que os Padres tiveram, que eram umas pobres casinhas de taipa cobertas de palha, seu suor e trabalho lhes custou, acarretando a suas costas a madeira e água. E' verdade que o povo os ajudava com lhes emprestar seus escrvos e com o mais que podiam. As que agora teem eles

tambem as fizeram, parte com a esmola que El-Rei Dom João lhes mandava dar, que por muitos anos se não pagou por a pobreza da terra, parte com ajuda que lhes deu El-Rei D. Sebastião, e, principalmente, com sua indústria e trabalho.

3.ª Informação. — E porque os Padres iam crescendo e tinham necessidade do favor de El-Rei escreveram os sobreditos a S. A. por vezes com tanta instância que houve por bem de os ir favorecendo com suas esmolas, e outros favores, até que chegaram a ter os três colégios, da Baía, Pernambuco e Rio de Janeiro, oito mil cruzados cada ano de S. A. e muitas terras de sesmaria que os governadores lhes deram e os capitães e alguns moradores lhes deixaram e doaram suas fazendas.

R. — *Não estimava tão pouco El Rei D. João a conversão do gentio do Brasil, nem aos Padres da Companhia que para isso mandou com seu primeiro Governador, que tivesse necessidade de lhe lembrarem favorece-los, quanto mais fazerem-lhe nisso tanta instância, como êle diz; nem em Portugal estavam tão faltos de quem por eles falasse, que tivessem tão grande necessidade do favor dos de cá. Se ele fala do que a governança desta Baía fez pelos Padres em seu tempo pôde-o saber porque sempre procurou andar neste governo. Mas bem sabe que não escreveu à Camara em favor dos Padres, antes pelo contrário, e com tanta verdade e certeza que os outros se queixam que ele e um seu amigo desacreditaram as cartas da câmara. El-Rei D. Sebastião, sucedendo no zêlo da conversão como no reino de seu avô, fundou os três colégios que diz, dando-lhes renda certa para cento e trinta religiosos, à razão de vinte mil réis para cada um, que fazem seis mil e quinhentos cruzados, como parece pelos padrões, e não oito mil como ele diz.*

4.ª Informação. — E durou esta conformidade dos Padres com os Governadores, Bispos e moradores deste Estado até que deixou de governar a Companhia o P. Luiz da Grã, que foi neste Estado muitos anos provincial, o qual com sua prudência se acomodava com os tempos e conservou com tanto tento e crédito em que a Companhia estava na terra e amizade dos moradores dela, que era mais obedecido de todos os superiores grandes e menores da terra, que dos mesmos reli-

giosos. Com a qual amizade e conformidade tudo era quietação e caridade, o que se acabou e desterrou como o dito Padre não foi provincial.

R. — *Os Padres sempre procederam com os moradores como agora, mas êles não procedem como quando eram poucos e não faziam coisas com que cerrassem a porta aos sacramentos, com que os Padres os consolavam, o qual agora e em todo o tempo hão de achar menos os que fazem o que não devem com os índios; e daquí nascem as queixas, e durarão enquanto estes agravos durarem, os quais muito cresceram depois que o sertão foi aberto por Luiz de Brito, que haverá dezoito anos pouco mais ou menos, do que o informante bem sabe pela muita parte que lhe coube. E se os índios não foram, de que a Companhia tem particular proteção pelo que importa à conversão, os Padres foram ainda agora adorados como deuses a dito de todos, mas êles teem conta com o que mais importa.*

5.ª Informação. — E lhe sucedeu o P. Inácio Tolosa que foi por provincial à Baía e levou muitos religiosos de Portugal, os quais como acharam o colégio da Baía com 4.500 cruzados de renda de El-Rei cada ano, muitos currais de vacas, muitas propriedades de que lhes pagam muita renda, uma fazenda onde lhes iam os mantimentos necessários, e cinco aldeias de índios forros, de que recebem grande serviço, e outros proveitos e outra muita fábrica do serviço do colégio, entenderam que não tinham necessidade de ninguem, como na verdade passava e não pretenderam seguir mais que seus proveitos, demarcar terras, fazer casas de prazer para sua recreação, haver provisões de El-Rei com grandes isenções e jurisdições nas aldeias dos índios forros; e em umas coisas e outras procederam com tanta ingratidão que escandalizaram todo este Estado e moradores dele por não fazerem conta dos grandes serviços que tinham feito à Companhia, com o que ficaram os Padres muito odiosos ao povo.

R. *O Padre Inácio não achou o colégio feito nem começado; moravam os Padres numas pobres casas de taipa e terra que ainda estão em pé, êle o começou e pôs a fábrica que se requeria, sem agravo de ninguem por na terra não haver outro cómodo, nem dinheiro que bastasse para comprar tudo*

ainda que se achara. Não tem o colégio 4.500 cruzados senão 3000 como consta do padrão. Tem alguns currais de gado com o qual, alem de fazer serviço ao povo em lhe não tomar a carne que êle há mister e de que não é abastado, cumprem com suas necessidades que sem êles era impossivel sustentar-se, como é notório. A renda que tem das propriedades não passa de 12$000 rs. Tem uma fazenda, donde tem os beijus e farinha para sua mesa e para a gente, compram cada ano mais de cento e cinquenta mil rs. de mantimetno. As Aldeias, que tem, são de El-Rei e do povo, e dos índios nos servimos, como os mais da terra, por seu estipêndio, e não teem os Padres estas aldeias como eles teem as suas, em Jaguaribe, e outros particulares em suas terras, das quais êles sós se servem, e ninguem se atreve a bulir nêlas, nem são mais que quatro aldeias, as quais se vão consumindo, pelos contínuos serviços em que os trazem, de guerras, rebates de Ingleses, fortes, baluartes, ir às minas com o informante, e coisas semelhantes. Demarcaram suas terras como eram obrigados, pois são bens eclesiásticos. Fez-se no tempo do P. Inácio uma casa de taipa, e coberta de palha, fora da cidade para os nossos estudantes irem lá os dias de sueto, como a Companhia procura ter em tôdas as partes, para a conservação da saude dos seus. As isenções e jurisdições, de que fala, não eram em proveito dos nossos, senão dos índios como se pode ver pelas provisões, como, que não fossem os índios obrigados por certos anos a pagar dizimos, senão que os gastassem com seus pobres, doentes e confrarias; que não fossem obrigados a servir aos portugueses em suas casas mais que um mês contínuo, e outras semelhantes, com que se atalhavam muitos inconvenientes, como de se amancebarem e deixarem-se esquecer. Até agora não experimentaram pela bondade de Deus, o ódio do povo, nem mostra coisa em que se enxergue a ingratidão que lhes põem, nem como lhe pode ser manifesto o escandalo de todo este Estado que contem algumas quatrocentas léguas de costa, nunca saindo êle do termo desta Baía.

6.ª Informação. — E ordenaram logo demarcar suas terras por si sós, como lhes pareceu, com a qual demarcação entraram por muitas herdades alheias, e lançaram fora delas aos que as possuiam, sem serem ouvidos em juizo de sua justiça, tendo os possuidores títulos das mesmas terras, com os quais estavam nelas de bom título, os quais querendo requerer sua justiça não foram a isso admitidos por os Padres dize-

rem que não tinham juiz se não em Roma. E porque procederam contra êste povo com graves excomunhões, por via de seu conservador, foi forçado despejarem as terras. Das quais lançaram fóra alguns moradores, tão pobres que ficaram sem nenhum remédio para se sustentarem, pelo que ficou a cidade do Salvador e tôda a Baía tão escandalizada, que até hoje clamam de tamanha força como por esta vez lhe foi feita.

R. — *O contrário se prova por escrituras, porque as terras se demarcaram pelo Ouvidor Geral. por provisão de S. A. sendo as partes citadas e ouvidas, e porque os títulos do colégio são mais antigos, e confirmados por El Rei mandou que se cumprissem. O conservador obrigação tem de os conservar com justiça e proceder contra os que indevidamente ocupam as terras e bens da Igreja, e em tudo se guardou o direito das partes; e contra os reveis, depois de intentar outros remédios, se procedeu com as armas da Igreja que é a excomunhão. O que se pode crer é que o informante nunca cuidou que isto podia vir à notícia dos Padres, que pudessem mostrar a verdade das coisas, ou que S. Mage. só pelo que lhe êle dissesse em Madrid, havia de proceder em coisas tão pesadas, sem mais averiguar a verdade delas.*

7.ª Informação. — E depois, por algumas vezes, no termo da Baía, fizeram os mesmos agravos e forças a outras pessoas, e na capitania dos Ilheus, no rio do Camamu, que estava povoado de muitos moradores, os quais foram lançados fora de suas fazendas sem serem ouvidos, com excomunhões crueis, postas pelo seu conservador, que, como idiota, sem entender o que fazia pôs as mesmas excomunhões a todos os oficiais de justiça secular, se tomassem a estas pessoas protestos alguns ou fisessem a seu requerimento alguns autos, para os pobres não terem papéis por onde constasse a força e agravo que lhes faziam.

Resposta. — *O contrário se prova por escritura e papéis autênticos, e as terras de Camamu, de que fala, foram dadas pelo capitão dos Ilheus a Mem de Sá no ano de* 1544 (?) *e êle as deu de esmola ao colégio no ano de* 1563, *como tudo se mostra por escrituras, e foram demarcadas pelo ouvidor geral e ouvidas as partes como está dito.*

8.ª Informação. — Do que verbalmente se queixaram ao capitão dos Ilheus que quiz acudir a isso, os quais pelo

caso foram declarados por excomungados e lançados de participantes, e vindo estes ministros a uma ilha, aonde estava um Padre com um Irmão, um criado leigo e muitos índios, os não quiz deixar desembarcar, que lhe mandou impedir com muitas frechadas, que os índios atiraram ao barco, onde feriram algumas pessoas, e correu isto com tanto rigor que não bastou este mau tratamento, mas foi necessário muita valia para absolverem aos que se queixaram à justiça e ministros dela, porque os ouviram, e ficaram muitos desses pobres homens destruidos e sem remédio, por ter metido em suas fazendas o cabedal que tinham.

Resposta. — *O contrário está provado por papéis, e a justiça dos Ilheus não mandou acudir aos agravos que o informante diz, senão um alcaide a prender de noite a um Pero Simões, homem casado, para que entregasse certos índios que diziam ter alheios, e o meteram numa embarcação e os seus escravos tiraram algumas frechas e feriram a um homem, estando o Padre e o Irmão dormindo em sua casa. Veiu um escravo do preso dizer-lhe que o levavam, e o Padre e o Irmão foram para saber o que passava; levaram consigo alguns moradores e viram ir a embarcação e perguntaram quem era e respondeu o que o fez prender que o levavam por não entregar os índios, e imaginando que êles fizeram tirar aquelas frechas, fizeram autos contra êles e os mandaram ao Governador Manuel Teles, e êle os mandou ao reino pelo informante. E sabendo os Padres requereram ao Bispo mandasse o vigário tirar inquirição do que passou para saber se tinha o Padre e o Irmão alguma culpa; e achou-se por testemunhas contestes que se não acharam nem viram o que passou, por ser de noite e estarem longe. O cabedal que aquêles homens tinham metido é bem pouco como na terra é notório, como para roçar um pouco de mato, e plantar algum mantimento que êles colheram os anos que ali lavraram sem pagarem nada.*

9.ª Informação. — Mas porque lhes faltou quem lhes fizesse justiça na terra mandou-a Deus do céu em vingança desta pobre gente, porque desceu do sertão a esta parte do Camamu um pouco de gentio não tratado de gente cristã, e destruiu todas estas fazendas, as do Padres e moradores, que por sua parte povoaram este rio, que não ficou pedra sobre pedra,

que tudo não queimaram, onde mataram e feriram muita gente, e está a terra hoje despovoada, a qual se não povoará por respeito desta praga que veiu do céu tão cêdo.

Resposta. — *Não podem os Padres acabar de saber donde ao informante lhe pode vir esta revelação, porque êste gentio de que fala há muitos anos que dá opressão à capitania de Porto Seguro e dos Ilheus de que a êle e a seus parentes e visinhos coube e cabe ainda hoje boa parte; o mais certo juizo que se pode lançar é querer Deus por estes instrumentos castigar os muitos cativeiros injustos e outros agravos e vexações que os moradores do Brasil teem feito aos naturais moradores da terra, de que todos temos que chorar e temer.*

10.ª Informação. — Semelhante agravo fizeram os Padres da Baía a João de Barros, que agora está morador em Lisboa, a quem pediram licença para que lhes deixasse fazer nas suas terras junto de seu engenho um curral para recolher nele umas poucas de vacas, até que se lhes despejasse outra terra, que tiravam a quem a possuia de renda, o qual lho deixou fazer cuidando pedirem-lhe esta licença sem malícia, os quais Padres, como tiveram feito o curral, uma noite de luar, trouxeram em carros uma casa feita de peças, a qual nesta noite armaram e telharam, e assentaram-lhe as portas de maneira que ao outro dia amanheceu feita. E como João de Barros lhes deu licença para o curral, não atentaram os seus pelo feitio da casa, entendendo que tambem lhe daria licença para se fazer, e passando o sobredito para a cidade, vendo a dita casa, pasmou de tamanho atrevimento; queixando-se disso ao Reitor lhe respondeu que aquela terra era do colégio e que por isso estavam de posse dela e que lha não haviam de despejar, e que se quisesse alguma coisa contra o colégio que mandasse requerer perante o seu juiz, que tinham em Roma. Pelo que esteve este homem em risco de se perder com êles, se não acudiam outras pessoas a o persuadir que tivesse paciência.

Resposta. — *A terra é do colégio e dela está de posse há mais de 40 anos, como consta da carta de sesmaria que dela tem, por onde o colégio não tinha necessidade de pedir licença para fazer o curral. O que diz da casa não passou pela imaginação, salvo a êle, nem houve tais brigas com João de Barros, nem se achara passar assim coisa nenhuma das que aqui diz.*

11.ª Informação. — Aconteceu haverá sete anos, que desejando o colégio da Baía uma pouca de terra como ilha que está uma légua da cidade, para trazer nela vacas, grangearam a Garcia de Avila, senhor desta terra, para que lhe fizesse doação dela, e que lhe dariam para seu enterramento e para sua mulher a capela mor com obrigação de lhe dizerem missa cotidiana por suas almas, o qual, fiando-se deste concerto, fez força a sua mulher para que assinasse em uma doação pública, que lhe fez, da dita terra, estando o Reitor presente, e cuidando o doador que ele lhe podia fazer outra escritura de obrigação da capela e missas lhe disse que se havia de fazer no colégio, donde lhe mandou uma carta de irmandade e obrigação de lhe dizerem por uma só vez 200 missas, com o que Garcia de Avila perdeu a paciência e indo-se queixar ao P. P. do engano, achou recado que estavam na sua terra tomando posse e que não lha consentia o seu feitor, que na terra tinha, por não ter ainda recado seu, sôbre o qual houve grandes diferenças, mandando-se o agravado queixar com seus instrumentos. Os Padres de S. Roque atalharam a esta sem razão, fazendo desistir a seu procurador de tal pretensão por se envergonharem de aparecer em juizo.

Resposta. — *Inda Garcia de Ávila, sua mulher e as escrituras são vivos, que dirão o contrário. Os Padres lhe pediram lhes vendesse esta terra; respondeu que a tinha para sua alma. Depois, de seu próprio moto, por vezes disse ao Reitor que lha dava, mas fê-lo esperar pelo Padre Visitador, a quem êle a ofereceu, pedindo mandasse dar os agradecimentos a sua mulher. E ambos assinaram a escritura com muito contentamento, e ela mesma entregou ao Reitor as escrituras da terra sem ela nem ele pedirem alguma coisa espiritual nem temporal. Mas o Padre Visitador, em agradecimento, deu a Garcia de Ávila uma carta de irmandade e de cem missas, quando morresse. Ela, depois, por conselho de pessoas pouco afeiçoadas à Companhia, se arrependeu e reclamou, mas como eram já bens da Igreja, não nos podia alargar o colégio; foi necessário que o nosso P. Geral desse nisso a ordem que deu. Isto é o que passa na verdade. Tudo o mais são crescenças do informante, como dizer que lhe ofereceram a capela mor para seu enterramento, que lhe prometeram missa cotidiana, que seu feitor não consentia no tomar da posse (não soube parte disso)*

que lhe davam depois 200 missas, que os Padres de S. Roque atalharem isto, e outras tais.

12.ª Informação — Semelhantes a estas forças fizeram outras muitas na Baía e no Rio de Janeiro, e nos Ilheus e noutras partes, os quais por este respeito acudindo no Rio de Janeiro o Governador Antonio Salema, pela jurisdicação de El Rei e bem dos moradores, chegaram os Padres a usar das suas excomunhões e a devassar do mesmo governador, perguntando testemunhas, o reitor Rodrigo de Freitas, contra ele, e em favor das suas diferenças, pelo que êles mandaram crueis capítulos a S. A. contra o governador e o governador contra êles, e ficaram mui inimigos, e causaram bandos na terra, porque os homens que favoreciam os Padres ficaram odiosos com o governador e os que o favoreciam a êle ficaram em ódio com êles. E desta maneira esteve esta cidade do Rio de Janeiro muitas vezes, do que nasceram muitas ofensas de Deus e de serviços de El Rei.

Resposta. — *O que aqui diz êle não o viu, são novas de embarcações que crescem e se vaziam a cada sangradura, e porisso não é muito enganar-se em tantas coisas, posto que tem muita culpa em dar tão facilmente crédito a semelhantes novas, e vendê-las por averiguadas a S. Mage., não o sendo, com que mostra para conosco ter o peito menos sincero do que pede a caridade cristã. De Antônio Salema, porque tem já dado conta a Deus do que fez contra os Padres e porque coisas, não há que dizer; sómente que o prelado o obrigou a lhe entregar os papéis, que êle com seu escrivão fez contra os Padres, e por êles se poderá ver o que passa.*

13.ª Informação. — E porque o Governador Luiz de Brito quiz desenganar os Padres que não procediam no seu modo de adquirir com a brandura que lhes estava bem, e quiz que emendassem semelhantes modos de proceder, quebraram com êle, tendo-lhe feito grandes favores e queixaram-se a El-Rei dêle e êle dêles, no que se odiaram, de maneira que êle quando ia a ouvir missa ao colégio, ia pelas igrejas, e êles quando o viam na igreja não diziam missa, e faziam-no esperar tanto por ela que se enfadava e se tornava para casa sem ouvir missa, do que tomava testemunhas, e foram com esse ódio por diante, que chegou a tanto que os Padres se desenfadavam no púlpito

contra o governador, que de tudo se queixava a El-Rei e com razão.

Resposta. — *O governador Luiz de Brito recebeu alguns serviços e agasalhados dos Padres do colégio da Baia, como é público, e com êles se confessava e viviam em muita concórdia. Pode ser que o informante saiba parte de quem a turvou, pois era tanto seu íntimo e privado; pelo menos enxergou essa diferença depois que o dito governador abriu o sertão do gentio com que ambos fizeram engenhos, cada um o seu, alem das muitas barcadas de índios que o informante mandou vender pelas capitanias, aos quais agravos e injustiças os Padres acudiram conforme à obrigação de seu ofício. Tambem houve outra causa de diferença, que o informante ao diante toca.*

14.ª Informação. — E porque aos governadores não pareceu bem este modo de proceder dos Padres se agermanaram com os ouvidores, tendo com êles particulares amizades, a despeito dos governadores, pelo que vieram a ter grandes diferenças, e para que os padres escrevessem a El-Rei em favor dos ouvidores êles lhe deram posse de algumas propriedades indevidamente, como a do Camamu, de que lhes nasceram grandes desavenças com Francisco Giraldes, capitão dos Ilheus, por lhe tomarem a sua jurisdição, as quais duraram muitos anos.

Resposta. — *Nenhum serviço faz aos governadores passados em dizer em geral dêles que lhes não pareceu bem o modo de proceder dos Padres da Companhia, porque Tomé de Sousa, Dom Duarte, Mem de Sá, e Lourenço da Veiga e D. Francisco de Sousa todos lhe foram e são muito afeiçoados e devotos. Com Luiz de Brito e Manuel Teles houve algumas quebras, que o informante nestes apontamentos toca e a elas se responde. Ter amizade com os ouvidores a ninguem se pode acoimar e muito menos a religiosos que a devem ter com todos sem agravo de ninguem. A posse das terras do Camamu, Mem de Sá a tomou quando eram suas e depois a trespassou aos Padres, de esmola, como fica dito. A justiça que nelas tem Francisco Giraldes ele a saberá e poderá requerer, pois há escrituras. Mas parece que o informante não se informou bem neste caso.*

15.ª Informação. — Em tanto é assim que devassando o Governador Luiz de Brito, de Fernão da Silva, ouvidor geral, por ter cometido graves delitos contra a fazenda de El Rei e bem de sua justiça, o prendeu por êles e o mandou ao reino, por quem sairam os Padres; e defendendo e encobrindo seus delitos, escreveram a El-Rei muitas cousas em favor do Ouvidor, contra o Governador, donde nasceram tantos ódios e escandalos, que sendo ambos mortos os filhos ficaram inimicissimos e trazem crueis demandas, o que não fôra se os Padres deixaram fazer justiça. E porque neste caso se não fez na terra, mandou-a Deus do céu, afogando no mar a esse ouvidor e sua mulher com quatro filhas e dous filhos e três netos, escapando tôda a outra gente de sua casa e a mais que ia nesta nau, que deu à costa uma noite com tormenta na bôca da barra da Baía.

Resposta. — *A razão que Luiz de Brito teve contra Fernão da Silva viu-se bem na honrosa sentença com que tornou do reino, e na justiça que seus filhos teem contra os herdeiros dêle, por onde não foi bem dito que os Padres defenderam e encobriram seus delitos. E quanto ao juizo de Deus que alega, não podem os homens dar razão dêle, como nem tão pouco por que foi o Senhor servido que o informante, depois de andar fora de sua casa sete anos com muita perda de sua fazenda e descanso se fôsse perder com sua nau no Ceregi e depois, para vir a Baía por terra, tivesse tantos trabalhos e fomes e o mais que é notório.*

16.ª Informação. — E passado êste tempo das contendas com Fernão da Silva, os Padres ordenaram outra contra o mesmo governador que por sentença do vigário mandou tirar da igreja a um Sebastião da Ponte, homem facinoroso, por lhe não valer pela graveza de seus delitos, a qual igreja era uma ermida que estava em uma fazenda que um Lázaro de Arévolo havia poucos dias deixara por seu falecimento aos Padres, de quem se quiz valer o preso, pedindo-lhe seu favor, com lhes prometer muita parte de sua fazenda; estando o preso na cadeia pública o conservador dos Padres mandou notificar as justiças seculares que o tornassem à ermida donde fora tirado, e de improviso procedeu com excomunhões contra os oficiais da justiça.

Resposta. — *A Igreja de que fala era da Companhia desde a sua primeira fundação e não por falecimento de Lázaro de Arévolo como êle diz, nem os Padres ordenaram essa diferença, mas Luiz de Brito a começou, estando êles bem fora dêstes cuidados, tirando esse homem de sua igreja, sem lho fazer saber primeiro conforme o direito, nem lhes deu por isso nem por outro respeito parte de sua fazenda, nem lha prometeu, nem tal se achará, mas êles de seu próprio moto tornaram pela imunidade da sua igreja, que é isenta como o êles são.*

17.ª Informação. — E para peor pediram socorro ao Bispo em favor do seu conservador, e sendo êle muito amigo do governador os meteram em ódio e houve interdito geral, e queimaram candeias as avessas ao pé do pelourinho e puzeram um crucifixo com a cabeça para baixo e os pés para cima, o que fez tamanho terror na terra que os homens fugiam do governador e das justiças. E os Padres assim lho aconselharam, os quais estavam de contínuo em casa do bispo para lhe impedirem que não levantasse as excomunhões, que duraram perto de nove dias; andavam os eclesiásticos de dia e de noite com espingardas, bestas, alabardas, e outras armas em redor da cadeia, por que se não embarcasse o preso e tinham o governador encerrado em sua casa por se temer de o matarem, e se não fôra tão prudente, houvera de haver muitas mortes e outras desaventuras, porque os eclesiásticos diziam das janelas aos homens pelejassem pela igreja, e outros diziam pelas ruas e portas com tambores que acudissem ao Governador de El-Rei, que o tinham cercado e estavam o bispo e os Padres alevantados com a cidade.

Resposta. — *O bispo ao princípio foi contra os Padres e seu conservador, enquanto não teve do caso outra informação mais da que lhe tinha dado o governador; mas depois que soube a certeza do que passava favoreceu a parte que viu tinha a razão e jusiça. Ao mais não se pode responder outra coisa senão que quiz mais cumprir com seu gôsto e intento que com o que devia à verdade e à pessoa a quem pretende informar; o que diz do crucifixo e candeias queimadas às avessas não tem pés nem cabeça, pois não havia para quê, nem os clérigos tomaram armas, senão depois que o governador com tambores e pregões mandou viessem todos a sua casa com*

suas armas, como vieram, perque não embarcassem o preso antes de tornaram à igreja, como se lhe requeria, o que tudo cessou e ficou quieto como êle o fez.

18.ª Informação. — E pera mais desventura foram os Padres tão mal atentados que mandaram vir das aldeias dos índios, todos os que havia de peleja, que tinham no seu colégio e de redor dêle, para acudirem per sua parte contra o governador, se houvesse briga. E os mestres das escolas do colégio mandaram a seus discípulos que pelejassem às pedradas em favor da igreja, que era contra seus pais, irmãos e parentes. Mas quiz Nosso Senhor que o governador, vendo o que estava aparelhado, por atalhar a isso, não quiz embarcar o preso e mandou-o tornar à igreja, donde o tiraram, para que se alevantassem as excomunhões e interdito.

Resposta. — *Se o fizera logo não duraram as diferenças nove dias como êle diz. Mas o dos índios e meninos da escola não passou assim, e não se pode crer senão que o sonhou e o inseriu nessa sua história, porque vinha bem a seu propósito em se persuadir que estes apontamentos, que êle dava em Madrid, era impossivel virem ao Brasil à notícia dos Padres, mas é Deus bom e amigo de suas religiões, e as defende.*

19.ª Informação. — Mas ficou a terra tôda em ódio e houve queixar-se o governador e regimentos da terra a El-Rei contra o bispo e Padres, que foram gravemente repreendidos por cartas de S. A., que estranhou muito procederem contra seu governador com excomunhões e esteve movido tirar aos padres tudo quanto lhes mandava dar de sua fazenda e mandou S. A. que fôsse levado ao reino em ferros o dito Bastião da Ponte, o qual por seus delitos esteve no Limoeiro de Lisboa tanto tempo preso, sem lhe falarem o feito, até que faleceu. Pelo que se verá perque inocente os Padres puseram aquela terra em tanto perigo de se perderem todos os moradores dela uns em seu favor outros contra êles.

Resposta. — *Teve pera si El-Rei que o governador e câmara lhe escreviam o que passava na verdade, perque os papéis do bispo foram ter a Rochela e o mesmo pareceu aos Padres da Companhia de Portugal que houvera excesso nos da Baía. Mas sendo o Senhor servido trazê-los depois a Portugal, soube-se por êles o contrário, e os nossos Padres tornaram a escrever*

cartas de louvor e satisfação, pelo feito, que ainda estão vivas. E quanto a El-Rei nos querer tirar a renda, não podemos imaginar por que via podia êle saber a determinação de S. A., mas vá essa com as mais. Nem os Padres olharam se Bastião da Ponte era inocente ou culpado senão ao desacato, que se tinha feito à igreja, contra ordem do direito, como fica dito.

20.ª Informação. — Os quais se não contentaram do escândalo que deram com estas voltas e por favorecerem o ouvidor geral Fernão da Silva contra o governador Luiz de Brito, mas depois, por falecimento do governador Lourenço da Veiga, pretendeu suceder-lhe no governo o ouvidor geral Cosmo Rangel, não lhe pertencendo e por êle ser um homem desatinado o não quiz eleger a câmara por governador, por lhe parecer assi serviço de El-Rei, em o qual assento assinou o bispo, e provedor mor da fazenda, e que se não elegesse outro governador de nenhum dos outros pretensores. Pelo que o dito ouvidor pôs a terra e o mar contra o bispo e câmara. Os quais, por atalhar os danos que daquí podiam nascer despejaram a cidade atè S. Mage. prover de governador e mandou ir preso ao dito Cosmo Rangel, a quem os Padres favoreceram por naquêle tempo os meter de posse de uma rua pública da cidade, que lhe até então não consentiu que a metessem na sua cêrca, como agora tem.

Resposta. — *Não diz em que favoreceram a Cosmo Rangel, nem como, nem quanto. A rua de que fala, alem de ser prejudicial para a religião e de pouca serventia para a cidade, como o mostra a pouca falta que faz, deu-a a cidade por provisão de S. A. e por outros chãos de maior importância que o colégio lhe largou, sem os quais careceram do terreiro que chamam do Mosteiro, que é a melhor coisa pública que ela tem nesse género.*

21.ª Informação. E chegando o governador Manuel Teles Barreto, não louvou aos Padres procederem com tamanho rigor contra os ministros de El-Rei, que os sustentava, pelo que se passaram à banda do ouvidor geral Martim Leitão, que, favorecido dêles, desobedeceu ao governador e foi pera Pernambuco, onde e na Baía cometeu tais insultos contra o serviço de El Rei, que o mandou vir preso e tomar-lhe sua fazenda, e por suas culpas está hoje preso em Lisboa, e sendo êle êste o

favoreceram muito contra o governador e contra a terra, porque lhes foi dar posse indevida das terras do Camamu, donde nasceram mil desconcertos outros com muitas pessoas.

Resposta — *Não mostra nem mostrará em que o favoreceram contra o governador; não deu posse das terras do Camamu sómente as foi demarcar por provisão de S. A. que lho mandava, e sendo requerido por êle; nem já parece bem pôr à conta da Companhia os desconcertos alheios.*

22.ª Informação — E amasiaram-se tão mal com Manuel Teles, governador, que ordinariamente sôbre seus pagamentos lhe faziam requerimentos por escrito, pelo que êles se queixavam dêle a El-Rei, e êle dêles, contra os quais chegou a devassar particularmente a requerimento de pessoas, em caso sujo, que se dizia cometia o reitor com uma mulher casada, e foi forçado meterem muitos rogadores pera que não mandasse estes autos a S. Mage. como não mandou. O qual governador, por certa culpa, mandou prender um Bartolomeu Pires, homem casado e mestre da capela da Sé, do que se o bispo não queixou por ser homem secular, do que se queixaram os Padres por ser seu amigo; e tôdas as vezes que o governador ia à missa ao colégio não diziam missa, dizendo que estava excomungado por mandar prender êste homem, dizendo ser ministro da igreja, do que se escandalizou a terra muito e o governador mais e fez novos queixumes a S. Mage. que por essas coisas lhe ha-de vir a tirar o que lhes dá de sua fazenda .

Resposta — *Porque Manuel Teles está já com Deus, como é de crer, não há pera que falar na pouca afeição que sempre teve aos da Companhia, assim em Portugal como no Brasil. Do informante é pera espantar querer-se assim cegar em coisas tão claras onde a bondade das pessoas, em quem toca, é tão notória na terra; bem pudera êle escusar sujar-se em caso tão sujo, mas não quiz lhe ficasse isso no tinteiro. E é pera notar que precedendo a isto o caso da prisão de Bartolameu Pires, donde aquilo se ocasionou, conta primeiro o que foi derradeiro, porque se não entenda a dependência que aquilo teve disto. Dizer que foi forçado aos padres meterem muitos rogadores pera que o Governador não mandasse estes autos a Sua Mage. não diz o que passa, porque êles foram mandados. Dizer que o bispo se não queixou desta prisão, não é muito, pois*

estava a êsse tempo na capitania de Pernambuco. O que os padres nisso fizeram foi que tendo pera si ser o preso pessoa eclesiástica por ter sabidamente as condições que pede o Concílio tridentino, e sua prisão ser notória, vindo o governador depois dela, a ouvir missa, não acostumando dantes vir, o reitor deste colégio mandou esperassem um pouco com a missa pera tratar primeiro com seus consultores o que naquele caso se devia fazer em consciência; no qual tempo, que foi breve, não querendo esperar, se foi sem saber a causa da detença da missa, e daí ficou estomagado com o reitor, e tirou a devassa dita contra êle, e contra a mulher dêsse homem, de que já terá dado conta a Deus. Isto passou assi pontualmente e não como o informante diz.

23.ª Informação. — A qual, não sei com que consciência lhe podem levar, porque lhe fez a tal esmola por lhe fazerem entender que não tinham com que se sustentar, e sendo assim como era, foi mui bem dada. Mas hoje os padres e colégios da Baía não sei se è lícito levarem a El-Rei 4.500 cruzados cada ano, pois teem propriedades que lhes rendem muito mais, cinco dez ou doze currais de vacas, donde tôdas as vezes que querem fazer 500 ou mil cruzados, em dinheiro, o fazem no açougue, e fazem outro tanto em novilhos que vendem aos carreiros. Teem muito de renda das suas terras; teem uma granja com muitos escravos de Guiné donde lhe vem todos os mantimentos em abastança; teem, das portas para dentro, hortaliça e fruta necessária; teem nos seus currais muita criação de porcos, carneiros e galinhas; e nas outras granjas teem pescadores de jangada que lhes dão o pescado necessário fresco; trazem um barco com sua rêde a pescar, trazem uma barca que lhes acarreta lenha necessária pera casa e per seu forno de cal; teem 60 bois de carro com seus carros que servem a casa, 30 bois um dia e 30 outro; teem muita caça de alimária e aves que lhe caça o gentio das aldeias que governam; de maneira que não teem necessidade de coisas do reino, mais que do vestido, vinho, azeite, cêra para os altares, farinha para as hóstias, e perfumes, de que são providos do reino a troco de courama e açucar que mandam pera isso.

Resposta — *Já fica dito como El-Rei D. Sebastião, pela obrigação que tem a coroa de Portugal à conversão dos naturais desta terra, per rezão dos dízimos, fundou os três colégios,*

em que houvesse ministros que se ocupassem nela; e esta foi a causa de lhes El-Rei dar a renda que teem e não a que o informante diz. E posto que com pompa de palavras faz grande alardo do muito que os padres teem, ao que em parte está respondido (n. 5°), *todavia os que bem entendem e sabem bem o que custam estas coisas na terra, dizem abertamente que os Padres se não podem sustentar com o que teem, e assim passa na verdade, que o colégio anda sempre endividado e pede emprestado a uns pera pagar a outros, e hoje êste dia está devendo mais de* 4.000 *cruzados aqui e no reino. Não cortam carne no açougue, antes muitas vezes compram gado, perque se não acabe, que a falta dos pastos faz haver pouca multiplicação, vendem alguns novilhos da granja; dos mantimentos e renda das terras já está respondido. Os porcos são tão poucos que não são poderosos pera matar cada semana um pera velhos e maldispostos; os carneiros alguma hora teem algum por Pascoa; as galinhas muitas vezes as compram pera seus doentes; o peixe fresco o mais dêle compram na vila velha e no engenho de Cardoso; provaram na rêde, largaram-na per ser de muito custo e pouco proveito. Não há que notar em ter o colégio a fábrica que há mister pera seu meneio, pois é impossivel comprar-se tudo por dinheiro; os bois de carro não passam de 24 até 26; o que diz da caça das alimárias, e aves é muito pera rir; as aldeias distam sete, doze e quinze léguas da cidade; a caça é muito pouca na terra, os pobres índios não são fartos dela e escassamente podem sustentar do que teem os padres, que os ensinam, que residem com êles. Veja-se agora como terá o colégio esta muita caça, mas é juizo de Deus que êle mesmo com coisas tão claras se desacredite. Os Padres não mandam courama ao reino nem teem engenhos de açucar, nem canaviais; algumas vezes lhes dão algum açucar em pagamento, e êste posto que raramente polos muitos ladrões, mandam ao reino pera alguma peça pera sua igreja.*

24.ª Informação. — E gastam o mais em ornamentos dos altares, peça de prata, e obras que fazem com tanto custo da mão dos oficiais que a puderam escusar, em as quais não gastam mais que na soldada de um mestre carpinteiro e outro pedreiro, que os obreiros teem de casa, e serradores e a madeira mandaram fazer ao mato com os índios das aldeias, com um irmão, o qual lhe vem na sua barca, que lhe também acarreta ostra, de que fazem cal; e teem feito um tão honrado colégio que

lhe não faz vantagem nenhum dos de Portugal; em o qual são contínuos 80 religiosos; e com os escravos e serventes e oficiais mantem das portas a dentro 200 pessoas, cujo mantimento lhes não custa dinheiro.

Resposta. *Não é mal gastada a renda em ornamentos da igreja, nem em fazer o colégio que diz, nem parece bem dar isto em culpa. Obra de prata teem poucas, e destas as mais vieram feitas de Portugal, e outras que aqui se deram de esmola pera uma capela, onde tem as relíquias. No colégio não são contínuos 80 religiosos, são 60, às vezes mais às vezes menos. Mas sendo tantos os religiosos como êle diz, e as mais pessoas que põe, bem pouco é tudo o que diz que teem; e dizer que a mantença de tanta gente não custa dinheiro fôra bom se fôra assim, mas perdoe-lhe Deus que assim se quer enganar a si e a quem não devia*

25.ª Informação — Pediram os Padres a S. A. 2.000 cruzados pera o colégio do Rio de Janeiro, fazendo-lhe entender ser muito necessário onde êles já tinham seu mosteiro feito e muitas terras de sesmaria, que lhes os capitães deram, o qual colégio é bem escusado, pois não serve de mais que de fazer esta despesa a El-Rei que tem bem necessidade dela pera fortificação da terra, porque no Rio de Janeiro haverá até 200 visinhos os mais dêles são mamelucos, e casados com negras, cujos filhos de maravilha sabem ler; pois quem ha-de aprender neste colégio pera se levar pera êsse respeito dous mil cruzados a El-Rei cada ano, que não seja mais serviço de Deus e de El-Rei gastaram-se na fortificação da terra pois não tem nenhuma defesa?

Resposta. — *Em muitas coisas peca o informante neste apontamento. Em fazer tão pouco da cidade do Rio de Janeiro, a qual tem muitos moradores portugueses e é a mais bem fortalecida de toda a costa, com é notório; em dizer que o colégio tem de S. A. dous mil cruzados, tendo 2.500. Em cuidar que o respeito de se fundar aquêle colégio foi ensinar os filhos dos portugueses, não sendo êsse senão sustentar nele cinquenta da Companhia, que descarreguem a El Rei da obrigação que tem de atender à conversão, como é nos mais colégios, como consta de seus padrões, e per onde se aqui ha*

tantos mamelucos, e negras como êle diz, e outro muito gentio assim forro como cativo, não se emprega mal a renda em sustentar quem ajude a salvação dos tais. Quanto mais, que fazem outros serviços a Deus e a terra com pregações e confissões, com lhes ensinar seus filhos a ler e escrever, e latim, aonde tambem acodem do Espírito Santo, S. Vicente e mais povoações da banda do sul, e em lhe sustentar duas povoações de índios, que são muito boa parte da fortificação da terra, como se tem visto nos recontros que com franceses até agora tiveram e naus que com sua ajuda lhes tomaram. E se tão zeloso é da fazenda de S. Mage. houvera-lha de poupar, e não lha gastar como tem gastado e ao diante gastará nas minas que lá deixou tão assoalhadas e que cá são tão pouco ouvidas.

26.ª Informação — Também fizeram entender ao mesmo rei D. Sebastião que era mui necessário fundar-se em Pernambuco outro colégio, tendo êles já nesta capitania mosteiro bastante pera 30 religiosos, que se mantinham de esmolas da terra honradamene e pediram pera isso mil cruzados sómente e depois requereram que não corria na terra dinheiro que lhe pagassem em açuçar e fizeram crer que valia o açucar a 400 réis um ano por outro, valendo êle ordinariamente de 12 anos a esta parte, por mais de 800 réis, de maneira que êles levam a El-Rei o açucar a preço de 400 reis a arroba, e El-Rei paga ao rendeiro dos dízimos a 800 reis per cada arroba, no que se deverá ter muito escrúpulo e em fazerem entender a El-rei ser muito ncessário nesta vila colégio pera ensinar letras aos de fóra.

Resposta. — *El-Rei fundou êste colégio como os outros e polo mesmo respeito. Os Padres não pediram nada. Ele o dotou pera 20, dando pera cada um 20.000 reis, como tinha feito nos outros. O que diz do açucar, passou desta maneira. El-Rei mandou fazer essa avaliação uns anos por outro, e fez-se por autoridade de justiça, intervindo nisso o provedor mor e procurador de S. A. e moradores e pessoas ajuramentadas, como consta do padão. E se, com tudo isso, El-Rei lhe quiz fazer alguma ventagem ou esmola não devia tomar pena per isso o informante, não lhe digam o do evangelho da vinha.*

27.ª Informação. — Em a qual basta que ensine um pouco de latim e ler e escrever, como se fazia sem esta renda e como

na verdade se não ensina outra coisa, nem há na terra quem aprenda mais; e bastava o colégio da Baía pera todo o Estado do Brasil, em o qual até hoje não acabaram o curso das artes mais que seis ou sete pessoas e alguns destes se receberam na Companhia; e teologia não ouviram mais que quatro pessoas de fora e uma só acabou, e se fez bom prégador. No que se fez mais fruto é em se ler latim e casos de consciência. E se em Portugal antes não havia mais que a universidade de Coimbra, porque não bastará ao Brasil a da Baía pera todo o Estado?

Resposta. — *Não acaba de entender o informante que a intenção que teve S. A. em fundar colégios no Brasil não foi abrir estudos pera os filhos dos portugueses, senão criar ministros pera a conversão, que é tanto sua obrigação, como consta dos padrões, que não põem aos Padres obrigação de ter escolas nenhumas. E se alguma capitania há que tenha necessidade dêstes ministros é Pernambuco, onde há sesseta engenhos cheios de escravaria, e outra muita gente de que se servem os portugueses, muito gentio que trazem do sertão e muitos pretos de Angola, os quais não teem outro remédio pera suas almas senão aos Padres da Companhia, como é notório. Alem de os Padres cumprir com esta sua obrigação, vendo a muita necessidade que havia de doutrina e quanto serviço se fazia a Deus e aos moradares, puseram escolas sem ter a isso obrigação, onde, desde as primeiras letras, criam hómens que muito sirvam a Deus e ao próximo. E dêstes ha já muitos cónegos e dignidades na Sé da Baía e muitos curas e vigários per tôda a costa, e alguns prégadores e cada dia se vão fazendo mais. E isto principalmente na Baía. Nos outros colégios aprendem até poderem ir a êsses estudos gerais, a ouvir artes e teologia; e assim se faz em Pernambuco, onde, alem disso se ensinam casos de consciência, pera bem de muitos clérigos que há.*

28.ª Informação. — Na capitania de S. Vicente teem os Padres duas casas, na do Espírito Santo teem uma, na de Porto Seguro teem outra, na dos Ilheus teem outra, na de Tamaracá teem outra, e na Paraiba outra; as quais casas estão mui abastadas e providas do necessário com a grangearia dos índios forros que doutrinam e com ajudas e esmolas, que lhes dão os moradores da terra, do que se mantinham também as casas da Baía, Pernambuco e do Rio de Janeiro, em as quais se ensina a ler e escrever e a latim os filhos dos moradores dêstes lugares, que

querem aprender, em as quais procedem os Padres per diferente modo que os do colégio.

Resposta. — *Em Tamaracá não teem os Padres casa, na Paraíba não teem escola e em nenhuma das outras se ensina latim; provêm estas casas os colégios, a que estão anexas, das coisas do reino, pera os que nelas residem e pera suas igrejas o que os moradores per serem pobres não podem remediar; dão-lhes do que teem pera comer; grangearias não as teem. O modo de proceder é conforme ao dos colégios, perque teem umas mesmas regras e instituto e procura a Companhia ter uniformidade em tôdas quanto é possivel.*

29.ª Informação — O que lhes nasce de serem pobres e terem necessidade do favor dos moradores, que os ajudam a fazer suas obras e os mantêm e sustentam com suas esmolas, onde além disto os Padres vivem mui recolhidos, e são de mui grande exemplo com sua vida e costumes, pelo que estão bemquistos na terra, que se está temendo que, como tiveram outros remédios como os colégios sejam mais escandalosos. Pelo que em cada Capitania destas pedem frades franciscanos e de São Bento, os quais começaram já a fundar mosteiros, a quem esta gente tem muita devoção, porque na Baía ha já um mosteiro de S. Bento e outro dos capuchos, que na terra foram bem recebidos e ajudados, pera terem com quem se consolar em seus trabalhos.

Resposta — *Nem quando diz bem dos Padres diz o que passa. Onde quer que há índios teem os Padres muitos contra si, como em Porto Seguro, no Espírito Santo, na Paraíba e São Vicente, onde lhes não faltam perseguições, e molestias, porque resistem quanto podem aos agravas notaveis, que, por cobiça, fazem aos índios, cativando-os, ferrando-os e vendendo-os contra a vontade de Deus e de S. Mage; mas porque é por tão justa causa sofrem tudo, e não desistem, per não haver outrem que torne por êles.*

30.ª Informação — E tão escandalizado estava o Bispo e governador dos Padres, que como chegaram à Baía os réligiosos de S. Bento favoreceram-nos muito e confessaram-se com êles, e todos os moradores principais da terra, onde se enterram, e o bispo cometeu suas vezes dos casos a êle reservados, ao abade, o que dantes cometia ao Reitor do colégio, os quais

Padres sofreram tão mal que se desavieram logo com estes religiosos, que nunca poderam fazer dêles amigos, no que deram muito escândalo à terra, que a despeito da Companhia, trabalha muito pelos favorecer, como fizeram em lhes ordenar logo um mosteiro, onde estão 200 religiosos de grande satisfação pera a terra, que lhes já ordenou mui honesta comedia.

Resposta. — *Se o Bispo e governador Manoel Teles deixaram de se confessar com os da Companhia depois que vieram religiosos de S. Bento foi per ambos serem do hábito de Aviz. Mas Manuel Teles não quiz morrer sem Padres da Companhia à cabeceira e o bispo tornou a continuar suas confissões com êles. O que diz dos principais moradores que todos se confessam com êles, trabalho era que nos tiravam, se fôra assim. O dos casos reservados é graça, pois o bispo não alterou nada nisso, e os Sumos Pontífices nos teem provido suficientemente pera com tôda a comidade exercitar nossos ministérios. Nunca nos desaviemos com estes Padres que diz, antes nos visitamos ordinariamente e vêm às nossas festas, e imos às suas, e comem no nosso refeitório, e comemos no seu. Não cremos que haja quem a despeito da Companhia os favoreça, se êle não testemunha de si, que é tão pouco nosso afeiçoado e devoto. O que diz dos 200 religiosos deve ser êrro duma cifra mais. Porém nem a dez chegarão com noviços e leigos*

31.ª Informação — Usam os Padres doutro escândalo, que muito descontenta, que é como teem alguma queixa do governador, bispo, câmara e dos moradores, logo o remocam no púlpito, do que os ouvintes lançam mão, uns o tomam por si e queixam-se, outros lançam juizos suspeitos, no que se pratica aquêle dia, por não tirarem do sermão outra doutrina, e outras vezes deixam a Sé sem prégação, nas festas principais, per terem algum arrufo do bispo, ou cabido, pelo que o bispo lhes não pede já prégadores, e prega êle alternatim com o Abade de S. Bento e com o seu Vigário Geral, ao que os Padres não houveram de dar ocasião.

Resposta — *Alguma vez sucedem coisas que é necessário S. João encontrar-se com Herodes, Elias com Achab, S. Ambrósio com Theodósio e S. Crisóstomo com Eudoxia. Mas os prégadores da Companhia teem especial regra que não toquem nas cabeças, e assim teem nisso grandíssimo resguardo; mas a*

ferida do dedo faz parecer que vai dar nele tudo o que dá em tôda a mão; além disso em tôda parte, o que sobe no púlpito tem de fôro semelhantes suspeitas e avisos. A Sé imos quando nos chamam, e somos chamados muitas vezes, assim pera suas festas como das confrarias, porque as nossas prégações lhes custam menos.

32.ª Informação — Os quais mandam prégar uns idiotas que escassamente sabem latim, que falam mil desconcertos, tendo bons prégadores e letrados nas casas, o que fazem por não terem em conta a gente da terra, que se escandaliza muito disto, e do que estes se deixam dizer sem ordem neme concerto, pelo que se lhe sài muita gente da igreja se tem ouvido missa por não ouvirem seus desbarates, os quais se não fundam senão em louvores dos índios e queixarem-se dos agravos que se lhes fazem e de como são bons cristãos, não havendo entre êles fóra da Companhia dos Padres quem viva como cristão nem se prese de o ser, antes como estão os Padres presentes, tornam logo a suas gentilidades.

Resposta — *Os que prégam são aprovados per idóneos, mas em todos os ofícios há uns oficiais melhor que outros, e pera o crédito deste faz muito e é o tudo a pia afeição dos ouvintes, de que o informante está algum tanto carecido pera os nossos. As prégações são muitas e não as podem fazer tôdas os mais letrados, principalmente onde há escolas. Estranhar os agravos e injustiças que se fazem aos naturais da terra não são desbarates, e não nos espanta parecerem tais ao informante, pelo que disso lhe cabe. Os índios não são tão maus como êle os faz, e em todo género de gente haverá muita miséria, se faltar quem ensine e ajude as almas.*

33.ª Informação — Os primeiros Padres da Companhia que foram ao Brasil acharam os índios facilíssimos pera receberem a fé de Cristo nosso redentor, pelo que os batizaram aos milhares cada dia, do que escreveram a Portugal e por tôda a cristandande o grande serviço que faziam a Deus, como de feito da sua parte faziam, mas assim com facilidade se faziam cristãos, com ela mesma se tornavam a suas gentilidades, e se foram todos pera o sertão, fugindo a sua doutrina; e governando êles mais de cinquenta aldeias dêstes índios cristãos, não teem hoje mais de 3 aldeias, e estas são quasi cheias de gente nova.

que cada ano vão aquirindo e grangeando, com os quais indios teem trabalhado tanto e per tantas vias que se foram turcos ou mouros tiveram feito com êles grande fruito, o que não fizeram com êste gentio, porque não é capaz pera conhecer que coisa é Deus nem crer nêle, e teem que não há mais que morrer e viver, pelo que é mal empregado o tempo que se com êles gasta.

Resposta — *A facilidade, que então tinham, teem agora. E e se alguma coisa impediu o próspero verso que êle pinta, ainda que não foi tanto, os muitos agravos que receberam dos portugueses em os cativarem, e venderem, em lhes tomar suas terras, mulheres e filhas, o causou: nunca tiveram os Padres mais que onze aldeias e se agora tem três no mais como disse acima (n.º 5.º) que tinham cinco? Não fugiram todos pera o sertão, senão alguns, e êsses não fugiam da doutrina dos Padres senão dos maus tratamentos que tenho dito; e de 40.000 almas ou mais que eram, todos quasi são consumidos que não haverá em quatro aldeias que agora temos passante de quatrocentos dos antigos, os mais que chegam per todos a 2.500, os Padres com grandissimos trabalhos os foram per vezes a trazer mais de 200 léguas desta Baia. E posto que per êles serem poucos, se não faz com êles tanto como se fazia, é de tanta estima uma alma que os Padres não teem por mal empregado o tempo que, em ajudar êsses poucos, gastam.*

34.ª Informação — Porque ensinam os moços nados e criados nestas aldeias a doutrina cristã, que aprendem muito bem e a ler e escrever, a latim, a contar, a canto de orgão, a tanger frautas, e dançar e oficiar uma missa; e como chegam à idade de conversarem mulheres logo fogem pera os matos, e usam de suas gentilidades como fizeram seus pais e avós, do que os Padres os tiram com muito trabalho; e não sustentam já estas aldeias senão per se não desdizerem de muito que escreveram de louvores desta gente por tôda a cristandade.

Resposta. — *Não os ensinam latim nem contar. Em chegando a ter idade os Padres teem cuidado de lhes dar vida assim a homens como a mulheres; e não sucede o que o informante dá per ordinário. Se alguns, alguma hora, se desmandaram, não é bem atribuí-lo a todos, nem dizer que o fazem per essa causa. Tambem entre os cristãos antigos há muitos maus, que se lançam com mouros e turcos, e seu pecado é muito maior que o*

dêstes. E quanto estes são mais necessitados tanto é melhor empregado o tempo que em os ajudar a salvar se gasta. E não parece ora muito seguro dizer que êste gentio não é capaz de conhecer a Deus nem crer nele, perque se isso é assim, ou êles não são homens, que é bestialidade dizê-lo, ou Cristo nosso redentor não morreu por êles, que é grande impiedade. Dizer que os Padres os não largam per se não desdizerem é imaginação do informante: não é muito se ocupem os Padres com tão poucos perque per outros tantos e menos pecadores que houvera, Cristo Nosso Senhor fizera o que fez. E consolam-se com cuidar que se salvam cada ano muitos inocentes, e dos adultos não poucos.

35.ª Informação — Em cada aldeia destas está um Padre de missa e um Irmão, e quando ambos não sabem a língua do gentio da terra sabe-a um dêles, onde residem com grande perigo de sua honra, porque de maravilha podem estar ambos juntos, porque um entende sempre no govêrno da casa, e outro em dizer missa e ensinar a doutrina na igreja ou andar prégando ao modo dos índios per suas casas, avisando-os do que hão de fazer ao outro dia, e labutam e andam entre mulheres nuas assim como nasceram e não se pode vigiar um a outro, de maneira que não tenham tempo pera obedecer à tentação, do que são muito murmurados dos Portugueses praguentos polas informações dos índios que se deixam crer, perque per vezes se lançaram fóra dêstes Padres e Irmãos, que como foram fóra da companhia viveram tão mal e com tanto despejo, que não há quem duvide que estes tais vivessem com tamanha ocasião pera pecar, senão cometendo mil deshonestidades, e pera ficarem mais à larga pera cuidarem que não podem ser sentidos, não consentem que nenhum homem branco, nem mestiço casado nem solteiro vivam nas aldeias dêstes índios, tomando-o alguns per remédio, esperando que os índios com licença dos Padres os ajudassem a fazer uma roça em que lavrassem mantimentos da terra com que se pudessem sustentar.

Resposta — *Não haverá peito cristão que não aborreça e se escandalize de tão baixas palavras, e torpes juizos. E posto que não mereciam resposta, pois per elas se entende quão azedo está o peito donde sai, todavia pode-se-lhe dizer: "Tu quis es qui indicas alienum servum? Domino suo stat aut cadit; potens est autem Deus illum statuere." (Rom. XIV, 4). Os que se*

ocupam na conversão do gentio teem superiores que olham por êles e são frequentemente visitados, teem muitas ajudas espirituais de regras, lição espiritual, oração e muita frequência de sacramentos, e sobretudo a proteção divina que tem muito cuidado de suas religiões e per honra e crédito delas teem mão em muitos fracos que nela estão. E é muito mal cuidado e peor falado dizer que os que são despedidos, viviam estando nelas, como vivem despois de saídos, como êle diz, pois com isso condena tôdas as mais religiões assim no Brasil como em Europa. Os nossos andam sempre acompanhados quanto é possivel e teem particular regra disso, e podem-nos fazer perque não lhes prégam pelas casas senão na igreja aonde as índias vão cobertas, e quando vão visitar os doentes vão juntos e não nos impede o govêrno da casa, que tem pouco que trasfegar, e um negrinho que nela fica basta pera tudo. A causa que dá perque não consentem ninguem nas aldeias posto que é falsa, perque não se tolhe mais que a gente solteira, por ordem dos governadores, por evitar inconvenientes, não é digna de peito cristão

36.ª Informação. — E por evitarem estes danos, informados os reis passados dêles, mandaram a todos os governadores que em cada aldeia destas pusesem um capitão pera olhar per estes índios e os fazerem trabalhar em suas roças, por êles serem muito amigos de folgar, e que também os mandassem trabalhar nas fazendas dos Portugueses, pagando-lhe de seu trabalho um tanto cada mês, de maneira que os índios ficassem satisfeitos, e a soldada não fôsse muito custosa pera quem lha havia de pagar, e que os Padres não entendessem com os índios mais que pera os ensinar a doutrina cristã e os obrigarem viver e proceder como cristãos, o que se pôs per obra em tempo do governador Mem de Sá, e mandou para cada aldeia um homem honrado e casado na terra por capitão e deu-lhe seu regimento do que havia de fazer. Mas amasiaram-se tão mal os Padres com estes capitães e tinham cada dia tanta porfia e diferenças sôbre o mandar dêstes índios, e êles andarem com tantas embrulhadas dos Padres pera os capitães e dêles pera os Padres que os capitães se vieram pera a cidade e não quiserem entender mais com os índios, e não achou o governador semelhantes pessoas que quisessem aceitar êste cargo, e os que pediam as tais capitanias não eram pessoas de muita confiança pera se lhes haverem de dar, pelo que se tornáram a ficar os padres.

Resposta — *Por se os Padres livrarem das moléstias dos moradores que continuamente pedem índios, requereram ao governador Mem de Sá que pusesse homens nestas aldeias pera defenderem os índios dos agravos que lhes faziam e pera os ajudar no temporal. Procederam de maneira que os índios se escandalizaram polos ocuparem muito em seus serviços e de seus amigos e lhes tocarem nas filhas e mulheres; e os outros moradores se queixaram per lhos não darem até que êles com ver juntamente o pouco proveito que tiravam, se enfadaram e largaram êste cargo. E querendo o governador Manuel Teles torna-los a meter não lho consentiram o bispo nem o govêrno da cidade, pola experiência que já tinham de quão pouco proveitosos eram.*

37.ª Informação — Depois disto, per se queixarem os oficiais da câmara a El Rei D. Sebastião e os governadores que aquêles índios não ajudavam os moradores em suas fazendas, como estava assentado, nem quando os queriam ocupar nas guerras obedeciam a seus chamados, por lhes os Padres impedirem, mandou ao governador Luiz de Brito e a Lourenço da Veiga e depois a Manuel Teles, que não consentissem que os Padres tivessem jurisdição nestas aldeias nem nos índios delas, em mais que em o que tocava ao ensino da fé católica, e querendo cada um dêstes governadores pôr isto per obra e capitães nestas aldeias, houve per parte dos Padres mil inconvenientes em segrêdo e em público diziam que não queriam entender-se com as aldeias e que pusessem nelas capitães que êles as despejariam e ficaram-se nelas como ainda stão.

R. — *Por amôr dêstes queixumes, per ordem de S. A. foi Lourenço da Veiga em pessoa às aldeias com o ouvidor geral para ver per seu olho o modo de proceder nêlas, e per não achar cousa que se devesse remediar, e os queixumes serem sem fundamento, deixou tudo como estava sem ordenar coisa em contrário. A jurisdição que teem os Padres com os índios não chega a mais, alem de os ensinarem, que a alguma penitência na igreja per alguma falta pública pera que os prelados teem dado comissão. Pera o mais teem seus alcaides e meirinhos, postos polos governadores, que os prendem e metem no tronco, e pera isso são avisados e encaminhados polos Padres; fazem-os tambem trabalhar e pelejam com êles como pais com filhos se não fazem*

seus mantimentos. O que torna a repetir dos capitães, é como fica dito acima, e não como êle pinta.

38.ª Informação — Queixaram-se a El Rei os oficiais da câmara que os Padres não queriam obedecer aos mandados da justiça e que tinham como teem meirinhos nestas aldeias, índios delas, e que mandaram por êles prender alguns homens brancos que iam resgatar com êles, e outros a buscar os seus escravos, e alem disto os espancavam e metiam no tronco, do que se queixavam à justiçça, que lhes respondia que a não podia fazer contra os Padres.

R. — *Estes meirinhos são postos pelos governadores e, pola muita dissolução que havia nalguma gente vadia, lhes foi dada comissão pera os prender, e trazer à cidade, e não é bem que o informante faça os Padres autores destas coisas, pois não é seu hábito.*

39.ª Informação — Os quais teem por costume nestas aldeias recolherem todos os escravos alheios e índios forros que fugiram a seus senhores e se foram pera seus parentes que teem nestas aldeias; e indo seus senhores ou mandando outrem per si com mandados das justiças, que tragam a juizo os fugidos pera os entregarem a quem fôr justiça e êles respondem que os busquem e levem embora que êles não são a isso obrigados, e como os índios estão escondidos pelos parentes, não é possivel acharem-se per quem os vai buscar, e sendo caso que os achem, os Padres os não querem deixar levar dizendo que são forros e havidos de mau título, e que os não hão de deixar fazer escravos per força, no que a tem feito tamanha que até hoje não houve homem que pudesse tirar o seu escravo de seu poder se se lhe êle não tornou pera casa por sua vontade, pelo que estão mui odiados com os moradores, com o bispo, com o governador, ouvidor geral, provedor mor e com os mais ministros seculares e eclesiásticos.

R. — *Mem de Sá, governador que foi dêste Estado, fez lei pola qual mandou que nenhum índio que se acolhesse às aldeias, em que os Padres estão, fôsse entregue a seu senhor sem primeiro êle fazer certo que era seu legítimo escravo; pera isto teve dous motivos:* o 1.º *a grande devassidão que havia em roubar índios e em resgatá-los indevidamente, comprando-os a quem não podia vender, conforme a determinação da Mêsa da*

Consciência. O 2.º que êle deu sentença de cativeiro contra o gentio do Caeté, que mataram o bispo D. Pedro Fernandes com os que com êle iam em uma nau que deu à costa, a qual se executava sem nenhuma piedade nem diferença, tomando-os, e cativando-os em qualquer parte que os achassem como fossem desta nação: dos quais havia muitos nas ditas aldeias havia muitos anos sem serem culpados na dita morte. E a êste desarranjo foi necessário acudir com esta lei. E esta guardavam os Padres e se guardou até vinda de Manuel Teles, que com o P. Cristovam de Gouveia visitador desta província, fizeram assento pera quietação da terra, e perque já então não corriam tanto as rezões do tempo de Mem de Sá, que os Padres não recolhessem nem consentissem nas aldeias índio nenhum nem escravo nem fôrro que dai per diante a elas fugisse dos moradores, o que assim se guarda de então para cá inviolavelmente; e se alguns ainda se queixam é polo que dantes dêste conserto lá estavam nos quais não se inovou nada.

40ª Informação — E na verdade estando o governador Luiz de Brito na aldeia de São António, com todo o poder da Baía pera ir dar guerra ao gentio do rio Real e de Ceregipe, por terem morta muita gente dos brancos que iam pera Pernambuco que deram à costa naquela paragem, e terem feitos outros danos, mandando dali recado per pessoas principais aos Padres que assistiam nas mais aldeias pera que lhe mandassem a gente de guerra, os quais se escusaram que o não podiam fazer, que mandasse êle línguas que os movessem a isso. Os quais foram mandados e os índios diziam em segrêdo que tinham boa vontade de irem à guerra, mas que os Padres em segrêdo lhes mandavam não fossem, e gastaram-se em recados oito dias, sem os Padres quererem consentir que os índios fossem, até que o governador fez um auto do que passava e preguntou por êle testemunhas e com isso mandou com um juiz e dous escrivães fazer um requerimento e protesto aos Padres, com o que se moveram e deixaram ir os índios à guerra.

R. — *Tinham os Padres juntos muitos índios no rio Real em três aldeias em que fizeram igrejas, ensinavam a doutrina cristã; e, estando de paz e quietos o governador Luiz de Brito quiz ir com grande aparato de guerra vêr umas dez léguas de terra que lá tinha e os Padres lhe disseram que estavam quietos e se aparelhavam pera serem cristãos, confiados no emparo*

das igrejas que tinham e que com isso ficava a costa segura pera irem e virem por terra da Baía para Pernambuco, porque tinham já feito pazes com outras trinta aldeias do Ceregi; e que se fôsse daquele maneira haviam de fugir com medo, como aconteceu, e se perderam as três igrejas com grande dor de quem as havia ajuntado com tanto trabalho e se tornaram a alevantar as trinta aldeias que tinham pacificado. E o governador mandou em pós os fugidos ao informante com outros capitães e mataram e cativaram muitos, e no reino foi julgada esta guerra por injusta e que pusessem em liberdade os cativos. E o governador faria os autos que diz o informante na forma que quisesse, mas visto está a quem se deve dar mais crédito se aos Padres se aos índios, estando tão escandalizados do mau tratamento que recebem dos portugueses nas guerras, pois não lhe servem senão de cargo e de os porem na dianteira per barreira dos contrários.

41.ª Informação — Ao qual governador e aos que lhe sucederam fizeram per vezes outro tanto, sôbre o que tiveram com os Padres diferenças, e fizeram autos do caso do que se queixaram a El-Rei; e o mesmo aconteceu ao governador Manuel Teles pelo que se desavieram, e por não quererem entregar os escravos alheios, e os quererem fazer forros de seu poder absoluto sôbre o que lhe dizem os mesmos índios, sôbre os quais, e sôbre as terras são todas as diferenças que teem uns com outros pelo que estão tam odiados na terra. E não é possivel poder-se escrever o muito que sobre isto se podia dizer.

R. — *Não podiam fazer outro tanto aos que diz, perque Luiz de Brito não fez outra guerra nem Lourenço da Veiga nem D. Francisco de Sousa como é notório. Ao que diz dos escravos já fica respondido. Sôbre terras não temos diferenças, Deus seja louvado, depois que a justiça deu a cada um o seu. Não nos parece que estamos odiados nem as boas obras e vontades dos moradores o mostram. Não deixa coisa que lhe parecesse de importância quem toca tantas, que são de nenhuma como se vê nestes apontamentos.*

42.ª Informação — Costumam os Padres irem polas fazendas da Baía e confessar a gente que per ela está espalhada nos engenhos e fazendas, onde são muito servidos e agasalha-

dos. Os quais confessam os negros de Guiné, e índios da terra; casam os que estão em ruim estado que podem ser casados e fazem cristãos os que o não são; enfim trabalham polos pôr em bom estado e à volta destas boas obras perguntam-lhe na confissão como foram resgatados, e donde são naturais e se acham que não foi o resgate feito em forma, dizem aos índios que são forros e que não podem ser escravos, que se quiserem ir pera suas aldeias que lá os defenderão, e farão pôr em sua liberdade, com o que fizeram e fazem fugir muitos escravos dêstes e os recolhem nas suas aldeias, donde seus senhores os não podem mais tirar, do que nasceram grandes desmanchos, e ódios e há muitos homens que não querem consentir que os Padres vão a suas fazendas e outros que defendem a seus escravos que se não confessem com os Padres nem falem com êles quando vão a suas fazendas, onde se não fazem as outras obras tão santas per atalharem a estes danos que, à volta delas, lhe nascem, sôbre o que havia também muito que dizer.

R. — *Não faltava mais ao informante que meter-se no sagrado, e secreto foro da confissão. Não passa assim o que êle diz, nem mostrará índio que per essa causa fugisse a seu senhor pera as aldeias. Põem os Padres que vão às fazendas em rol à gente que baptizam, que casam e que confessam para que a todo o tempo conste disso como fazem os curas, e ao tempo de os casarem perque muitas vezes casam forros com escravos, examinam o melhor que podem se são escravos ou forros, perque não deixe de ser valioso o matrimonio por êrro da pessoa. Daqui nasceu ao informante a imaginação que diz, por que per essa via podiam aparecer forros muitos que êle tinha em conta de escravos. E êle foi o que não consentiu em sua fazenda aos Padres; os mais folgam muito e vem chamar Padres, porque por experiência acham que com êste benefício espiritual, que seus escravos e mais gente recebem, os teem mais quietos e seguros e melhores serviçais. O qual também experimentou a fazenda do informante, aonde os Padres foram muitas vezes, estando o informante no reino.*

43.ª Informação — Sobre se êles meterem no modo de resgatar dos índios do sertão, e quererem que por nenhum caso nenhuma pessoa tenha algum índio por escravo nem per forro,

e que todos estejam nas suas aldeias, e sempre embargam os modos que na Mêsa da Consciência se assentam pera haver resgates de índios, e poderem ser escravos polas melhores maneiras que com boa consciência se podem fazer, sôbre o que tem grandes diferenças com os moradores. E permite El-Rei que sejam estes índios escravos por estar certificado de sua vida e costumes que não são capazes pera serem forros, e merecem que os façam escravos pelos grandes delitos que têm cometido contra os portugueses, matando e comendo muitos centos dêles, e milhares dêles, em que entrou um bispo e muitos sacerdotes.

R. — *E' grande verdade que os Padres sempre buscaram modos lícitos pera os moradores terem remédio de vida. Mas não poderam satisfazer a todos, perque desejam e curam que tenham almas antes que escravos mal havidos. No que diz que estes índios não são capazes pera serem forros, e que merecem ser escravos, não mostra muita teologia; testemunho é que alevanta a El-Rei dizer que permite que estes índios sejam escravos, se entende de todos, e a garnel.*

44.ª Informação. — Além desta rezão estão os reis informados que se não pode sustentar êste Estado do Brasil sem haver nele muitos escravos do gentio da terra pera se grangearem os engenhos, e fazendas dela, porque sem êste favor despovoar-se-á, ao que os Padres não querem ter respeito, porque êles são os que tiram os proveitos dêste gentio, perque os trazem a pescar ordinariamente e por marinheiros nos seus barcos e a caçar, e nos seus currais lhes guardam e cercam as vacas, éguas e porcos; trabalham-lhes nas suas obras em todos os ofícios, trabalham-lhes nas suas olarias, onde lhes fazem a telha, ladrilho, e louça necessária, trabalham-lhes com os carros, e nas roças, e no inverno andam-lhes polas praias buscando ambar no que lhe dão muitos proveitos, no que não querem que se aproveite a outra gente. E porque v. m. me tem já per suspeito lhe não digo mais, porque me não ha de crer, nem digo o que tenho dito senão por obedecer ao que me tem mandado.

R. — *O único remédio deste estado é haver muito gentio de paz postos em aldeias ao redor dos engenhos e fazendas,*

porque com isso haverá quem sirva e quem resista aos inimigos, assim franceses e ingreses como Aimurés, que tanto mal teem feito e vão fazendo, e quem ponha freio aos negros de Guiné que são muitos e de sós os índios se temem. O modo pera o haver é ordenar como S. Mage. tem ordenado, posto que se não cumpre, que não haja nenhum escravo como não há no Peru, porque enquanto houver poderem os meter nas bolsas e vestir-se de suas peles, não ha-de haver gentio que abaste e se não consuma, como a experiência tem mostrado, e o informante pode ser boa testemunha, que alguma parte lhe cabe disto e boa. Os mais destes de que diz nos servimos, são nossos escravos, e pola maior parte de Guiné como êle confessa acima n.º 23; a alguns forros de que nos ajudamos, como os mais moradores pagamos seus serviços. E todos êles não chegam a metade duma barcada de algumas que êle tem mandado vender a Pernambuco, e mais capitanias, conquanto zela a necessidade que a terra tem de gente que sirva. O do ambar se fôra verdade fôra bom, pois se fazia sem agravo de ninguem, e dois índios bastavam pera isso. Se alguma ora acham algum, não é para nós senão pera suas confrarias, ornamentos de suas igrejas e coisas pera seus doentes, e se algum pequeno nos dão é per seu justo preço. O fim de todos estes apontamentos, quanto se pode coligir dêles, não foi senão indignar contra nós S. Mage. pera que nos não faça mercês. Mas consola-nos que "cor regis in manu Dei est" e não na do informante, e "quodeunque volverit verset illud". Contudo lhe ficamos em muita obrigação, pois nos avisa que olhemos por nós, e procedamos rectamente como devemos diante de Deus, e dos homens, vendo que não ha de faltar nunca quem à imitação do informante nos tome semelhantes residências, e é necessário viver de tal maneira que saiamos limpos delas.

Eu Marçal Belliarte puincial da Comp.ª de Jesus neste estado do Brasil, vendo estes capitulos de Gabriel Soares de Sousa, mandey a algus padres antigos do Brasil, que podião saber o que a eles pertencião, por se terem achado presentes a todas estas coisas, respondessem o que sabião acerca delles, e despois mostrei as suas respostas a outros padres tambem antigos, e que podião ter noticia do mesmo, e todos eles concorda-

rão nelas, e pera mais firmeza lhes mandei, que assinassem aqui comigo. Passa assi na verdade. Na Baía de todos os Santos, 13 do Setembro de 1592.

MARÇAL BELLIARTE.
IGNACIO THOLOSA.
RODRIGO DE FREITAS.
LUIS DA FONSECA.
QUIRICIO CAXA.
FERNÃO CARDIM. (4)

(4) — Capítulos que Gabriel de Sousa deu ẽ Madrid ao sor. Dom Christovão de Moura contra os padres da Comp.ª de Jesv que residem no Brasil, cõ huas breves respostas dos mesmos padres q' deles forão auisados por hum seu parẽte aquẽ os elle mostrou (Arch. S. I. Romanum, Brasilia 15, 383-389).

A BIBLIOTECA NACIONAL EM 1940

RELATÓRIO

QUE AO

EXMO. SR. DR. GUSTAVO CAPANEMA

MINISTRO DA EDUCAÇÃO E SAUDE

APRESENTOU EM JANEIRO DE 1941

RODOLFO GARCIA
DIRETOR

Sr. Ministro:

Em observância da alínea 27 do art. 9.° do Regulamento desta Repartição, e nos termos da Circular G-288, de 10 de novembro de 1936, tenho a honra de apresentar a V. Ex. o relatório das ocorrências verificadas e atividades realizadas durante o período de 1 de janeiro a 31 de dezembro do ano próximo findo, dos serviços a cargo da Biblioteca Nacional.

PESSOAL

Nomeações

Marilia Alencar Roxo, nomeada por decreto de 3 de setembro de 1940, para exercer, interinamente, o cargo de bibliotecário-auxiliar da classe E.

Walker Calvet Corrêa, nomeado por decreto de 8 de fevereiro de 1940, para exercer, interinamente, o cargo de servente da classe B.

Nilo de Oliveira Santos, Adhemar Motta dos Santos, Wilson Gallart Menezes e Waldir Joaquim Camara, nomeados por decreto de 3 de abril de 1940, para exercerem, interinamente, o cargo de servente da classe B.

Mirco Peter, Evilasio Alves Maia, Manoel Rodrigues Fernandes Filho, Waldir Goyanes, Paulo de Leão e Maria das Dôres Silva Azevedo, nomeados por decreto de 9 de maio de 1940, para exercerem, interinamente, o cargo de servente da classe B.

Designação

Ignez Agut da Silva, arquivista-interino da classe F, designada por ofício n. 6.445 de 10 de agosto de 1940, da Divisão do Pessoal deste Ministério, para servir nesta Biblioteca.

Promoção

Adolpho Jacome Martins Pereira Filho, bibliotecário da classe J, promovido para a classe K, por decreto de 25 de abril de 1940.

João Carlos Moreira Guimarães e Pedro Rodrigues da Cunha, bibliotecário da classe I, promovidos para a classe J, por decretos de 25 de abril de 1940.

Jorge Leitão Bandeira, Otávio Calazans Rodrigues e Maria da Penha Haddock Lobo de Affonseca, bibliotecários da classe G, promovidos para a classe H, por decretos de 25 de abril de 1940.

Felippe de Souza, bibliotecário da classe G, promovido para a classe H, por decreto de 31 de agosto de 1940.

Aposentadorias

Antonio Pinheiro Junior, bibliotecário da classe F, aposentado por decreto de 10 de janeiro de 1940.

João Lacerda Pinto, bibliotecário da classe F, aposentado por decreto de 30 de janeiro de 1940.

Adolfo Camara da Motta, bibliotecário da classe K, aposentado por decreto de 7 de fevereiro de 1940.

Henrique Peter, bibliotecário da classe H, aposentado por decreto de 24 de setembro de 1940.

Promoção

Josino Hilario Vieira, servente da Classe C, promovido à classe D, por decreto de 31 de agosto de 1940.

Licenças

Regina Maldonado d'Eça, datilógrafo da classe G, licenciada por três meses, por portaria n. 62 de 13 de janeiro de 1940, da Divisão do Pessoal deste Ministério.

Carlos Pinto dos Santos, servente da classe C, licenciado por portaria n. 204 de 13 de fevereiro de 1940, no período de 25 de janeiro a 8 de fevereiro, da Divisão do Pessoal deste Ministério.

Vera Barbosa de Oliveira, bibliotecário da classe G, licenciada por portaria n. 316 da Divisão do Pessoal deste Mi-

nistério, de 29 de fevereiro de 1940, no período de 12 a 17 de fevereiro.

José Balbino Pinheiro, guarda V, extranumerário mensalista, licenciado por portaria n. 385 de 11 de março de 1940 da Divisão do Pessoal deste Ministério, no período de 20 de fevereiro a 7 de março.

Agenor Gomes de Araujo, servente da classe C, licenciado por portaria n. 439 da Divisão do Pessoal deste Ministério, de 16 de março de 1940, no período de 5 a 14 de fevereiro.

Vicente Humberto Mangia, bibliotecário da classe F, licenciado por portaria n. 482, da Divisão do Pessoal deste Ministério, de 25 de março de 1940, por 30 dias, a partir de 3 de março.

Maria da Penha Haddock Lobo de Affonseca, bibliotecário da classe G, considerada licenciada no período de 13 a 18 de fevereiro, por portaria n. 504, de 27 de março da Divisão do Pessoal, deste Ministério.

Regina Maldonado d'Eça, datilógrafo da classe G, licenciada por três mêses em prorrogação, por portaria n. 638, da Divisão do Pessoal deste Ministério, de 13 de abril.

Mario Alves Ramos, servente da classe C, licenciado por 30 dias por portaria n. 668 de 16 de abril, da Divisão do Pessoal deste Ministério.

Fidelis Alves da Silva, servente da classe C, considerado licenciado por 20 dias, a partir de 8 de abril, por portaria número 697, de 18 de abril da Divisão do Pessoal.

Cauby Motta dos Santos, servente da classe C, licenciado por portaria n. 698, de 18 de abril da Divisão do Pessoal, no período de 6 a 16 de março.

Joaquim Fidelis Ramos, servente da classe C, licenciado no período de 18 de março a 6 de abril, por portaria n. 560, de 4 de abril, da Divisão do Pessoal.

Victor Léo Römer, servente da classe D, licenciado por 90 dias a partir de 2 de abril, por portaria n. 546, de 3 de abril, da Divisão do Pessoal.

Mario Alves Ramos, servente da classe C, licenciado no período de 1 a 30 de maio, em prorrogação.

Agenor Gomes de Araujo, servente da classe C, licenciado no período de 15 a 29 de junho.

Waldir Joaquim Camara, servente interino da classe B, licenciado no período de 12 a 19 de junho.

Vera Barbosa de Oliveira, bibliotecário da classe G, licenciada no período de 24 de junho a 22 de agosto.

Victor Léo Römer, servente da classe D, licenciado em prorrogação de 2 de julho a 30 de setembro.

Waldir Joaquim Camara, servente interino da classe B, considerado licenciado de 1 a 14 de julho.

Laudelino Peixoto Pedroza, servente da classe C, licenciado no período de 20 a 25 de agosto.

Victor Léo Römer, servente da classe D, considerado licenciado no período de 1 a 17 de outubro e de 1 de novembro a 31 de dezembro, em prorrogação.

João Carlos Moreira Guimarães, bibliotecário da classe J, licenciado de 27 de agosto a 5 de outubro e de 6 de outubro a 5 de dezembro, em prorrogação.

Maria Antonietta Mesquita Barros, Bibliotecário da classe E, licenciada para tratar de interesses particulares, de 1 de outubro de 1940 a 30 de setembro de 1941.

Laudelino Peixoto Pedroza, servente da classe C, licenciado no período de 1 a 25 de outubro.

Joaquim Fidelis Ramos, servente da classe C, licenciado de 22 de novembro a 21 de dezembro e de 22 de dezembro a 21 de janeiro de 1941, em prorrogação.

Waldir Joaquim Camara, servente interino da classe B, licenciado de 19 a 30 de novembro.

Laudelino Peixoto Pedroza, servente da classe C, licenciado no período de 27 de novembro a 25 de dezembro.

José Balbino Pinheiro, guarda V, extranumerário mensalista, licenciado no período de 31 de outubro a 7 de novembro.

Waldir Goyanes, servente interino da classe B, licenciado de 27 a 30 de novembro.

Agenor Gomes de Araujo, servente da classe C, licenciado no período de 12 a 14 de dezembro.

SERVIÇO MILITAR

Mirco Peter, servente interino da classe B, incorporado ao 2.º Regimento de Infantaria, para fins de manobras, de 5 a 31 de outubro.

TRANSFERÊNCIA

Francisco Benigno José Monteiro, servente da classe C, transferido para o Ministério da Viação, por decreto de 4 de junho.

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO

Heloisa Cabral da Rocha Werneck, bibliotecário da classe J, autorizada a realizar um Curso de Aperfeiçoamento, na Universidade de Michigan, Estados Unidos da América do Norte, por ofício n. 852 de 3 de fevereiro da Divisão do Pessoal, deste Ministério, tendo regressado e reassumido as suas funções a 25 de setembro.

Cecilia Helena de Oliveira Roxo, bibliotecário da classe G, designada para realizar um Curso de Aperfeiçoamento nos Estados Unidos da América do Norte, de acordo com o ofício n. 1.324 de 28 de junho, do D. A. S. P., não tendo ainda regressado.

Emanuel Eduardo Gaudie Ley, bibliotecário da classe L, designado para estagiar nos Estados Unidos da América do Norte, junto aos orgãos de administração, de acordo com o ofício n. 6.896, de 27 de agosto da Divisão do Pessoal deste Ministério.

EXTRANUMERÁRIOS

José Balbino Pinheiro e Djalma Pinto, guardas V extranumerários mensalistas, designados para o serviço de conservação de livros e bem assim o assistente de ensino XV, Arcilio de Moura Estevão Junior trabalharam de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 1940.

DESIGNAÇÃO DE SERVIÇO INTERNO

Foram lavradas portarias de serviço interino, designando:

O bibliotecário, chefe da 2.ª secção, bacharel José Bartolo da Silva, para substituir o diretor nos seus impedimentos ocasionais, em 2 de janeiro.

O bibliotecário da classe H, Jorge Leitão Bandeira, para servir como encarregado do Serviço de Permutações, em 29 de abril.

O bibliotecário da classe I, Hugo Capeto da Camara, *para chefiar a turma da noite, em 24 de maio.*

O bibliotecário da classe J, Pedro Alvares Coutinho, para chefiar a 1.ª secção, durante o impedimento do bibliotecário da classe L, Emanuel Eduardo Gaudie Ley.

O bibliotecário da classe J, Pedro Rodrigues da Cunha, para chefiar a 4.ª secção, durante o impedimento do bibliotecário da mesma classe, João Carlos Moreira Guimarães, inclusive lecionar no curso de biblioteconomia, as cadeiras de História Literária aplicada à Bibliografia e Bibliografia, em 3 de setembro.

O bibliotecário da classe I, Luiz Gonzaga de Siqueira Cavalcante, com exercício na 4.ª secção, para substituir o bibliotecário da classe J, Pedro Alvares Coutinho, servindo de chefe da 1.ª secção, em 30 de novembro.

O bibliotecário da classe H, Otávio Calazans Rodrigues, para recolher, nas secções da biblioteca, os livros, manuscritos, estampas e mapas, referentes aos Jesuitas, para figurarem na Exposição comemorativa da fundação da Companhia de Jesús, que esta Repartição e o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional devem realizar a partir do dia 15 do corrente, em 2 de dezembro.

TRANSFERÊNCIAS

Do bibliotecário da classe I, João Carlos Moreira Guimarães, da 1.ª, para 4.ª secção, para responder pelo expediente respectivo, inclusive lecionar no Curso de Biblioteconomia, a cadeira correspondente à dita secção.

Do bibliotecário da classe I, Hugo Capeto da Camara, da 1.ª secção, para a Secretaria, em 2 de janeiro.

Do bibliotecário da classe G, Otávio Calazans Rodrigues, da 3.ª para a 1.ª secção, em 15 de março.

Do bibliotecário da classe H, Henrique Peter, do Serviço de Permutações, para a 1.ª secção, em 29 de abril.

Do servente da classe C, Mario Alves Ramos, do Serviço de Permutações, para a 1.ª secção e desta para o Serviço de Permutações, o servente da classe B, Rodolfo Julio Ferreira Filho.

Do bibliotecário da classe I, Arnaldo Pinto Monteiro, da 4.ª secção, para a 2.ª (manuscritos) em 9 de dezembro.

ELOGIOS

Foi elogiado o bibliotecário da classe G, Alzira Cabral Barreira Cravo, pela dedicação com que desempenhou as funções de secretário *ad hoc* do Curso de Biblioteconomia, durante as provas finais, revelando assim competência e boa vontade, em 2 de janeiro.

COMISSÕES

Bacharel Moysés de Almeida e Albuquerque, bibliotecário da classe K, continua em comissão no Tribunal de Segurança Nacional.

Adolfo Jacome Martins Pereira Filho, bibliotecário da classe K, designado para servir como Diretor da Biblioteca da Faculdade de Filosofia, em 30 de maio.

FÉRIAS

Sem prejuizo para o serviço, os funcionários desta repartição gozaram as férias regulamentares, de janeiro a dezembro, em diversas turmas.

DIREITOS AUTORAIS

Foram lavrados, para garantia da propriedade literária e científica, de acordo com a lei vigente, 130 termos de registo de números 6.258 a 6.387, que assim se classificam:

História.	2
Peças teatrais.	12
Literatura.	9
Ciências.	3
Direito.	7
Didáticos.	34
Diversos.	63
	130

Requereram registo 117 autores e editores proprietários.

SERVIÇO DE PERMUTAÇÕES INTENACIONAIS

Durante o ano findo, manteve o serviço de permutações internacionais o intercâmbio bibliográfico com 187 bibliotecas estrangeiras e 107 bibliotecas e repartições nacionais.

Foram extraidas 261 guias para várias remessas, sendo:

232 guias para as bibliotecas nacionais e destinatários do interior do país, constando de 379 postais, 329 cartas, cinco ofícios e 2.133 amarrados com 9.287 pacotes, na importância de dois contos quinhentos e oitenta e quatro mil réis (2:584$0) e 29 guias para requisição de selos, na importância de três contos novecentos e trinta e sete mil e setecentos réis (3:937$7) para remessas às bibliotecas estrangeiras (Pan Americana) e destinatários do exterior do país de 162 postais, 111 cartas e 1.422 pacotes com 22.856 exemplares de publicações.

Entraram e foram registadas 125 publicações em 76.710 exemplares, procedentes dos Ministérios e diversas Repartições.

Por doação entraram sete obras em 427 exemplares, e por compra nove obras em 12 volumes e 344 exemplares.

Entraram e foram registados 71 pacotes de publicações procedentes: 13 da Argentina, quatro da Holanda, 41 do Japão e 13 da Suiça.

Alem das publicações remetidas por via postal, sairam mais 48 publicações com 1.254 exemplares para diversos destinatários e 2.590 pacotes em diversos amarrados, entregues diretamente aos seus destinatários.

Foram abertas 73 caixas, procedentes: uma da Alemanha, três da Argentina, uma da Bélgica, 59 dos Estados Unidos, duas da França, cinco da Itália e duas de Portugal.

São os seguintes paises que enviaram a Biblioteca Nacional caixas e encomendas postais durante o ano próximo findo:

Paises	*Caixas*	*Encomendas*
Alemanha	1	—
Argentina	3	13
Bélgica	1	—
Estados Unidos A. Norte	59	—
França	2	—
Itália	5	—
Holanda	—	4
Japão	—	41
Portugal	2	—
Suissa	—	13
	73	71

CONTRIBUIÇÃO LEGAL

Entraram no ano de 1940, por contribuição legal, 3.761 obras em 4.622 volumes, 283 peças musicais e 70.337 exemplares de jornais e revistas.

CONSULTA PÚBLICA

Durante o ano de 1940 obtiveram na secretaria cartões de frequência 3.390 leitores

Consultaram os varios salões de leitura 64.137 leitores, assim discriminados, mês a mês:

	Leitores
Janeiro	4.966
Fevereiro	4.720
Março	3.965
Abril	4.567
Maio	6.551
Junho	5.986
Julho	6.249
Agosto	5.973
Setembro	5.327
Outubro	6.023
Novembro	5.135
Dezembro	4.585
	64.047

A Biblíoteca funcionou durante 349 dias.

A primeira secção (impressos) foi frequentada por 44.405 leitores, que consultaram 106.428 obras em 117.780 volumes, obras essas que em relação aos assuntos assim se classificam:

BIBLIOTECA NACIONAL

SECÇÃO DE IMPRESSOS

ESTATÍSTICA DA CONSULTA, DURANTE O ANO DE 1940

CLASSES E LÍNGUAS	CONSULTA NA BIBLIOTECA	
	Obras	Volumes
Agricultura, comércio e indústria	4.234	4.661
Belas artes	1.778	1.942
Bibliografia	242	293
Geografia	2.417	2.694
História	6.525	7.636
Jogos e desportos	492	523
Literatura	16.629	18.108
Literatura brasileira	9.218	9.534
Ocultismo, teosofia e espiritismo	1.050	1.094
Pedagogia	1.148	1.204
Filologia e linguística	8.890	10.026
Filosofia	5.246	5.589
Fisica e química	5.990	6.622
Corografia e história do Brasil	4.633	5.154
Direito, legislação e jurisprudência	6.648	7.864
Economia política	1.336	1.388
Enciclopédia e poligrafia	2.495	3.312
Ciências matemáticas	8.645	9.440
Ciências médicas	9.890	11.063
Ciências naturais	3.782	4.090
Política e administração	1.979	2.036
Religião	1.296	1.511
Sociologia	1.865	1.996
SOMA	106.428	117.780
Sendo em:		
Alemão	829	939
Francês	16.944	20.330
Grego	19	23
Espanhol	2.560	3.155
Inglês	3.356	3.761
Italiano	1.306	1.677
Latim	441	537
Português	80.938	87.319
	35	39
SOMA	106.428	117.780
Consultantes ... 44.405		

A segunda secção (manuscritos) foi frequentada por 801 leitores, que consultaram 558 códigos, contendo 23.962 documentos e 28.700 avulsos (manuscritos), e bem assim 154 obras impressas em 186 volumes e 536 avulsos.

Os códigos avulsos eram escritos nas seguintes linguas:

	Códices	N. de documentos nele contidos	Avulsos
Espanhol	10	111	333
Francês	4	8	71
Inglês	4	2	54
Italiano	—	—	2
Latim	10	175	—
Português	530	23.666	28.240
	558	23.962	28.700

As 154 obras em 186 volumes bem como os 536 avulsos eram escritos nas seguintes línguas:

	Obras	*Volumes*	*Avulsos*
Espanhol	12	22	19
Alemão	1	1	—
Francês	62	63	—
Inglês	3	3	—
Italiano	27	27	—
Latim	4	9	501
Português	45	61	16
	154	186	536

Quanto aos assuntos, assim se classificam os códices consultados:

CLASSES E LÍNGUAS	CÓDICES	NÚMERO DE DOCUMENTOS	AVULSOS
Administração	75	7.602	1.010
Agricultura	3	132	—
Alemanha	2	2	—
Amazonas	1	1	—
América	3	3	—
Astronomia	1	10	—
Arquivos	1	2	—
Autógrafos	7	1.042	7
Baía	9	9	8.205
Bélgica	2	2	—
Bibliografia	12	864	193
Bibiografia e documentos biográficos	20	28	728
Botânica	5	4	6
Brasil em geral	42	1.384	98
Ceará	1	1	—
Colônia do Sacramento	1	26	21
Comércio	—	—	1
Conventos	2	39	—
Corografia	11	13	5
Diplomacia	—	—	36
Direito	4	4	—
Ensino	1	1	—
Epistografia	15	3.420	142
Escravidão	1	1	5
Espanha	—	—	8
Espirito Santo	2	361	69
Estatística	4	24	48
Etnografia	23	23	—
Exército	1	86	—
Filosofia	1	1	—
Finanças	1	1	34
Flora Brasileira	5	200	1
Genealogia	19	401	1.666
Goiaz	2	26	1
Guarda Nacional	1	1	—
História do Brasil	42	961	137
História de Portugal	1	43	—
Imigração	2	86	—
Índia	4	4	—
Índios	5	110	56
Indústria	1	1	—
Instrução	41	966	204
Jesuitas	3	297	1
Justiça	11	43	—
Limites	14	88	28
Linguística	2	2	6
Madeira	—	—	5
Maranhão	2	165	—
Mato Grosso	2	2	4
Medicina	5	14	—
Minas	8	718	1
Minas Gerais	13	816	13.181
Minerações	1	18	—
Música	—	—	165
Navegação	1	1	—
Nobliarquia e Heráldica	19	452	—
A TRANSPORTAR	455	20.446	26.072

CLASSES E LÍNGUAS	CÓDICES	NÚMERO DE DOCUMENTOS	AVULSOS
TRANSPORTE	455	20.446	26.072
Odontologia	2	2	—
Ordens honoríficas	5	43	—
Ordens religiosas	2	6	—
Pará	12	435	6
Paraguai	1	1	19
Paraíba (Estado)	3	149	1
Pernambuco	2	120	8
Piauí	1	1	4
Poesias	8	8	37
Política	3	64	—
Portugal	4	29	—
Recenseamento	3	81	—
Religião	17	379	—
Rio de Janeiro (cidade)	3	84	58
Rio de Janeiro Estado	1	64	9
Rio Grande do Sul	1	4	—
Rio da Prata	4	83	109
Rios do Brasil	1	8	—
Rodovias	1	1	—
Santa Catarina	1	3	—
São Paulo (Estado)	2	2	587
Sergipe	3	102	120
Sesmarias	6	1.724	1.428
Teatro	9	9	1
Terapêutica	1	1	—
Viagens	7	113	141
	558	23.962	28.700
LÍNGUAS			
Espanhol	10	111	333
Inglês	4	2	54
Francês	4	8	71
Italiano	—	—	2
Latim	10	175	—
Português	530	23.666	28.240
	558	23.962	28.700

OBRAS IMPRESSAS

CLASSES E LÍNGUAS	OBRAS	VOLUMES	AVULSOS
Anais	8	14	—
Bibliografia	15	23	—
Cronologia	19	19	—
Linguística	2	4	—
Paleografia	110	126	536
	154	186	536

Classes e linguas	*Obras*	*Volumes*	*Avulsos*
LINGUAS			
Alemão	1	1	—
Espanhol	12	22	19
Francês	62	63	—
Inglês	3	3	—
Italiano	27	27	—
Latim	4	9	501
Português	45	61	16
	154	186	536

A 3.ª secção (estampas e cartas geográficas) foi frequentada por 595 leitores, que manusearam 217 estampas avulsas e 522 coleções com 61.248 peças. Consultaram 714 mapas avulsos, 137 atlas com 10.453 cartas e 322 obras especiais em 481 volumes, assim classificados quanto aos idiomas:

Português	.55	71
Francês	104	143
Inglês	26	43
Italiano	62	88
Alemão	70	107
Espanhol	15	29
	332	481

A quarta secção (jornais e revistas) foi frequentada por 14.283 leitores, que consultaram 22.459 volumes e 199.413 avulsos, assim descriminados quanto aos assuntos:

	Volumes	*Avulsos*
Almanaques	1.141	
Anais	1.475	
Jornais	10.212	185.601
Leis, decretos, etc.	3.470	
Mensagens	1.223	
Relatórios	1.377	
Revistas	3.561	13.812
	22.459	199.413

Quanto aos idiomas assim se classificam:

Alemão.	149
Francês.	1.066
Espanhol.	153
Inglês.	109
Italiano.	112
Português.	20.870
	22.459

ENCADERNAÇÃO

Foram encadernados pelo Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saude 1.680 obras em 1.872 volumes.

DOAÇÕES

Durante o ano findo recebeu a Biblioteca Nacional as seguintes doações de livros:

Por intermédio da Embaixada Britânica no Rio de Janeiro, um exemplar da *The Great Chronicle of London*, impressa conforme ao manuscrito original que possue a Guildham Library de Londres, sob a direção do Visconde Wakefield of Hythe. O manuscrito compreende a história inglesa no período de 1189 a 1512. Dessa edição, em excelente papel especial e encadernação em couro inteiro, foram tirados apenas 500 exemplares numerados, com destino às principais Bibliotecas do mundo; o exemplar ofertado à Biblioteca Nacional tem o número 439.

Da Embaixada da França no Rio de Janeiro, um exemplar do livro *France*, dedicado à amizade entre aquele país e os Estados Unidos da América do Norte e destinado a figurar da Feira Internacional de New-York de 1939. Suntuoso trabalho de arte, esse exemplar tem o número 771 de uma edição de 6.000 cópias.

Da Embaixada do Brasil em Buenos Aires, 194 obras, em 206 volumes.

Da Embaixada de Itália no Rio de Janeiro, nove obras em 10 volumes.

Da Embaixada do Japão no Rio de Janeiro, um exemplar da *The Essentials of Japanese Constitutional Law* (Toquio, 1940), da autoria do Professor Shinichi Fugii, da Universidade de Vaseda.

Da Embaixada do Equador no Rio de Janeiro, 27 obras em igual número de volumes.

Da Legação da Hungria no Rio de Janeiro, 17 obras em 17 volumes.

Do Exmo. Sr. Ministro Gustavo Capanema, um exemplar em papel especial da obra de Barlaeus, tradução portuguesa editada pelo Ministério da Educação e Saude.

Da Exma. Sra. D. Julieta de Sá Sotto Maior, um exemplar do livro *L'Espagne grandiose et fantastique*, edição monumental, com 32 reproduções em *fac-simile* de desenhos, em cores, de Serge Rovinski, com prefácio de J. Ortega y Gasset, e notas de Maria de Cardona e Isabel de Seguro, *in-fólio*, París, 1932. Esse exemplar em papel Velino D'Arches, em edição limitada a 345 cópias, tem o número 233 e está encadernado em pergaminho.

Do Ministério das Relações Exteriores, 521 obras, em 556 volumes.

Do Sr. Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 658 obras em 663 volumes.

Do Sr. Ministro Fonseca Hermes, 17 obras em 17 volumes.

Do Sr. Dr. Armando Vidal, delegado do Brasil à Feira Internacional de New-York, 417 obras em 417 volumes.

Da Biblioteca Nacional de Buenos Aires, 965 obras em 990 volumes.

Do governador de Porto Rico, obras completas de Hostos, em 20 volumes.

Do Sr. Dr. Afonso Costa, 68 exemplares de leis do Estado da Baía, e mais 24 volumes sobre literatura nacional.

Da Testamentária de Generino dos Santos, 10 obras em 11 volumes, encadernados, da lavra daquele escritor e poeta pernambucano.

Do Sr. Mateus de Albuquerque, consul do Brasil em Barcelona, 10 obras em 10 volumes.

Do Sr. Dr. Antonio Aita, Secretário Geral da Comissão Argentina de Cooperação Intelectual, 391 obras em 524 volumes.

Do Sr. capitão Landry Sales, diretor do Departamento dos Correios e Telégrafos, 28 obras, em 42 volumes.

Do Sr. Dr. Luis Camilo de Oliveira Neto, 12 obras, em 12 volumes (Relatórios sobre Viação Férrea).

Da Agência Geral das Colônias, Portugal, 19 obras em 22 volumes.

Da Sra. D. Isa Borges de Carvalho 149 volumes do livro — *Alguns versinhos de Borgéco*, Rio, 1930.

Do Instituto Nacional do Livro, 66 obras em 66 volumes.

Da Faculdade Acadêmica de Letras, 79 obras em 80 volumes.

Do Sr. Aurino Morais, 10 exemplares da *Conferência Nacional de Economia e Administração*.

Do Sr. Comandante Francisco J. Rocha, 34 números da revista norte-americana *Life*, a partir do primeiro número desse importante *magazine*.

Do Sr. José Henrique da Silveira, 96 números de transcrições, em sistema Braile, de trechos de escritores brasileiros, para serem lidos por cegos, e mais 23 obras, em 23 volumes, pelo mesmo sistema e com idêntico destino.

Do Sr. Tancredo de Paiva, 87 pastas com fotografias, vistas e retratos.

Alcançaram as doações de livros a Biblioteca Nacional a 2.771 obras, em 2.957 volumes.

CATALOGAÇÃO

No correr do ano, foram extraidos 7.085 fichas de autores e de assuntos, para os catalogos das diferentes secções, sendo todas elas colocadas nos respectivos fichários a disposição do público.

BOLETIM BIBLIOGRAFICO

Durante o ano foram extraidas 1.741 verbetes de obras entradas por contribuição legal.

SECRETARIA E CONTABILIDADE

Alem do registo de direito autorais, e do serviço de permutações internacionais expediu a Secretaria às diversas secções, 702 guias, sendo 373 de contribuição legal, 46 de compra, 160 de permutas internacionais, 119 de doação e quatro de transferência.

Quanto à correspondência expedida constou de 353 ofícios, 193 cartas, 91 guias de recolhimento de renda a Tesouraria Geral do Ministério da Educação e Saude, 20 portarias, 108 comunicações aos jornais e foram extraidas 162 certidões, sendo 27 de teor, cinco de relatório e 130 de direitos autorais e 26 editais.

A Contabilidade incumbiu-se de todo seu expediente, dando andamento aos vários processos, folhas de pagamento, folha de auxílio para fardamento do pessoal subalterno.

Foram processadas 59 faturas em três vias cada uma.

O encarregado da Contabilidade, recebeu da Tesouraria Geral do Tesouro Nacional, dois adeantamentos de sessenta contos de réis (60:000$0) cada um, por conta da consignação "Livros, cartas geográficas, etc.

O chefe de portaria da classe "G", João Gomes Brasil, tambem recebeu na Tesouraria Geral do Tesouro Nacional um adiantamento de 6:800$0, sendo 1:800$0 para pagamento das despesas miudas, e 5:000$0 para aquisição de artigos de desinfecção, etc.

O encarregado da Contabilidade recolheu à Tesouraria Geral do Ministério da Educação e Saude a importância total de (13:201$3) treze contos duzentos e um mil e tresentos réis, em 91 guias mensais, sob ns. 1 a 91, de acordo com a rubrica 149 — Renda da Biblioteca Nacional — do Anexo I. Diversas Rendas — do decreto lei n. 1.936, de 30 de dezembro de 1939

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Durante o ano findo o Curso de Biblioteconomia funcionou com toda a regularidade. As aulas começaram a 1 de abril e foram encerradas a 30 de novembro.

Lecionaram as quatro cadeiras, de que consta o Curso, os Srs.: Emanuel Eduardo Gaudie Ley, a cadeira de Bibliografia; João Carlos Moreira Guimarães, a cadeira de História Literária, com aplicação à Bibliografia; Bacharel José Bartolo da Silva, a cadeira de Paleografia e Diplomática e Floriano Bicudo Teixeira, a cadeira de Iconografia e Cartografia.

Tendo sido designado por ofício n. 6.896 de 27 de agosto de 1940, da Divisão do Pessoal, para estagiar nos Estados Unidos, o bibliotecário da classe L, Emanuel Eduardo Gaudie Ley e obtido licença para tratamento de saude o bibliotecário da classe J, João Carlos Moreira Guimarães, foi nomeado por portaria n. 11 de 3 de setembro, desta Diretoria, o bibliotecário da classe J, Pedro Rodrigues da Cunha, que se achava em comissão na biblioteca do Gabinete do Sr. Ministro da Educação e Saude, para responder pelo expediente da 4.ª secção, inclusive lecionar as cadeiras de História Literária aplicada à Bibliografia e de Bibliografia, até o fim do ano letivo.

Matricularam-se no primeiro ano 126 alunos, a saber:

1 — Acyl de Medeiros.
2 — Alcide Dias de Souza.
3 — Alfredo Rodrigues da Mota.
4 — Alice Aguiar Corrêa.
5 — Alice dos Reis Principe.
6 — Alysia Moreira de Andrade.
7 — Antonio Caetano Dias.
8 — Antonio Lopes de Faria.
9 — Antonio Traverso.
10 — Arlette Muller.
11 — Arminda Pedreira do Couto Ferraz.
12 — Carlos Augusto S. Cruz Oliveira.
13 — Carmem Rodrigues.
14 — Carolina Gomes Simões.
15 — Celina Maria Ramos de Siqueira.
16 — Clado Ribeiro Lessa.

17 — Clara Maria Catta Preta de Faria.
18 — Cléa de Mello.
19 — Clelia Ponce.
20 — Déa de Souza Pereira.
21 — Dicamor Pinheiro de Moraes.
22 — Dimas Guimarães Lopes.
23 — Diva Sant'Anna.
24 — Diva de Souza Carvalho.
25 — Dulce Pimenta do Amaral.
26 — Durval Vieira Calazans.
27 — Edla Noemi Moreira de Affonseca.
28 — Edith Campos Heitor.
29 — Elza Azevedo.
30 — Emilia Maria de La Roque.
31 — Emma Nelson de Mello.
32 — Enea Halfen.
33 — Eva Aklander.
34 — Fernando Bezerra dos Santos.
35 — Fernando da Silva Novais.
36 — Flora de Araujo Jorge Whitehurst.
37 — Geysa Bahiense.
38 — Giza Nabuco de Morais.
39 — Gleucea Edyla y Amoedo.
40 — Guilhermina Maria Pinto Sette.
41 — Gumercindo Brunet Dantas.
42 — Helio Gomes Machado.
43 — Heloisa de Carvalho Tavares.
44 — Heloisa Maria de Barros.
45 — Heloisa Maria Figueira.
46 — Heloisa de Oliveira Vasconcellos.
47 — Ignacio Dale Coutinho.
48 — Ilza Nabuco de Coelho Gomes.
49 — Isaura Felinto Pereira.
50 — Ivo de Matos Gaspar.
51 — Jacyara Bastos Clapp.
52 — José Lima de Carvalho.
53 — Julieta Silveira Pires.
54 — Lais de Lamara.
55 — Laura Bandeira Accioli.
56 — Leda Schwartz.
57 — Léo Bernardes.

58 — Leonor Cravo.
59 — Lia Darcy.
60 — Lucia Magalhães Chaves.
61 — Lidia Maria de Queiróz Combacau.
62 — Lygia Masset.
63 — Margarida Bulhões Pedreira.
64 — Maria Adalgisa Rodrigues Alves.
65 — Maria Amalia de Faria.
66 — Maria Amalia Sampaio de Macedo.
67 — Maria Aparecida B. de Oliveira.
68 — Maria Aparecida M. de Carvalho.
69 — Maria Aurora Alves Motta.
70 — Maria Auxiliadora Silveira.
71 — Maria do Carmo Amaral Pinto.
72 — Maria do Carmo Quaresma.
73 — Maria Elisa Pimenta Baptista.
74 — Maria Helena Falcone.
75 — Maria Heloisa F. Bentes.
76 — Maria de Jesus Pena e Costa.
77 — Maria José Fernandes.
78 — Maria José Soares.
79 — Maria Lais Moura Mousinho.
80 — Maria Laura Meira M. Oliva.
81 — Maria de Lourdes Almeida.
82 — Maria de Lourdes C. do Amaral.
83 — Maria Nazareth C. do Amaral.
84 — Maria Nazareth Severiano.
85 — Maria Pompeia Araujo.
86 — Maria Regina do Valle.
87 — Maria Rosière.
88 — Maria Teixeira de Sá Campos.
89 — Maria Tereza Monteiro.
90 — Maria Thereza da Silva Costa.
91 — Mariana Carlota Oliveira Sobrinho.
92 — Marieta Latorre.
93 — Marieta W. Paes Barreto.
94 — Marilia Socci Cabral.
95 — Marina São Paulo Vasconcellos.
96 — Mary Socci Camelier.
97 — Mercedes Pereira Gomes.
98 — Milton de Mattos Gaspar.

99 — Moacir Simões Ventura.
100 — Natalia Felinto Pereira.
101 — Nadir Teixeira de Castro.
102 — Nelson Avila Thomé.
103 — Nidia Dantas.
104 — Noemia W. Paes Barreto.
105 — Norma Richard Pinheiro.
106 — Norma Alcantara.
107 — Raymundo de Alencar Soares.
108 — Regina Helena P. M. da Rocha.
109 — Regina Magalhães Gomes.
110 — Regina Wassermann.
111 — Ruth Alves de Carvalho.
112 — Sara Colcher.
113 — Stella Maria Villela de Andrade.
114 — Sylvia Guedes Martins Costa.
115 — Téia Carpen.
116 — Thylsa de Araujo Maciel.
117 — Véra do Amaral Moura.
118 — Vera de Carvalho Sant'Anna.
119 — Vera Miranda Monteiro.
120 — Vera Teixeira Alves de Lima.
121 — Vera Nabuco de Coelho Gomes.
122 — Yara Alvarenga.
123 — Yvonne de Alencar Fialho.
124 — Yvonne Rasina.
125 — Zelia Gama de Miranda.
126 — Walda Russo.

Desses 126 alunos somente 49 se submeteram às provas parciais das duas cadeiras do 1.º ano, sendo aprovados com as seguintes médias:

NOMES	MEDIA
1 — Acyl de Medeiros	7
2 — Alcide Dias de Souza	6
3 — Alice dos Reis Principe	8
4 — Antonio Caetano Dias	7
5 — Arlette Muller	8
6 — Armindo Pedreira do Couto Ferraz	6
7 — Clado Ribeiro Lessa	8
8 — Clara Maria Catta Preta de Faria	5
9 — Cléa de Mello	5
10 — Clelia Ponce	7
11 — Déa de Souza Pereira	8

12 — Diva de Souza Carvalho 5
13 — Edith Campos Heitor. 8
14 — Emilia Maria La Roque. 5
15 — Flora de Araujo Jorge Whitehurst. 8
16 — Helio Gomes Machado. 7
17 — Heloisa Maria Figueira. 5
18 — Laís de Lamara. 6
19 — Leda Schwartz. 6
20 — Léo Bernardes. 5
21 — Lia Darcy. 6
22 — Lydia Maria de Queiróz Combacau. 8
23 — Lygia Masset. 7
24 — Margarida Maria Bulhões Pedreira. 8
25 — Maria Amalia de Faria. 5
26 — Maria Amalia Sampaio de Macedo. 5
27 — Maria Apparecida Bransford de Oliveira. . . . 6
28 — Maria Eliza Pimenta Baptista. 6
29 — Maria Helena Falcone. 6
30 — Maria Heloisa Ferreira Bentes. 7
31 — Maria Laura Meira Menezes de Oliva 8
32 — Maria de Lourdes Almeida. 6
33 — Maria Nazareth Severiano. 6
34 — Maria Pompéia Araujo. 5
35 — Maria Regina do Valle. 8
36 — Maria Rostere. 7
37 — Maria Teixeira de Sá Campos. 6
38 — Marietta Latorre. 5
39 — Marilia Socci Cabral. 8
40 — Marina São Paulo de Vasconcellos 6
41 — Mary Socci Camelier. 6
42 — Nadir Teixeira de Castro. 8
43 — Nidia Dantas. 6
44 — Norma Richard Pinheiro. 7
45 — Sylvia Guedes Martins Costa. 8
46 — Véra do Amaral Moura. 9
47 — Véra Miranda Monteiro. 6
48 — Véra Teixeira Alves de Lima. 8
49 — Zélia Gama de Miranda. 6

Não conseguiram a média exigida para aprovação 16 alunos.

Foram excluidos por não terem frequência 61 alunos.

Matricularam-se no 2.° ano 36 alunos, a saber:

1 — Alfred Theodor Rusins.
2 — Aurora Barros de Araujo Vieira.

3 — Cybele de Hannequin Gomes.
4 — Dulce de Albuquerque Basto.
5 — Edina Taunay Leite Guimarães.
6 — Edna do Amaral Seco.
7 — Elsy Guimarães Ferreira.
8 — Eunice Socci Cabral.
9 — Heloisa Helena Muniz.
10 — Heloisa Rego Freitas Fontenelle.
11 — Hilda Martinelli Baptista.
12 — Isá Senna Chavalier.
13 — Leda Boechat.
14 — Lucia Léa Bernardes.
15 — Lydia de Queirós Sambaquy.
16 — Lygia da Fonseca Fernandes Cunha.
17 — Manoel Adolfo Wanderley.
18 — Marfa Barbosa Vianna.
19 — Maria Albina Sobral de Almeida.
20 — Marina Amanda da Fonseca Costa Couto.
21 — Maria Antonietta de M. Requião.
22 — Maria Eugenia Quaresma.
23 — Maria da Gloria Tavares Lacerda.
24 — Maria Helena F. Costa Couto.
25 — Maria de Lourdes E. Pessoa.
26 — Maria Yedda Leite.
27 — Mercedes de Carvalho.
28 — Nelson Joaquim Baptista.
29 — Regina Maria Pederneiras.
30 — Regina Maria Pires de Sá.
31 — Rosa Neder.
32 — Rosalita C. M. Almeida Mota.
33 — Ruth Libanio Villela.
34 — Ruth Maia Dantas.
35 — Sylvio do Valle Amaral.
36 — Thereza Esther R. Pereira.

Desses 36 alunos, somente terminaram o curso 22, sendo considerados aprovados com as seguintes médias:

NOMES	MÉDIA
1 — Leda Boechat	7
2 — Maria Antonietta de Magalhães Requião	7
3 — Aurora Barros de Araujo Vieira	7
4 — Lydia de Queiróz Sambaquy	7
5 — Heloisa Rego Freitas Fontenelle	6

6 —	Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha	6
7 —	Thereza Esther Rodrigues Pereira	6
8 —	Ruth Libanio Villela	6
9 —	Mercedes de Carvalho	6
10 —	Cybele de Hannequin Gomes	6
11 —	Ruth Maia Dantas	6
12 —	Manoel Adolpho Wanderley	6
13 —	Maria Eugenia Quaresma	5
14 —	Maria Helena da Fonseca Costa Couto	5
15 —	Regina Maria Pires de Sá	5
16 —	Maria da Gloria Tavares de Lacerda	5
17 —	Regina Maria Pederneiras	5
18 —	Elsy Guimarães Ferreira	5
19 —	Izá Senna Chevalier	5
20 —	Edina Taunay Leite Guimarães	5
21 —	Dulce de Albuquerque Basto	5
22 —	Alfred Theodor Rusins	5

Não conseguiram média para a aprovação 11 alunos.

Não se apresentaram três alunos.

O curso de Biblioteconomia funcionou com a máxima regularidade, cumprindo ressaltar a boa vontade dos bibliotecários que lecionaram as suas cadeiras. Por força de circunstâncias, o Sr. Pedro Rodrigues da Cunha lecionou duas cadeiras — História Literária aplicada à Bibliografia e a de Bibliografia, cabendo ao bacharel José Bartolo da Silva a cadeira de Paleografia e Diplomática e ao Sr. Floriano Bicudo Teixeira a cadeira de Iconografia e Cartografia.

EXPOSIÇÕES

Exposição do Livro Argentino

De 9 a 17 de agosto esteve aberta no *hall* da Biblioteca a Exposição do Livro Argentino, promovida pela comissão argentina de cooperação intelectual. Esse certamen organizado pelo escritor Sr. Antonio Aita, apresentou um belo conjunto demonstrativo da alta cultura da Nação Argentina. Inaugurada por V. Ex., a exposição foi visitada por S. Ex. o Sr. Presidente da República, pessoas de representação social, diplomatas, intelectuais, etc. No recinto realizaram palestras alusivas ao panorama cultural argentino os Srs. Professores Afrânio Peixoto, Levi Carneiro e Haroldo Valadão.

Biblioteca da Câmara dos Deputados

De acordo com o despacho de S. Ex. o Sr. Presidente da República, datado de 30 de setembro, foi incorporada à Biblioteca Nacional a Biblioteca da Câmara dos Deputados. Essa importante livraria está sendo arrumada em bloco no primeiro andar da ala esquerda do edifício; a remoção, por conta do Departamento de Imprensa e Propaganda, ainda não está concluida.

AQUISIÇÕES DE LIVROS

No ano de 1940, adquiriu esta Biblioteca para a 1.ª secção 6.870 obras em 8.263 volumes, sendo por contribuição legal 3.684 obras em 4.534 volumes; por compra 546 obras em 816 volumes; por doação 1.206 obras em 1.390; por permuta internacional 1.434 em 1.523 alem de 283 números de músicas diversas.

Para a 2.ª secção (manuscritos) entraram 48 códices e 110 manuscritos avulsos bem como dúas obras impressas em dois volumes, 28 folhetos (catálogos) e 945 *fac-similes* fotográficos, assim classificados quanto à procedência:

CÓDICES E MANUSCRITOS AVULSOS

	Códices	*Manuscritos avulsos*
Doação	2	13
Compra	1	89
Remessa da Secretaria	24	1
Transferência das secções	21	7
	48	110

Quanto às obras impressas:

	Obras	*Volumes*	*Folhetos*	*Fac-similes*
Compra	—	—	—	945
Doação	—	—	3	—
Contribuição legal	1	1	2	—
Permuta internacional	1	1	23	—
	2	2	28	945

Para a 3.ª secção (estampas e cartas geográficas) adquiriu esta Biblioteca 113 estampas em cinco coleções iconográficas e 105 peças avulsas, sendo:

Por compra.	134
Por doação	66
Por contribuição legal	17
Por transferência de secção. . . .	1
	218

Distribuidas essas peças em relação aos processos artísticos, assim se classificam:

Fotografias.	36
Águas fortes.	43
Litografias.	109
Aquarelas	28
Desenhos.	2
	218

Quanto à nacionalidade, brasileiras 172 e estrangeiras 46.

Entraram tambem para a secção 35 obras em 42 volumes, contendo 5.492 ilustrações, que foram adquiridas:

Por compra, 17 obras em 19 volumes com 2.520 ilustrações.
Por doação, 6 obras em 7 volumes com 1.450 ilustrações.
Por contribuição legal, 4 obras em 4 volumes com 559 ilustrações.
Por serviço de permutas, 8 obras em 12 volumes com 963 ilustrações.
Total: 35 obras em 42 volumes com 5.492 ilustrações.

Quanto à nacionalidade:

Brasileiras, 4 obras em 6 volumes com 724 ilustrações.
Estrangeiras, 31 obras em 36 volumes com 4.768 ilustrações.
Total: 35 obras em 42 volumes com 5.492 ilustrações.

OBRAS ESPECIAIS:

Foram adquiridas 10 obras em 14 volumes, do seguinte modo:

Por compra.	9 obras em 13 volumes
Por transferência de secção	1 obra em 1 volume
	10 obras em 14 volumes

CARTAS GEOGRÁFICAS:

Durante o ano foram adquiridas 18 cartas avulsas e 30 atlas com 766 peças, todos impressos.

Considerados os meios de aquisição:

Por contribuição legal	13
Por doação	4
Por permuta internacional	1
	18

ATLAS:

Considerados os meios de aquisição:

Por compra	15	atlas	com	90	peças
Por doação	8	"	"	216	"
Por contribuição legal	5	"	"	200	"
Por serviço de permutas	2	"	"	260	"
	30	"	"	766	"

Quanto à nacionalidade:

Avulsos:

Brasileiros	12	peças
Estrangeiros	6	"
	18	"

ATLAS:

Brasileiros	5	atlas	com	200	peças
Estrangeiros	25	"	"	566	"
	30	"	"	766	"

Para a 4.ª secção (jornais e revistas) entraram jornais, almanaques, mensagens, relatórios, leis, decretos e outras publicações, tanto nacionais como estrangeiras, elevando-se o número no correr do ano a 199.413.

PRINCIPAIS AQUISIÇÕES

Benezit-Directionnaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs, & Gravateurs.

Fasti Novi Orbis et Ordinationum Apostolicarum.

Index Kewensis, continuação e sete suplementos.

Medical Report of The Hamilton-Rice 7th exemplar to the Amazon.

Cambridge Medieval History, em nove volumes.

Cambridge Modern History, em treze volumes.

Cambridge Ancient History, em dezessete volumes.

The world book Encyclopedia, dezoito volumes encadernados.

Diccionarie Enciclopedico abreviade, versiones de la mayoria de las voces en Frances, Italiano, Ingles y Aleman, quatro volumes encadernados.

Werner Wolff, Dechifrement de l'Ecriture Maya.

The New Century Dictionary, dois volumes encadernados.

Henri Pirenne, Les villes et les institutions Urbaines, dois volumes.

Leclerq, Manuel d'Archeologie Chretienne, dois volumes.

R. Lastery, l'Architeture religieuse en France, três volumes.

Estudantes da Universidade de Coimbra, nascidos no Brasil, e formados de 1772 por diante, 405 páginas dactilografadas.

Max von Bohen, "La Moda", oito volumes.

Dicionário Enciclopédico Hispano Americano, encadernado, Fabrikoid, 25 volumes.

Roberto Heymann — Aquarelas inéditas de B. B. Debret relativas ao Brasil (coleção de oito estampas).

Biblioteca de Egiptologia, do Professor Walter Wreszinski, composta de 52 obras antigas e modernas, em 65 volumes.

Gravuras de Rugendas em dois mapas, uma coleção.

An Encyclopedia of the world.

Freyer-Friedrich Hertz-Vogel. História Universal, dirigida por Walter Grotz, 10 volumes encadernados.

Il Nuovo Digesto Italiano, volumes 6.° a 12.° sendo o 12.° em duas partes.

La Questione Romana negli anni 1860-1861, dois volumes.

Enciclopedia Treccani — vol. XXXVI, ind. encadernado.

Grande Dizionario Enciclopedico, oito volumes encadernado.

Encyclopedia americana, encadernação Percalina, 30 volumes.

MAPAS:

1 — Americae sive nova descritio — Ortelius (colorido a mão) 1587.

2 — Guiana from Hondius Atlas — 1.610.

3 — L'Amerique Meridionale par G. de Lisle (colorido a mão) 1.720.

4 — Carte de la Terre du Perou, (colorido à mão) 1.720.

MANUSCRITO:

Manuscrito persa, com iluminuras de 1340 (raridades sem par no Brasil).

— Guicciardini — "De la istoria d'Italia" — dois grandes volumes encadernados em pele de carneiro, com ilustrações e vinhetas, em edição de 1738.

Obras completas de BACON — três volumes encadernados. Edição de 1753.

David Copperfield de Dickens — Primeira edição, com gravuras e ilustrações de H. K. Browne — Edição de Chapman and Hall de Londres. — 1850.

Histoire de Gil Blas de Santillane, par Le Sage — cinco volumes 2.ª edição de 1829.

Quevres du Seigneur de Brantôme — 15 volumes. Edição de 1740.

Les Provinciales ou Letres écrites par Louis de Montalte — edição de 1740, em quatro volumes sem ilustrações.

PUBLICAÇÕES

Das publicações a cargo da Biblioteca Nacional sairam a lume os *Anais*, volumes LIX e LX, e os *Documentos Históricos*, volumes XLVII a L.

O volume LXI dos *Anais*, referente a 1939, foi organizado e entregue ao Serviço Gráfico, em agosto; ainda não pode ser publicado, bem como o volume do *Boletim Bibliográfico*, de 1939.

São estas, Sr. Ministro, as informações que devo prestar a V. Ex. ao dar conta das ocorrências verificadas e dos serviços realizados nesta Repartição durante o ano de 1940.

Saude e Fraternidade.

O Diretor
RODOLFO GARCIA.

A S. Ex. o Sr. Dr. Gustavo Capanema,

D.D. Ministro da Educação e Saude.